



**Universidade de Brasília  
Instituto de Letras  
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas  
Programa de Pós-Graduação em Linguística**

**ORAÇÕES INTRODUZIDAS POR *QUANDO/CUANDO*:  
UMA COMPARAÇÃO ENTRE O PORTUGUÊS E O ESPANHOL**

**CRISTIANY FERNANDES DA SILVA**

**Brasília**

**2016**

## Ficha Catalográfica

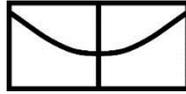
SSI586

Silva, Cristiany Fernandes da.

Orações introduzidas por 'quando/cuando':  
uma comparação entre o português e o espanhol /  
Cristiany Fernandes da Silva. Orientadora  
Heloisa M. M. L. de A. Salles. -- Brasília,  
2016. 239 p.

Tese (Doutorado - Doutorado em  
Linguística) -- Universidade de Brasília, 2016.

1. Tipologia das Orações-Quando/Cuando. 2.  
Português Brasileiro. 3. Espanhol. 4. Gramática  
Gerativa. 5. Tempo/Modo.

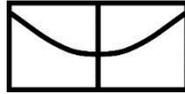


**Universidade de Brasília  
Instituto de Letras  
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas  
Programa de Pós-Graduação em Linguística**

**ORAÇÕES INTRODUZIDAS POR *QUANDO/ CUANDO*:  
UMA COMPARAÇÃO ENTRE O PORTUGUÊS E O ESPANHOL**

**CRISTIANY FERNANDES DA SILVA**

**Brasília  
2016**



**Universidade de Brasília  
Instituto de Letras  
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas  
Programa de Pós-Graduação em Linguística**

**Orações introduzidas por *quando/ cuando*:  
uma comparação entre o português e o espanhol**

**Área de Concentração: Teoria e Análise Linguística  
Linha de Pesquisa: Gramática – Teoria e Análise**

**Cristiany Fernandes da Silva**

**Orientadora: Profa. Dra. Heloisa M. M. L. de A. Salles**

**Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do grau de Doutora em Linguística.**

**Brasília**

**2016**

# COMISSÃO EXAMINADORA

---

---

Profa. Dra. Heloisa M. M. L. de A. Salles – PPGL/UnB  
Presidente

---

Prof. Dr. Paulo Medeiros Junior – LIP/IL/UnB  
Membro Externo

---

Prof. Dr. Carlos Felipe da Conceição Pinto – UFBA  
Membro Externo

---

Profa. Dra. Rozana Reigota Naves – PPGL/UnB  
Membro Interno

---

Prof. Dr. Enrique Huelva Unternbäumen – LET/IL/UnB  
Membro Interno

---

Profa. Dra. Helena Guerra da Silva Vicente – PPGL/UnB  
Suplente

*A todos que se encantam pelas Letras.*

# AGRADECIMENTOS

---

Este trabalho não teria sido possível sem o apoio e o suporte dos meus pais, meus irmãos e familiares. Serei eternamente grata a vocês.

Aos meus amigos de toda vida, obrigada pelo apoio e pela amizade.

À orientadora deste trabalho, professora Dra. Heloisa Salles, agradeço por ter compartilhado seu saber, pelo tempo dedicado a mim e a leitura deste trabalho e pelos momentos de orientação.

Aos participantes da banca examinadora: os professores doutores Carlos Felipe da Conceição Pinto, Paulo Medeiros Junior e Enrique Huelva Unternbäumen e as professoras doutoras Rozana Reigota Naves e Helena Guerra da Silva Vicente. Muito obrigada por terem aceitado o convite, pela leitura do trabalho e pelas contribuições. Produzir, compartilhar e discutir conhecimento é o que verdadeiramente traz sentido para tudo isso.

Aos meus professores da graduação e da pós-graduação pelos momentos de aprendizagem e orientações acadêmicas.

Ao professor Marcus Lunguinho por compartilhar conhecimento e pelas assessorias linguísticas e editoriais.

Aos informantes que gentilmente e pacientemente me atenderam e me ajudaram com a formulação e pesquisa dos dados em espanhol e em outras línguas.

Aos colegas da Universidade de Brasília, Aline Mesquita, Bruno Pilastre, Dalmo Borges, Daniel Machado, Giovana Santiago, Humberto Borges, Layane Rodrigues, Manoel Pereira, Moacir Junior, Marco Tulio, Marcus Lira e Wagner Santos. A presença de vocês foi fundamental.

Às queridas amigas Bruna Moreira, Elisabete Ferreira e Paula Baron pelas maravilhosas parcerias no *Tardes Gerativas* e no *Caderno de Squibs*. Obrigada pela amizade e pelos divertidos encontros.

Ao Ezekiel Panitz pelas ótimas conversas, revisões textuais e discussões sobre linguística.

Aos funcionários do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade de Brasília pelo atendimento sempre cordial.

A todas as pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho, meu muitíssimo obrigada!

# RESUMO

---

Este trabalho é um estudo do estatuto lexical de *quando/cuando* e das orações introduzidas pelo termo em dados do português e do espanhol. O objetivo é estabelecer uma tipologia das orações-*quando/cuando*. Partimos do estudo de Declerck (1997), que propôs uma tipologia para as *when-clauses* do inglês. O autor destacou os contextos sintático-semânticos em que *when* ocorre, como, por exemplo, sentenças temporais, interrogativas, narrativas, atemporais, relativas, entre outras. Para este estudo, consideraremos alguns fenômenos envolvendo as orações-*quando/cuando*. Dentro do quadro tipológico, discutimos, inicialmente, o caráter relativizador do termo. Ao compararmos português e espanhol, existe uma discussão na literatura sobre o estatuto relativizador de *quando* em português, mas não sobre *cuando* em espanhol, no que diz respeito à ocorrência do termo em estruturas relativas de núcleo nominal e relativas livres. Tratamos também de uma construção do espanhol em que *cuando*, ao ser seguido de sintagma nominal, seria uma categoria preposicional. Essa caracterização, por contraste, não existe em português. Em seguida, discutimos a questão da polissemia de *quando/cuando*. Além de exprimir canonicamente temporalidade, o termo pode denotar causa, concessão, condição, etc. Para este trabalho, atentamos para a formação das sentenças temporais-condicionais. A ideia é que a oração-*quando/cuando* é capaz de acumular mais de um significado, sendo o termo, nesse sentido, bifuncional. Igualmente exploramos as sentenças temporais em comparação com as sentenças narrativas de *quando/cuando*. Verificamos, ainda, que português e espanhol apresentam distinções modo temporais na construção de sentenças adverbiais temporais no contexto de futuro: enquanto o português emprega o futuro do subjuntivo na oração-*quando*, o espanhol usa o presente do subjuntivo. Tal contraste se estende ao francês e ao italiano, que utilizam o futuro do indicativo: *Quando puder* FUT. SUBJ., *sairei*/ *Cuando pueda* PRES. SUBJ., *saldré*/ *Quand je pourrai* FUT. IND., *je sortirai*/ *Quando potrò* FUT. IND., *uscirò*. Isso significa que entre as línguas românicas destacadas há três formas de expressão do tempo-modo na oração em que o termo temporal aparece. Adotamos como fundamentação teórica as bases da gramática gerativa. Seguiremos a hipótese de que esses contrastes podem ser analisados a partir dos traços [Mood] e [Tense]. Por fim, esta tese oferece um tratamento a fenômenos sintático-semânticos em torno do termo *quando/cuando* translinguisticamente, apontando diferenças e semelhanças das construções em duas línguas principalmente, o português e o espanhol.

**Palavras-chave:** Tipologia da Oração-*Quando*, Português Brasileiro, Espanhol, Gramática Gerativa, Tempo/Modo.

# RESUMEN

---

Este trabajo es un estudio del estatuto léxico de *cuando* y de las oraciones que el término introduce en los datos del portugués y del español. El objetivo es establecer una tipología de las oraciones *cuando*. Partimos del estudio de Declerck (1997), que propone una tipología para las oraciones-*cuando* del inglés. El autor pone de relieve los contextos sintáctico-semánticos en los que *cuando* ocurre, por ejemplo, en las oraciones temporales, oraciones interrogativas, oraciones narrativas, oraciones atemporales, oraciones relativas, entre otras. Para este trabajo, consideraremos fenómenos que implican las oraciones-*cuando*. En el marco tipológico hemos discutido inicialmente la naturaleza de la relativización del término. Comparando el portugués y el español, hay un debate en la literatura sobre el estatuto de la relativización de *cuando* en portugués – más no en español – y su ocurrencia en las estructuras relativas de núcleo nominal y de relativas libres. También discutimos las estructuras en las que *cuando*, en español, es seguido de sintagma nominal y tendría carácter preposicional. Esta caracterización de *cuando*, por el contrario, no existe en portugués. A continuación se discute la cuestión de *cuando* polisémico. Además de expresar canónicamente la temporalidad, el término *cuando* puede implicar causalidad, concesión, condición, etc. Para este trabajo, buscamos entender la formación de las frases condicionales-temporales. La idea es que cuando la oración-*cuando* es capaz de acumular más de un significado, la palabra tiene sentido bifuncional. Además, vamos a explorar las oraciones temporales en comparación con las oraciones narrativas de *cuando*. Por último, hemos observado que el portugués y el español tienen diferencias temporales en la manera de expresar frases adverbiales temporales en el contexto futuro: mientras que el portugués usa el futuro de subjuntivo en la oración-*cuando*, el español utiliza el presente de subjuntivo. Este contraste se extiende al francés y al italiano, que usan el tiempo futuro: *Quando **puder*** FUT. SUBJ. *sairei/ Cuando **pueda*** PRES. SUBJ., *saldré/ Quand je **pourrai*** FUT. IND., *je sortirai/ Quando **potrò*** FUT. IND., *uscirò*. Esto significa que entre las lenguas romances se destacan tres formas de expresión del tiempo en la oración-*cuando*. Hemos adoptado como base teórica los fundamentos de la gramática generativa. Seguimos la hipótesis de que estos contrastes pueden ser analizados desde los rasgos de [Modo] y [Tiempo]. Finalmente, esta tesis ofrece un tratamiento para fenómenos sintáctico-semánticos en torno al término *cuando* translingüísticamente, señalando diferencias y similitudes de las estructuras en dos idiomas, el portugués y el español.

**Palabras clave:** Tipología de la Oración-*Cuando*, Portugués Brasileño, Español, Gramática Generativa, Tiempo/Modo.

# ABSTRACT

---

This work is a study of the lexical status of *when* and of sentences introduced by this term in Portuguese and Spanish. We intend to establish a typology of *when*-clauses in these two languages. Our starting point is Declerck's (1997) study, which proposed a typology of English *when*-clauses. This author highlighted the syntactico-semantic contexts in which *when* occurs: for example, temporal sentences, interrogative sentences, narrative sentences, atemporal sentences, relative sentences, among others. For this study, we will consider some phenomena involving *when*-clauses. We initially discuss the relativizing nature of *when* from a typological perspective. Comparing Portuguese and Spanish, there is a discussion in the literature on the relativizing status of *when* in Portuguese and its occurrence in free relative structures and nominal relative structures. There is not, however, a comparable discussion in the literature on Spanish *when*. We also discuss instances in which Spanish *when* is followed by a noun phrase. In these instances, the term has a prepositional status. Portuguese *when*, by contrast, never has prepositional status. Then, we discuss the polysemy of *when*. Canonically, the term expresses temporality, but it may also imply causality, concession, condition, etc. In this work, we look into the formation of temporal-conditional sentences. The proposal is that *when*-clauses are able to accumulate more than one meaning – *when*, being a bifunctional term. We also compare temporal *when*-sentences with narrative *when*-sentences. Finally, we observe that Portuguese and Spanish show tense-mood distinctions in the construction of temporal adverbial sentences in the future context: thus, while Portuguese uses the future subjunctive in *when*-clauses, Spanish uses the present subjunctive. French and Italian also exhibit tense-mood distinction in that they make use of the future indicative: *Quando puder* FUT. SUBJ., *sairei*/ *Cuando pueda* PRES. SUBJ., *saldré*/ *Quand je pourrai* FUT. IND., *je sortirai*/ *Quando potro* FUT. IND., *uscirò* 'When I am able to, I will leave'. This means that among the Romance languages discussed, there are three forms used to express the tense-mood in *when*-clauses. As a theoretical basis, we adopt the foundations of Generative Grammar and put forward the hypothesis that these distinctions can be analyzed by means of [Mood] and [Tense] features. All in all, this thesis offers a cross-linguistic, syntactico-semantic treatment of the term *when*, pointing out similarities and differences of sentences introduced by this term in Portuguese and Spanish.

**Key Words:** *When*-Clause Typology, Brazilian Portuguese, Spanish, Generative Grammar, Tense/Mood.

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

---

OQ: Oração-Quando	OC: Oración-Cuando	WC: <i>When</i> -Clause
SV: Sintagma Verbal	SV: Sintagma Verbal	VP: Verb Phrase
SN: Sintagma Nominal	SN: Sintagma Nominal	NP: Noun Phrase
SD: Sintagma Determinante	SD: Sintagma Determinante	DP: Determiner Phrase
SP: Sintagma Preposicional	SP: Sintagma Preposicional	PP: Prepositional Phrase
SC: Sintagma Complementizador	SComp: Sintagma Complementador	CP: Complementizer Phrase
SAdv: Sintagma Adverbial	SAdv: Sintagma Adverbial	AdvP: Adverbial Phrase
SAdj: Sintagma Adjetivo	SAdj: Sintagma Adjetivo	AP: Adjective Phrase
ST: Sintagma Temporal	ST: Sintagma de Tiempo	TP: Tense Phrase
SF: Sintagma (In)Flexional	SF: Sintagma (In)Flexional	IP: Inflectional Phrase
V: Verbo	V: Verbo	V: Verb
N: Nome	N: Nome	N: Noun
D: Determinante	D: Determinante	D: Determiner
P: Preposição	P: Preposición	P: Preposition
C: Complementizador	Comp: Complementador	C: Complementizer
Adv: Advérbio	Adv: Advérbio	Adv: Adverb
Adj: Adjetivo	Adj: Adjetivo	Adj: Adjective
T: Tempo	T: Tiempo	T: Tense
RL: Relativa Livre	CC: Complemento Circunstancial	FR: Free Relative
RNN: Relativa Núcleo Nominal	h: huella/vestigio	t: trace/vestigio
OP: Oração Principal	ES: Espanhol	e: empty node/nó vazio
OS: Oração Subordinada	PB: Português Brasileiro	MoodP: Mood Phrase/ Sintagma Modal/de Modo
PE: Predicado de Estágio	PE: Português Europeu	
PI: Predicado de Indivíduo		
∀: quantificador universal		
∃: quantificador existencial		
Sistema-W: Sistema <i>will/would</i>		
Sistema-NW: Sistema não <i>will/would</i>		

# LISTA DE QUADROS

---

Quadro 1 – Sistema temporal e tipologia das <i>when-clauses</i> no contexto de futuro. ....	18
Quadro 2 – Homonímia entre pronomes/advérbios relativos e pronomes/advérbios interrogativos. ....	47
Quadro 3 – Testes para identificar sentenças relativas livres e interrogativas introduzidas por <i>quando</i> . ....	80
Quadro 4 – Comportamento dos morfemas- <i>wh</i> relativos vs. comportamento de <i>quando</i> no PE. ....	81
Quadro 5 – Estatuto categorial lexical de <i>quando/cuando</i> . ....	142
Quadro 6 – Correlação dos tempos verbais nas OQs e a posição da sentença. ....	166
Quadro 7 – Campo das dependências semânticas da sentença temporal-condicional/ leitura de causa e efeito. ....	175
Quadro 8 – Tempos/modos verbais das sentenças de <i>quando/cuando</i> e <i>se/si</i> em contexto de tempo futuro e de tempo passado na oração matriz. ....	180

# SUMÁRIO

---

CAPÍTULO 1 .....	16
Apresentação .....	16
1.1 Síntese do capítulo.....	38
CAPÍTULO 2 .....	39
Tipologia das orações- <i>quando/cuando</i> e a hipótese da relativização.....	39
2.1 Introdução.....	39
2.2 <i>Quando/cuando</i> como termo relativizador.....	43
2.2.1 Português brasileiro .....	43
2.2.2 Espanhol .....	65
2.3 Relativas livres e interrogativas.....	71
2.4 <i>Quando/cuando</i> : formador de relativa de núcleo nominal e relativa livre?.....	84
2.5 Oração de <i>quando/cuando</i> como projeção de um núcleo Adv .....	97
2.6 Síntese do capítulo.....	102
CAPÍTULO 3 .....	105
Tipologia das orações- <i>quando/cuando</i> : sintagmas preposicionais vs. adverbiais.....	105
3.1 Introdução.....	105
3.2 <i>Quando/cuando</i> seguido de sintagma nominal/adjetivo.....	107
3.2.1 Espanhol .....	107
3.2.2 Português brasileiro.....	114
3.3 Propriedades de <i>cuando</i> : aplicação dos testes ao espanhol.....	120
3.4 Propriedades de <i>quando</i> : aplicação dos testes ao português brasileiro..	123
3.5 <i>Quando/cuando</i> : preposição ou advérbio?.....	130
3.6 Questões remanescentes .....	143
3.7 Síntese do capítulo.....	146
CAPÍTULO 4 .....	148
Tipologia das orações- <i>quando/cuando</i> : sentençastemporais-condicionais.....	148

4.1	Introdução.....	148
4.2	Tipos de sentenças temporais-condicionais?.....	152
4.3	A oração temporal-condicional .....	156
4.3.1	Português .....	156
4.3.1.1	Neves (2000) .....	156
4.3.1.2	Gouveia et al. (2001) .....	157
4.3.1.3	Pante e Maceis (2009) .....	159
4.3.1.4	Bezerra e Meireles (2009) .....	161
4.3.1.5	Ramos e Silva (2012) .....	166
4.3.2	Espanhol .....	168
4.3.2.1	Alcalá-Alba (1983).....	168
4.4	Restrições à formação da sentença temporal-condicional (causa-efeito).....	173
4.4.1	Restrição de Leitura.....	174
4.4.2	Restrição de tempo/aspecto .....	176
4.5	Sentenças temporais e sentenças temporais-condicionais: contrastes....	180
4.6	Sentenças condicionais e sentenças temporais-condicionais: contrastes	185
4.7	Sentenças atemporais, genéricas e temporais-condicionais .....	186
4.8	Síntese do capítulo.....	190
CAPÍTULO 5 .....		192
Tipologia das orações- <i>quando/cuando</i> : sentenças adverbiais temporais .....		192
5.1	Introdução.....	192
5.2	Propriedades das sentenças adverbiais temporais .....	192
5.3	Usos temporais de <i>quando/cuando</i> .....	206
5.3.1	Correlação temporal nas orações- <i>quando/cuando</i> no contexto de futuro.....	209
5.4	Síntese do capítulo.....	223
Considerações finais.....		225
Referências bibliográficas .....		228



*É (mais uma vez) o  
tempo da travessia: e, se  
não ousarmos fazê-la,  
teremos ficado, para  
sempre, à margem de nós  
mesmos.*



Fernando Teixeira de  
Andrade



# CAPÍTULO 1

---

## APRESENTAÇÃO

Este trabalho tem como foco a análise das orações introduzidas pelos termos *quando* e *cuando* no português e no espanhol, respectivamente. Discutiremos (i) a classificação tipológica, ou seja, os tipos de sentenças que tais termos formam; (ii) o estatuto categorial desses termos, considerando aspectos sintáticos e semânticos e, por fim, (iii) algumas questões envolvendo o sistema modo-temporal das sentenças. A fundamentação teórica se baseia na gramática gerativa e em seus desenvolvimentos (CHOMSKY, 1981 e seguintes).

Sabemos que o português e o espanhol são línguas que foram levadas a vários continentes no contexto da expansão colonial com as esperadas consequências na variação dessas línguas nas diferentes regiões. As orações-*quando/cuando* aqui discutidas apresentam propriedades que, na maioria dos casos, não constituem contextos de variação dialetal. Conforme será demonstrado, discutiremos questões referentes ao estatuto categorial do termo, à posição sintática que ocupa e às propriedades das estruturas em que ocorrem. Por essa razão, não se mostrou relevante a vinculação dos dados a uma variedade dialetal específica, o que justifica o uso dos termos *português* e *espanhol* para abarcar o conjunto de dados nas duas línguas – em outros pontos da tese, faremos referência ao português brasileiro, por ser a variedade do português tomada como referência nos estudos que serão abordados. De qualquer forma, informaremos os casos particulares em que os contrastes entre os dados possam constituir variedade dialetal ou contextos de uso.<sup>1</sup>

Normalmente, dentro dos estudos linguísticos, é dado destaque apenas à denotação da semântica temporal de *quando/cuando*, como se observa pelas sentenças em (1), em que a ocorrência do evento de *sair/salir* está condicionada ao tempo de ocorrência do evento de *parar a chuva/parar la lluvia*.

---

<sup>1</sup> Agradecemos aos membros da banca, em especial aos professores Carlos Felipe da Conceição Pinto e Enrique Huelva Unternbäumen, por essa observação e por alertarem para a necessidade de situar o problema da variedade dialetal, como fizemos.

*Português*

- (1) a. Vou sair [**quando** a chuva parar].

*Espanhol*

- b. Voy a salir [**cuando** pare la lluvia].

Todavia, os conectivos *quando/cuando* se apresentam em contextos sintático-semânticos adicionais, não comumente destacados pela literatura. Declerck (1997) apresentou um estudo da *When-Clause* (doravante WC), do inglês, em que traz os contextos nos quais *when/quando* pode aparecer e as funções sintático-semânticas que pode assumir.<sup>2</sup> Segundo o autor, *when*, além de tomar parte nas sentenças adverbiais temporais, (2)a/b; ocorre em sentenças interrogativas diretas, (3)a, e indiretas, (3)b/c; sentenças-*quando* relativas restritivas, (4)a/b, relativas explicativas, (4)c, e relativas livres, (4)d; sentenças-*quando* narrativas (*narrative when-clauses*), (5)a/b; sentenças-*quando* atemporais (*atemporal when-clauses*), (5)a-c, entre outros casos.<sup>3,4</sup>

Declerck propõe que a tipologia das *when-clauses*, no contexto de futuro precisamente, está relacionada a um sistema temporal específico: o sistema-[W] (sistema *will/would*) ou o sistema-[NW] (sistema não *will/would*). Em alguns casos, um tipo de sentença pode permitir os dois sistemas, mas uma das formas poderá ser a mais marcada. O sistema se divide, então, em três casos: aquele em que se pode utilizar os auxiliares/marcadores de futuro *will/would* na WC; aquele em que não se pode; e aquele em que se pode usar ambos os sistemas. No quadro 1, levamos em consideração as três possibilidades, conforme o tipo da sentença.<sup>5</sup>

---

<sup>2</sup> Embora Declerck tenha investigado as *when-clauses/orações-quando* nos seus trabalhos de 1988, 1996a e 1996b, abordaremos seu trabalho de 1997, principalmente, o qual traz uma discussão mais ampla do tema. O trabalho do autor tem a preocupação de elencar as diferentes estruturas ou *tipos* de ocorrência de *when/quando* nas orações do inglês. Propõe, portanto, uma classificação ou, em seus termos, uma tipologia de usos de *when*. Neste trabalho, seguimos a nomenclatura proposta por Declerck.

<sup>3</sup> Essa classificação/tipologia principal do autor possui subclassificações, que apenas serão abordadas no caso de se mostrarem relevantes aos propósitos deste estudo.

<sup>4</sup> As outras funções que *quando/cuando* assume – de introduzir oração narrativa, atemporal, relativa, etc. – não necessariamente eliminam sua aceção temporal, isto é, de significar *o momento em que* um evento ocorre. O termo, na verdade, pode estar acumulando mais de uma propriedade/significação.

<sup>5</sup> Conferir as indicações [W] e [NW] nas sentenças de (2) a (6). Declerck não chega a dispor as sentenças como no quadro 1, com essa terceira possibilidade (Sistema-W/NW), apesar de trazer os dados. Optamos por inseri-la pelo fato de abarcar o comportamento temporal de cada tipo de sentença de forma completa. O autor enfatiza que esses sistemas servem ao contexto de futuro especificamente. Mais tarde veremos que esse também é o ambiente em que as distinções entre português e espanhol aparecem, posto que os contextos de passado e presente não apresentam contrastes na aplicação dos tempos/modos verbais (Cf. sentenças (3)c, (4)a, (5)a e (6)a para esses casos e a discussão que será apresentada nos Capítulos 4 e 5).

Quadro 1 – Sistema temporal e tipologia das *when*-clauses no contexto de futuro.

Sistema-W	Sistema-NW	Sistema-W/NW
Interrogativas (3)a/b	Adverbiais (2)	Relativas Restritivas (4)b
Relativas Explicativas (4)c		Relativas Livres (4)d
Narrativas (5)b		Atemporais (6)b/c

*Adverbiais temporais*

- (2) a. I **will leave** [**when** they **arrive**]. [NW]

‘Eu sairei quando eles chegarem.’

(DECLERCK, 1997, p. 8)

- b. An indication of Akzo’s success in reshaping itself **will come** Thursday [**when** it **reports** third-quarter results]. [NW]

‘Uma indicação do sucesso da Akzo na reformulação virá na quinta-feira quando ?informa/informará os resultados do terceiro trimestre.’

(DECLERCK, 1997, p. 28)

*Interrogativas diretas e indiretas*

- (3) a. **When will** it rain? [W]

‘Quando choverá?’

- b. I **will ask** him [**when** we’**ll be** able to relax]. [W]

‘Eu perguntarei a ele quando poderemos relaxar.’

- c. I asked him [**when** it had happened].

‘Eu perguntei a ele quando tinha acontecido.’

(DECLERCK, 1997, pp. 8-9)

*Relativas restritivas, explicativas e livres*

- (4) a. Those were the days [**when** everybody had flowers in their hair].  
'Aqueles foram os dias quando todo mundo tinha flores no cabelo.'  
(DECLERCK, 1997, p. 9)

b. She expected he **would do** it on a day [**when** she herself **would be** [W] / **was** [NW] absent].

'Ela esperava que ele faria isso em um dia quando ela estaria/estivesse ausente.'

(DECLERCK, 1997, p. 12)

c. Later on, I **will give** you instructions concerning next Tuesday, [**when** I **will be** in Glasgow]. [W]

'Mais tarde, eu darei instruções a vocês a respeito da próxima terça, quando eu estarei em Glasgow.'

(DECLERCK, 1997, p. 11)

d. In the coming months I **will** no doubt often **dream** of [**when** I **will** finally **have finished** [W] / ?**have** finally **finished** [NW] my dissertation].

'Nos próximos meses, eu sem dúvida frequentemente sonharei a respeito de quando eu finalmente terei terminado / tenha terminado minha dissertação.'

(DECLERCK, 1997, p. 16)

*Narrativas*

- (5) a. I was sitting quietly in the kitchen [**when** suddenly a stranger entered the room].

'Eu estava sentada em silêncio na cozinha quando de repente um estranho entrou no recinto.'

(DECLERCK, 1997, p. 42)

b. He predicted that one day we **would be sitting** quietly in our sitting-room [**when** suddenly there **would be** an explosion]. [W]

‘Ele previu que um dia nós estaríamos sentados tranquilamente na nossa sala de estar quando de repente haveria uma explosão.’

(DECLERCK, 1997, p. 42)

*Atemporais*

(6) a. You have much more flexibility [**when** you’re a private company].

‘Você tem muito mais flexibilidade quando é uma empresa privada.’

(DECLERCK, 1997, p. 44)

b. I **won’t waste** my time trying to raise £100,000 for the Charity Fund [**when** such a large sum of money **will** no doubt never **be found**]. [W]

‘Eu não desperdiçarei meu tempo tentando levantar 100.000 euros para o Fundo de Caridade quando tal quantia de dinheiro sem dúvida nunca será obtida.’

(DECLERCK, 1997, p. 45)

c. In the near future people **will be** arrested [**when** they **fail** to observe this rule]. [NW]

‘No futuro próximo, as pessoas serão presas quando elas deixarem de observar esta norma.’

(DECLERCK, 1997, p. 45)

A proposta tipológica das WCs de Declerck constitui um ponto de partida para nossa investigação, de modo que possamos estabelecer também uma tipologia das orações-*quando*, OQs, no português, e das orações-*cuando*, OCs, no espanhol.

Para este trabalho, abordamos, primeiramente, o estatuto de *quando/cuando* como um termo relativo. A seguir, apuramos se *quando* e *cuando* podem ter caráter preposicional, uma vez que tal análise é encontrada pelo menos para *cuando*. Também examinamos o viés condicional de *quando/cuando* nas sentenças ditas temporais-condicionais. Por último, tratamos de algumas características das sentenças adverbiais temporais canônicas em comparação com as sentenças narrativas. Com isso, esperamos entender questões envolvendo o estatuto categorial de *quando/cuando* e a tipologia das sentenças formadas pelo termo, além de mostrar distinções e semelhanças que português e espanhol possam esboçar.

Em relação à questão categorial, a literatura tem discutido o uso de *quando/cuando* na função relativa. Pelo contraste de gramaticalidade dos dados em (7)a/b do espanhol e do português europeu, respectivamente, e da versão em (8) do português brasileiro, parece-nos que existem duas questões a se considerar sobre *quando/cuando* e relativas no português e no espanhol: uma refere-se ao termo ter comportamento de pronome/advérbio relativo e a oração em que ocorre ser *nomeada/analísada* como adjetiva/relativa (e não apenas como uma conjunção/advérbio em uma sentença adverbial temporal);<sup>6</sup> a outra questão se refere ao termo funcionar com/sem antecedente nominal explícito, já que no português a referência a um núcleo nominal parece dispensável ou obrigatoriamente ausente. Nesse caso, a oração-*quando* formaria apenas a sentença relativa livre, em que não existe termo antecedente.

*Espanhol (ES)*

- (7) a. Este traje lo llevaba *el día* **cuando** se casó.

(BRUCART, 1999, p. 508)

*Português europeu (PE)*

- b. Esse vestido, levava-o (*\*o dia*) **quando** se casou.

(MÓIA, 2001, p. 352)

*Português brasileiro (PB)*<sup>7</sup>

- (8) Usei esse vestido (*\*?o dia*) **quando** me casei.

Sobre os dados acima, Mória (1992, p. 351) declara que há “um argumento importante a favor da classificação do ‘quando’ castelhano como advérbio relativo que não se aplica ao ‘quando’ português: a possibilidade de esta expressão ocorrer adjacente a um antecedente expreso, em relativas restritivas.” Apesar da observação do autor ser para o português europeu, cabe verificar até que instância se aplica ao português brasileiro.

---

<sup>6</sup> Em consulta às gramáticas e aos dicionários do português e do espanhol, *quando/cuando* transita entre várias classificações morfológicas: pronome, advérbio, conjunção, preposição, o que é mais uma justificativa para a análise de seu estatuto lexical.

<sup>7</sup> Outras possibilidades de formação da sentença são: (i) Usei esse vestido *o dia* **que** me casei; (ii) ?Usei esse vestido *no dia* **quando** me casei.

Outro ponto a ser ponderado é a discussão quanto a se *quando/cuando* pode ser uma preposição (Cf. BOSQUE, 1989; BRUCART, 1999; GALLEGO, 2011). Esse debate é visto, inicialmente, entre os autores que discutiram uma estrutura particular do espanhol em que o termo *cuando* é seguido de um sintagma nominal do tipo de *estreno/estreia* e *transición/transição*, (9)a/b. No português, dados em tal contexto são agramaticais, (10)a/b, e requerem a inserção da preposição *de* sucedendo *quando*, (11)a/b.

- (9) a. Hubo grandes críticas [**cuando el estreno**] de su obra.  
b. Nadie confió en nosotros [**cuando la trasiación**].

(GALLEGO, 2011, p. 9)

- (10) a. \*Houve muitas críticas [**quando a estreia**] da sua obra.  
b. \*Ninguém confiou em nós [**quando a transição**].

- (11) a. Houve muitas críticas [**quando da estreia**] da sua obra.  
b. Ninguém confiou em nós [**quando da transição**].

No entanto, ambas as línguas produzem dados gramaticais se *quando/cuando* é seguido de sintagma nominal/adjetivo do tipo de *criança/niño, jovem/joven*, etc.:<sup>8</sup>

- (12) a. Relevan inédito registro de Maradona jugando futbolito [**cuando joven**].<sup>9</sup>  
b. 7 lições que os milionários gostariam de ter aprendido [**quando jovens**].<sup>10</sup>

- (13) a. Manoel de Barros finalmente pôde se dedicar a poesia [**quando velho**].  
(dado de fala)

---

<sup>8</sup> Dentro do quadro tipológico de Declerck (1997) não há menção ao possível caráter preposicional de *when/quando*. Provavelmente por que nas contrapartes dessas sentenças em inglês, utiliza-se a conjunção/preposição *as* (*As a boy, I played outside*) ou uma estrutura com o verbo realizado e *when* no papel de advérbio temporal (*When I was a boy, I played outside*).

<sup>9</sup> Disponível em: <http://migre.me/rvioU>. Acesso em 12/09/15. Título de reportagem (T13 Canal de notícias)

<sup>10</sup> Disponível em: <http://migre.me/ILWMH>. Acesso em 11/09/14. Título de reportagem (Pequenas empresas e grandes negócios).

- b. Ella, [**quando** bebê], recebe a visita da fada madrinha Lucinda, que lhe coloca a maldição da obediência a todas as ordens.<sup>11</sup>

Também investigaremos o *valor* condicional de *quando/cuando*. Assumimos que há sentenças em que o termo guarda tanto a leitura temporal quanto a condicional, por isso nos referiremos a elas como sentenças temporais-condicionais.<sup>12</sup> O português e o espanhol possuem esse uso de *quando/cuando*, (14) e (15):

- (14) a. O trânsito *fica* horrível [**quando** *chove*].  
b. [**Quando** *chega cedo*], *busca* os filhos na escola.
- (15) a. El tráfico *es* un desastre [**cuando** *llueve*].  
b. [**Cuando** *llega temprano*], *busca* a los hijos en la escuela.

Nossa indagação assenta-se no fato de que a semântica condicional pode desaparecer se o tempo verbal da sentença faz referência ao futuro ou ao passado. Esse é o caso das sentenças (16) e (17), em que *quando/cuando* tem significado de *no momento em que* e *se/si* tem significado de *no caso de*, remetendo a seus usos canônicos propriamente. Ou ainda, respectivamente, às leituras de certeza e possibilidade de ocorrência do evento descrito na oração principal. O fato é que o tempo/aspecto verbal podem ter influencia na leitura da sentença.<sup>13</sup>

#### *Futuro*

#### *Português*

- (16) a. Pedro sairá [**quando** eu **chegar**].  
b. Pedro sairá [**se** eu **chegar**].

#### *Espanhol*

- c. Paco se irá [**cuando** yo **llegue**].  
d. Paco se irá [**si** yo **llego**].

<sup>11</sup> Disponível em: <http://bit.ly/1SutPkq>. Acesso em 2/4/16. Sinopse de filme apresentada pelo *Sky*.

<sup>12</sup> Optamos por tratar essa duplicidade de *quando/cuando* também como uma questão tipológica. Declerck (1997) trata a formação desse tipo de sentença como uma característica da *when-clause* adverbial ou das sentenças atemporais.

<sup>13</sup> O termo *evento* será usado no decorrer deste trabalho e o tomamos no sentido de Tenny (1987): um evento designa uma situação ou acontecimento.

*Passado*

*Português*

- (17) a. [**Quando** o Arthur **esteve** na Espanha], **comprou** uma jaqueta de couro.  
b. [**Se** o Arthur **esteve** na Espanha], **comprou** uma jaqueta de couro.

*Espanhol*

- c. [**Cuando** mi tío Ramón **estuvo** en España], probablemente **compró** una chaqueta de cuero.  
d. [**Si** mi tío Ramón **estuvo** en España], probablemente **compró** una chaqueta de cuero.

Argumenta-se que o tempo verbal empregado na sentença é capaz de favorecer certas interpretações. Conforme a literatura, o presente é o tempo adotado quando se quer garantir um caráter permanente ou atemporal do que se diz, casos das sentenças (14) e (15) (SOLÍS GARCÍA, 1999; NEVES, 2000). Entretanto, não apenas o tempo verbal parece influir na configuração da sentença.<sup>14</sup> As sentenças temporais-condicionais do tipo que vamos tratar devem preencher, portanto, alguns requisitos para demonstrarem tal caráter. A situação descrita nessas orações remete a uma habitualidade, mas também a uma leitura de causa associada a um efeito. É nosso objetivo entender tais restrições para a formação dessas sentenças.

Trataremos, ainda, das propriedades que diferenciam as sentenças adverbiais temporais (orações-*quando/cuando* canônicas), (18), das sentenças narrativas (orações-*quando/cuando* narrativas), (19), como a presença típica de expressões como *de repente*, *de sopetón* nestas, mas não naquelas.

- (18) a. Conversamos **quando** eu cheguei da aula.  
b. Salí **cuando** Paco llegó.
- (19) a. Estávamos todos conversando, **quando de repente...** fomos surpreendidos pela presença de dois rapazes estranhos.<sup>15</sup>

<sup>14</sup> Outra hipótese remete aos possíveis processos de gramaticalização de *quando/cuando*.

<sup>15</sup> Disponível em: <http://migre.me/sJuPV>. Acesso em 18/6/2016. (Texto publicado no site *UOL, Blog Ortografia*).

b. Vas caminando por la calle o estás tomando algo en una cafetería **cuando** *de sopetón* aparece un chico o una chica que simplemente te desconcierta.<sup>16</sup>

Problematizamos até aqui questões atinentes ao estatuto categorial de *quando/cuando*, que tem sido analisado como termo relativo, pronominal, preposicional, conjuncional e adverbial.

Outro ponto da pesquisa explora as sentenças adverbiais temporais de *quando/cuando* e o sistema modo-temporal dessas orações. Em relação à questão modo-temporal, nosso problema incide sobre o fato de o português e o espanhol apresentarem fórmulas distintas na formação de orações no contexto de futuro.<sup>17</sup> Na oração subordinada, em que *quando/cuando* figura, o português utiliza o futuro do subjuntivo, e o espanhol, o presente do subjuntivo:

*Futuro*

*Português*

(20) [Quando **puder**], sairei.

**Futuro do subjuntivo** + futuro do indicativo

*Espanhol*

(21) [Cuando **pueda**], saldré.

**Presente do subjuntivo** + futuro do indicativo

(BRITO et al., 2010, p. 209)

As gramáticas do francês e do italiano reforçam essa diferença, mas por recorrerem ao uso do futuro do indicativo na oração de *quand/quando*, (22) e (23):

*Futuro*

*Francês*

(22) [Quand je **pourrai**], je sortirai.

**Futuro do indicativo** + futuro do indicativo

<sup>16</sup> Disponível em: <http://bit.ly/1OGiTyI>. Acesso em 20/1/2016. (Reportagem publicada no site *El comercio*).

<sup>17</sup> Conforme as distinções que vimos para o inglês.

*Italiano*

- (23) [Quando **potrò**], uscirò.

**Futuro do indicativo** + futuro do indicativo

(BRITO et al., 2010, p. 209)

As línguas mostram, portanto, diferenças nas orações-*quando* tanto em relação ao tempo verbal, aplicando ora o futuro, ora o presente (Cf. (20), (22) e (23) em oposição a (21)), quanto em relação ao modo, aplicando ora o subjuntivo, ora o indicativo (Cf. (20) e (21) em oposição a (22) e (23)).

Salienta-se que essas distinções ocorrem apenas na expressão do tempo futuro e não se estendem aos contextos de presente e passado. Ou seja, as quatro línguas seguem o mesmo padrão na aplicação do sistema verbal se o verbo da oração principal e da oração introduzida por *quando* está flexionado no presente ou no passado, não constituindo, assim, um quadro distintivo, como ocorreu com o contexto de futuro. Para exemplificar, em (24)a, (25)a, (26)a e (27)a, ocorre o presente do indicativo e em (24)b, (25)b, (26)b e (27)b, o pretérito perfeito do indicativo tanto na oração principal, OP, quanto na oração subordinada, OS.<sup>18</sup>

*Português*

- (24) a. [Quando **posso** PRES. IND.], saio PRES. IND.  
b. [Quando **pude** PRET. PERF. IND.], saí PRET. PERF. IND.

*Espanhol*

- (25) a. [Cuando **puedo** PRES. IND.], salgo PRES. IND.  
b. [Cuando **pude** PRET. PERF. IND.], salí PRET. PERF. IND.

*Francês*

- (26) a. [Quand je **peux** PRES. IND.], je sors PRES. IND.  
b. [Quand j'**ai pu** PRET. PERF. IND.], je suis sorti PRET. PERF. IND.

<sup>18</sup> As nomenclaturas dos tempos verbais variam razoavelmente entre as línguas. Seguiremos a designação adotada no português. Para constar, o pretérito perfeito no espanhol é intitulado como *pretérito indefinido*, no italiano como *passato remoto* e no francês como *passé composé*.

*Italiano*

- (27) a. [Quando **posso** PRES. IND.], **esco** PRES. IND.  
b. [Quando **potei** PRET. PERF. IND.], **uscii** PRET. PERF. IND.

(BRITO et al., 2010, p. 209)

Como frisado, as orações introduzidas por *quando/cuando* têm como função prototípica marcar uma relação de tempo. Não obstante, as línguas possuem certas assimetrias nessa marcação temporal, conforme demonstrado em relação às orações adverbiais no contexto de futuro.

Cabe dizer que a marcação da temporalidade não pode ser completamente arbitrária a ponto de não haver uma relação entre os espaços temporais expressos pelos eventos das sentenças. Os traços de temporalidade partilhados entre a oração principal e a oração subordinada, quando não satisfeitos, garantem, por exemplo, que uma sentença como \**Farei o jantar quando cheguei em casa* seja considerada anômala na língua, por oposição a *Fiz o jantar quando cheguei em casa/ Farei/Faço o jantar quando chegar em casa*, em que os tempos e os modos verbais, bem como os eventos, guardam uma relação.

Tomando todos esses aspectos da oração temporal de *quando/cuando*, aventamos a hipótese de que a temporalidade das sentenças precisa ser licenciada por algum traço/propriedade de natureza sintática e semântica que garanta o uso de determinado tempo/modo verbal tanto na oração principal quanto na oração subordinada, de modo que as relações de anterioridade, simultaneidade e posterioridade dos eventos, isto é, da consecução temporal, estejam articuladas.<sup>19</sup>

Sabe-se que a categoria Tempo nas línguas é universal, mas não a forma de expressá-lo. Algumas línguas o marcam por meio de morfemas nos verbos, verbos auxiliares, advérbios, etc. Neste trabalho, tratamos de línguas muito semelhantes na forma como traduzem as relações de tempo. O uso do sistema verbal, no entanto, parece ser distinto em casos específicos. Apesar de este não ser um estudo de ordem diacrônica, é nosso objetivo, em certo sentido, verificar dados da diacronia das línguas.

---

<sup>19</sup> Aqui nos referimos a traços que podem ser atribuídos às categorias Tempo/Modo/Aspecto dos verbos, como [+/-realis], [+/-durativo], [+/-atual], [+/-finito], [+/-perfectivo], etc. O estudo do verbo pode ser analisado também de outros pontos de vista. Reichenbach (1948), por exemplo, aliou a análise do verbo a três pontos temporais: o momento da fala, MF, o momento do evento, ME, e o momento da referência, MR.

Considerando essas questões, este estudo justifica-se, primeiramente, pela análise de línguas próximas e pertencentes ao mesmo tronco linguístico, que, apesar de possuírem uma gama de equivalências, esboçam também certos distanciamentos. Seguindo a proposta de simetrias e assimetrias de González (1998), podemos dizer que essas línguas possuem aspectos muito semelhantes no que diz respeito a aspectos lexicais e morfológicos, por exemplo, e aspectos bem distintos, como a sintaxe de colocação pronominal (Cf. Fanjul (2014) para um estudo comparativo entre português e espanhol). Apesar das diferenças, as semelhanças que existem entre português e espanhol são tão numerosas e profundas que não destroem a sua unidade enquanto línguas derivadas de uma mesma matriz linguística.<sup>20</sup> Em relação a *quando/cuando*, tentaremos identificar contrastes e semelhanças na construção das sentenças.

Ao explicitar nosso objeto de investigação, vimos que, na perspectiva comparada, o português e o espanhol possuem uma diferença na aplicação do sistema modo-temporal no que diz respeito às orações adverbiais introduzidas por *quando/cuando*<sup>21</sup> e na realização de outras estruturas, como no caso em que *quando/cuando* seleciona um argumento, que pode ser introduzido ou não por preposição (*dummy*) (Cf. dados de (9) a (13)). A oração de *quando/cuando* parece possuir ainda propriedades gerais ou sentidos comuns que se aplicariam tanto ao português quanto ao espanhol indistintamente, como a questão das sentenças temporais-condicionais (Cf. (14) e (15)).

Uma segunda justificativa para este estudo diz respeito ao fato de a discussão de diferentes línguas ir ao encontro dos objetivos definidos no âmbito do referencial teórico adotado, a Gramática Gerativa. Um dos principais pressupostos dessa teoria é o de que as línguas possuem propriedades universais, os Princípios, embora haja propriedades abertas a variações, os Parâmetros (Teoria de Princípios & Parâmetros). Essa corrente visa entender como o conhecimento linguístico está organizado na mente do falante, além de obter uma melhor compreensão dos componentes da gramática, considerada em seus níveis de análise: morfologia, léxico, sintaxe, fonologia, semântica.

---

<sup>20</sup> Para detalhes da história do português, conferir Silva Neto (1986) e Teyssier (1997). Para informações acerca da história do desenvolvimento do espanhol, conferir Cano Aguilar (1988), Clavería Nadal (2004), entre outros. Sobre linguística românica, Ilari (1997) e Basseto (2005, 2010).

<sup>21</sup> Estamos usando as orações adverbiais de *quando/cuando* para mostrar uma diferença que as línguas possuem diante do fato de o português possuir e empregar o futuro do subjuntivo e o fato de o espanhol possuí-lo e não mais empregá-lo, transmitindo ao presente do subjuntivo os contextos de uso que seriam daquele tempo.

Dá a relevância dos estudos comparados sob o aporte do gerativismo (CHOMSKY, 1981 e seguintes).

Nossas bases teóricas, segundo já ressaltamos, estão assentadas nos estudos em gramática gerativa, iniciados na década de 50 por Noam Chomsky. O autor adota uma concepção internalista ou mentalista da linguagem, considerando aspectos formais das línguas. Esse componente mental é entendido como uma gramática gerativa que gera as sentenças de uma língua. Segundo Chomsky (1986, 1995, 2006), o estudo recente da linguagem como reflexo da mente busca responder particularmente a duas perguntas: o que é o conhecimento da linguagem e como esse conhecimento é adquirido.

Tratando dos pressupostos da teoria, Chomsky (2008) afirma ser clara a ideia de que existe uma Faculdade de Linguagem (FL), isto é, uma parte da mente/cérebro dedicada ao conhecimento e ao uso da linguagem. A linguagem é entendida, então, como um órgão biológico, próprio da espécie humana. Apesar de poderem ser encontradas similaridades com propriedades da linguagem animal, como a emissão de sons, gestos e movimentos corporais, a faculdade de linguagem parece ser mesmo biologicamente isolada e toma parte na perspectiva biolinguística da capacidade humana de adquirir uma língua (CHOMSKY, 2004).<sup>22</sup>

O estágio inicial da gramática de uma criança que adquire uma língua é denominado de Gramática Universal, GU, no qual todas as regras estariam disponíveis e estaríamos habilitados a aprender qualquer língua. A Hipótese Inatista da linguagem é a resposta de Chomsky para a pergunta de como as crianças aprendem uma língua. O objetivo da Gramática Gerativa é justamente determinar o tipo de conhecimento linguístico presente na mente do falante, partindo de sua gramática internalizada, a GU.

Chomsky (2008) diz que o estado inicial comum da FL não é idêntico aos estados seguintes que assume devido a diferentes circunstâncias, como processos de maturação interna ou experiência externa da criança. No entanto, esses diferentes estados que a FL atinge são distintos apenas de um modo superficial já que são determinados pela FL partilhada em comum ou ainda por uma gramática universal comum. Uma língua se constitui como um dos estados da Faculdade da Linguagem. Conforme Chomsky (2008, p. 23), podemos “considerar que uma língua – [...] o híndi, o

---

<sup>22</sup> Algumas diferenças são: a linguagem humana apresenta arbitrariedade do signo linguístico, possui dupla articulação, é criativa, pode ser decomposta em estruturas, combinar regras recursivamente e quem a adquire é capaz de armazenar capacidade ilimitada de informações. Na linguagem animal, existe uma relação entre o sinal e a mensagem transmitida (a dança das abelhas, por exemplo, serve para mostrar a localização do alimento/ o cão balança o rabo para mostrar que está feliz), é adialógica, além de possuir um número limitado de sons e sinais (BENVENISTE, 1976; HAUSER, CHOMSKY; FITCH, 2002).

inglês ou o suaíli – seja um determinado estado alcançado pela faculdade da linguagem, de modo que dizer que alguém sabe uma língua ou tem uma língua é [...] dizer que sua faculdade de linguagem está naquele estado”.

O autor evidencia que um programa de investigação empírico deve buscar descobrir os princípios e as estruturas do órgão da linguagem, quais estados pode assumir, quais expressões gera e como elas são acessadas e usadas pelos sistemas de desempenho. Sobre a aquisição da linguagem, o autor afirma que:

Se uma criança é inserida numa situação em que há o devido estímulo, a aquisição da linguagem é algo que vai ocorrer à criança. A criança não faz coisa alguma: é exatamente como se desenvolver quando se tem alimento. Desse modo, seria um processo um tanto parecido com o desenvolvimento do sistema visual, que também pode assumir estados diferentes, conforme a experiência (CHOMSKY, 2008, p. 21).

As razões de se pensar assim, segundo Chomsky, vêm da experiência limitada e fragmentada da criança em relação à língua a que é exposta. É o que intitula *argumento da pobreza de estímulo*: apesar de estar exposta a dados inconsistentes, tempo de exposição curto e dados muitas vezes truncados, a criança adquire uma língua.<sup>23</sup> Nesse caso, seria uma questão de se moldar algo que já existe como forma genética. Em Chomsky (1986), isso é visto como o *Problema de Platão*, que se baseia no questionamento de como o ser humano pode saber tanto diante de evidências passageiras e fragmentadas.<sup>24</sup>

A grande questão da teoria é como a FL gera aquilo que precisa gerar. Segundo Chomsky (2008), ela o faz por meio de *expressões linguísticas* e cada expressão é um conjunto de propriedades. A linguagem fornece as instruções para os sistemas de desempenho que *grosso modo* referem-se a som e sentido. De acordo com o autor, as representações de som são acessadas pelo sistema sensorio-motor e as representações de sentido pelo sistema conceitual-intencional – esclarece ainda que por traz dessa última

---

<sup>23</sup> Diante desse conhecimento esparso, Chomsky se questiona como a criança sabe que para formular a versão interrogativa da sentença *The man who is tall is happy/ O homem que é alto é feliz* ela usa o segundo *is* e não o primeiro, produzindo *Is the man who is tall happy?* e não *Is the man who tall is happy?*. Deve existir, para ele, algum conhecimento no cérebro da criança que diz que se trata de *pegar* o verbo mais próximo estruturalmente e não linearmente.

<sup>24</sup> Toda a concepção da aquisição da linguagem e a construção de uma gramática pela criança tenta responder a cinco questões relacionadas entre si (STROIK; PUTMAN, 2013, p. 2):

- (i) Problema de Humboldt: O que é conhecimento ou faculdade da linguagem (FL)?
- (ii) Problema de Platão: Como esse conhecimento ou faculdade da linguagem é adquirido?
- (iii) Problema de Descartes: Como este conhecimento é colocado em uso?
- (iv) Problema de Broca: Como esse conhecimento é implementado no cérebro?
- (v) Problema de Darwin: Como esse conhecimento emergiu nas espécies?

representação entenda-se o conceito de *referencialidade (aboutness)*. As expressões linguísticas são usadas para falar sobre o mundo, dar informações sobre ele, fazer perguntas, expressar sentimentos, pensamentos e a referencialidade (ou intencionalidade) diz respeito a como as expressões representam a realidade, ou seja, como as palavras se referem às coisas.<sup>25</sup>

Hauser, Chomsky e Fitch (2002) argumentam que o entendimento da Faculdade da Linguagem requer uma cooperação interdisciplinar, envolvendo áreas da biologia, antropologia, neurociência, psicologia. Por isso, estabelecem uma divisão entre o que é comum a vários sistemas cognitivos, ou seja, uma faculdade da linguagem em sentido amplo ou *faculty of language in the broad sense (FLB)* e o que é específico da linguagem, uma faculdade da linguagem em sentido estrito ou *faculty of language in narrow sense (FLN)*. A FLB inclui o sistema sensorio-motor, o sistema conceptual-intencional e os mecanismos computacionais da recursividade. Conforme pressupõem os autores, a FLN inclui apenas a recursividade, a qual é caracterizada como o componente singular da Faculdade da Linguagem.

Hornstein et al. (2014), a fim de explicitar essa característica dita única da linguagem, a recursividade, definem-na a partir de três princípios interrelacionados: computabilidade (*computability*), indução (*induction*) e (i)rrestrição (*unboundedness*). A computabilidade é uma referência à Máquina de Turing<sup>26</sup> e está relacionada à própria capacidade recursiva das línguas: a sintaxe das línguas, a partir de seus elementos finitos, gera um conjunto infinito de dados.

A indução tem relação com as operações/estruturas dos constituintes ou relações de *merge*. Considerando uma sentença como *The boy saw the man with binoculars/ O garoto viu o homem com binóculos*, existem pelo menos duas maneiras de analisá-la, significando que é ambígua quanto a sua interpretação. Essas estruturas podem ser representadas das seguintes formas: (i) {{the, boy}, {saw, {the, {man, {with, binoculars}}}}}}; (ii) {{the, boy}, {{saw, {the, man}}, {with, binoculars}}}} (HORNSTEIN et al., 2014, p. 4). A definição de indução é explicada segundo o

---

<sup>25</sup> A questão, na verdade, vai um pouco além e tenta responder a pergunta de *como as propriedades da faculdade da linguagem podem ser concebidas no mundo físico?* É o que Chomsky (2008) chama de problema do materialismo/fisicalismo ou ainda problema mente/corpo.

<sup>26</sup> Alan Turing foi o criador desse dispositivo que nada mais é do que um modelo computacional abstrato de símbolos.

conceito matemático de recursividade de Gödel (1931/1986, p. 159 apud HORNSTEIN et al., 2014, p. 3):<sup>27</sup>

Uma função teórica de um número  $\phi$  é dita recursiva se existe uma sequência de funções numérico-teóricas  $\phi_1, \phi_2, \dots, \phi_n$  que terminam com  $\phi$  e tem a propriedade de que cada função  $\phi_n$  da sequência é recursivamente definida nos termos das [...] funções precedentes, ou [...] é a função sucessora  $x + 1$ .

Essa formulação é análoga à ideia da geração ilimitada, ou seja, estruturas sintáticas podem ser expandidas/concatenadas infinitamente por orações conjuntivas, modificadores adjetivais ou preposicionais, orações relativas e pela combinação dessas regras. A ideia de (ir)restrição defende o pressuposto da gramática gerativa de que uma língua é capaz de gerar um conjunto infinito de dados a partir de um conjunto finito: *a gramática de uma língua L gera L em sua infinitude – i.e., a língua-I gera a língua-E – independentemente do fato de que somente um subconjunto finito de suas estruturas possam ser fisicamente produzidas* (HORNSTEIN et al., 2014, p. 3).<sup>28</sup> Assim, a interrelação dos princípios da computabilidade, indução e irrestrição gera, segundo os autores, o conceito e uma melhor visão do que seja a recursividade.

Outro ponto de discussão da teoria é o alinhamento da adequação descritiva com a adequação explicativa. Chomsky (1998, p. 24) afirma que uma teoria genuína da linguagem precisa satisfazer essas duas condições. A primeira refere-se à descrição das línguas em particular, que deve ser capaz de explicar as propriedades da língua e o conhecimento que o falante tem dela. Apesar dos esforços empreendidos na adequação descritiva, muitos fenômenos gramaticais ainda são de explicitação obscuras, tais como:<sup>29</sup>

---

<sup>27</sup> Tradução livre do original: *[A] number theoretic function  $\phi$  is said to be recursive if there is a finite sequence of number-theoretic functions  $\phi_1, \phi_2, \dots, \phi_n$  that ends with  $\phi$  and has the property that every function  $\phi_n$  of the sequence is recursively defined in terms of [...] preceding functions, or [...] is the successor function  $x+1$ .*

<sup>28</sup> Tradução livre do original: *the grammar of a language L generates L in its infinity – i.e., I-language generates E-language—regardless of the fact that only a finite subset of its structures can ever be physically produced.*

<sup>29</sup> Esses pontos estão elencados em Chomsky (1998, p. 28) e também fazem parte da discussão dos autores organizadores da obra.

- (i) Construções com mais de uma interpretação: João teve um livro roubado.<sup>30</sup>
- (ii) A diferença do estatuto de gramaticalidade de sentenças como: \*O que Pedro perguntou onde João comeu? / Pedro perguntou onde João comeu o quê.
- (iii) Sentenças que mantêm uma relação de paráfrase, mas não possuem a mesma estrutura: Esperei um especialista para examinar João. / Esperei João ser examinado por um especialista.

A segunda adequação, a explicativa, diz respeito à teoria geral da linguagem do ponto de vista da existência da gramática universal e das condições de aquisição da língua. Para dar conta disso, precisa-se mostrar que cada língua é uma manifestação do estado inicial uniforme da mente humana, supondo a existência de princípios/propriedades comuns apesar do contexto dito de variação e da complexidade das línguas em particular.

Nos anos de 1980, emergiu a teoria de Princípios e Parâmetros,<sup>31</sup> já aqui mencionada, que pleiteia a existência de princípios gerais válidos para qualquer língua – com efeito, propriedades da Faculdade da Linguagem – e opções de variação desses princípios, chamados de parâmetros. A noção dos universais linguísticos ou princípios são uma prerrogativa da existência da FL e, conseqüentemente, da GU.

Em Chomsky (1995), é proposto um programa de investigação denominado Programa Minimalista (PM). O objetivo é eliminar da teoria o que não seja realmente necessário para a derivação da sentença.<sup>32</sup> Esse Princípio de Economia diz que as derivações linguísticas devem ocorrer com um número mínimo de operações. Essa teoria vai trabalhar com o conceito de traços formais/propriedades abstratas dos itens lexicais, que são usados nas derivações (operações computacionais) para formar uma sentença. Um item lexical é formado, na verdade, por três categorias de traços: traços fonológicos, traços semânticos e traços formais. Os traços semânticos não motivam operações sintáticas e podem ser interpretados em Forma Lógica (*Logical Form* – LF),

---

<sup>30</sup> Opções de leitura: João possui um livro roubado/ João teve um livro roubado por alguém. A sentença em inglês, *John had a book stolen*, possui, ainda, mais uma interpretação em que John realiza o roubo. No português, essa última leitura não é facilmente depreendida em razão da relação estabelecida entre o objeto *book* e o particípio *stolen* não ser tão clara – *book stolen/roubada de livro*.

<sup>31</sup> Num estágio anterior da teoria, o da Teoria Padrão, a diversidade das línguas era vista como o resultado da aplicação de regras particulares de cada língua, concebida basicamente como um sistema de regras. Apesar de alcançar a adequação descritiva pretendida, o modelo não dava conta da adequação explicativa. No que ficou conhecido como “Seminários de Pisa”, em (1979), inaugura-se uma nova fase na teoria, Princípios e Parâmetros.

<sup>32</sup> Essa noção tem origem no princípio lógico denominado *Navalha de Occam*, que diz que tudo o que não for essencialmente necessário à explicação de um fato ou teoria deve ser eliminado.

já os traços formais não-interpretáveis precisam ser eliminados na derivação antes de LF.

O processo de derivação se dá pela Numeração dos itens lexicais selecionados pela operação *Select* (Selecionar) e combinados pela operação *Merge* (Concatenar), que trabalha recursivamente, unindo binariamente os objetos sintáticos:

$$(28) \quad \begin{array}{ll} \text{a. Numeração} = \{A_i, B_j \dots\} & \rightarrow \text{Numeração} = \{\text{jogar, bola} \dots\} \\ \text{b. Merge} = \{\alpha, \beta\} & \rightarrow \text{Merge} = \{\text{jogar bola}\} \end{array}$$

A operação *merge* pode ser aplicada recursivamente. Existe ainda uma Condição de Inclusividade responsável por controlar os traços dos itens lexicais presentes na Numeração (traços-*phi* de gênero, número e pessoa, traços de Caso, traços categoriais [+/-N] e [+/-V], traços semânticos e traços fonológicos). Essa condição impede a entrada de qualquer item que não esteja previsto na Numeração no momento da derivação da sentença.

A operação *Agree* (Concordar) checa os traços interpretáveis, traços-*phi* dos nomes (gênero, número e pessoa), e os traços não-interpretáveis, traços-*phi* das categorias funcionais, traços EPP (Princípio de Projeção Estendido) e traços de Caso dos DPs, por exemplo. Os traços formais [+interpretáveis] entram na derivação com valor especificado e os [-interpretáveis] entram sem valor e são analisados pela operação *Agree*, sendo valorados e eliminados. Essa eliminação acontece quando um sintagma com um traço interpretável se move para uma categoria funcional que tenha um traço não-interpretável. A operação *Agree* é, então, uma combinação de dois elementos, Sonda e Alvo, que trabalham por mecanismos de atração. Um traço não-interpretável de EPP (*Extended Projection Principal*) em T (Tempo),<sup>33</sup> por exemplo, funciona como uma Sonda em busca de um traço interpretável, obrigando que o sintagma sujeito Alvo se mova para Spec de T para checar esse traço e eliminá-lo.

A Teoria da Checagem dos traços ocorre via movimento. A operação *Move* (Mover) refere-se aos movimentos realizados pelos termos da sentença nessa checagem dos traços. A realização dessa operação é uma combinação de *Agree* e *Merge*. Se o traço é forte na língua, o movimento ocorre antes de *Spell-Out*; se o traço é fraco, no

---

<sup>33</sup> Cada núcleo funcional tem certas propriedades. Segundo Martins (2007), o núcleo funcional T, por exemplo, traz as propriedades de V e definem se a sentença é finita ou não, com [+/-finito], ou seja, [+/-pessoa], [+/- número] e [+/- tempo].

entanto, o movimento ocorre depois de *Spell-Out* – Condição Procrastinar. Essas condições determinam a variação paramétrica entre as línguas.

*Spell-out* dá o contorno fonológico à sentença e a sustentação à Forma Fonética. Após *Spell-out*, a sentença também passa pelo crivo do Princípio da Interpretabilidade Plena, responsável por definir a convergência ou não da derivação. Esse princípio, uma propriedade da interface do Sistema Computacional da língua com os sistemas de desempenho, assegura que apenas as informações relevantes para a interpretação semântica estejam visíveis nos níveis de interface. Sendo a FL um componente presente na mente/cérebro do falante, esse modelo prevê a existência de um sistema cognitivo que interage com os sistemas de desempenho/*performance*, ou seja, com os sistemas articulatório-perceptual (A-P) e conceitual-intencional (C-I). O primeiro estabelece interface com o nível de representação da Forma Fonética e o segundo com o nível de representação da Forma Lógica das sentenças.

Chomsky (2001, 2005) propõe o conceito de fases para a computação sintática. A ideia é que em determinados pontos da derivação ocorra o *Spell-Out* dos elementos até então concatenados, isso evita o *crash* (falha/não convergência) da sentença e o sistema computacional não ficaria sobrecarregado. Todos os elementos de uma fase ficariam inativos para a fase seguinte. O único conteúdo acessível é aquele na borda (*edge*) da fase.

Apresentamos até aqui os principais pontos que discutiremos neste trabalho, bem como as justificativas e as bases teóricas. Pretendemos dar conta de uma tipologia das orações de *quando/cuando* em português e em espanhol. Ponderaremos acerca do caráter relativo, preposicional, temporal-condicional, adverbial temporal e narrativo do termo. Apresentaremos, a seguir, hipóteses que possam nos conduzir a uma análise dos dados.

Avaliamos a tipologia das OQs/OCs, considerando que, além de introduzirem orações adverbiais temporais, o termo *quando/cuando* apresenta-se em contextos sintático-semânticos adicionais, nos termos de Declerck (1997). Parece que o português e o espanhol contrastam no uso de *quando/cuando* como um elemento relativo (Cf. (7) e (8)), e como elemento que segue um sintagma nominal, o que daria suporte a uma análise em que o termo assumiria valor de preposição (Cf. (9)-(12)). Igualmente refletimos sobre a possibilidade de *quando/cuando* codificar a leitura condicional (Cf. (14) e (15)). Nossas perguntas de pesquisa a esse respeito são:

- (i) Que tipologia sugerem os dados do português e do espanhol e que contrastes e semelhanças apresentam as línguas em termos de *quando/cuando* exercer função de elemento relativo e preposicional?
- (ii) A que condições está sujeita a formação da sentença temporal-condicional?

Posteriormente, mostramos a diferença de aplicação do sistema verbal no português e no espanhol na formação das sentenças adverbiais temporais introduzidas por *quando/cuando* no contexto de futuro.<sup>34</sup> Enquanto o uso do futuro do subjuntivo é produtivo no português, no espanhol acha-se em desuso, optando a língua pelo presente do subjuntivo. Estendemos essa distinção para o francês e para o italiano que na oração subordinada temporal utilizam o futuro do indicativo. Essa reflexão acerca do sistema temporal também envolve o *desaparecimento* de certos tempos verbais nas línguas e os valores que cada tempo/modo pode assumir na consecução temporal dos eventos.

Por hipótese, na gramática gerativa, as diferenças entre as línguas são marcadas a partir do ativamento ou não de certo traço nas categorias funcionais (CHOMSKY, 1995). Aventamos a hipótese de que os dados das línguas que discutimos envolvem os núcleos funcionais [Tense] e [Mood]. Isso nos faz questionar sobre:

- (iii) Como as línguas românicas, especialmente o português e o espanhol, diferenciam-se na formação de sentenças adverbiais temporais iniciadas por *quando/cuando* e quais as implicações dos contrastes na codificação do tempo/modo verbal nessas línguas? É possível relacionar tais contrastes às categorias e aos traços envolvidos no licenciamento dessas sentenças?

Por fim, ao longo do trabalho, levantaremos outras problematizações e hipóteses, que serão apresentadas à medida que se façam necessárias.

Nosso objetivo geral, portanto, é explorar a tipologia das sentenças *quando/cuando*, sintática e semanticamente, bem como entender as propriedades categoriais do termo, considerando os contrastes que o português e o espanhol possam apresentar. Entre os objetivos específicos estão:

---

<sup>34</sup> O contexto de futuro se refere não somente à forma do verbo, mas à denotação de futuro independentemente do tempo verbal. O tempo presente, por exemplo, é capaz de fazer referência a eventos futuros (Cf. Capítulo 5).

- (i) Descrever a tipologia das orações iniciadas por *quando/cuando* e verificar oposições e semelhanças entre os dados do português e do espanhol;
- (ii) Discutir implicações da tipologia citada para o estatuto categorial do termo *quando/cuando*, considerando as diferenças e similitudes entre o português e o espanhol;
- (iii) Entender de que forma operam os tempos e os modos verbais nas sentenças adverbiais temporais em termos de traços formais com respeito às sentenças no contexto de futuro, bem como explicitar algumas propriedades dessas sentenças.

A partir da problematização, procederemos à descrição dos dados, a seguir, de forma contrastiva/comparativa. Os dados são obtidos com base na intuição de falantes nativos consultados, e também coletados de trabalhos que discutiram o tema, de fontes escritas (extraídas de jornais, revistas, internet, corpora linguísticos) e de fontes de fala oral espontânea. Destacaremos os possíveis contrastes que o português e o espanhol possuem, mas de todo modo, no que forem semelhantes, a discussão girará em torno de alguma propriedade de *quando/cuando* ou da sentença de que participam e não propriamente de uma diferença entre as línguas. A discussão dos dados, a análise e os posicionamentos teóricos serão propostos no decorrer dos capítulos.

Os dados que dão suporte a este trabalho são do português brasileiro. No que se refere ao espanhol, não relacionamos uma variedade dialetal específica. Isso em razão de discutirmos questões que, na grande maioria, não constituem contrastes dialetais cruciais. No entanto, salienta-se que há proeminência de uso de algumas estruturas aqui discutidas em certas variedades e não em outras e quando for o caso, essa informação estará dada. Dados nossos do espanhol foram testados com falantes nativos, colhidos na literatura ou em gramáticas da língua. Não faremos tradução/glosa do espanhol pelo caráter contrastivo do estudo com o português, que é uma língua próxima. As traduções de outras línguas, bem como os grifos e destaques são sempre nossos. Alguns dados foram adaptados no que diz respeito à regência verbal, adaptação lexical, etc. Por fim, os dados desta tese são primordialmente de ordem sincrônica, o que igualmente não impedirá a apresentação de dados de ordem diacrônica.

Nossa abordagem na análise baseia-se na teoria gerativista. No entanto, outros posicionamentos teóricos – quer de cunho sociolinguístico/variacionista, quer funcionalista ou outros – poderão ser citados a fim de ilustrarmos os fenômenos discutidos. O objetivo é que os dados destes trabalhos, bem como as ponderações de seus autores, sejam complementares e/ou comprobatórios de nossa exposição no que couberem e também por comporem o estado da arte.

Uma dificuldade é manter sempre a mesma sigla/abreviação para todas as designações. Decidimos adotar a nomenclatura dada por cada autor e manter a página *Lista de siglas/abreviaturas* com aquelas aqui utilizadas.

Este documento está estruturado da seguinte maneira: no Capítulo 1 (Apresentação), expusemos nossos problemas de pesquisa e a forma como os discutiremos. No Capítulo 2, trataremos da tipologia de *quando/cuando* para o português e o espanhol no que se refere a sua denotação relativa. O Capítulo 3 se ocupará do estatuto preposicional de *quando/cuando*. Já o Capítulo 4 abordará as sentenças temporais-condicionais. No Capítulo 5, examinaremos as questões relacionadas ao sistema modo temporal e as sentenças canônicas e narrativas de *quando/cuando*. Em conclusão a esta tese, registramos as considerações finais e as referências.

## 1.1 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Neste capítulo, apresentamos os problemas de pesquisa, justificativas, hipóteses, objetivos e metodologia. O objetivo principal é discutir a formação de sentenças introduzidas por *quando/cuando* em português e espanhol. A análise trata da tipologia das orações de *quando/cuando* com destaque para sua manifestação como categoria relativizadora, e seu estatuto como categoria adverbial ou preposicional, bem como as propriedades da oração de *quando/cuando* em contexto temporal-condicional, e em contexto canônico de oração adverbial temporal, em oposição às de contexto narrativo, considerando questões relacionadas ao sistema modo-temporal. No próximo capítulo, tratamos do cunho relativo do termo.



## CAPÍTULO 2

---

### TIPOLOGIA DAS ORAÇÕES-QUANDO/CUANDO E A HIPÓTESE DA RELATIVIZAÇÃO

#### 2.1 INTRODUÇÃO

Conforme o capítulo de Apresentação, discutimos a tipologia das orações de *quando/cuando* para o português e para o espanhol. Este capítulo, precisamente, discutirá a hipótese de tratar o estatuto desse termo como relativizador, além de destacar a existência de contrastes translinguísticos: enquanto o português parece permitir que a oração de *quando* envolva a formação de relativas livres apenas, por contraste, o espanhol aceita que as orações de *cuando* ocorram como sentenças relativas livres e como modificadoras de núcleo nominal, conforme ilustrado em (29) e (30), respectivamente:

- (29) a. Vou sair [**quando** o Felipe chegar].  
b. \*Vou sair **a hora** [**quando** o Felipe chegar].  
(dados nossos)

- (30) a. Quizás llegue **a hora** [**cuando** yo acabe [...]].  
(Chávez, *Batallador*, RAE, 2010, p. 1607)

Na literatura sobre o espanhol, existe pouca ou nenhuma relutância em tratar *cuando* como advérbio relativo (Cf. BOSQUE, 1989; BRUCART, 1999). No entanto, a análise do termo *quando* como advérbio relativo é controversa nos estudos voltados para os dados do português, particularmente em relação à sua ocorrência em estruturas relativas. Esse questionamento é relevante para nosso problema de pesquisa, que *a priori* aponta diferenças entre as sentenças-*quando/cuando*, (29) e (30).

É importante salientar que o debate em torno das sentenças relativas tem recebido diversas abordagens. A distinção entre as análises recai sobre a posição em que

o termo relativo é inserido durante a derivação e sobre a forma como a sentença relativa é encaixada à sentença principal. Começamos pelas relativas de núcleo nominal, RNN. Há pelo menos duas propostas principais: (i) *Head External Analysis* (MONTAGUE, 1974; CHOMSKY, 1977; TARALLO, 1983): nesse modelo tradicional, o alvo da relativização é um NP; o NP relativizado não faz parte da estrutura de CP; a operação que relaciona NP e CP é a de adjunção, (31); (ii) *Head Raising Analysis* (KAYNE, 1994; BIANCHI, 1999; CAPONIGRO, 2002; KENEDY, 2002; KATO; NUNES, 2006): o CP relativo é complemento de D; o núcleo do NP relativizado é gerado dentro de IP e movido para CP, (32).

#### Modelo *wh-movement*

(31) [NP [NP alvo]<sub>i</sub> [CP *wh*<sub>i</sub> [IP ... t<sub>i</sub> ... ]]]

(KENEDY, 2002, p. 12)

#### Modelo *Raising*

(32) [DP D [CP alvo<sub>i</sub> [IP ... t<sub>i</sub> ... ]]]

(KENEDY, 2002, p. 13)

A principal crítica à *Head External Analysis* (*Hipótese do Núcleo Externo*) refere-se à impossibilidade de uma representação do núcleo de NP internamente ao CP. Os autores que adotam a *Head Raising Analysis* (*Hipótese do Alçamento de Núcleo*), proposta mais difundida atualmente, apresentam, em contrapartida, entre outras evidências, as listadas em (33) – conforme sistematizado por Schmitt (2000) para o português, em que fica demonstrado que o DP definido é licenciado apenas se seguido da oração relativa (segundo a proposta original de Kayne (1994)).

#### Expressões como *o tipo de*

- (33) a. \*Eu comprei o tipo de pão.  
b. Eu comprei o tipo de pão *de que você gosta*.

#### Expressões de *medida*

- c. \*Maria pesa os 45 quilos.  
d. Maria pesa os 45 quilos *que Suzana quer pesar*.

### Resultativas

- e. \*João pintou a casa com a cor.
- f. João pintou a casa com a cor *que sua namorada sugeriu*.

### Expressões *com*

- g. \*Pedro comprou o carro com o motor.
- h. Pedro comprou o carro com o motor *que ele queria*.

(SCHMITT, 2000, pp. 311-312)

Segundo a proposta de *Raising* de Kayne (1994), as relativas se originam como complementos de D. No inglês, as relativas são derivadas de duas formas: enquanto as relativas *that* (*relativas não wh-*) envolvem movimento de NP para SpecCP, conforme (34)a, as relativas *wh-* envolvem movimento do sintagma-*wh*, a partir de uma configuração do tipo *which picture*, para SpecCP, seguido pelo movimento do NP, para o especificador do DP deslocado, conforme (34)b:

- (34) a.  $[_{DP} \text{ the } [_{CP} [_{NP} \text{ picture}] \text{ that } [\text{Bill saw } [e]]]]]$   
b.  $[_{DP} \text{ the } [_{CP}[_{DP} [_{NP} \text{ picture}_i] \text{ which } [e_i]]_j \text{ } [C^0 \dots [e]_j ]]$

(KAYNE, 1994, p. 87/90)

A análise de Kayne (1994) é postulada a partir da concepção do Axioma da Correspondência Linear, que, em linhas gerais, preconiza que a ordem linear das estruturas advém das relações hierárquicas na sintaxe. Nas palavras do autor (Op. cit. p. 91):<sup>35</sup>

[...] a análise de alçamento/promoção de relativas, que, de longe, é a análise mais natural das relativas, do ponto de vista do LCA, levou-me a propor que tanto *the book that I read*, quando *the book which I read* envolvem movimento para o especificador do CP que é irmão de  $D = the$ . No primeiro caso, somente o NP *the book* se move, no segundo, é o sintagma *which book* que se move para specCP. Movimento adicional ocorre então dentro de *which book*, gerando *book which [e]*.

<sup>35</sup> Tradução livre do original: [...] the raising/promotion analysis of relatives, which is by far the most natural analysis of relatives from the LCA perspective, has led me to propose that both *the book that I read* and *the book which I read* involve movement to the specifier of the CP that is sister to  $D = the$ . In the first case, what is moved is just the NP *book*; in the second, what is moved to Spec,CP is the phrase *which book*. Further movement then takes place within *which book*, yielding *book which [e]*.

Em relação à Relativa Livre (RL), existem várias propostas. Para uma breve exposição dos trabalhos seminais que discutiram as RLs, destacamos inicialmente o de Bresnan e Grimshaw (1978), intitulado *Base Hypothesis*. Na análise das autoras, a RL está em posição de adjunto, como forma de se distinguir das sentenças interrogativas, em que há movimento do termo *qu-*. Groos e van Riemsdijk (1981) elaboraram a análise conhecida como *Comp Hypothesis*. Nela, o termo relativo, apesar de também estar em posição de adjunção, é movido para SpecCP, como ocorreria com as interrogativas. Com base na proposta de *Raising Analysis*, Caponigro (2002), entre outros autores, propõe que a relativa livre é um DP, cujo D (silencioso) seleciona um CP como complemento. Retomaremos esse ponto e algumas das análises adiante.

Uma questão relevante na análise das orações relativas livres é o chamado efeito de compatibilidade/*matching*, que consiste na exigência de compatibilidade entre o verbo da matriz e o pronome relativo que introduz a relativa livre, em relação à categoria e/ou o caso (morfológico), conforme demonstra o contraste entre *Eu comprei o que você pediu/ Eu gosto de quem você gosta*, em oposição a *\*Eu encontrei de quem você gosta*. Em uma análise como a de Caponigro (2002), tal contraste é explicado pela exigência de que o sintagma-*Qu* introdutor da oração relativa livre compartilhe o estatuto categorial do núcleo D (silencioso) que projeta o especificador em que é realizado.

Esse efeito não é, porém, uniforme nas línguas. Existem línguas em que a relativa na posição de sujeito permite que o pronome relativo seja regido de preposição sem que essa preposição seja determinada na estrutura da oração principal, um fenômeno que parece estar associado a línguas de sujeito nulo. Na esteira dessa discussão, Medeiros Júnior (2014), apresenta dados contrastivos do português, em que a restrição parece ser determinada pelo tipo de predicado da oração matriz, conforme se verifica contrastivamente em *\*De quem Pedro não gosta veio para jantar* e *De quem o João gosta é um mistério insondável*.

O *Matching Effect* nas relativas livres trata, portanto, de exigências seletivas dos verbos das sentenças principal/matriz e subordinada. Interessantemente, parece que as orações-*quando/cuando* não apresentam problemas a esse respeito. Por essa razão, não nos deteremos nessa questão, deixando-a para investigação futura (para discussão aprofundada, vejam-se as referências citadas, além de Medeiros Junior, 2005; Kato; Nunes, 2014).

Salientamos, ainda, que não temos como objetivo principal discutir a formação das sentenças relativas, em geral, mas a possibilidade de que as orações introduzidas por *quando/cuando* sejam analisadas como orações relativas (livres), considerando o estatuto categorial da oração relativa nos contextos sintáticos em que ocorre (núcleo nominal). Por isso, não nos estenderemos nesta questão na apresentação de todas as propostas existentes para as sentenças relativas livres.

Este capítulo está organizado como se segue: a seção 2.2 traz um panorama dos trabalhos que discutiram o estatuto relativizador de *quando/cuando* em português e em espanhol; a seção 2.3 discute as sentenças relativas e as sentenças interrogativas de *quando*, a fim de buscar evidências de seu estatuto relativizador; na seção 2.4, problematizamos os dados e sugerimos uma linha de análise. Por fim, a síntese do capítulo em 2.5.

## **2.2 QUANDO/ CUANDO COMO TERMO RELATIVIZADOR**

### **2.2.1 PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Nesta seção 2.2 e em suas subseções, apresentamos e discutimos estudos que abordaram o viés relativizador de *quando/cuando*, aspectos importantes das análises e eventuais problemas ou lacunas que apresentem.

Conforme Barreto (1999), o conectivo *quando* passou por um processo de gramaticalização. No que diz respeito a sua origem, a autora diz que *quando* é o acusativo singular do relativo *quam*, que foi adverbializado e somado ao segmento *-do*. Afirma também que no latim o termo era usado como advérbio interrogativo ou conjunção subordinativa que oscilava de sentido, podendo aparecer ora com leitura temporal, ora com leitura causal. A gramaticalização de *quando* teria ocorrido ainda no latim, visto que o termo já aparece no português com sentido preponderantemente temporal ao que parece.

Móia (1992) analisou sentenças relativas no português europeu. Ao abordar o termo *quando*, afirma que, tradicionalmente, as sentenças encabeçadas pelo termo são intituladas subordinadas adverbiais temporais, embora também possam ser interpretadas como sentenças relativas livres. O autor argumenta que as orações introduzidas por *quando* são análogas às orações relativas em que o termo relativo *que* tem um antecedente nominal com valor temporal, (35)b:

- (35) a. O Luís saiu **quando** a Ana entrou.  
b. O Luís saiu **no momento em que** a Ana entrou.

(MÓIA, 1992, p. 151)

O autor atenta, porém, para o fato de *quando* normalmente não ocorrer com antecedente expresso, (36)b.<sup>36</sup>

- (36) a. O Luís saiu **no momento em que** a Ana entrou.  
b. \*O Luís saiu **no momento quando** a Ana entrou.

(MÓIA, 1992, p. 152)

Móia considera que sejam agramaticais ou marginais as sentenças em que *quando* poderia trazer um antecedente. Relata que os raros casos referem-se àqueles em que *quando* desloca-se com uma preposição para COMP, comportando-se como um pró-SN, (37)a.<sup>37</sup> A forma mais aceitável para o autor seria essa em (37)b.<sup>38</sup>

- (37) a. **????O momento para quando** ele transferiu a aula de ginástica pareceu-me o mais indicado.  
b. **O momento para o qual** ele transferiu a aula de ginástica pareceu-me o mais indicado.

(MÓIA, 1992, p. 150)

No trabalho de (2001), Móia diz que a possibilidade de *quando* possuir um antecedente parece estar condicionada necessariamente à presença de uma preposição, (38). Ressalta também que “a adjacência absoluta entre ‘quando’ restritivo e um antecedente expresso parece não ser gramatical em português” (Op. cit., p. 355).<sup>39</sup>

<sup>36</sup> O dado *Ele começou a chorar no momento quando/em que o pai saiu* de Marchesan (2012, p. 34), considerado por ela gramatical, contraria a suposição de Móia a princípio. O que parece estar em jogo é a maior aceitabilidade do uso de *no momento em que* frente a *no momento quando* por parte dos falantes.

<sup>37</sup> Essa sistematização do autor se estende para *onde* e *como*.

<sup>38</sup> A notação pró-SN faz referência à pró-forma de um sintagma nominal. Já pró-SP, que será visto adiante, refere-se à pró-forma de um sintagma preposicionado.

<sup>39</sup> A presença da preposição é imprescindível para os relativos *quem*, *o que* e *quanto*, que não introduzem RNN se adjacentes ao núcleo, necessitando, portanto, que a adjacência seja quebrada por uma preposição (Cf. (i)-(iii), VALER, 2008, p. 25). A questão é se esse também seria o caso de *quando*:

(i) Carros muito pesados com cargas muito pesadas... trafeguem... quer dizer acima do **peso [para o que** ela (a rodovia) foi construída].

(ii) Encontrei a **moça com [quem** você falou semana passada].

- (38) a. Não me dá jeito **o dia para quando** a reunião foi marcada.  
b. Qual é **prazo até quando** se podem entregar as candidaturas?  
(MÓIA, 2001, p. 354)

O autor também aponta propriedades que, segundo ele, *quando* compartilha com os pronomes relativos canônicos a fim de atestar a semelhança de comportamento de ambos (Cf. de A a E a seguir). Mória (2001) apresenta um exemplo com *quando* e outro com *onde*, pronome tradicionalmente relativo, conforme afirma.

A: Ocorrência em posição argumental como complemento de preposições argumentais, (39). Comportamento também visto em relativas canônicas sem antecedente, (40). Em (41), *quando* ocorre como argumento não-preposicionado – sujeito e objeto, respectivamente:

- (39) Este quadro data **de** [<sub>SN</sub> **quando** Picasso viveu em Barcelona].  
(40) Ele voltou **para** [<sub>SN</sub> **onde** estavam os seus amigos].  
(MÓIA, 1992, p. 130)
- (41) a. [<sub>SN</sub> **Quando** vivi em Estugarda] foi o período da minha vida em que fui mais feliz.  
(MÓIA, 2000, p. 210)  
b. ?Adoro [<sub>SN</sub> **quando** estou de férias].  
(MÓIA, 2001, p. 354)

Considerando agora o que se dispõe em B, C e D, *quando* ocorreria em todos casos de forma similar a *onde* (os parênteses marcam a posição do termo relativo e do lugar da sua extração).

B: Estruturas com elipse de preposição no constituinte relativo:

- (42) a. Os trabalhadores afirmaram que permaneceriam em greve até [ $\emptyset$ <sub>até</sub> **quando**]<sub>i</sub> fosse preciso (permanecer em greve [ ]<sub>i</sub>).

---

(iii) Maria descobriu o **valor** [**por quanto** Pedro comprou o livro].

b. Os trabalhadores afirmaram que iriam até [ $\emptyset$ <sub>até</sub> **onde**]<sub>i</sub> fosse preciso (ir [ ]<sub>i</sub>).

(MÓIA, 2001, p. 357)

C: Estruturas de foco marcado:

(43) a. 31 de Outubro é [até **quando**]<sub>i</sub> se podem entregar as candidaturas [ ]<sub>i</sub>.

b. Valença é [até **onde**]<sub>i</sub> o Paulo pensa ir de bicicleta [ ]<sub>i</sub>.

(MÓIA, 2001, p. 357)

D: Estruturas relativas dependentes de verbos como *ter*:

(44) a. ?Não **tenho** [para **quando**]<sub>i</sub> marcar a reunião [ ]<sub>i</sub>. A agenda está cheia.

b. Não **tenho** [para **onde**]<sub>i</sub> ir [ ]<sub>i</sub>.

(MÓIA, 2001, p. 357)

E: Possibilidade de ligação de *quando* a posições no interior de sentenças subordinadas.

De acordo com Mória, em (45)a, o predicado verbal destacado seleciona um argumento interno com valor de Tempo. O argumento do autor é que se não se associasse *quando* à posição argumental vazia (por movimento relativo) as propriedades da estrutura argumental do predicado em questão seriam violadas e a sentença marcada como agramatical. O mesmo ocorre, para autor ainda, em (45)b, com a diferença de que nesse exemplo *quando* não forma a totalidade do constituinte relativo argumental, ocorrendo nele encaixado por se tratar de um *quando* pró-SN.

(45) a. Eu estava em Lisboa [**quando**]<sub>i</sub> os incidentes se registaram [ ]<sub>i</sub>.

b. Não me dá jeito **o dia** [para **quando**]<sub>i</sub> a reunião foi marcada [ ]<sub>i</sub>.

(MÓIA, 2001, p. 357)

Mória também considera a possibilidade de se combinar *quando* a posições sintáticas no interior de frases completivas encaixadas (movimento relativo longo). No caso de (46), *quando* está associado a uma posição de adjunto adverbial de tempo da oração completiva encaixada entre colchetes. O autor afirma que uma análise de *quando*

como mero subordinador adverbial, como o *é* na tradição gramatical, não dá conta da dependência de longa distância:

- (46) A piscina foi remodelada **quando**<sub>i</sub> se esperava [que tivesse pouca procura [ <sub>i</sub>].

(MÓIA, 2001, p. 358)

O autor também evidencia o comportamento homonímico entre os advérbios relativos *quando*, *onde* e *como* e os pronomes interrogativos *quem* e *o que*.

Quadro 2 – Homonímia entre pronomes/advérbios relativos e pronomes/advérbios interrogativos.

Pronomes/ Advérbios relativos	Relativas	Interrogativas (indiretas)
1. <b>quem</b>	Saudei <b>quem</b> entrou.	Não sei <b>quem</b> entrou.
2. <b>o que</b>	Li <b>o que</b> a Ana escreveu.	Não sei <b>o que</b> a Ana escreveu.
3. <b>onde (pró-SP)</b>	Moro <b>onde</b> a Ana mora.	Não sei <b>onde</b> a Ana mora.
4. <b>onde (pró-SN)</b>	Não tenho para <b>onde</b> ir.	Não sei para <b>onde</b> ir.
5. <b>quando (pró-SP)</b>	Saí <b>quando</b> a Ana entrou.	Não sei <b>quando</b> a Ana entrou.
6. <b>quando (pró-SN)</b>	Não me dá jeito o dia para <b>quando</b> a reunião foi marcada.	Não sei para <b>quando</b> a reunião foi marcada.
7. <b>como</b>	Agi <b>como</b> a Ana agiu.	Não sei <b>como</b> a Ana agiu.

(MÓIA, 2001, p. 359)

Interessante notar que nos contextos de relativas não se pode incluir um *que* depois do pronome/advérbio relativo, (47). O mesmo não se pode dizer das interrogativas, (48).<sup>40</sup> Parece que isso está relacionado à natureza sintática das sentenças, bem como à posição que os termos *qu-* ocupam na derivação. Ou seja, com um teste simples é possível mostrar a distinção entre o *qu-* relativo e um *qu-* interrogativo. Investigaremos os contrastes entre o *quando* advérbio relativo e o *quando*

<sup>40</sup> Exceto pelo exemplo de *onde* na interrogativa, o que se deve provavelmente ao contexto de infinitivo. Se se modifica o contexto, torna-se possível a inserção de *que* na interrogativa: \*Não sei para onde que ir / Não sei aonde que a Ana vai.

advérbio interrogativo adiante (Cf. estudos prévios de Rocha (1990) e Medeiros Junior (2005a)).

- (47) a. \*Saudei **quem que** entrou.  
b. \*Li **o que que** a Ana escreveu.  
c. \*Moro **onde que** a Ana mora.  
d. \*Não tenho para **onde que** ir.  
e. \*Não me dá jeito o dia para **quando que** a reunião foi marcada.  
f. \*Agi **como que** a Ana agiu.
- (48) a. Não sei **quem que** entrou.  
b. Não sei **o que que** a Ana escreveu.  
c. Não sei **aonde que** a Ana vai.  
d. Não sei **quando que** a Ana entrou.  
e. Não sei para **quando que** a reunião foi marcada.  
f. Não sei **como que** a Ana agiu.

Retornando a Mória, o autor julga que, apesar das semelhanças que *quando* pode apresentar com os pronomes relativos, não se pode excluir uma análise que aponte as possíveis diferenças. Isso, para ele, não necessariamente precisa constituir um argumento contra seu comportamento relativo. Restaria, na verdade, definir, no quadro geral da classe dos pronomes/advérbios relativos, as especificidades desses diferentes operadores, incluindo-se aí *quando*. Entre as particularidades que menciona, está a (im)possibilidade da adjacência de um termo antecedente.<sup>41</sup> Para o autor, ainda que *quando*, *como* e *onde* carreguem propriedades adverbiais e *quem*, *o que* e *que* propriedades pronominais, apresentam aspectos em comum na questão da relativização (Cf. (49) e (50)):

- (49) a. \*o dia quando / o dia para quando  
b. o modo como / [\*?o modo de como/\*?o modo para como]<sup>42</sup>  
c. o lugar onde / o lugar para onde

<sup>41</sup> Reformularemos essa proposta para os dados do português brasileiro.

<sup>42</sup> Os complementos nos colchetes são nossos.

- (50) a. \*a pessoa quem / a pessoa para quem  
b. \*a coisa o que / \*a coisa para o que  
c. [a pessoa que] / [a pessoa de que]

(MÓIA, 2001, p. 360, adaptado)

Finalmente, o autor opta pela análise de *quando* como elemento relativo, porém com restrições à formação de sentenças relativas de núcleo nominal. Essa seria uma análise possível para o português europeu. Este trabalho tem a intenção de investigar a validade dessas afirmações para o português brasileiro.

Medeiros Junior (2005a, 2009, 2014) investiga relativas livres no PB. Ao definir os tipos de sentenças relativas, trata a relativa adverbial como aquela em que o núcleo exerce função adverbial e tem semântica locativa ou temporal, (51). Nesses casos, poder-se-iam empregar os advérbios relativos *onde* e *quando* ou apenas *em que*, (52).

*Locativa*

- (51) a. Eles compraram *a casa* [**onde** ela morou].

*Temporal*

- b. Tudo aconteceu *naquele dia*, [**quando** chegamos de Paris].

*Locativa*

- (52) a. Eles compraram *a casa* [**em que** ela morou].

*Temporal*

- b. Tudo aconteceu *no dia* [**em que** chegamos de Paris].

(MEDEIROS JUNIOR, 2014, pp. 60-61)

Nas relativas livres, em que não há o termo antecedente, o autor explica que existe a possibilidade de se estabelecer uma convergência entre dois momentos no tempo, (53): o momento em que chamei João e o momento em que João veio. A diferença entre relativas adverbiais e adverbiais comuns é sustentada, segundo Medeiros Junior, pela presença de uma lacuna existente na oração encaixada. No caso da oração de *quando*, essa lacuna é temporal, conforme ilustrado em (53), não sendo encontrada na oração adverbial (causal) em (54), uma observação retomada pelo autor do trabalho

De Vries (2002) e considerada como o ponto central na caracterização desse tipo de relativa.

(53) O João veio [**quando** eu chamei *ei*].

(54) O João veio [**porque** eu chamei].

(MEDEIROS JUNIOR, 2014, p. 61)

Outra particularidade das sentenças relativas livres, de acordo com Medeiros Junior, assenta-se no fato de os termos relativos estarem constituídos a partir da fusão de unidades morfológicas. O item *quando* concentraria elementos que, unidos, gerariam sua forma morfológica. Adotando a hipótese de alçamento para a configuração de relativização, conforme Caponigro (2002), que segue originalmente Kayne (1994), o autor vai dizer que relativas livres envolvem a fusão de núcleos funcionais C e D (e também P para termos como *quando*):<sup>43</sup>

(55) A Maria dormiu [no momento/na hora em que/**quando**] você chegou.

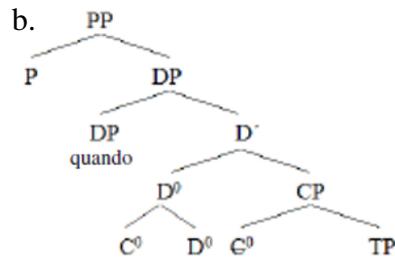
(MEDEIROS JUNIOR, 2014, p. 10, adaptado)

Nos dados em que a RL está em posição argumental, Medeiros Júnior (2014) assume que a oração constitui um DP complexo e que o termo *qu-* ocupa SpecDP. Uma sentença como (56)a, cuja oração de *quando* é um DP argumento da preposição, tem a derivação prevista em (56)b. No entanto, (57)a, que equivale a (57)b, e está em posição de adjunto, tem a derivação proposta em (57)c. Nas palavras do autor:

A numeração (N), que corresponde à derivação dessas sentenças, contém um P, mas não um item lexical que o realize fonologicamente. Assim, no decurso da derivação, quando ocorre a concatenação de P, tem-se uma projeção vazia encabeçando a sentença [...] categorias vazias não podem encabeçar projeções sintáticas; assim sendo, o termo-Wh nessas estruturas se desloca para Spec-PP, para o licenciar. Considerando que o termo-Wh passa a satisfazer as necessidades dos núcleos C, D e P, propomos que a derivação desse tipo de sentença envolve uma operação de incorporação de núcleos funcionais em que o composto C+D é concatenado a P e, assim, passamos a ter o núcleo complexo (C+D) + P (MEDEIROS JÚNIOR, 2009, p. 61).

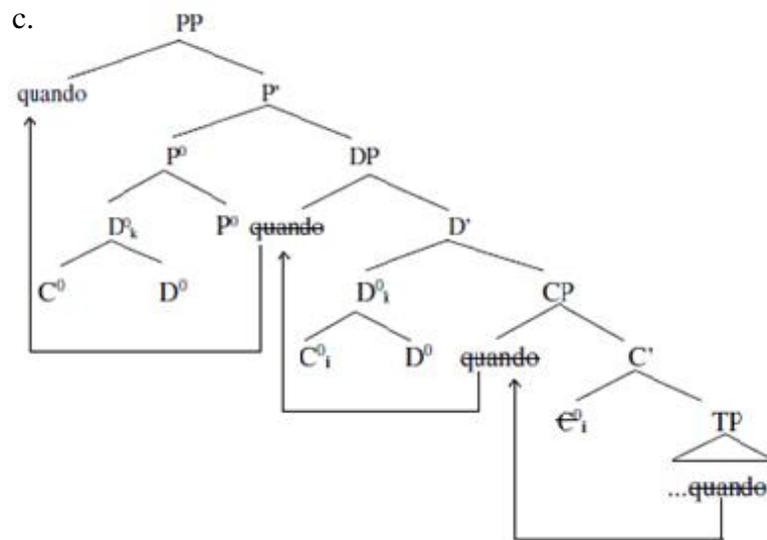
<sup>43</sup> Conferir também Vergnaud (1974), Cohen (1981) e Kayne (1994), autores em que Medeiros Junior (2009) se baseia.

- (56) a. Mudamos a reunião [PP para [DP **quando** todos estavam disponíveis].  
 (MEDEIROS JUNIOR, 2009, p. 61; 2014, p. 65)



(MEDEIROS JUNIOR, 2014, p. 65, adaptado)<sup>44</sup>

- (57) a. Ana dormiu [**quando** você chegou].  
 b. Ana dormiu [PP n [DP **o momento** [CP **que** [VP você chegou]]]].  
 (MEDEIROS JUNIOR, 2009, pp. 59-61)



(MEDEIROS JUNIOR, 2009, p. 61)

Medeiros Júnior (2009, p. 62; 2014, pp. 64-65) considera que a tipificação categorial das RLs em português resume-se a: (i) RLs em posição argumental, que são DPs resultantes do processo de incorporação de C e D; (ii) RLs em posição de adjunto,

<sup>44</sup> No original, no lugar de *quando*, existe um *wh*-.

que são PPs com o P vazio e compreendem um processo de incorporação dos núcleos C, D e P.

O autor diz ainda que essas estruturas sintáticas deveriam ser consideradas como originadas por processo de relativização e ser nomeadas conforme a sua distribuição sintática: aquelas que ocupam posição de sujeito, subjetivas; aquelas que se encontram em posição de complemento, completivas; aquelas que se encontram em posição de adjunção, adverbiais.

Finalmente, o trabalho de Medeiros Junior é um estudo bastante amplo das relativas livres, em geral, incluindo-se a relativa livre encabeçada por *quando*. Além disso, mostra-se pertinente no sentido de esboçar sintaticamente a unidade morfológica de que *quando* seria formado. É também relevante em razão de adotar uma postura em relação a como as sentenças devem ser nomeadas, o que significa dizer como devem ser analisadas sintaticamente. Uma questão que diz respeito ao presente estudo, e que não está devidamente contemplada na análise de Medeiros Júnior, é o estatuto categorial do item *quando*, uma vez que da estrutura por ele proposta se depreende que *quando* ocorre como um PP ou um DP, dependendo do tipo de relativa (adverbial ou em posição argumental).

Passamos a revisar os trabalhos de Marchesan (2008, 2012) e de Marchesan e Miotto (2014), que também discutiram sentenças relativas no PB, trazendo dados relevantes para a nossa discussão.<sup>45</sup>

Segundo Marchesan (2008), apenas os termos relativos que embutem um núcleo nominal seriam capazes de encabeçar uma relativa livre. O conectivo *quando* incorpora o núcleo nominal *momento*:<sup>46</sup>

(58) a. João saiu [**quando** Maria entrou].

b. João saiu [**no momento em que** Maria entrou].

(MARCHESAN, 2008, p. 23)

Nas suas palavras, para um elemento ser considerado um adjunto adverbial, deve poder ser representado por um sintagma preposicional (Cf. (59)a, em que o DP *o dia 25* é complemento da preposição) ou por um advérbio (Cf. (59)b):

---

<sup>45</sup> Apesar de não se manter a cronologia na apresentação dos trabalhos, discutiremos a abordagem de Marchesan e Marchesan e Miotto sequencialmente.

<sup>46</sup> Os pronomes relativos *que*, *qual* e *cujos* não embutem um núcleo nominal e, por isso, não formam relativa livre (MARCHESAN, 2008, p. 21). Por esse critério, *quando* formaria tanto RNNs quanto RLs.

- (59) a. Ela saiu [*no dia 25*].  
 b. Ela saiu [ontem].

(MARCHESAN, 2008, p. 43)

Esses constituintes também podem ser do tipo argumental, DP, como em (60), em que o complemento da preposição exerce essa função:

- (60) Eu conheço Maria *desde quando/desde o tempo em que* ela era uma garotinha sardenta.

(MARCHESAN, 2008, p. 44, adaptado)

A proposta de Marchesan (2008) para as relativas livres é construída com base em Caponigro (2002), em que a relativa livre é analisada como um DP que seleciona um CP como complemento (seguindo a hipótese do alçamento). Em razão de ser nulo, D precisa estar licenciado por alguma configuração de concordância, por isso os DPs/pronomes relativos-*wh* vão para SpecDP de modo a licenciar o D implícito (KOOPMAN, 2000); CAPONIGRO, 2002; MARCHESAN, 2008, p. 86). A estrutura de Caponigro (2002, pp. 139-143) é a seguinte:

- (61) [DP *wh*<sub>i</sub> [D' D *e* [CP *t*<sub>i</sub> [C' C [IP *t*<sub>i</sub>]]]]] (*e=empty node/ nó vazio*)

Desse modo, (62)a abaixo, é analisado como (62)b. O autor busca evidências no espanhol, entre outras línguas, para mostrar que DP pode tomar CP como complemento, conforme (63)a/b:

- (62) a. He opened the door [<sub>FR/DP</sub> when I was about to knock].

‘Ele abriu a porta quando eu estava prestes a bater.’

(FR=*Free Relative/Relativa Livre*)

- b. He opened the door [<sub>DP</sub> then].

‘Ele abriu a porta em seguida.’

- (63) a. [<sub>DP</sub> [<sub>D</sub> *e*] [<sub>CP</sub> Quien no trabaja]] no come.

- b. [<sub>DP</sub> [<sub>D</sub> *El*] [<sub>CP</sub> que no trabaja]] no come.

(CAPONIGRO, 2002, pp. 139-143)

Marchesan (2008), na esteira de Caponigro (2002), propõe que sentenças-*quando* são relativas livres adverbiais ao corresponderem à expressão *no momento* (*em que*), supondo ainda que a estrutura em (61) contenha uma preposição nula. O termo relativo *quando* passa pelo SpecDP para licenciar o D nulo e depois vai para o SpecPP para licenciar a P nula. A partir dessa sistematização, a autora afirma que se pode manter a assunção de que pronomes relativos adverbiais incorporam uma preposição. A estrutura proposta é essa em (64).

- (64) [PP *wh<sub>i</sub>* [P' P e [DP t<sub>i</sub> [D' D e [CP t<sub>i</sub> [C' C [IP t<sub>i</sub>]]]]]]]]]  
(MARCHESAN, 2008, p. 89)

Marchesan (2012) – e também Marchesan e Miotto (2014) – dá prosseguimento ao desenvolvimento de sua proposta para as relativas livres. Afirma que os pronomes relativos como *quem*, *o que* e *quanto* devem ser analisados como termos que encabeçam relativas livres genuínas, por não permitirem núcleo nominal em posição imediatamente adjacente a eles – na presença do núcleo nominal, a relativa de núcleo deve ser introduzida por *que*, (65)/(66).<sup>47</sup>

- (65) a. \*Eu conheço **a pessoa** [**quem** a Maria convidou para a festa].  
b. \*João publicou **os textos** [**o que** os alunos escreveram].  
c. \*João cobrou **a quantia** [**quanto** quis pela casa].  
(MARCHESAN, 2012, p. 27)
- (66) a. Eu conheço a pessoa [**que** a Maria convidou para a festa].  
b. João publicou os textos [**que** os alunos escreveram].  
c. João cobrou a quantia [**que** quis pela casa].

Diferentemente, no PB, as relativas introduzidas por *quando*, *onde* e *como* não manifestam essa restrição, já que permitem a ocorrência de um núcleo nominal antecedente, conforme (67).

<sup>47</sup> A presença do núcleo nominal para *quem*, *o que* e *quanto* está sujeita à intermediação de uma preposição, conforme a nota 36.

- (67) a. Ela começou a chorar **no momento** [quando/ em que o pai entrou na sala].

(MARCHESAN, 2012, p. 34)

- b. Mulher é achada morta **no lugar** [onde/ em que o marido foi assassinado].

(CARVALHO, 2012 apud MARCHESAN, 2012, p. 34)

- c. Ele trabalha **da forma** [como/ que o pai ordenou].

(FERREIRA, 2007 apud MARCHESAN, 2012, p. 34)

Diante disso, a autora propõe que a oração de *quando* pode ou não ser considerada RL. Segundo a proposta dela, *quando* pode ter ou não um núcleo nominal adjacente/antecedente, o que indica um julgamento divergente em relação ao de Mória (1992, 2001).<sup>48</sup>

Marchesan assume que a RL introduzida por *quando* deveria funcionar como adjunto adverbial da sentença matriz, como em (68)a, ou como complemento de verbo que seleciona argumento oblíquo, conforme (68)b. Em ambas as possibilidades, a sentença pode ser parafraseada por um PP, (69).

- (68) a. Ela começou a chorar **quando** o pai entrou na sala.

(FERREIRA, 2007, p. 5 apud MARCHESAN, 2012, p. 34)

- b. João não gosta **quando** o filme acaba.<sup>49</sup>

---

<sup>48</sup> A diferença básica entre a relativa de núcleo nominal e a relativa livre é a presença de um termo antecedente na primeira, mas não na segunda. Segundo Marchesan (2008, 2012), as relativas livres são sentenças encaixadas e ocorrem como argumento externo, argumento interno, adjunto adverbial e predicativo.

(i) a. [*O que* aconteceu] abalou o João. (argumento externo)  
b. Maria não comprou [*o que* eu pedi]. (argumento interno)  
c. Maria saiu [*quando* João entrou]. (adjunto do VP)  
d. Ana é [*quem* está com medo do tigre]. (predicativo) (MARCHESAN, 2008, p. 21)

<sup>49</sup> A preposição *de* pode ou não estar presente nessa sentença: (i) João gosta **de** quando o filme acaba/ (ii) João gosta é **de** quando o filme acaba. A questão da preposição nesses casos é bastante discutida na literatura. Levanta-se a hipótese, por exemplo, de que exista uma preposição silenciosa em *João gosta (de) [quando Maria usa lingerie preta]*. Segundo o requerimento de compatibilidade das RLs, o elemento *qu-* precisa atender às exigências impostas pelo verbo da matriz, por isso (i) \*João convidou [de quem eu gosto] e (ii) \*João convidou [de quem eu gosto de] são agramaticais e (iii) João convidou [quem eu gosto] e (iv) João confia em [quem Maria gosta], gramaticais (MARCHESAN, 2012, p. 205). A esse respeito conferir também o trabalho de Medeiros Junior (2005a).

- (69) a. Ela começou a chorar **no momento em que** o pai entrou na sala.  
b. João não gosta **do momento em que** o filme acaba.

(MARCHESAN, 2012, pp. 34-36)

A autora também observa que, nas sentenças em que a oração-*quando* ocorre como complemento da preposição, por exemplo em (70), que retoma (60), acima, a preposição não pode ter um PP como complemento, concluindo que a sentença entre colchetes é um DP – ou que “pelo menos a preposição é cega ao fato de que *quando* pode ter uma preposição embutida” (MARCHESAN, 2012, p. 36).<sup>50</sup>

- (70) Maria conhece Paulo **desde [quando** ele tinha cinco anos].

(MARCHESAN, 2012, pp. 35-36)

Dados esses argumentos, Marchesan classifica sentenças do tipo de (68) e (70) como relativas livres. A autora avalia que as orações-*quando* que funcionam como sujeito ou complemento de verbo que subcategoriza um DP, podem ter aceitabilidade variável, (71) e (72).

- (71) ?[**Quando** Maria chegou] foi emocionante.<sup>51</sup>

(MARCHESAN, 2012, p. 36)

- (72) Adoro [**quando** estou de férias].

(MÓIA, 2001, p. 354 apud MARCHESAN; MIOTO, 2014, 36)

Intriga a autora o fato de (70), em que *quando* igualmente é um DP (ou um PP cuja preposição nula não é acessível à preposição regente), não apresentar problemas de

---

<sup>50</sup> Sobre esse caso, observamos que *quando/cuando* no contexto de complemento das preposições *desde/desde* e *até/hasta* alterna com *que*. Com *até/hasta*, há ligeira mudança de sentido da sentença. A dificuldade na análise dessas sentenças está em tratar *que* como advérbio relativo – análise de Bosque (2007) (Conferir também a discussão apresentada pela RAE (2010, p. 1610)).

(i) a. Desde *cuando/que* eran niñas iban a ese restaurante.

b. Todo se marchó bien hasta *cuando/que* comenzaron los problemas.

(ii) a. Desde *quando/que* te conheço, vamos a esse restaurante.

b. As coisas estavam indo bem até *quando/que* o governador vetou a lei.

<sup>51</sup> Em relação a esse dado especificamente, há as versões *Foi emocionante quando a Maria chegou?*/*Foi emocionante o momento quando a Maria chegou*. Medeiros Junior (2015) questiona se tais casos seriam realmente de Nominativo. Para o autor, as sentenças *qu-* podem estar na posição de Tópico. Essa discussão envolve ainda verbos psicológicos com EXPerienciador-objeto (*?Quando Maria chegou me emocionou*), já amplamente discutidos na literatura (veja-se Naves (2005) para uma revisão das análises disponíveis a respeito dos verbos psicológicos). Essa questão vai além do escopo de nosso estudo.

aceitabilidade, enquanto (71) e (72), estando no mesmo contexto de um DP, sim. Descritivamente, sugere que a resposta esteja no tipo de Caso atribuído: em (70) atribui-se Caso Oblíquo e em (71) e (72), os Casos Nominativo e Acusativo, respectivamente.

Para Marchesan (2012) e Marchesan e Mioto (2014), a discrepância de julgamento desapareceria se recuperássemos os núcleos nominais implícitos do sujeito e do complemento do verbo:<sup>52</sup>

(73) **O momento** [quando ele partiu] foi muito triste.

(74) Adoro **o período** [quando estou de férias].

(MARCHESAN; MIOTO, 2014, p. 49)

Dessa forma, os autores sustentam que a diferença de julgamento dos dados de (71) a (74), entre os falantes, possui duas explicações: alguns deles possivelmente encaram as sentenças como relativas livres apenas. Por outro lado, haveria falantes que intuitivamente recuperariam o nome que antecede a sentença encaixada, o que tornaria a forma do advérbio relativo compatível com a função que exerce, isto é, a de DP. Seria o mesmo que dizer que interpretam (71) e (72) como (73) e (74), em que o núcleo nominal é recuperado. Com base nisso, os autores alegam que (71) e (72) não são relativas livres verdadeiras, mas relativas de núcleo nominal implícito.

Marchesan (2012) alega, por fim, que haveria duas entradas lexicais para *quando*: (i) uma em que é termo adverbial – um AdvP; (ii) e outra em que é um DP argumento.<sup>53</sup> Essa *ambiguidade* de interpretação só ocorreria com advérbios que possuem conteúdo semântico de tempo (*quando*), lugar (*onde*) e modo (*como*), que ora são PPs/AdvPs, ora são DPs.<sup>54</sup> De forma semelhante ao que ocorre com os termos destacados em (75) e (76):<sup>55</sup>

---

<sup>52</sup> Mória (2001, p. 353) defende que no português de Portugal a ocorrência de *quando* em posição de sujeito e complemento direto pode ser mais condicionada, ainda que possíveis. O autor traz um único exemplo: (i) Quando ele falou foi inoportuno. vs. (ii) O momento em que ele falou foi inoportuno.

<sup>53</sup> Marchesan (2012) observa que essa hipótese remonta a Bresnan e Grimshaw (1978) e Mória (1992).

<sup>54</sup> Do ponto de vista sintático, pode ser que não seja o caso de chamar de *ambiguidade de interpretação* um fenômeno que se resolva no nível lexical. Com efeito, parece tratar-se de caso de homonímia de termos, pois a escolha do item lexical é feita na formação da numeração, e não haveria, por hipótese, ambiguidade, uma vez que a escolha é feita entre as opções que o léxico oferece.

<sup>55</sup> Em relação ao contraste entre (73) e (74), Salles (c.p.) observa que, em português, itens como *domingo* admitem ser introduzidos por preposição, desde que realizados como DP, como em *João chegou n[ô domingo]* – sendo a realização como DP também possível na posição de sujeito, como em *O domingo foi maravilhoso*. Descritivamente, portanto, parece que esse tipo de item lexical ocorre como um NP nu em ambas as posições, o que permite, por hipótese que seja associado a uma P nula em contexto de adjunção, ou a um D nulo, em contexto argumental. Nesse caso, exclui-se, pelo menos para esse tipo de item, a

- (75) a. João chegou **ontem/hoje/domingo**.  
 b. João mora **aqui/atrás da colina/ali**.  
 c. João procedeu **assim/dessa forma**.
- (76) a. **Ontem/Hoje/Domingo** foi maravilhoso.  
 b. **Aqui/Atrás da colina/Ali** é maravilhoso.  
 c. **Assim/Dessa forma** é inviável.

(MARCHESAN, 2012, p. 38, adaptado)

Marchesan (2012) também investiga se existem relativas infinitivas introduzidas por *quando*. Considerando (77), explica que o dado pode conter um DP indefinido como antecedente, (78). Posto isso, afirma que a sentença em (77) não seria uma RL.<sup>56</sup>

- (77) João pôs na agenda **quando visitar** os pais.  
 (78) João pôs na agenda **um dia quando visitar** os pais.

(MARCHESAN, 2012, p. 161)

Com o objetivo de confirmar que (79)a abaixo configura uma relativa livre, contrariamente a (77), que seria uma relativa de núcleo nominal (implícito), a autora usa o teste de formação de perguntas. Para ela, em (79)a, há uma RL pelo fato de a pergunta ser feita pelo pronome que introduz a subordinada.<sup>57</sup>

- (79) a. João chegou [**quando** Maria saiu].  
 b. **Quando** João chegou?  
 c. **\*O que** João chegou?

(MARCHESAN, 2012, p. 162)

---

análise em termos de duas entradas lexicais. Além disso, caberia avaliar a possibilidade de a configuração com P e D nulos também ocorrer na posição argumental, como em *(No) domingo/(O) domingo foi maravilhoso*, o que permitiria regularizar o paradigma, admitindo-se que a posição argumental de sujeito (derivado) seja realizada por categorias do tipo PP e AdvP – excluindo-se, completamente, a hipótese de flutuação categorial. Para uma discussão dessa questão, com implicações para a distribuição de itens que denotam tempo/lugar na posição de sujeito, veja-se Teixeira (2015), que remete a Larson (1985) em relação à hipótese de haver uma preposição silenciosa associada a esse tipo item lexical.

<sup>56</sup> A autora admite que o julgamento de aceitabilidade dessas sentenças não é unânime, fato com o qual concordamos (Cf. também MARCHESAN; MIOTO, 2014).

<sup>57</sup> Conforme a autora, esse teste é utilizado para distinguir RLs e interrogativas, não tendo sido concebido para diferenciar a relativa livre da relativa com núcleo, embora ela considere que sirva também ao propósito de diferenciar as sentenças relativas livres e as sentenças relativas infinitivas de núcleo nominal implícito.

Aplicando-se o mesmo teste a (77)/(78), não se consegue fazer a pergunta com o mesmo termo que introduz a sentença subordinada, o que confirmaria, para ela, que sentenças infinitivas podem não ser RLs verdadeiras, (80).

- (80) a. O João não pôs na agenda (um dia) [**quando** visitar os pais].  
b. \***Quando** o João não pôs na agenda?  
c. **O que** o João não pôs na agenda?

(MARCHESAN, 2012, pp. 162-163)

Avaliamos que esse teste de aplicar uma pergunta com *quando* não parece de todo adequado. Na sentença (81)a, a seguir, que a autora considera RL, a formulação da pergunta com *quando* não é possível. A pergunta cabível é: *(De) Que momento o João gosta?* e não *\*(De) quando o João gosta?*. Ou seja, se (81)a é RL, (77) também deveria ser, ou o contrário, em uma análise em que nenhuma das sentenças tem configuração de RL.

Nos dois casos listados, a sentença-*quando* é um complemento DP. Por essa constatação, as sentenças apresentam o mesmo *status* e pode ser que o teste seja válido apenas para diferenciar sentenças infinitivas/completivas/argumentais das sentenças adjuntas, caso de (79)a acima e (81)b, em que a pergunta com *quando* é cabível: *Quando ele chorou?*. Nessa situação, não serve para diferenciar relativas infinitivas de núcleo e relativas livres.

[RL complemento de verbo que seleciona um complemento oblíquo]

- (81) a. João gosta [**quando** Maria usa *lingerie* preta].

[RL adjunto]

- b. Ele chorou [**quando** ela partiu].

(MARCHESAN, 2012, p. 43)

Outra forma de investigar seria tratar as sentenças de infinitivo introduzidas por *quando*, analisadas como uma configuração relativa, como correlatas de uma configuração interrogativa indireta com o verbo finito. O teste positivo para a formação de clivada, (82)a, e o preenchimento da posição de núcleo C por *que*, (82)b, mostram-se como evidências para a identificação das sentenças em (77)/(78) também como

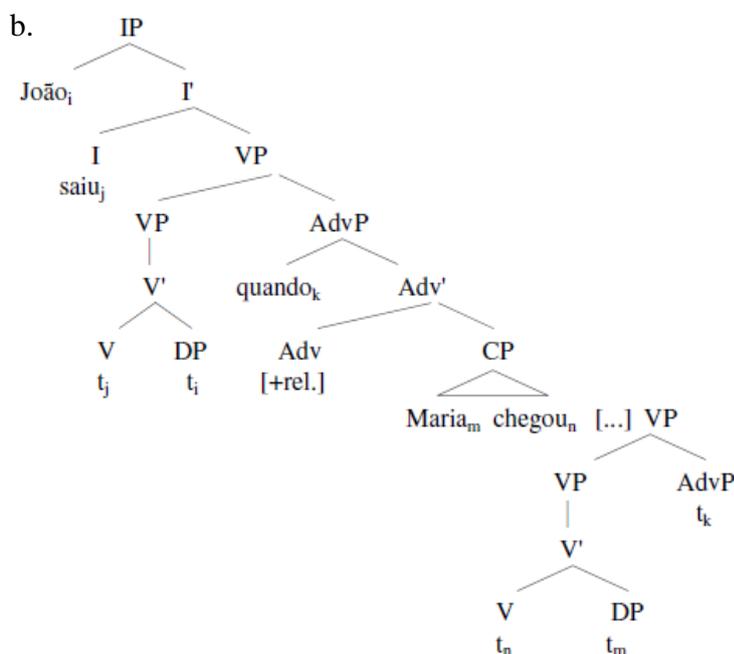
interrogativas indiretas (Cf. também seção 2.3, que trata das sentenças que podem ter uma interpretação tanto relativa quanto interrogativa):

- (82) a. Luiz colocou na agenda **quando** é que vai visitar os pais.  
 b. Luiz colocou na agenda **quando** que vai visitar os pais.

Marchesan conclui que as orações relativas iniciadas por *quando* podem ou não ser relativas livres. Não são relativas livres ao forçarem a recuperação do núcleo nominal implícito (são relativas de núcleo nominal). São relativas livres ao funcionarem como adjunto adverbial ou como complementos de preposição ou de verbos que subcategorizam complementos oblíquos.

As estruturas propostas por Marchesan (2012) para os casos em que a sentença relativa livre introduzida por *quando* é um adjunto adverbial está apresentada em (83)b. Nessa estrutura, o item *quando*, pelas suas propriedades adverbiais, figura em SpecAdvP. Nas sentenças em que a oração-*quando*, é complemento de verbo ou de preposição, a relativa introduz um DP, e a estrutura é aquela proposta por Caponigro (2002), conforme (61).

- (83) a. João saiu [quando Maria chegou].



(MARCHESAN, 2012, p. 207)

A vantagem dessa nova proposta, de acordo com Marchesan, é deixar de supor a existência de uma preposição nula na derivação de *quando*, conforme proposta anterior da autora dada em (64). Consideramos válido assumir que o item *quando* é uma categoria do tipo Adv, evitando-se assim o pressuposto de que, para esses casos, seja definido como uma categoria do tipo PP (com incorporação de núcleo) ou uma categoria DP.

Algumas evidências para essa opção teórica se deve ao fato de que sendo a RL adverbial, sua categoria deve ser compatível com essa prerrogativa. Também por não se poder prever diretamente o núcleo nominal que *quando/cuando* estaria incorporando – poderia ser *momento, hora, dia, mês, período*, etc. Pensando no caso de haver duas entradas lexicais, uma questão a ser levantada é se o sistema computacional teria que prever logo na numeração dos itens se se trata da inserção de um *quando* DP ou um *quando* PP/Adv. Outra desvantagem apontada na adoção de PP é a redundância entre a existência de um termo com fusão e outro sem. Isto é, essa análise não seria a preferível para os casos em que *quando/cuando* é argumento da preposição ou pode ter caráter polissêmico e estar acumulando mais de um sentido já que apenas o temporal seria captado (Cf. Capítulo 4). Ainda a esse respeito, há a ocorrência de *quando/cuando* com o próprio nome que incorpora. No caso de (84)b, o referente nominal não pode ser excluído:

- (84) a. Cinegrafista amador grava exato **momento quando** um avião não consegue estacionar por conta de fortes ventos.<sup>58</sup>  
b. O exato **momento quando** uma Lamborghini Aventador arrebentou-se.<sup>59</sup>

Segundo essa análise, não haveria duas entradas lexicais para *quando*, uma em que é DP e outra em que é AdvP/PP, conforme sugere Marchesan (2012), por exemplo.

Sobre esse tema, remetemos o leitor ao trabalho de Teixeira (2015), em que a distinção entre advérbio e preposição é abordada. Considerando o debate na literatura, a autora demonstra que a hipótese de incluir a categoria advérbio como um subtipo de P

---

<sup>58</sup> Disponível em: <http://bit.ly/1UxDBcJ>. Acesso em 28/3/2016. (Notícia publicada no site *Curiosidades do mundo*).

<sup>59</sup> Disponível em: <http://bit.ly/1LUUdXK>. Acesso em 28/3/2016. (Notícia publicada no site *Por acaso*).

não se sustenta, o que implica reconhecer propriedades distintivas, apesar de inúmeras propriedades compartilhadas entre Adv e P (conferir também o Capítulo 3 desta Tese).

Cabe observar, por último, que o argumento de Marchesan quanto às sentenças relativas de núcleo nominal (implícito) não parece se sustentar (Cf. (71) a (74)), uma vez que as sentenças-*quando* quase sempre autorizam a paráfrase com um núcleo nominal, mesmo as relativas livres *genuínas*:

- (85) a. Sempre choro **quando** me despeço de alguém em aeroportos.  
b. Sempre choro **nos momentos quando/em que** me despeço de alguém em aeroportos.
- (86) a. Adoro **quando** estou com minha família.  
b. Adoro **os momentos quando/em que** estou com minha família.

Para corroborar essa hipótese, vê-se que a sentença-*quando* argumento de preposição, considerada por Marchesan (2012) uma RL, pode igualmente recuperar o núcleo nominal, (87)b.

- (87) a. [...] ela conta como tudo aconteceu **desde quando** saiu para passear com a cadelinha até parar no Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF).  
b. [...] ela conta como tudo aconteceu **desde o momento quando** saiu para passear com a cadelinha até parar no Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF).<sup>60</sup>

Finalmente, ao contrário da proposta de Mória (1992, 2001), Marchesan admite a existência de sentenças de núcleo nominal com *quando* no português brasileiro, ainda que a autora não traga um conjunto de dados que seja mais consistente em relação à aceitabilidade, como ela mesma admite. Retomaremos essa discussão em torno dos dados adiante.

Passamos agora ao estudo de Valer (2008), que investiga orações-*quando* do português brasileiro, inicialmente pelo fato de a autora considerar que *quando* é capaz

---

<sup>60</sup> Disponível em: <http://bit.ly/1VYedJe>. Acesso em 5/3/16. (Reportagem publicada no site *Correio Braziliense*).

de introduzir tanto sentenças relativas de núcleo nominal, como em (88)a/b, quanto relativas livres, como em (88)c/d, sem restrição. Sobre (88)c, a autora diz que a sentença em colchetes, por funcionar como adjunto, é usualmente classificada como uma sentença subordinada adverbial e *quando* como uma conjunção subordinativa – e não como pronome relativo. O termo *quando*, entretanto, afirma a autora, relativiza o momento em que João arregala os olhos e o momento em que vê Maria e, por isso, remete à função de um pronome relativo, devendo a sentença ser analisada como RL. Em (88)d, a oração de *quando* é argumento de preposição, e deve também ser analisada como uma RL. Nesse caso, diz que a oração funciona como um DP (*quando*=o tempo em que).<sup>61</sup> Para a autora, esse contraste significa que *quando* é um termo *ambíguo* entre poder se realizar como um DP ou como um AdvP.

- (88) a. A Maria gritou justo **no momento** [**quando** o João entrou].  
 b. Tu te lembras **daquela época** [**quando** nós jogávamos futebol].  
 (SCFLP02MAPRI512)<sup>62</sup>  
 c. João arregalou os olhos [**quando** viu a Maria].  
 d. João conhece a Maria **desde** [**quando** ela era pequenina].

(VALER, 2008, pp. 19-21)

O trabalho de Valer (2008, p. 24) aborda aspectos das relativas de núcleo nominal e das relativas livres sob uma perspectiva comparativa. Os principais tópicos elencados pela autora são:

(i) Presença de antecedente na Relativa de Núcleo Nominal, RNN, e ausência na Relativa Livre, RL. O fato importante aqui é que alguns termos relativizadores podem formar os dois tipos de sentenças, outros não, e outros ainda, como *quando*, podem apresentar restrições/contextos específicos para a formação de um dos tipos de relativas.

(ii) RLs só podem ser encabeçadas por elementos *qu-* que incorporem núcleo nominal e não podem ser introduzidas por *que*, por exemplo, em razão de esse termo não apresentar a possibilidade da incorporação de um nome. Segundo a autora, *o que* incorpora o núcleo nominal *coisa*, (86)a:

<sup>61</sup> Análise estendida a *onde* e a *como*.

<sup>62</sup> Dado que a autora extraiu do *corpus* do VARSUL.

- (89) a. Eu comprei [**o que**] / \***que** tu querias comprar].  
b. Eu comprei o **livro** [**que** tu querias comprar].

(VALER, 2008, p. 24)

(iii) RNNs podem ter na posição relativizada um resumptivo, como em (90)a, mas não RLs, como em (90)b (Cf. Alexandre (2000) adiante para a análise de *quando* a esse respeito).

- (90) a. Eu comprei o **livro**<sub>i</sub> [**que** tu querias comprar **ele**<sub>i</sub>].  
b. Eu comprei [**o que** tu querias comprar \***ele**].

(VALER, 2008, p. 13)

(iv) O quarto aspecto diz respeito ao requerimento de compatibilidade do pronome relativo no que se refere ao caso (morfológico) ou à preposição que o introduz, por um lado, com a função sintática selecionada pelo verbo da matriz. Conforme exemplifica Valer, em (91)a, o verbo *conhecer* da matriz seleciona como complemento um DP e o pronome relativo que introduz a RL é da categoria DP. A sentença em (91)b é agramatical em razão de *com quem* obedecer ao requerimento do verbo *falar* (*falar com*) e não do verbo *conhecer*. Em (92), o pronome relativo é complemento da preposição, e todo o PP segue os requerimentos do verbo *falar* da sentença encaixada de que foi movido. Os requerimentos do verbo *conhecer* da sentença principal são satisfeitos pelo núcleo nominal *pessoa*.<sup>63</sup>

- (91) a. Eu conheço [<sub>DP</sub> [<sub>DP</sub> **quem** você falou [<sub>PP</sub> **ec**]]].  
b. \*Eu conheço [<sub>DP</sub> [<sub>PP</sub> **com quem** você falou [<sub>PP</sub> **ec**]]].

- (92) Eu conheço a **pessoa** [<sub>PP</sub> **com** [**quem** você falou [<sub>PP</sub> **ec**]]].

(VALER, 2008, p. 26)

Sobre aspectos semânticos que diferenciam uma RNN de uma RL, Valer (2008) ressalta a interpretação do pronome relativo e sua relação com a sentença principal. Nas sentenças relativas livres, o pronome relativo tem, nas palavras da autora, semântica de

<sup>63</sup> Conforme mencionado anteriormente, o *matching effect* nas relativas livres trata das exigências seletivas dos verbos das sentenças principal/matriz e subordinada.

maximização, que dá conta da leitura definida ou universal (Op. cit. p. 35; Cf. também Medeiros Junior (2005a) e Hall e Caponigro (2010) adiante). Em contrapartida, nas relativas de núcleo nominal (restritivas), o pronome relativo limita o sentido do núcleo nominal da sentença principal. Nas relativas de núcleo nominal (apositivas/explicativas), o pronome relativo especifica todo o DP presente na sentença principal.

O trabalho de Valer comparou RNNs e RLs. Além disso, investigou a ocorrência das orações relativas de núcleo nominal em dados de fala. Segundo o registro da autora, as sentenças-*quando* com um núcleo nominal responderam por seis casos de relativas padrão em um total de 1696 dados coletados. Dois desses dados foram explicitados em (88)a/b. Não tivemos acesso aos demais dados de *quando*.

Embora não neguemos a relação entre um sintagma preposicional e as orações de *quando/cuando*, visto que esse item pode ser substituído por uma expressão com esse conteúdo, adotamos, para este trabalho, pelo menos em certo sentido, a proposta de Marchesan (2012), quanto a considerar que as relativas livres adjuntas de *quando/cuando* são AdvPs. A nossa proposta se diferencia em razão de estendermos a análise também para os casos em que é DP, visto que supomos que Adv tem também traços D. Dessa maneira, consideramos que o estatuto de *quando/cuando* não se altera a depender exclusivamente da posição em que a oração de *quando/cuando* ocorre. Essa questão será retomada adiante.

Passamos à caracterização das orações de *cuando* do espanhol, o que permitirá demonstrar que manifestam características semelhantes às do português. No entanto, uma diferença se sobressai: enquanto em português a literatura reporta variação no julgamento dos falantes quanto à ocorrência da oração de *quando* com núcleo nominal, em espanhol, os autores não fazem referência a esse tipo de restrição propriamente. Ao concluirmos a exposição, demonstraremos que a análise em termos de movimento de núcleo dá conta do contraste entre as línguas.

### **2.2.2 ESPANHOL**

No que diz respeito aos trabalhos do espanhol, para Martínez García (1989), a oração de *cuando*, caso tenha um termo antecedente, se converte em oração adjetiva. Caso não possua, capacita-se para funcionar como oração subordinada substantiva ou

oração subordinada adverbial. Para Le Men (1992), *cuando* remete a um lexema concreto que indica tempo. Segundo o autor, o termo é o resultado de *que* mais o lexema *tempo*. O antecedente, quando há, deve também ter valor temporal e, na maioria dos casos, por se tornar redundante o aparecimento concomitante dos dois termos, a tendência é a de que o antecedente explícito apareça menos frequentemente. No entendimento de Alarcos Llorach (1994), *cuando* é advérbio relativo em razão de cumprir a função de elemento adjacente circunstancial. Em seu conteúdo, o termo acumula referência léxica temporal, também denotada pelo seu antecedente, se presente. O autor ressalta que o advérbio relativo é substituível por uma construção preposicionada, como *en que*. Uma informação relevante, segundo ele, é que, dada a redundância do conteúdo semântico do antecedente em relação ao relativo *cuando*, ambos expressam temporalidade, costuma-se omiti-lo e a oração, apesar de substantivada, atua como oração circunstancial. Le Men (1992) igualmente notou essa possibilidade.

Segundo Alarcos Llorach, as orações adverbiais no espanhol são divididas em adverbiais próprias e adverbiais impróprias. O primeiro tipo manifesta noções temporais, locativas e modais e pode ser substituído por um advérbio que denote a mesma função (Cf. (93) para o caso das temporais). O segundo tipo engloba as orações de causa, finalidade, concessão e condição e não pode ser substituído por um advérbio devido ao fato de, no inventário dos advérbios, não existir outro termo que denote as mesmas funções.<sup>64</sup>

- (93) a. Yo lo hice [**cuando** me avisaste].  
b. Yo lo hice [**entonces**].  
c. Yo lo hice [**en aquel momento**].

(ALARCOS LLORACH, 1994, p. 358)

De acordo com Di Tullio (1997), *cuando* no espanhol pode aparecer em todos os contextos de relativas, com antecedente (restritivas e explicativas) e relativas livres. O termo antecedente, se houver, deve conter o traço [+temporal]:

---

<sup>64</sup> Apesar de as adverbiais impróprias não poderem ser substituídas por um advérbio, como as adverbiais próprias, podem ser substituídas por expressão de valor circunstancial (ALARCOS LLORACH, 1994, p. 358):

(i) Lo haré [porque me conviene].  
(ii) Lo haré [por mi conveniencia].

- (94) a. Nos veremos **el día cuando** termine el informe.  
b. Nos veremos **cuando** termine el informe.

(Di TULLIO, 1997, p. 228)

Di Tullio também separa os nexos que unem as orações adverbiais em dois grupos: o dos advérbios relativos, que introduzem adverbiais próprias, e o das conjunções/locuções conjuntivas, que introduzem os outros casos de sentenças adverbiais. Uma ressalva feita pela autora refere-se ao fato de que pode haver uma recategorização desses termos. O advérbio relativo *cuando* pode converter-se em conjunção e ser equivalente a expressão quantificada *todas las veces que*. Como conjunção, introduz oração adverbial imprópria condicional, (95):

- (95) [**Cuando** lo dice tan convencido], tendrá más datos que nosotros.

(Di TULLIO, 1997, p. 238)

De acordo com Alcina e Blecua (1998), *cuando* pode fazer referência a um termo antecedente, especificando-o ou explicando-o. De acordo com os autores, no uso moderno de *cuando*, a realização de construções relativas restritivas tem retrocedido em razão do avanço do uso de *que*. Apenas nas relativas explicativas esse uso se manteria, inclusive em detrimento de *que*. Os dados que os autores trazem são extraídos da literatura:

- (96) a. Salió luego a la playa [...] **a tiempo cuando** don Quijote volvia las riendas a Rocinante para tornar del campo lo necesario.

(Cervantes, *Quijote*, II, p. 64)

- b. En el silencio de la **noche**, **cuando** ocupa el dulce sueño a los mortales,/ la pobre cuenta de mis ricos males/ estoy al cielo [...].

(Cervantes, *Quijote*, I, p. 34)

(ALCINA; BLECUA, 1998, p. 1105)

Os autores também observam que o termo antecedente de *cuando* é um nome com ideia de tempo (como *momento*, *hora*, *día*, *año*, etc.) ou o que chamam de *advérbio locativo de tempo*, como *entonces*, *ahora*, *luego*, *hoy*, etc.:

(97) a. **Entonces** es la caza más gustosa, **cuando** se hace a costa ajena.  
(Cervantes, *Quijote*, II, p. 13)

b. **Cuando** más Lotario le deshonoraba, **entonces** le decía que estaba más honrado.  
(Cervantes, *Quijote*, I, p. 34)  
(ALCINA; BLECUA, 1998, p. 1105)

Nos exemplos sem antecedente nominal explícito, pode-se pensar no caso de um *antecedente envuelto* – os autores também o denominam *antecedente extratextual*.<sup>65</sup> Conforme Alcina e Blecua (Op. cit., p. 1106, tradução nossa), “de fato, o termo relativo parece gramaticalizado e expressa uma ideia de tempo que se concentra em sua relação com a oração principal. A proposição que introduz traduz uma ação que serve como referência temporal.”<sup>66</sup> Ou seja, a oração de *cuando* marca acima de tudo circunstancialidade temporal, o tempo de realização dos eventos:

(98) **Cuando** el viento silbaba en las alturas, las piedras del abismo se derrumbaban y caían al mar.  
(P. Baroja, *El laberinto de las sirenas*, p. 253)  
(ALCINA; BLECUA, 1998, p. 1105)

Segundo Brucart (1999, p. 508), *donde* (e a variante *adonde*), *cuando* e *como* compartilham características de pronomes e adjetivos relativos.<sup>67</sup> Acrescenta que um termo antecedente pode estar explícito com estes termos, ainda que atuem mais amplamente em relativas livres. O autor defende o caráter adverbial de *cuando* mesmo nas sentenças com o antecedente (que poderiam ser taxadas de adjetivas).

---

<sup>65</sup> Caso de sentenças como (i). Outros casos estão em (ii) e (iii)

*Antecedente encoberto*

(i) Sé quién ha venido. / Sei quem veio.

*Antecedente implícito*

(ii) Estalla en coraje cuando menos se espera. / Explode de coragem quando menos se espera.

*Antecedente generalizado*

(iii) Quien pregunta, va a Roma. / Quem tem boca, vai a Roma. (ALCINA; BLECUA, 1998, p. 693)

<sup>66</sup> Tradução livre do original: *De hecho, el relativo parece gramaticalizado y expresa una idea de tiempo que se concreta en su relación con la oración principal. La proposición que introduce expresa una acción que sirve como referencia temporal.*

<sup>67</sup> O autor menciona que a essa lista se pode incluir o advérbio temporal *mientras* e os modais *según* e *conforme*.

De acordo com ele, *cuando* é, então, um advérbio relativo com valor temporal cujo comportamento sintático é semelhante ao de *donde* – ainda que apresente menos possibilidades de aparecer com antecedentes lexicalmente realizados. Os elementos que permitem tal função devem conter traços lexicais compatíveis com o caráter temporal de *cuando* (como *momento, hora, día, período*, etc.). Nesses contextos, afirma que *cuando* pode ser substituído por *que, en (el) que* ou *en (el) cual*:

- (99) a. Todavía recuerdo **el día cuando** dimitió Suárez.  
b. Todavía recuerdo **el día que** dimitió Suárez.  
c. Todavía recuerdo **el día en (el) que** dimitió Suárez.

(BRUCART, 1999, p. 510)

Brucart enfatiza que *cuando* também pode aparecer com *advérbios pronominais*, em suas palavras, como *hoy, ahora* ou *entonces*, porém apenas em sentenças explicativas, posto que nas restritivas haveria o uso exclusivo de *que*.

- (100) **Hoy, cuando** consigas el permiso, podrás volver a tu tierra.

(BRUCART, 1999, p. 510)

Para o autor, *cuando*, na maiorias da vezes, encabeza uma relativa livre, (101)a. Ele explica que entre os estudiosos do tema, grande parte defende que *cuando* tem caráter adverbial, com exceção dos casos das sentenças substantivas, (101)b. No entanto, é frequente que no espanhol sintagmas nominais tenham funções adverbiais com valor temporal, (101)c. Desse modo, conclui que tal fato permitiria que se interpretasse todas essas construções como relativas livres sem a necessidade de estabelecer entre elas distinções categoriais (Op. cit., p. 508).

- (101) a. **Cuando** consigas el permiso, podrás volver a tu tierra.  
b. **Cuando** llegó fue el mejor momento de su vida.  
c. **El jueves** podrás volver a tu casa.

(BRUCART, 1999, p. 510)

Outra observação para a qual o autor atenta, diz respeito ao termo *cuando* entrar em correlação com outros advérbios, como *entonces*, (102). Embora algumas análises

aleguem que tal advérbio deva ser entendido como um termo antecedente, Brucart julga que se trata, na verdade, de uma sentença relativa livre devido à disposição dos elementos dentro da frase.

(102) **Cuando** me hayas pedido, **entonces** hablaremos.

(BRUCART, 1999, p. 510-11)

Por fim, o autor considera que *cuando* deva ser tratado como advérbio relativo e prevê que haja restrições para seu aparecimento em relativas com antecedente nominal, sendo seu uso mais comum em relativas livres.

Matte Bon (2013) descreve *cuando* como pronome relativo. O autor separa os pronomes relativos segundo o tipo de antecedente que introduzem. Para os casos em que o antecedente é um elemento temporal, afirma que a oração relativa é iniciada por *en que* e *cuando*. Se se trata de uma sentença restritiva, diz que geralmente se usa *en que* e que o uso de *cuando* é, geralmente, limitado nesses casos. No entanto, se a sentença é explicativa, tende-se a usar o operador *cuando*, (103).

#### *Explicativa*

(103) a. Nos conocimos **el 22 de abril, cuando** se casó mi hermana.

(MATTE BON, 2013, I, p. 323)

b. Y **en mayo de 1968, cuando** empezó la protesta estudiantil, yo ya no estaba en París.

(MATTE BON, 2013, II, p. 140)

Para o autor, portanto, as relativas com um antecedente seguido de *cuando* seriam mais comuns nas sentenças explicativas. Alcina e Blecua, entre outros autores, já tinham atentado para isso.

Gutiérrez Araus (2014) trata *cuando* como advérbio relativo que pode ter um termo antecedente semanticamente restringido, nesse caso com sentido de *tiempo*. A autora considera que (104) é uma oração adjetiva porque tem a função sintática de ser adjacente de um nome e afirma que *la época cuando* é equivalente a *la época en la que*.

(104) Era dura **la época cuando** había problemas económicos.

(GUTIÉRREZ ARAUS, 2014, p. 243)

No entanto, se a oração não possui antecedente, a autora considera que *cuando* é o que chama de transpositor adverbial e que sua oração desempenhará a função de complemento circunstancial de tempo.

(105) Ellos eran simpáticos [**cuando** querían CC de tempo].

(GUTIÉRREZ ARAUS, 2014, p. 243)

Em síntese, comparando-se as análises para o português e para o espanhol, constata-se que os autores concordam que *quando*, pode ser considerado um termo introdutor da oração relativa livre. No entanto, mostram variabilidade de julgamentos quanto à possibilidade de a oração-*quando* aparecer em sentenças relativas de núcleo nominal. Para o espanhol, *cuando* parece sempre ter sido considerado um termo relativizador na formação tanto de sentenças relativas de núcleo nominal quanto de relativas livres, embora haja também restrições à formação da sentença de núcleo nominal (os autores concordam que ela aparece mais amplamente em sentenças relativas livres). Consoante os autores, o uso do antecedente pode ser dispensável ou ainda ter seu uso reservado às relativas explicativas. Isso se deveria à maior utilização de *que* nas relativas restritivas e à redundância de ocorrência de dois termos com igual valor (temporal). Retomaremos essa questão após a análise das relativas livres em comparação com orações interrogativas introduzidas por *quando*.

### 2.3 RELATIVAS LIVRES E INTERROGATIVAS

Nesta seção, tentamos diferenciar a sentença relativa livre da sentença interrogativa indireta introduzida por *quando/cuando*.<sup>68</sup> Um dos motivos para se considerar essa distinção refere-se ao fato de ambas as sentenças serem encaixadas e introduzidas pelos mesmos itens lexicais. A diferença básica é o tipo de verbo que cada sentença seleciona. Os testes que apresentaremos a seguir também nos conduzem a uma melhor caracterização de *quando* como advérbio relativo no português.

Hall e Caponigro (2010) ressaltam que as sentenças em (106) e (107), apesar de serem introduzidas por *when*, têm interpretações distintas. A primeira pode ser

---

<sup>68</sup> Para trabalhos que discutiram sentenças interrogativas indiretas no espanhol, conferir Suñer (1999) e Contreras (1999). Para o português, citamos o trabalho de Alvarenga (1982).

parafraseada por um PP, como *at the time Bill left*, já a segunda só permite ser parafraseada por outra oração *qu-*, como *at what time did Bill leave*. A sentença (106) é analisada como uma relativa livre e a sentença (107) como uma oração interrogativa indireta. Temos, então, duas interpretações para *when*.

*Relativa*

- (106) I left [**when** Bill left]. (when=*at the time*)  
'Eu saí quando Bill saiu.'

*Interrogativa*

- (107) I wonder [**when** Bill left]. (when=*at what time*)  
'Eu me pergunto quando Bill saiu.'

(HALL; CAPONIGRO, 2010, p. 554)

Declerck também faz distinção entre *when-clauses* relativas e *when-clauses* interrogativas indiretas para o inglês recorrendo à paráfrase. O autor explica que (108)a é uma relativa livre e *what* significa o mesmo que *that which*. Já (108)b, é uma interrogativa indireta em razão de poder ser parafraseada por *I know the answer to the question: What did he write in his diary*.

*Relativa*

- (108) a. I copied **what** he wrote in his diary.  
'Eu copieei o que ele escreveu na agenda dele.'

*Interrogativa*

- b. I know **what** he wrote in his diary.  
'Eu sei o que ele escreveu na agenda dele.'

*Ambígua*

- c. I saw **what**he wrote in his diary.  
'Eu vi que ele escreveu na agenda dele.'

(DECLERCK, 1997, p. 14)

Compilamos testes da literatura para aplicar às orações-*quando* do português. Separamos as sentenças ditas relativas e sentenças ditas as interrogativas. Os testes nos servem como prova do estatuto de *quando* como relativizador ou interrogativo, pois.<sup>69</sup> Começamos por apresentar os testes identificadores das interrogativas indiretas (Testes de A a G). As sentenças relativas com *quando* deveriam ser agramaticais e as sentenças interrogativas e gramaticais. Tomaremos como parâmetro as sentenças em (109), adaptadas de Mória (1992).

- (109) a. O professor elogiou **quando** João fez o trabalho. *Relativa*  
b. O professor sabe **quando** João fez o trabalho. *Interrogativa*

A: Substituir o termo em questão, no nosso caso *quando*, por *se*. Teste usado para identificar interrogativas indiretas sim-não. O dado (110)a, no entanto, fica completamente gramatical se está na ordem inversa, (111). Pode ser que esse teste sirva mais ao propósito de diagnosticar o tipo de predicado e não exatamente a adequação do conectivo. Ademais, mostra que a ordem da sentença é relevante para a análise.<sup>70</sup>

- (110) a. \*?O professor elogiou **se** o Luís fez o trabalho. *Relativa*  
b. O professor sabe **se** o Luís fez o trabalho. *Interrogativa*  
(MÓIA, 1992, p. 26)

- (111) **Se** o Luís fez o trabalho, o professor elogiou.

B: Substituir o conectivo em questão pelo pronome *qual* (interrogativo) seguido do verbo *ser* identificativo. Mória (1992) denomina essas sentenças de equativas ou identificacionais.

*Relativa*

- (112) a. \*O professor elogiou **quais foram** as datas que fizeram o trabalho.

<sup>69</sup> Nosso foco aqui é verificar o estatuto de *quando* como relativizador, além de separar as sentenças relativas das interrogativas indiretas. Em razão disso, não estendemos os testes para a análise de *cuando* uma vez que no espanhol os autores não discordam de *cuando* se portar como termo relativizador.

<sup>70</sup> O mesmo parece valer para os testes B e C. Os demais testes são realizados com a presença de *quando* na sentença. De qualquer forma, esperava-se que as sentenças relativas fossem agramaticais e isso acontece.

*Interrogativa*

b. O professor sabe **quais foram** as datas que fizeram o trabalho.

(MÓIA, 1992, p. 26)

C: Substituir o conectivo pelo elemento *que* seguido de um termo nominal:

*Relativa*

(113) a. \*O professor elogiou **que data/momento** fizeram o trabalho.

*Interrogativa*

b. O professor sabe **que data/momento** fizeram o trabalho.

D: Inserir a expressão *é que* para formar estrutura de clivagem. Teste válido para orações interrogativas, mas não para orações relativas (ALVARENGA, 1981; MEDEIROS JUNIOR, 2005a; MIOTO; NEGRÃO, 2007):

(114) a. \*O professor elogiou **quando é que** (João) fez o trabalho. *Relativa*

b. O professor sabe **quando é que** (João) fez o trabalho. *Interrogativa*

E: Pronominalizar as sentenças em questão com *isso*. Termo capaz de fazer referência a uma oração interrogativa, mas não a uma oração relativa. Parece que o termo *isso* apenas não é capaz de fazer referência à oração-*quando*. No caso, a expressão seria *esse momento*: O professor elogiou *esse momento*.

(115) a. O professor elogiou [quando João fez o trabalho]. *Relativa*

b. \*O professor elogiou **isso**.

c. O professor sabe [quando João fez o trabalho]. *Interrogativa*

d. O professor sabe **isso**.

F: Pelo fato de, em relativas livres, as palavras *qu-* serem incapazes de se mover quando acompanhadas de preposição, tais construções se mostrariam agramaticais na presença de preposição, enquanto as interrogativas indiretas, gramaticais (efeito *pied-piping*):<sup>71</sup>

*Relativa*

(116) a. \*?O professor elogiou **para quando**<sub>i</sub> o Luís marcou t<sub>i</sub> a sua defesa.

*Interrogativa*

b. O professor sabe **para quando**<sub>i</sub> o Luís marcou t<sub>i</sub> a sua defesa.

G: Extrair um constituinte da estrutura em questão por movimento-Q. Tal teste só seria válido em sentenças interrogativas indiretas, visto que as sentenças relativas se comportam como ilhas-Q (Cf. MEDEIROS JUNIOR, 2016).

*Relativa*

(117) a. ??Qual é o trabalho que o professor elogiou **quando** João fez?

*Interrogativa*

b. Qual é o trabalho que o professor sabe **quando** João fez?

Apresentamos adiante testes que a literatura sugere como identificadores de sentenças relativas livres. Espera-se que as sentenças relativas sejam gramaticais e as sentenças interrogativas indiretas sejam agramaticais.

H: Deslocar a sentença *qu-* para a posição pré-verbal de sujeito via movimento de passiva. Esse é um teste válido para identificar sentenças relativas. Quanto à sentença interrogativa, esperava-se mesmo que fosse agramatical:

(118) a. **Quando** fez o trabalho foi elogiado pelo professor.

*Relativa*

b. \***Quando** fez o trabalho foi sabido pelo professor.

*Interrogativa*

---

<sup>71</sup> Medeiros Junior (2005a, p. 23) mostra esse efeito com o relativo *quem*.

- (i) a. Pedro perguntou [com quem]<sub>i</sub> João falou t<sub>i</sub>.  
b. Pedro quer saber [de quem]<sub>i</sub> você depende t<sub>i</sub>.  
c. Pedro sabe [por quem]<sub>i</sub> você se interessa t<sub>i</sub>.  
(ii) a. \*João detesta [com quem]<sub>i</sub> o filho anda t<sub>i</sub>.  
b. \*Maria ama [de quem]<sub>i</sub> a filha falou t<sub>i</sub>.  
c. \*João ama [por quem]<sub>i</sub> o filho se sacrifica t<sub>i</sub>.

I: Adição de *-ever* ao termo relativo:

Em inglês, os termos relativos possuem uma forma alternativa a partir da adição do morfema *-ever* (BRESNAN; GRIMSHAW, 1978). Dessa maneira, *when* é compatível com *whenever* (*quando quer quer/sempré que*), assim como *what* é compatível com *whatever* (*tudo que/ qualquer que/ tudo aquilo que*).

A leitura de *whenever* acomete a sentença de uma leitura genérica/universal. Declerck (1997) traz o exemplo em (119), que poderia ser interpretado como *I will leave any (=every time) you want me to/ Sairei todas as vezes que quiser que saia* ou *I will leave at the time that you want me to, whenever that may be/ Sairei no momento em que você quiser que eu saia, quando quer que seja este momento*.

(119) I will leave [**whenever** you want me to].

‘Eu sairei quando quer que você queira que eu saia.’

(DECLERCK, 1997, p. 52)

Português e espanhol compartilham esse uso de sentido genérico/universal de *quando/cuando*, mas não apresentam um item no léxico similar ao do inglês. Ressalte-se, porém, que no espanhol existe a forma *cuandoquiera*, já pouco usada na língua, que é uma junção de *cuando* e *quier/querer*. Para Moliner (2007), *cuandoquiera que* é uma variante menos frequente de *cuando quiera que*.

Apesar da ausência de um item específico no léxico no português e no espanhol, é possível a realização de uma sentença em contexto semelhante ao de *whenever*, utilizando-se da expressão *quando quer que* e *cuando quiera que*. Com a relativa, a sentença é gramatical, já com a interrogativa, a tentativa de formar a sentença parece barrada ou perpassar por julgamentos de aceitabilidade, formação de contexto adequado.

#### *Relativa*

(120) a. João investigou **quando** o acidente ocorreu.

b. João investigou **quando quer que** o acidente tenha ocorrido.

#### *Interrogativa*

(121) a. João perguntou **quando** o acidente ocorreu.

b. \*??O João perguntou **quando quer que** o acidente tenha ocorrido.

Isso tem relação com o que Medeiros Junior (2005a, 2014) menciona sobre termos *qu-* de sentenças relativas livres possuírem leitura preferencialmente universal, como ilustrado em (122). As sentenças interrogativas indiretas, ao contrário, têm leitura existencial, (123).

*Relativa Livre*

(122) O Jô entrevista [<sub>CP</sub> **quem** senta naquela cadeira].

$\forall x$  (x uma pessoa [Jô entrevista x]).

(MEDEIROS JUNIOR, 2014, p. 81)

*Interrogativa Indireta*

(123) Evandro perguntou a Maria [<sub>CP</sub> **quem** lê Guimarães Rosa].

$\exists x$ , x = uma pessoa [Evandro perguntou quem é x].

(MEDEIROS JUNIOR, 2014, p. 81)

Esse questionamento quanto à leitura genérica da sentença de *quando/cuando* será retomado no Capítulo 4 no que diz respeito às sentenças temporais-condicionais.

Ainda em relação ao tipo de leitura da sentença relativa, Hall e Caponigro (2010) afirmam que uma característica partilhada entre *when-clauses* e relativas livres é a interpretação não-maximal. Em (124)a, a interpretação não é a de que você deve telefonar em todos os momentos, mas naquele em que você tiver um tempo livre. A mesma interpretação é depreendida para (124)b, em que Capitão Kirk foi valente não em todos os momentos em que ninguém mais foi, mas que ele foi valente em alguns desses momentos (quando ninguém podia imaginar). Também relativas livres prototípicas possuem essa característica, por exemplo em (124)c, em que a interpretação não é a de que Capitão Kirk foi a todos os lugares, mas aos que ninguém antes havia ido. As interpretações em português e espanhol seriam as mesmas.

(124) a. Call me [**when** you have a moment].

‘Me telefone quando você tiver um tempo.’

b. Capt. Kirk was brave [**when** no one else could even fathom it].  
'Capitão Kirk foi valente quando ninguém mais poderia imaginar que fosse.'

c. Capt. Kirk went [**where** no man had gone before].  
'Capitão Kirk foi onde nenhum homem havia ido antes.'

(HALL; CAPONIGRO, 2010, p. 559)

O teste J envolve o preenchimento da posição antes do termo relativo e o teste K diz respeito ao preenchimento da posição de núcleo C<sup>0</sup>.

Medeiros Júnior (2005a/b, 2006), entre outros autores, levanta uma última distinção entre relativas e interrogativas, que tem relação com nosso objeto de estudo. O autor observa que a posição antes do pronome relativo livre pode ser bloqueada para a inserção de qualquer elemento nominal, (125)a, assim como a posição no núcleo C<sup>0</sup>, (125)b.

#### *Relativas*

- (125) a. O João conhece \*[a moça] **quem** cometeu o crime.  
b. A Maria implicou com **quem** \*[que] você indicou.  
c. [Maria conhece [DP\_Ø\_[CP **quem** Ø\_[IP você indicou]]]].

(MEDEIROS JÚNIOR, 2005b, p. 3)

As interrogativas indiretas também não admitem, segundo o autor, o elemento nominal antes do pronome interrogativo, embora não bloqueiem a posição C<sup>0</sup>. Mencionamos essa relação ao apresentarmos o trabalho de Mória (1992).<sup>72</sup>

#### *Interrogativas*

- (126) a. João perguntou \*[a pessoa] **quem** pegou o dinheiro.  
b. João perguntou **quem** [que] pegou o dinheiro.

---

<sup>72</sup> Cf. Alvarenga (1981).

- (127) a. Maria quer saber \*[o rapaz] com **quem** você falava.  
b. Maria quer saber com **quem** [que] você falava.

(MEDEIROS JÚNIOR, 2005b, p. 11)

Essas afirmações dependem, em certo sentido, do tipo de termo relativo. São válidas para o relativo *quem*, por exemplo. Sobre as relativas de *quando*, questionamos se podem ou não ter a posição antes do termo relativo bloqueada, (128)a. O núcleo C<sup>0</sup> não pode ser preenchido, (128)b.

#### *Relativas*

- (128) a. \*?O João investigou **a data quando** a prova foi realizada.  
b. \*A Maria implicou com **quando que** a prova foi marcada.

As interrogativas de *quando* aparentam não permitir o elemento nominal antes do pronome interrogativo, (129)a/b, embora não bloqueiem a posição de C<sup>0</sup>, (129)c, diferentemente das relativas em (128)b.

#### *Interrogativas*

- (129) a. \*?João perguntou **a data quando** a prova foi marcada.  
b. \*?O professor sabe **a data quando** João fez o trabalho.  
c. João perguntou **quando que** João pegou o dinheiro.

Pode-se dizer, então, que *quem* e *quando*, como termos relativos, parecem partilhar as mesmas propriedades na formação de sentenças relativas e interrogativas. Porém, veremos adiante que esse compartilhamento é parcial, mais especificamente em relação ao preenchimento da categoria/do núcleo nominal antes do termo relativo.

Os testes, em geral, mostram-se eficientes para identificar os predicados que selecionam uma sentença relativa, em oposição aos que selecionam sentença interrogativa (indireta). São igualmente úteis para diferenciar o estatuto de *quando* como termo relativizador ou interrogativo.<sup>73</sup> O Quadro 3 traz a compilação dos testes e os resultados que eles produzem.

---

<sup>73</sup> Excluimos desta explanação o caso das sentenças ambíguas, que esboçariam, diante dos testes, tanto um comportamento relativo quanto interrogativo (Cf. DECLERCK, 1997; MARCHESAN, 2012).

Quadro 3 – Testes para identificar sentenças relativas livres e interrogativas introduzidas por *quando*.

	Relativa Livre	Interrogativa
<b>Testes que identificam sentenças interrogativas</b>		
A. Substituir o termo em questão por <i>se</i> (característica das interrogativas indiretas sim-não).	x?	✓
B. Substituir o conectivo pelo pronome <i>qual</i> (interrogativo) seguido do verbo <i>ser</i> de identidade.	x	✓
C. Substituir o conectivo por <i>que</i> seguido de um termo nominal.	x	✓
D. Inserir a expressão <i>é que</i> depois do termo relativo (clivagem).	x	✓
E. Pronominalizar a relativa com <i>isso</i> .	x	✓
F. Elemento <i>qu-</i> acompanhado de preposição.	x?	✓
G. Extração de constituinte por movimento-Q.	?	✓
<b>Testes que identificam relativas livres</b>		
H. Deslocar a sentença QU- para posição pré-verbal de sujeito por movimento de passiva.	✓	x?
I. Inserção de <i>-ever/quer que</i> .	✓	x
J. Preencher posição antes do termo relativo.	?	?
K. Preencher posição núcleo C <sup>0</sup> .	x	✓

Discutiremos a seguir testes que seriam contrários à análise de *quando* como termo relativo, oferecidos, inicialmente, para dados do português europeu. A hipótese é defendida por Alexandre (2000). De acordo com a autora, as orações-*quando* têm comportamento distinto do das orações relativas canônicas no que se refere a certas propriedades sintático-semânticas. O quadro de distinções proposto por ela é o seguinte (Op. cit., p. 37):<sup>74</sup>

<sup>74</sup> A análise de Alexandre (2000) é estendida a *como*, que excluimos desta exposição por ir além do escopo do trabalho.

Quadro 4 – Comportamento dos morfemas-*wh* relativos vs. comportamento de *quando* no PE.

Propriedades sintático-semânticas	Morfemas- <i>wh</i>	<i>Quando</i>
1. Ocorrência em orações participiais	✗	✓
2. Ocorrência em predicados secundários	✗	✓
3. Elipse	✗	✓
4. Mobilidade	✗	✓
5. Estratégia Resumptiva	✓	✗

A primeira restrição dada pela autora dá conta de que os morfemas-*wh* relativos não ocorrem em oração participial, enquanto as orações de *quando* sim. As sentenças em (130) parecem distintas, na verdade, pelo fato de *que* não permitir a elisão do verbo (*\*os políticos que entrevistados/ os políticos que foram entrevistados*) e a estrutura de *quando* sim (*quando entrevistados/ quando são entrevistados*). O termo *quando* também seria capaz de introduzir predicados secundários adjetivais e preposicionais, (131). Segundo a autora esses seriam argumentos a favor do caráter subordinador de *quando* e não do estatuto de pronome relativo. Nossa visão acerca desses dados será exposta mais detidamente no próximo Capítulo.

(130) a. \*Os políticos [<sub>CP</sub> **que** entrevistados] respondem de forma evasiva.

b. [<sub>CP</sub> **Quando** entrevistados], o políticos respondem de forma evasiva.

(ALEXANDRE, 2000, p. 38)

(131) a. [**Quando** lavável na máquina], não ultrapassar os 30°.

b. [**Quando** em movimento], não se aproximar da porta.

(ALEXANDRE, 2000, p. 40)

A autora ressalta o fato de se recorrer a paráfrases para incluir *quando* entre os morfemas-*wh* relativos de modo que se interprete (132)a como (132)b. O mesmo não poderia se repetir com *que*, (133). No entanto, salientamos que o morfema *que* já faz parte da paráfrase de *quando*, por isso a duplicação do termo causa estranhamento.

Além disso, o próprio *que* não teria uma paráfrase correspondente, ou seja, o pronome relativo *que* não possui capacidade de incorporação de núcleo nominal.

- (132) a. **No momento em que** são entrevistados, os políticos respondem de forma evasiva.  
b. **Quando** são entrevistados, os políticos respondem de forma evasiva.
- (133) a. \*Os políticos **que no momento em que** são entrevistados respondem de forma evasiva.

(ALEXANDRE, 2000, pp. 38-39)

Outro argumento utilizado pela autora diz respeito aos morfemas-*wh* não admitirem processos de elipse de VP como mostra a oposição entre (134) e (135). Este primeiro dado, porém, seria gramatical no português brasileiro, (136):

- (134) O João arranjou o carro **que** o patrão lhe disse (\**que* arranjasse). PE  
(135) O João comprou [um carro]<sub>i</sub> [<sub>CP</sub> **quando** os amigos compraram [*e*]<sub>i</sub>].

(ALEXANDRE, 2000, p. 39)

- (136) O João arranjou um carro **quando** o chefe pediu (*que* arranjasse). PB

A autora igualmente menciona a rigidez de mobilidade das sentenças de morfemas-*wh*, (137), em relação às sentenças-*quando*, (138). A razão da não mobilidade refere-se, na realidade, à presença de um termo antecedente em (137) e à necessidade de certa adjacência entre eles. Sentenças-*quando* com núcleo nominal explícito também não admitem facilmente o movimento dentro da sentença por esse mesmo motivo, (139).

- (137) a. **As pessoas** [<sub>CP</sub> **que** ficaram alarmadas] provocaram um tumulto.  
b. \*[<sub>CP</sub> **Que** ficaram alarmadas], **as pessoas** provocaram um tumulto.  
c. \***As pessoas** provocaram um tumulto [<sub>CP</sub> **que** ficaram alarmadas].

- (138) a. As pessoas ficaram alarmadas [<sub>CP</sub> **quando** o primeiro-ministro deu a notícia].

b. [CP **Quando** o primeiro-ministro deu a notícia], as pessoas ficaram alarmadas.

(ALEXANDRE, 2000, p. 39)

- (139) a. No hemisfério sul, setembro é **o mês quando** começa a primavera [...].  
b. \***Quando** começa a primavera, setembro é **o mês**.

No último ponto que aborda, a autora alega que morfemas-*wh* utilizam a estratégia resumptiva na relativização, (140), ao contrário de *quando*, que não a utiliza, (141). O caso é que relativas livres, como em (141)a, comumente não aceitariam pronomes resumptivos (VALER, 2008).<sup>75</sup> A relativa de *quando* ocorre, preferencialmente, na forma padrão. Retomaremos essa argumentação.

(140) a. Há lá [muitos aparelhos]<sub>i</sub> [CP [com **os quais**]<sub>i</sub> ninguém sabe trabalhar [*t*]<sub>i</sub>].

b. Há lá [muitos aparelhos]<sub>i</sub> [CP **que** ninguém sabe trabalhar [com eles]<sub>i</sub>].

(141) a. O João leu [as dissertações]<sub>i</sub> [CP **quando** os colegas \*(as)<sub>i</sub> fotocopiaram].<sup>76</sup>

b. \*O João leu as dissertações [no momento]<sub>i</sub> [CP **que** os colegas as fotocopiaram [naquela altura / nele]<sub>i</sub>].

(ALEXANDRE, 2000, p. 40)

Alexandre (2000) afirma que *quando* manifesta comportamentos opostos aos exibidos por morfemas-*wh* relativos e que as orações introduzidas por *quando* deveriam ser tratadas como subordinativas (introduzidas por conjunção) que poderia ter certos valores relativos. No entanto, pelos comentários que aduzimos, esse contraste não foi confirmado já que os testes que a autora utiliza entre *quando* e *que* não têm uma correspondência direta entre si que faça com que sejam tratados de forma semelhante.

<sup>75</sup> A ideia é que na relativa livre, (i), não se pode preencher a posição do termo relativo, e na relativa de núcleo nominal, sim, (ii) (VALER, 2008, p. 12-13):

(i) a. Eu encontrei [*quem* a Maria beijou *ec*].

b. Eu encontrei [*quem* a Maria beijou \**ela*].

(ii) a. Eu encontrei *a pessoa* [que a Maria beijou *ec*].

b. Eu encontrei *a pessoa* [que a Maria beijou *ela*].

<sup>76</sup> No PB esse dado é gramatical.

Por fim, resta-nos entender algumas questões: como ocorre a derivação das sentenças relativas de núcleo nominal, das relativas livres e das sentenças interrogativas indiretas; em que posição está o termo *quando/cuando*; se as sentenças possuem estruturas semelhantes ou distintas. Na próxima seção, retomamos as perguntas de análise e situamos o debate a partir de dados coletados durante a pesquisa.

## **2.4 QUANDO/CUANDO: FORMADOR DE RELATIVA DE NÚCLEO NOMINAL E RELATIVA LIVRE?**

Esta seção tenta elucidar as perguntas da problematização, que nos propusemos no Capítulo 1 de Apresentação, repetidas em (i) e (ii) abaixo, e os questionamentos que fizemos no decorrer deste Capítulo 2.

- (i) O termo *quando* pode ter comportamento de advérbio relativo e sua oração ser classificada como adjetiva/relativa e não como adverbial temporal em espanhol, mas não em português?
- (ii) O termo *quando* pode funcionar com/sem antecedente nominal explícito em espanhol, mas não em português?

Preliminarmente, paira uma questão sobre a nomenclatura do termo, uma vez que os autores transitam entre as designações *advérbio relativo* ou *pronome relativo*. Marchesan (2012), por exemplo, trata *quando* como pronome relativo, apesar de propor que o termo encabeça um AdvP justamente pelo papel circunstancial/adverbial que exerce. Mória (1992) ora o nomeia como pronome, ora como advérbio. No espanhol, também há essa divisão. Para Matte Bon (2013), *cuando* é pronome relativo. Não obstante, Gutiérrez Araus (2014) o denomina advérbio relativo. Como veremos adiante, Gallego (2011) conclui que se trata de um advérbio relativo. Para este trabalho, adotamos a designação de advérbio relativo em razão de o termo manifestar propriedades adverbiais e assumir sintática e semanticamente um papel relativizador. Assumimos também que, como advérbio (locativo), satura posições argumentais, o que permite-lhe conferir propriedades de categorias pronominais.

Uma indagação pouco clara ainda é se as orações-*quando/cuando* podem ser consideradas também adjetivas nos casos de relativas de núcleo nominal. Autores do

espanhol levantaram essa questão, como Torrego (2011) e Gutiérrez Araus (2014). Se pensarmos meramente na função/semântica de moldes tradicionais, é fato que as orações subordinadas adjetivas exercem, assim como os adjetivos, o papel de modificadores nominais, (142). As orações subordinadas adverbiais, no entanto, têm papéis circunstanciais, (143).

(142) a. Os pais gostam dos filhos [**que estudam**].

b. Os pais gostam dos filhos [**estudiosos**].

(143) a. Viajamos [**quando** anoiteceu].

b. Viajamos [**de noite**]/[**ao anoitecer**].

Medeiros Junior (2009, p. 63) observa que há quem classifique as sentenças encabeçadas por *quando* como adverbiais ou relativas: “há os que tratam dessas construções sintáticas, classificando-as como estruturas adverbiais, e há a opinião de que esse tipo de estrutura provenha de um processo de relativização e assim precisa ser tratado, como uma oração relativa.” O autor afirma que as sentenças de *quando* são licenciadas nos mesmos contextos sintáticos que os advérbios comuns, o que as tornaria relativas adverbiais, (144).

(144) a. Ana dormiu [cedo/mal/muito/**quando** você chegou].

b. Eles só querem sair [depois/cedo/mais tarde/**quando** o dia amanhecer].

(MEDEIROS JUNIOR, 2009, p. 62)

Ao tratar das orações adjetivas para o espanhol, Torrego (2011) diz que há orações com item relativo que não são adjetivas. Pode ser que esse seja o caso das orações-*quando/cuando*. A ideia é que as orações adjetivas e as de relativo nem sempre coincidem. Um caso ocorre quando uma oração de termo relativo complementa um advérbio, conforme (145). Nestes casos, “o relativo ‘que’ não tem valor de pronome, mas do que poderíamos chamar de pró-adjetivo ou de pró-advérbio, visto que substituem adjetivos e advérbios” (TORREGO, 2011, p. 340).<sup>77</sup>

---

<sup>77</sup> Tradução livre do original: [E]n estos casos el relativo ‘que’ no tiene el valor de pronombre sino de algo que podríamos llamar de ‘proadjetivo’ [...] o de ‘proadvérbio’ [...], pues sustituye a adjetivos y advérbios.

- (145) a. *Ahora **que no hay nadie***, puedes hablarme.  
b. No me dijeron lo *lejos **que estaban***.

(TORREGO, 2011, p. 340)

Outros casos de sentenças relativas, mas não adjetivas, referem-se àqueles em que a oração relativa complementa o adjetivo, (146), ou uma oração inteira que esteja funcionando como antecedente, (147):

- (146) a. De *bueno **que es***, todo el mundo abusa.  
b. ¡Lo *lista **que es*** esa chica!

- (147) a. *Mi hijo ha aprobado, **lo que me hace muy feliz***.  
b. *Todos los días me ducho, **que es lo más higiénico***.

(TORREGO, 2011, p. 340)

Há ainda orações adjetivas, mas que não são relativas. O primeiro caso mostra orações que funcionam como atributo de um sujeito exatamente da mesma forma que um adjetivo faria:

- (148) a. Pedro está [**que rabia** ORAÇÃO ADJETIVA].  
b. Pedro está [**rabioso** ADJETIVO].

(TORREGO, 2011, p. 341)

Em um segundo caso, também são adjetivas, mas não relativas, certas orações de gerúndio, infinitivo e particípio, nessa ordem, conforme (149):

- (149) a. María siempre aparece en público **sonriendo**. (sonriente)  
b. Tengo una cámara **de hacer fotos**. (que hace fotos)  
c. Vi un hombre **dormido** debajo de un árbol. (que dormía)

(TORREGO, 2011, p. 341)

Pelas situações relatadas pelo autor, há casos de sentenças de relativo, mas não adjetivas e vice-versa. Os termos *quando* e *cuando* funcionam tanto como advérbios temporais quanto advérbios relativos. Dessa maneira, podem ser considerados

elementos bifuncionais, uma característica de pronomes relativos prototípicos. Mas contrariamente às sentenças com pronome relativo, que são adjetivas, supomos que as sentenças de *quando/cuando* sejam consideradas apenas relativas (Cf. MEDEIROS JUNIOR, 2014).

Seguindo essa argumentação e os fatos apresentados, supomos que as sentenças de *quando/cuando* possuem caráter adverbial temporal e relativo e a *classificação* da oração que introduzem deve seguir essa constatação. Para tanto, intitulamos a sentença introduzida por esse elemento como *oração adverbial temporal (relativa livre)* ou *oração adverbial temporal (relativa de núcleo nominal – restritiva ou explicativa)*.

Também havia, como dito anteriormente, questionamentos acerca da relativização de *quando*. Com vistas a esclarecê-los, expusemos testes que identificam sentenças relativas e os estendemos às orações de *quando* (Cf. MÓIA, 1992; DECLERCK, 1997, entre outros). Em quase todos os casos foi possível ratificar a semelhança de comportamento. Os testes apresentados para fazer a distinção entre as sentenças relativas e as interrogativas indiretas mostraram que o termo pode ter comportamento de advérbio relativo, além de advérbio interrogativo, cabendo distingui-los nos termos da configuração sintática e a partir dos próprios testes.

De modo geral, pode-se afirmar que os autores que discutiram a hipótese da relativização de *quando* parecem concordar que o termo é capaz de formar relativas livres:

(150) Sara viajou aos Estados Unidos **quando** juntou uma grana.

No que diz respeito às relativas de núcleo nominal, os autores apontam ressalvas. Para o português, especificamente, a formação da relativa de núcleo nominal estaria sujeita a:

(i) Julgamento de aceitabilidade:

(151) \*??O **dia quando** conheci o Alexandre estava na UnB.

(ii) Contexto condicionante: o núcleo nominal estar inserido em um PP:

(152) Ele viajou **no mês** quando terminou a tese.

(iii) Haver preposição intermediadora:

- (153) a. Não me dá jeito **o dia para quando** a reunião foi marcada.  
b. Qual é o **prazo até quando** se podem entregar as candidaturas?  
(MÓIA, 2001, p. 354)

Interessante relatar que os falantes do português julgam que as sentenças relativas de núcleo nominal com os advérbios relativos *como* e *onde* geram mais aceitabilidade que as sentenças-*quando*. Isso talvez em razão da concomitância de dois termos de igual valor (no sentido dos traços lexicais), gerando certa redundância pelo menos para *quando*. Os nomes *data*, *mês*, *ano*, assim como *quando*, possuem referências temporais, daí a dispensabilidade do núcleo nominal:

- (154) a. *O dia (em) que* te conheci conheci estávamos na UnB.  
b. ?*O dia quando* te conheci estávamos na UnB.  
c. **Quando** te conheci, estávamos na UnB.

Pode ser que tal fato não seja tão preponderante para *onde* e *como*, (155) e (156):

- (155) a. *O lugar/ restaurante/ estabelecimento/ café/ a creperia onde* a levei para jantar fechou.  
b. João me mostrou *a cidade/ o hospital/ a maternidade/ o lugar onde* ele nasceu.
- (156) a. *O modo/ meio/ jeito/ a forma/ maneira como* ele apresentou o trabalho impressionou.  
b. João me mostrou *a forma/o jeito/ a maneira/ a forma como* fazer o exercício.

Destacamos ainda que para alguns autores a oração relativa de *quando* com antecedente ocorre, preferencialmente, no espanhol moderno, em sentenças explicativas. Nas restritivas, é preferida a estrutura introduzida por *que* (ALCINA; BLECUA, 1998; MATTE BON, 2013). Para o português, Mateus et al. (1989, p. 298) também

observaram que o termo antecedente na sentença-*quando* seria comum nas relativas explicativas. Os dados (157) e (158) mostram *cuando/quando* nesse contexto:

(157) a. Foi um choque na época, o recorde de antecipação de uma conquista, com 68,7% das etapas disputadas. *Um choque até maior do que o 2002, quando* Schumacher fechou a disputa também na 11ª etapa, mas num campeonato de 17 corridas.<sup>78</sup>

b. *Desde 1993, quando* conseguiu transformar a paixão pela escrita em uma carreira, o médico publicou seis livros, divididos entre contos, romances e dicionários.<sup>79</sup>

(158) a. EU. La Operación Pedro Pan termina en octubre del 62, porque se suspenden los vuelos de Cuba con la *Crisis de Octubre, cuando* EU y la Unión Soviética estuvieron al borde de una guerra nuclear.<sup>80</sup>

b. Nos conocimos *el 22 de abril, cuando* se casó mi hermana.

(MATTE BON, 2013, I, p. 323)

c. El mundo del disco sólo peligro *a partir de 1962, cuando* la casa Philips introdujo en el mercado la casete, como soporte comercial de música.<sup>81</sup>

(MATTE BON, 2013, II, p. 140)

d. Iremos de vacaciones *en la primavera, cuando* haya terminado este capítulo.

(BRUCART, 1999, p. 444)

---

<sup>78</sup> Extraído do Jornal Folha de São Paulo, SEIXAS, F. 2014, p. D3.

<sup>79</sup> Extraído do Jornal Correio Braziliense, GODOY, J. *Causa mortis: literatura*, 18 de agosto de 2014, p. 2.

<sup>80</sup> REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: Banco de datos (CREA) [La Voz Católica. Publicación Mensual de la Archidiócesis de Miami, v. 49, nº 8-9, 09/2001]. *Corpus de referencia del español actual*. <<http://www.rae.es>>. [10/01/2016].

<sup>81</sup> REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: Banco de datos (CREA) [ABC Color. Suplemento Educación, 21/10/2002: EDUCACIÓN ARTÍSTICA]. *Corpus de referencia del español actual*. <<http://www.rae.es>> [10/01/2016].

Porém, analisando os dados coletados, encontramos exemplos no PB que negam a afirmação de que a língua não possui *quando* como termo relativo com antecedente nominal explícito. O importante a se destacar são os contextos sintáticos em que a relativa de núcleo nominal ocorreu.

O primeiro caso é o prototípico em que *quando* é antecedido pelo núcleo nominal e ocorre tanto em espanhol quanto em português, contrariando a previsão inicial para o português.<sup>82</sup> Os dados em (159) e (160) têm a particularidade de aparecem em títulos de reportagens ou de textos em geral.

- (159) a. **O ano quando** a Revista Época nos elegeu a melhor festa do Rio.<sup>83</sup>  
b. **O ano quando** *mashups* rolaram no camarote da Brahma, no *Big Brother* Brasil, no Fantástico e nos fogos do *Réveillon* de Copacabana.<sup>84</sup>  
c. **O ano quando** chegamos a beagá.<sup>85</sup>  
d. 7 homens descrevem **o momento quando** tiveram certeza de terem encontrado a mulher de suas vidas.<sup>86</sup>  
e. **O momento quando** nada tem mais volta.<sup>87</sup>  
f. Começou oficialmente em 1 de junho de 2007 e terminou oficialmente em 30 de novembro de 2007, datas que convencionalmente delimitam **o período quando** a maioria dos ciclones tropicais formam-se na bacia do Oceano Atlântico norte durante o ano.<sup>88</sup>
- (160) a. **El día cuando** el bardo Julio Flórez le enseñó al chalán político que en las fosas todos los esqueletos son iguales.<sup>89</sup>  
b. **El día cuando** las mujeres se vistieron de verde.<sup>90</sup>

---

<sup>82</sup> Um pronome relativo e um advérbio relativo prototípicos, como *que* e *onde*, respectivamente, apresentam-se nesses mesmos contextos sintáticos de *quando/cuando*: (i) *A bicicleta que eu ganhei [...]/La bici que gané [...]*/(ii) *A cidade onde cresci [...]/La ciudad donde crecí [...]*.

<sup>83</sup> Disponível em: <http://migre.me/myDOy>. Acesso em 12/10/2014. (Notícia publicada no site *Bootie Rio*).

<sup>84</sup> Disponível em: <http://migre.me/myDOy>. Acesso em 12/10/2014. (Notícia publicada no site *Bootie Rio*).

<sup>85</sup> Disponível em: <http://migre.me/myDEU>. Acesso em 12/10/2014. (Notícia publicada no site *Bootie Rio*).

<sup>86</sup> Disponível em: <http://bit.ly/1p7xIEQ>. Acesso em 5/3/2015. (Texto publicado no site *Família*).

<sup>87</sup> Disponível em: <http://bit.ly/1QBUIYa>. Acesso em 5/3/2015. (Texto publicado no site *Estadão, Blog JTVariedades*).

<sup>88</sup> Corpo: Corpus Brasileiro v. 2.3. Acesso em 10/1/2016.

<sup>89</sup> Disponível em: <http://migre.me/rK0Af>. Acesso em 7/10/2015. (Texto publicado no site *Diario La Nación*).

<sup>90</sup> Disponível em: <http://migre.me/rK0IQ>. Acesso em 7/10/2015. (Título de artigo de Gabriela Contreras).

c. **El año cuando** el mundo se incendió. Régimen de incendios y estructura agraria en Costa Rica.<sup>91</sup>

d. Aquellos chamacos que tienen vivo en su memoria **el día cuando** su padre los llevó de la mano a presenciar su primer juego de ligas mayores.<sup>92</sup>

Outro contexto sintático de relativa de núcleo nominal de *quando/cuando* remete ao antecedente predicativo:<sup>93</sup>

(161) a. O sábado era **o dia quando** as pessoas se juntavam na sinagoga e Paulo aproveitou-se dessas oportunidades para ensinar muitas pessoas.<sup>94</sup>

b. A recessão é **o período quando** nossos amigos perdem o emprego.<sup>95</sup>

c. Este é **o mês quando** o Rei está no campo!<sup>96</sup>

d. Embora a oferta de laranja seja perene nos pontos de venda durante o ano todo, de abril a dezembro é **o período quando** as árvores estão mais carregadas.<sup>97</sup>

e. Janeiro é **o mês quando** se comemora o dia internacional do Riso (18/01).<sup>98</sup>

f. [...] este é um ano de profunda crise econômica, e como reflexo é **o ano quando** começamos a aprofundar a discussão acerca da formação profissional voltada aos interesses populares.<sup>99</sup>

g. Novembro é geralmente **o mês quando** se realizam os testes de admissão.<sup>100</sup>

<sup>91</sup> Disponível em: <http://migre.me/rXz7x>. Acesso em 29/10/2015. (Título de artigo de Wilson Picado e Carlos Cruz).

<sup>92</sup> Também *que/que* e *onde/donde* do português e do espanhol aparecem nesse contexto: (i) *Domingo era o dia que eu mais estudava./El domingo era el día en que yo estudiaba más.* (ii) *São Paulo é a cidade onde nada fecha antes da meia-noite./São Paulo es la ciudad donde nada cierra antes de la medianoche.*

<sup>94</sup> Disponível em: <http://migre.me/mWyEl>. Acesso em 18/11/2014. (Relato).

<sup>95</sup> Disponível em: <http://migre.me/myE8u>. Acesso em 12/10/2014. (NETO, A. F. *Midialização: o poder da mídia*. Grupo de Mídia São Paulo: Nobel, 2006).

<sup>96</sup> Disponível em: <http://migre.me/myDWQ>. Acesso em 12/10/2014. (Texto publicado em Blog).

<sup>97</sup> Disponível em: <http://migre.me/myE0c>. Acesso em 12/10/2014. (Reportagem publicada no site *Globo Rural*).

<sup>98</sup> Disponível em: <http://migre.me/pmXI2>. Acesso em 12/10/2014. (Texto informativo publicado no site *Somos todos Stum*).

<sup>99</sup> Disponível em: <http://migre.me/pmXX1>. Acesso em 12/10/2014. (Texto informativo publicado no site *Enesso*).

<sup>100</sup> *Corpo: Corpus Brasileiro v. 2.3*. Acesso em 10/1/2016.

- (162) a. El 6 de diciembre todavía es **el día cuando** se dan regalos en Europa.<sup>101</sup>
- b. El 1943 fue **el año cuando** oficialmente se cambió el año del retorno de Cristo del 1874 al 1914 [...].<sup>102</sup>
- c. Según una encuesta, enero es **el mes cuando** más las parejas se plantean el divorcio.<sup>103</sup>

O núcleo nominal também ocorre em estrutura de clivada/foco: verbo *ser* + nome + *quando*:<sup>104</sup>

- (163) a. Esse *foi o ano quando* estavam acontecendo as obras de ampliação do Porto de Imbituba.<sup>105</sup>
- b. Esse *foi o ano quando* pudemos ver se formar o que viria a ser a 6ª geração de consoles.<sup>106</sup>
- (164) a. Este *fue el verano cuando* yo sali de Eureka para Davis.<sup>107</sup> [*sic*]
- b. Empezamos a compartir cosas fuera del programa y el punto culmine *fue el verano cuando* compartimos las vacaciones en Pinamar.<sup>108</sup>
- c. Al contrario, *fue el año cuando* dijeron que había que apretarse el cinturón.<sup>109</sup>
- d. Fue el año cuando aumentó el neblumo y supimos de un remedio más inmediato que el de defendernos en retirada, dejando de circular, aplicando las restricciones normales de los planes de contingencias.<sup>110</sup>

<sup>101</sup> Disponível em: <http://migre.me/pn2bv>. Acesso em 4/4/2015. (Texto informativo publicado do site *St. Nicholas Center*).

<sup>102</sup> Disponível em: <http://migre.me/pn2lK>. Acesso em 4/4/2015. (Texto informativo publicado do site *Free Minds*).

<sup>103</sup> Disponível em: <http://migre.me/pn2zV>. Acesso em 7/4/2015. (Notícia publicada no site *El observador del litoral*).

<sup>104</sup> Exemplos com *que* e *onde* são: (i) *Essa foi a casa que comprei./Esa es la casa que compre*. (ii) *Esse foi o hospital onde nasci./Ese fue el hospital donde nació*.

<sup>105</sup> Disponível em: <http://migre.me/pn3kY>. Acesso em 7/4/2015. (Notícia publicada no site *Diário Catarinense*).

<sup>106</sup> Disponível em: <http://migre.me/pn3rn>. Acesso em 7/4/2015. (Texto publicado no site *Neo Gamer*).

<sup>107</sup> Disponível em: <http://migre.me/pn0V7>. Acesso em 4/4/2015. (Texto publicado em Blog).

<sup>108</sup> Disponível em: <http://migre.me/pn120>. Acesso em 7/4/2015. (Notícia publicada no site *Infosario*).

<sup>109</sup> Disponível em: <http://migre.me/pn145>. Acesso em 7/4/2015. (Notícia do site *Venezolana de Televisión*).

<sup>110</sup> REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: Banco de datos (CREA) [*Excélsior*, 06/01/1997: *Descanso Transitorio*, México D.F., 1997]. *Corpus de referencia del español actual*. <<http://www.rae.es>> [10/1/2016].

Nos dados em (165) e (166), a relativa de núcleo nominal de *quando/cuando* é um argumento do verbo.<sup>111</sup>

- (165) a. Como *esquecer o dia quando* tudo começou [...].<sup>112</sup>  
b. O filme “O NOME DA ROSA” retrata o período quando os cristãos da época, acreditavam que alguns homens eram superiores [...].<sup>113</sup>  
c. Em segundo lugar, você tem que *saber o mês* exato quando você tem que pagar seu licenciamento [...].<sup>114</sup>  
d. *Imagine* então em um momento tão importante para a nação que é justamente o período quando escolhemos aqueles que irão nos governar.<sup>115</sup>  
e. Mas, como a gente sabe, muitas vezes no Hell's Mau Mau ficava cansado e *perdia a hora* quando precisava acordar de madrugada.<sup>116</sup>  
f. Não demorou para que o bonde, já na época dos puxados a burro, ditasse também as regularidades da vida doméstica ou funcionasse como um substituto do relógio; já se podia saber a hora quando se ouvia o chiado das rodas do carro noturno dobrando a esquina, ou quando o motorneiro tocava rotineiramente a sineta no ponto.<sup>117</sup>
- (166) a. *Recuerdo el dia cuando* fuimos a la feria con mi prima ella se tardo una tardanza que nosotros estabamos muy desesperados porque ella no se apresuraba [...].<sup>118</sup> [sic]  
b. Alguien *sabe el día cuando* publicaran la lista definitiva de admitidos??<sup>119</sup> [sic]  
c. No puedo *olvidar el día cuando* lo vi.<sup>120</sup> [sic]

<sup>111</sup> São exemplos com *que* e *onde*: (i) *Eu não lembrava a data que ele tinha entregado o trabalho./No me acordaba de la fecha en la que él había entregado el trabajo.* (ii) *Eu não conhecia o lugar onde ele tinha marcado de ir./Yo no conocía el lugar donde él había quedado.*

<sup>112</sup> Disponível em: <http://migre.me/myDv9>. Acesso em 12/10/2014. (Letra de música).

<sup>113</sup> Disponível em: <http://migre.me/myE3E>. Acesso em 12/10/2014. (Resenha publicada no site *Psicoemoções*).

<sup>114</sup> Disponível em: <http://migre.me/pmYiO>. Acesso em 12/10/2014. (Texto informativo publicado no site *O melhor trato*).

<sup>115</sup> Disponível em: <http://migre.me/myE23>. Acesso em 12/10/2014. (Apresentação publicada no site *Prezi*).

<sup>116</sup> Corpo: Corpus Brasileiro v. 2.3. Acesso em 10/1/2016.

<sup>117</sup> Corpo: Corpus Brasileiro v. 2.3. Acesso em 10/1/2016.

<sup>118</sup> Disponível em: <http://migre.me/u5zVl>. Acesso em 7/4/2015. (Apresentação publicada no site *Prezi*).

<sup>119</sup> Disponível em: <http://migre.me/rKy4H>. Acesso em 8/10/2015. (Texto publicado na *Revista Participação*).

d. Como *olvidar el día cuando* inicie con los *beats* y mi primer canción con 15.000 visitas.<sup>121</sup> [*sic*]

A relativa de núcleo nominal de *quando/cuando* também aparece como modificadora de argumento de preposição:<sup>122</sup>

- (167) a. Uma ótima opção de maquiagem *para o dia quando* você tem um tempinho a mais são os delineados duplos.<sup>123</sup>
- b. Eles não têm consideração alguma com seus clientes fieis e não vão ressarcir o valor que você paga para ter TV 24 horas e fica sem sinal *durante todo o ano quando* chove.<sup>124</sup>
- c. A primeira consideração a ser feita sobre o tema é a seguinte: é um grande engano pensar que devemos comer menos *durante o dia quando* temos uma festança à noite.<sup>125</sup>
- d. Foi *durante o período quando* ele era Prior Geral, que o Papa Nicolau IV com a bula Cum nulla (1452) concedeu o direito de os carmelitas agregarem monjas e leigos.<sup>126</sup>
- e. Um ponto fundamental é garantir proteção ao autor contra a utilização indevida de suas idéias ao longo do período que se estende *desde o instante quando* o texto adentra o processo de editoração até quando o manuscrito (inédito) alcança a etapa de efetiva publicação (ou rejeição).<sup>127</sup>

---

<sup>120</sup> Disponível em: <http://migre.me/rKyby>. Acesso em 8/10/2015. (Trecho do poema *Los gestos del héroe* de Don Joaquín Lenzina).

<sup>121</sup> Disponível em: <http://migre.me/rKydw>. Acesso em 8/10/2015. (Comentário publicado em rede social).

<sup>122</sup> Exemplos com *que* e *onde*: (i) *Várias pessoas passaram mal durante a festa que ocorreu esta madrugada. / Varias personas enfermaron/se sintieron mal durante la fiesta que ha tenido lugar esta noche.* (ii) *Voltarei para a cidade onde nasci. / Volveré a la ciudad donde nací.*

<sup>123</sup> Disponível em: <http://migre.me/rKzSC>. Acesso em 8/10/2015. (Texto informativo publicado no site *Feriado Particular*).

<sup>124</sup> Disponível em: <http://migre.me/pmY88>. Acesso em 12/10/2014. (Relato publicado no site *Reclame Aqui*).

<sup>125</sup> Disponível em: <http://migre.me/pmXQI>. Acesso em 12/10/2014. (Texto informativo publicado no site *Magnavita*).

<sup>126</sup> Corpo: Corpus Brasileiro v. 2.3. Acesso em 10/1/2016.

<sup>127</sup> Corpo: Corpus Brasileiro v. 2.3. Acesso em 10/1/2016.

- (168) a. Una buena opción es hablar por teléfono *durante el día cuando* el trabajo con los nenes disminuye o ha sido delegado.<sup>128</sup>
- b. Recomiendo entonces de tener mucho cuidado cuando se sientan en las mesas de afuera en especial *durante el verano cuando* el Barrio se llena de Turistas [...].<sup>129</sup> [sic]
- c. Es un sitio muy bonito y muy espacioso que tiene parte interior y terraza muy amplia (muy útil *para el verano cuando* hace calor).<sup>130</sup>
- d. Hermoso lugar pero estar mucho tiempo te aburre lo bueno que te ponen una pulserita para entrar y salir *durante todo el día cuando* vos quieras.<sup>131</sup> [sic]
- e. Un lugar para recomendar, para volver y para recordar *durante el año cuando* el estrés crece.<sup>132</sup> [sic]

Apesar de o português e de o espanhol apresentarem restrições à formação da relativa de núcleo nominal, conforme explicitado acima, há contextos sintáticos que favoreceriam seu aparecimento. Nos casos acima apontados *quando/cuando* satisfazem seleção argumental.

Segundo González (1994), a relativização está incluída entre os fenômenos que revelam uma *inversão assimétrica* entre o português e o espanhol. Julga-se, por exemplo, como já visto, que a presença de termo antecedente na sentença-*quando* pode gerar mais inaceitabilidade em português do que em espanhol, conforme o exemplo de Brucart e da sua versão em português brasileiro, retomados em (169):

- (169) a. Este traje lo llevaba *el día* [**cuando** se casó].

(BRUCART, 1999, p. 508)

- b. \*??Usei esse vestido *o dia* [**quando** me casei].

<sup>128</sup> REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: Banco de datos (CREA) [*La aventura de ser mamá/ Nuevo extremo* (Buenos Aires), 1999]. *Corpus de referencia del español actual*. <<http://www.rae.es>> [10/1/2016].

<sup>129</sup> Disponível em: <http://migre.me/mn7u9>. Acesso em 20/10/2014. (Comentário publicado no site *Tripadvisor*).

<sup>130</sup> Disponível em: <http://migre.me/mn7wm>. Acesso em 20/10/2014. (Comentário publicado no site *Tripadvisor*).

<sup>131</sup> Disponível em: <http://migre.me/mn6Yx>. Acesso em 20/10/2014. (Comentário publicado no site *Tripadvisor*).

<sup>132</sup> Disponível em: <http://migre.me/mn7kz>. Acesso em 20/10/2014. (Comentário publicado no site *Tripadvisor*).

González afirma que tal assimetria é consequência da presença ou ausência de formas pronominais tônicas ou átonas na expressão dos argumentos verbais. Explicando: embora as línguas apresentem exatamente as mesmas estratégias de relativização, contrastam no uso e na preferência do falante – no português evidenciam-se as relativas cortadoras e, no espanhol, as relativas resumptivas/duplicadoras. A autora relata que fenômenos concernentes a mudanças pronominais produzem certos efeitos sobre as construções relativas. Precisamente o preenchimento da categoria pronominal no espanhol e o seu apagamento no português leva cada língua a preferir uma estratégia de relativização e não outra.

As estratégias de relativização no português brasileiro e no espanhol são basicamente três (TARALLO, 1983, 1993, 2005; GONZÁLEZ; CASTALDO, 2014). Parece que as relativas de *quando/cuando* se enquadram preferencialmente na primeira estratégia.

(i) Relativa Padrão: o termo relativizado, acompanhado ou não de uma preposição.

(170) a. Este é o homem *com que* eu falei ontem.

(TARALLO, 2005, p. 74)

b. A bobagem *que* o cara disse me deixou irritado.

(PERINI, 2010, p. 189)

(171) a. Se trata de una idea *sobre la que* ayer daba vueltas.

(LOPE BLANCH, 1986, p. 123 apud GONZÁLEZ; CASTALDO, 2014, p. 84)

b. La idea *que* has expresado no es compartida por todos.

(BRUCART, 1999, p. 400)

(ii) Relativa Resumptiva ou Duplicadora (em referência ao espanhol): um pronome resumptivo ocorre na sentença relativa. Para González e Castaldo (2014), esse é o tipo de estratégia de relativização mais usado no espanhol e o mais *estigmatizado*, nas palavras deles, no português brasileiro.

(172) a. Este é o homem *que* eu falei *com ele* ontem.

(TARALLO, 2005, p. 74)

b. Me hicieron unos lentes *que* no veo absolutamente nada *con ellos*.

(GONZÁLEZ; CASTALDO, 2014, p. 85)

(iii) Relativa Cortadora ou Não Pronominal (em referência ao termo usado em espanhol): estratégia mais forte no português, ainda consoante os autores, em razão da tendência da anáfora zero. Essa forma é considerada anômala no espanhol.

(173) a. Este é o homem *que* eu falei ontem ( $\emptyset$ ).

(TARALLO, 2005, p. 74)

b. El abogado *que* hicimos el acuerdo (*con él*).

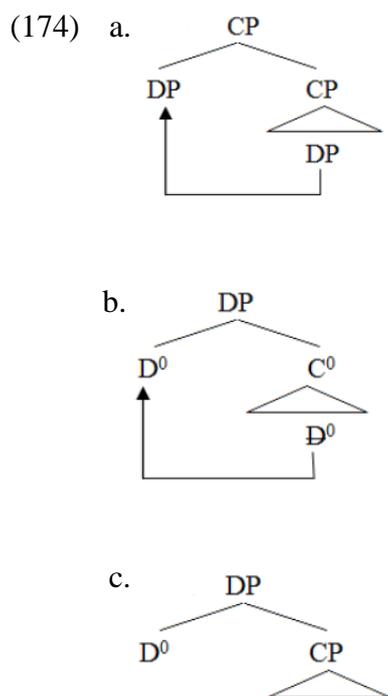
(GONZÁLEZ; CASTALDO, 2014, p. 85)

Na próxima seção, apresentamos nossa proposta de análise para as orações de *quando/cuando*, assumindo a hipótese de que o item *quando/cuando* é um advérbio relativo, que é alçado de uma posição de adjunção ao predicado (encaixado) como núcleo para uma posição externa à oração .

## 2.5 ORAÇÃO DE *QUANDO/CUANDO* COMO PROJEÇÃO DE UM NÚCLEO ADV

No que diz respeito à derivação da oração relativa livre, nossa proposta é a de que a oração-*quando/cuando* seja realizada a partir da projeção de Adv. Hipotetizamos ainda a existência de um traço *Qu-/ [+rel]* no núcleo C, uma ideia que já estava presente na proposta de Medeiros Junior (2005a, p. 72) para as RLs. O autor segue uma formulação presente em Rizzi (1991), segundo a qual o operador relativo deve estar em uma relação *Spec-head* com um núcleo que seja portador dos mesmos traços. Seguiremos nessa mesma linha, porém a presença do traço [+rel] seria uma propriedade interpretável de Adv<sup>0</sup>, tendo em vista sua relação com o traço nominal D (Cf. seção 2.2.1). Propomos que a palavra *qu- quando/cuando* é um advérbio relativo, alçado como núcleo para uma posição externa ao CP, a fim de verificar o traço *Qu-/ [+rel]* não interpretável em C.

Essa análise encontra respaldo em Donati (2006), que propõe uma análise de relativas livres, em que o elemento *qu-* se move como núcleo para verificar o traço *Qu* em C, para uma posição externa à oração em que é gerado. A configuração proposta pela autora parte do pressuposto de que a palavra *-Qu* é um categoria do tipo D, que necessariamente projeta seu traço categorial quando se move como núcleo, o que explica que seja interpretado em LF como um DP complexo, bem como a possibilidade de ocorrer em contexto compatível com a seleção de DP.<sup>133</sup> No escopo da análise, a autora propõe que a distinção entre interrogativas, relativas comuns<sup>134</sup> e relativas livres é mínima. Sobre as interrogativas, afirma que são derivadas por movimento do sintagma *Qu-*, (174)a. Nas relativas livres, tem-se movimento de núcleo, no caso, D é movido, (174)b, e nas relativas comuns D é introduzido por *merge*, (174)c.



(DONATI, 2006, p. 19)

<sup>133</sup> O estudo de Donati (2006) faz uma elaborada discussão a respeito do estatuto do movimento de núcleo no quadro teórico minimalista. A autora questiona a observação formulada em Chomsky (1995) segundo a qual o movimento de núcleo não ocorre no nível da sintaxe estreita por não promover a extensão da estrutura, o que implica dizer que movimentos do tipo V para T ou T para C, por não manifestarem efeito no nível de LF, são operações no nível de PF. Mencionando a possibilidade de que o movimento de núcleo produza extensão da estrutura, na hipótese de que o traço não interpretável de um núcleo X seja licenciado por movimento de um núcleo encaixado para uma posição raiz, como em ([Y [<sub>XP</sub> X [<sub>YP</sub>  $\bar{\chi}$ ] ]]), Donati alega que não há razão para supor que as restrições de localidade sejam sensíveis à distinção entre núcleo e projeção máxima, propondo que a quantidade mínima de *pied-piping* é um núcleo, sendo o movimento de núcleo a opção não marcada.

<sup>134</sup> A autora adota a nomenclatura *full relatives*.

Nas palavras da autora (Op. cit. p. 19):

Free relatives, full relatives, and interrogatives display minimal differences in their structure: relative clauses are characterized by the fact they are complex nominal clauses, the difference being that D is moved in free relatives and merged in full relatives; interrogatives and free relatives involve the same uninterpretable feature *wh* on C, which is checked through phrase movement in the former and through head movement in later.

A crítica a essa proposta ressalta a impossibilidade de se prever a realização das relativas como/do tipo de PP/AdvP. Esse problema é contornado em nossa análise, se assumimos que tais categorias podem satisfazer propriedades seletivas. Tendo esses fatos em perspectiva e assumindo que *quando/cuando*, e também *onde*, são advérbios relativos (temporal e locativo), conforme estudos prévios, postulamos que tais elementos manifestam um traço D (nominal), por sua ocorrência em posição argumental e por seu caráter anafórico (Cf. Teixeira (2015) para uma revisão desse debate teórico).<sup>135</sup> Na presença do traço D, *quando/cuando* satisfaz o traço *Qu-* e as exigências de relativização ([+rel]) no nível do CP encaixado. O movimento da palavra *Qu-* como núcleo, além de verificar o traço *Qu-* não interpretável em C, estende a estrutura, sendo o traço D carregado pelo núcleo Adv, que projeta seu traço categorial, gerando o sintagma AdvP. Em tal configuração, a oração de *quando* satisfaz exigência seletiva de um núcleo lexical (verbo ou preposição) ou é inserida em posição de adjunção/argumento, conforme as exigências da oração matriz.

Nesse ponto, seguindo Donati (2006), no que diz respeito à hipótese de que o termo *Qu-* move-se como núcleo, propomos que a distinção entre sentenças interrogativas e relativas livres de *quando/cuando* é a seguinte: nas relativas livres, *quando/cuando* se desloca como núcleo, verificando o traço *Qu-/rel* em C, movendo-se, em seguida, como núcleo, para uma posição acima de CP, carregando o traço D e formando um núcleo complexo, em que o traço categorial Adv projeta, dando origem a um AdvP, que inclui o traço D. Essa formulação dá conta das sentenças relativas livres de *quando/cuando*, que podem ocorrer em adjunção ao predicado da oração raiz, ou em posição argumental, (175) e (176). Nas sentenças interrogativas, *quando/cuando* se desloca como uma categoria máxima (AdvP), para o especificador de CP, não admitindo movimento a partir desse especificador, o que explica que a oração

---

<sup>135</sup> Não estamos incluindo o advérbio relativo *como*, por acharmos que seu caráter relativo requer mais estudos, mas teoricamente a análise deve se estender também a esse termo.

interrogativa de *quando/cuando* seja um CP, (177). Apresentamos as estruturas com as sentenças em português, mas o mesmo valeria para sentenças em espanhol.

(175) a. ... Ana [VP saiu] [AdvP [Adv' Adv quando<sub>i</sub> [D] [CP [C' C [<sub>Qu</sub>]/[+rel] t<sub>i</sub> [D] [IP cheguei [AdvP t<sub>i</sub> ]]]]]].

(176) a. Ana marcou a viagem [PP [P' para [AdvP [Adv' Adv quando<sub>i</sub> [D] [CP [C' C [<sub>Qu</sub>]/[+rel] t<sub>i</sub> [D] [IP era possível [AdvP t<sub>i</sub> ]]]]]]]].

b. [IP Adoro [AdvP [Adv' Adv quando<sub>i</sub> [D] [CP [C' C [<sub>Qu</sub>]/[+rel] t<sub>i</sub> [D] [IP não tem aula [AdvP t<sub>i</sub> ]]]]]]]].

(177) Carlos sabe [CP [AdvP quando<sub>i</sub>] [C' C [<sub>Qu</sub>] [IP será a prova [AdvP t<sub>i</sub> ]]]].

O traço D em Adv está relacionado ao estatuto pronominal da categoria *quando* (BOMFIM, 1988; LOBATO, 1995; TEIXEIRA, 2015). A proposta é que *quando/cuando* tem um traço *Qu-* associado a um traço D, o que o torna um elemento relativizador, que verifica o traço *Qu-/ +rel* de C, conforme dissemos. O traço D em uma categoria adverbial explica que o AdvP possa satisfazer uma seleção argumental.<sup>136</sup> Um ganho teórico é o fato de o estatuto categorial de *quando/cuando* não se modificar conforme a estrutura em que esteja. Assim, não haverá dois termos *quando/cuando* no léxico como supunha Marchesan (2008, 2012), por exemplo.<sup>137,138</sup>

Nos casos de dados como *Adiou a reunião para quando as pessoas chegassem* ou *Adiou a reunião para o momento em que estavam prontos*, a preposição *para*

<sup>136</sup> Uma consequência dessa análise é que, para ser argumento, não há a necessidade de que haja sempre uma configuração DP – uma conclusão trivial diante da existência de argumentos locativos como em: *Pôs o livro na estante*. De fato, há preposições que selecionam argumentos realizados como sintagmas adverbiais e preposicionais, como em: até às 5 da tarde; desde às margens do rio; resistiu até às últimas forças; até quando do meu retorno; trabalhou desde quando pequeno. Nessa circunstância, não haveria restrições para que *quando*, como uma categoria adverbial, seja alçado como um núcleo Adv, que projeta seu nível máximo, gerando um AdvP.

<sup>137</sup> Reformularemos essa proposta, pelo menos em certo sentido, para o *cuando* do espanhol, conforme discussão a ser apresentada no Capítulo 3.

<sup>138</sup> Uma consequência dessa análise é que um AdvP pode ocorrer em posição argumental (posição-A) (e também um PP), o que é reconhecido para estruturas do tipo de (i)a-c (Cf. LARSON, 1985; PILATI; NAVES, 2010, 2011; TEIXEIRA, 2015). Há, ainda, os casos dos verbos meteorológicos analisados como *quasi-argumentais*. Esse tipo de predicado é também analisado como existencial, o que significa que tem um argumento locativo, (i)d.

(i) a. Adoro ali (aquele lugar/ isso).  
 b. Ali/ (N)aquele lugar é bom.  
 c. Coloquei o livro ali /naquele lugar.  
 d. Brasília/ Aqui chove muito.

seleciona um argumento, e é inegável que o DP ‘o momento’ denota uma localização no tempo, assim como a oração-*quando*. Isto é, não há razão para exigir que para denotar o mesmo que o DP *o momento*, seja necessário que a oração-*quando* tenha o estatuto categorial de um DP. A ideia é que um AdvP pode ser um argumento de P – Advérbios (diferentemente das preposições) têm estatuto de pronome (e carregam um traço D). Atribuir a existência de um traço D satisfaz a operação *Agree* para os casos de contextos argumentais.

Nas relativas de núcleo nominal introduzidas por *quando/cuando*, seguimos o modelo de *Raising*, conforme propõe Kayne (1994). A derivação segue os seguintes passos: o complexo adverbial assume a forma [AdvP [Adv’ quando [NP N<sub>momento</sub>]]], ocorrendo como adjunto de VP. Dessa posição, o complexo desloca-se para SpecCP, verificando o traço *Qu-/ [+rel]* de C, seguindo-se o movimento do NP para SpecAdvP, obtendo-se a ordem final:

- (178) a. ... [IP adoro [VP t<sub>adoro</sub> [DP [D’ o [CP [AdvP [NP período]<sub>j</sub>] [Adv’ quando [t]<sub>j</sub>] [C’ C [IP ... estou de férias [AdvP]<sub>i</sub>] ]]]]]]]].
- b. ... [IP me encanta [VP t<sub>encanta</sub> [DP [D’ el [CP [AdvP [NP mes]<sub>j</sub>] [Adv’ cuando [t]<sub>j</sub>] [C’ C [IP ... estoy de vacaciones [AdvP]<sub>i</sub>] ]]]]]]]].
- c. ... [IP saiu [VP t<sub>saiu</sub>] [PP em [DP [D’ o [CP [AdvP [NP momento]<sub>j</sub>] [Adv’ quando [t]<sub>j</sub>] [IP cheguei [AdvP t]<sub>i</sub>] ]]]]]]]].

Constatamos que português e espanhol apresentam as mesmas estruturas diante da formação de sentenças relativas, incluindo as de núcleo nominal. Concluimos, portanto, que não há diferença tipológica substancial entre português e espanhol no que se refere à formação de sentenças relativas de *quando/cuando* com/sem antecedente. Apesar disso, as línguas apresentam particularidades e restrições para a formação das relativas de núcleo nominal, que podem ser explicadas no nível nanoparamétrico. Conforme propõe Roberts (2012, 2014), o contraste nesse nível é associado a escolhas que afetam itens lexicais. Assim, é possível que a distinção entre as línguas se resolva a partir de implicações associadas ao próprio fenômeno, como restrições contextuais.

## 2.6 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Este capítulo abordou o tratamento que é dado a *quando/cuando* como um termo relativizador em português e em espanhol. Os principais problemas de pesquisa pautavam-se no caráter relativizador do termo e no fato de que o espanhol é formador tanto da sentença relativa livre, RL, quanto da sentença relativa de núcleo nominal, RNN. Diferentemente, essa unanimidade não é encontrada nos estudos das orações de *quando* em português. Em um primeiro momento, os dados disponíveis barravam a presença de um elemento nominal antecedendo *quando*. No entanto, outros estudos indicam a possibilidade de que a oração relativa de *quando* com núcleo nominal seja encontrada no português.

Móia (1992, 2001) trouxe dados do português europeu e abriu a discussão para uma abordagem de *quando* como termo relativo neste trabalho. Segundo ele, *quando* deve ser tratado como um conectivo relativizador. Para comprovar essa tese, o autor apresenta diversos testes. Mas chega à conclusão de que o termo se apresenta somente em contextos de relativas livres. A formação da relativa de núcleo nominal estaria sumariamente restrita.

Medeiros Junior (2005a, 2009, 2014) trabalha com a hipótese de que a oração de *quando* compreende a incorporação dos núcleos C e D para os casos em que é argumento e dos núcleos C, D e P para os casos em que é adjunto, recorrendo à unidade morfológica de que *quando* seria composto.

Marchesan (2008, 2012) e Marchesan e Miotto (2014) admitem que *quando* forma RLs e RNNs, embora mencionem ressalvas sobre a possibilidade de ocorrência dessas últimas e o fato de haver relativas com núcleo nominal implícito. Marchesan concluiu que *quando* entra na derivação como um DP ou como um AdvP, abandonando o pressuposto de que a relativa esteja em uma configuração PP. Aponta como vantagem deixar de propor a projeção de uma categoria P abstrata/nula (Cf. (64)). Apesar disso, ainda mantém a estipulação de um D nulo (Cf. (61)).

Valer (2008) apresenta as distinções entre relativas livres e relativas de núcleo nominal, além de trazer um estudo quantitativo para estas últimas. Segundo ela, orações-*quando* aparecem apenas em relativas padrão, mas não se detém na análise da derivação dessas sentenças.

Como vimos, as propostas presentes na literatura concordam quanto a uma configuração de relativização por alçamento de *quando*, mas oscilam entre tratá-lo como PP (com incorporação de núcleo), AdvP e DP.

Nos trabalhos do espanhol, existem duas questões relevantes que apontam para possibilidades alternativas de analisar a oração de *cuando*: são sentenças adjetivas para alguns e sentenças adverbiais para outros. Alarcos Llorach (1994), Alcina e Blecua (1998) e Matte Bon (2013) ressaltam que sentenças relativas de núcleo nominal envolvendo *cuando* estariam ocorrendo muito mais em contexto de sentenças explicativas do que em restritivas. Isso em razão do avanço do uso de *que*.

Com objetivo de prover uma análise que leva em conta a relativização de *quando*, apresentamos testes para diferenciar sentenças relativas livres de sentenças interrogativas indiretas, o que mostrou uma distinção entre os dois tipos de sentenças.

Sobre as RNNs, que iniciaram a discussão deste capítulo, verificamos, a partir dos dados coletados, os contextos sintáticos favorecedores do aparecimento do núcleo nominal. Inicialmente, os dados eram esparsos e não sustentavam a afirmação de que o termo *quando* podia ser visto como relativizador com núcleo nominal. No entanto, a base de dados foi ampliada com o acesso a novas fontes de consulta (escrita/internet) e ficou evidente que a relativa de *quando* com o núcleo nominal é possível no português brasileiro.

Decidimos pela caracterização de *quando/cuando* como um núcleo relativizador, que ocorre em posição argumental, posição de adjunção e com termo antecedente. Finalmente, concluímos que não há diferença tipológica entre *quando* e *cuando* em relação à construção de sentenças RLs e RNNs, embora haja certas especificidades a serem respeitadas na formação dessas últimas. Cabe ressaltar a esse respeito o trabalho de González e Castaldo (2014), que incluem as sentenças relativas no rol de assimetrias entre português e espanhol. Vimos que entre as estratégias de relativização, as línguas se diferenciam em virtude de o PB preferir as cortadoras e o ES, as duplicadoras.

Uma última questão a ser ponderada é que os advérbios relativos *quando/cuando*, *onde/donde* e *como/como* devem compor uma classe uniforme uma vez que expressariam as mesmas propriedades. Apesar de aqui termos discutido somente *quando/cuando*, os autores, em geral, analisam os termos como semelhantes sintática e semanticamente, o que consideramos válido.

O próximo capítulo trata do possível caráter preposicional de *quando/cuando* para os casos em que é seguido de sintagma nominal/adjetivo.



## CAPÍTULO 3

---

### TIPOLOGIA DAS ORAÇÕES-*QUANDO/CUANDO*: SINTAGMAS PREPOSICIONAIS VS. ADVERBIAIS

#### 3.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo, discutimos construções de *quando/cuando* em contexto em que introduz um sintagma nominal/adjetivo em português e em espanhol, respectivamente em (179) e (180):

- (179) a. Paolla Oliveira confessa que **quando menina** se perguntava como os atores conseguiam fazer novela e se eles se beijavam de verdade em cena.<sup>139</sup>  
b. Morre mulher que, **quando criança**, se recusou a cumprimentar o presidente Figueiredo.<sup>140</sup>  
c. Você tinha alguma coisa que você sempre esquecia **quando criança**?<sup>141</sup>  
d. Sofri muito com otite **quando criança**?<sup>142</sup>  
e. “Quem não pensa que é sério **quando jovem**? **Quando jovem**, eu pensava dirigir uma peça para mudar o mundo [...]”.<sup>143</sup>
- (180) a. ¿Qué tan adicta a las Barbies eras **cuando niña**?<sup>144</sup>  
b. **Cuando niño** yo tenía un ejército de hormigas [...].<sup>145</sup>

---

<sup>139</sup> Disponível em: <http://migre.me/rZTsk>. Acesso em 2/11/2015. (Notícia publicada no site *Pure people*).

<sup>140</sup> Disponível em: <http://migre.me/rZTqT>. Acesso em 2/11/2015. (Notícia publicada no site *Uai* na coluna *Política*).

<sup>141</sup> Dado de fala.

<sup>142</sup> Dado de fala.

<sup>143</sup> Disponível em: <http://bit.ly/1VnAQX0>. Acesso em 26/1/2016. (Citação de Antonio Abujamra publicada no site *Fullbright*).

<sup>144</sup> Disponível em: <http://migre.me/sbir0>. Acesso em 21/11/2015. (Título de texto publicado no site *BuzzFeed*).

<sup>145</sup> Disponível em: <http://migre.me/rZTCh>. Acesso em 2/11/2015. (Letra da música *Cuando niño* de Fernando Ubierto).

- c. **Cuando las lluvias**, yo estaba preocupado porque las casas coloniales se podían caer, y esa cárcel tiene 1.500 seres humanos allí [...] <sup>146</sup>
- d. Aquí te presentamos 9 razones para viajar **cuando joven**. <sup>147</sup>

Destacamos a ocorrência de três tipos de sintagmas que seguem *quando/cuando* nessas estruturas: sintagmas nominais do tipo de *estreia, guerra, chuva, estreno, lluvia*; sintagmas nominais do tipo de *menino, criança, niño, chico* e sintagmas adjetivais do tipo de *velho, jovem, joven*, etc. Cabe destacar que o português distingue-se do espanhol ao exigir a preposição *de* diante de sintagmas nominais como em *quando da guerra/cuando la guerra*, uma questão relevante para o desenvolvimento de nossa análise.

De acordo com Alcina e Blecua (1998), esse uso de *cuando* é comum no espanhol falado na América e em algumas regiões da Galiza, Leão e Basconia. Brucart (1999) relaciona o fenômeno ao espanhol de algumas partes da Espanha e da América. Tanto o *Corpus diacrónico del español* (CORDE) <sup>148</sup> quanto o *Corpus de referencia del español actual* (CREA) <sup>149</sup> mostram que, entre os países falantes da língua espanhola, o maior número de dados desse tipo é encontrado na Espanha em contextos de prosa narrativa/ficção. Alguns informantes mencionaram o fato de que essa estrutura de *cuando* pode estar caindo em desuso na língua entre falantes mais jovens. Apesar disso, encontramos um grande número de dados, que serão expostos no decorrer do capítulo. No PB, encontramos dados desse tipo em fontes orais e escritas.

Gallego (2011) propõe que essas estruturas, no espanhol, se caracterizam pela presença de um sintagma nominal ou um sintagma adjetivo e pela elisão do verbo. Em sua análise, discute o estatuto categorial do item *cuando* considerando o debate na literatura, formulado por autores como Brucart (1999) e Bosque (1989).

De acordo com Gallego ainda, sentenças-*cuando* seguidas de um SN/SAdj não são comuns em muitas línguas. Não ocorrem no inglês com nomes propriamente (*\*When boy/teacher/ Quando garoto/professor*), mas são possíveis com adjetivos

---

<sup>146</sup> Disponível em: <http://migre.me/s8YAK>. Acesso em 17/11/2015. (Reportagem publicada no site *Diario Vérsión Final*).

<sup>147</sup> Disponível em: <http://migre.me/u5LwS>. Acesso em 26/1/2016. (Texto publicado no site *Índices Regionales*).

<sup>148</sup> REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: Banco de datos (CORDE). *Corpus diacrónico del español*. <<http://www.rae.es>>. Acesso em 2/11/2015.

<sup>149</sup> REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: Banco de datos (CREA). *Corpus de referencia del español actual*. <<http://www.rae.es>>. Acesso em 2/11/2015.

(*When drunk/ready/ Quando bêbado/pronto*).<sup>150</sup> Conforme demonstram os dados em (179) e (180), o português alinha-se com o espanhol, uma vez que admite a oração de *quando* tanto com sintagmas nominais quanto com sintagmas adjetivos. No entanto, existem diferenças a serem abordadas neste capítulo, com implicações relevantes para a discussão teórica que propomos nesta tese.

O capítulo se estrutura como a seguir: Na seção 3.2.1, apresentamos trabalhos do espanhol que discutiram essas construções. Não encontramos pesquisas em português que fizessem referência a esse fenômeno, porquanto o analisaremos a partir de dados coletados (seção 3.2.2). Nas seções 3.3 e 3.4, apresentamos propriedades de *quando/cuando* aplicando testes propostos por Fernández (2000) principalmente. A seção 3.5 propõe uma análise das construções de *quando/cuando* que introduziram o capítulo, considerando proposta de Lobato para a distinção entre sintagmas adverbiais e sintagmas preposicionais. A seção 3.6 traz algumas questões remanescentes. Por fim, na seção 3.7, a síntese do que aqui se discutiu.

## **3.2 QUANDO/CUANDO SEGUIDO DE SINTAGMA NOMINAL/ADJETIVO**

### **3.2.1 ESPANHOL**

Alarcos Llorach (1994) ressalta que o advérbio relativo *cuando* pode aparecer em construções em que ocorre a supressão do verbo, (181), e que esse uso é análogo ao de preposições, como em *De chica/De niño*.

- (181) a. Despreciaba las buenas proporciones y [**cuando** chica] comía tierra (=cuando era chica).  
b. [**Cuando** niño] el muchachito pasaba diariamente al piso (=cuando era niño).

(ALARCOS LLORACH, 1994, pp. 102-103)

---

<sup>150</sup> Esse estatuto preposicional não foi mencionado para o inglês por Declerck (1997). Nessa língua, utiliza-se a conjunção/preposição *as* (*As a boy, I played outside*) ou a estrutura com o verbo realizado (*When I was a boy, I played outside*) para realizar estrutura semelhante a essas do português e do espanhol.

Também destaca que nem sempre é fácil suprir/resgatar o verbo supostamente elidido. Nos casos abaixo, o restabelecimento do verbo é considerado arbitrário. Nos dados em (182), não se pode definir exatamente quais foram os verbos suprimidos (Cf. discussão proposta por Fernández (2000) a seguir):

- (182) a. Una tarde nos contó [**cuando** la primera república].  
b. Hizo dinero con la maquila en la posguerra, [**cuando** los años de hambre].

(ALARCOS LLORACH, 1994, pp. 102-103)

Para Alcina e Blecua (1998), interpreta-se como de uso prepositivo o *cuando* seguido de um nome (*cuando muchacho*). Nesses casos, afirmam, podemos pensar que houve a elipse de verbos como *ser* e *estar*. Enfatizam, ainda, que o uso prepositivo de *cuando* parece evidente uma vez que nesse contexto específico tem sentido de *al tiempo de*, *en el tiempo de*. Nas palavras dos autores, “a ligação entre ‘cuando’ e o termo que introduz é tão estreita que se pode considerá-lo muitas vezes como intercambiável com ‘de’” (Op. cit., pp. 1111-1112, tradução nossa).<sup>151</sup>

- (183) a. La corte, que **cuando el desafío**, estaba, como ahora, en San Ildefonso, esparaba con ânsia las resultas de este negocio.

(Jovellanos)

- b. Traigo esto a propósito de que **cuando joven**, era yo más severo en mis censuras que ahora.

(J. Valera, *Las ilusiones del doctor Faustino*, p. 6)

- c. Allí vacilo un poco, porque seguía profesando a aquella habitación el mismo respeto que **cuando niño**.

(Palacio Valdés, *Riverita*, p. 113)

(ALCINA; BLECUA, 2008, p. 1112)

Alcina e Blecua complementam dizendo que esse fenômeno sintático se estende a *donde* e a *como*.

---

<sup>151</sup> Tradução livre de: *La cohesión entre ‘cuando’ y el término que introduce es tan estrecha que se ha podido considerar como intercambiable muchas veces por ‘de’*.

Conforme Brucart (1999), *cuando* pode formar, em seus termos, um constituinte infraoracional se diante de um SN ou um SA:

- (184) a. **Cuando la guerra**, el número de oficiales en el ejército era de quince mil.  
b. **Cuando joven**, prefería jugar al tenis.

(BRUCART, 1999, p. 511)

O autor explica que, diferentemente do que acontece com *donde*, cujo uso nesse contexto tem caráter dialetal e próprio de registros coloquiais, as estruturas em (184) pertencem ao registro culto da língua apesar do uso também ocorrer no espanhol falado. Brucart afirma que nos casos de *cuando joven* pode-se supor um verbo elíptico (*cuando era joven*) e que o constituinte encabeçado por *cuando* tem denotação oracional. Por outro lado, a atribuição dessa mesma análise aos casos de *cuando la guerra* parece mais problemática, posto que não parece simples apenas admitir que existe um predicado implícito. Isso fez com que se assumisse uma proposta em que *cuando* é considerada uma preposição como *durante*. Por fim, diz que não é conveniente atribuir a existência de duas categorias homófonas para *cuando*, uma preposicional e outra adverbial. O autor sugere que, dadas as propriedades adverbiais (relativas) do termo, deve-se seguir com essa análise também para esses casos aqui tratados. Na nossa análise, como se verá, refutamos essa visão.

Moliner (2007) igualmente ressalta que, na linguagem informal, o verbo da oração de *cuando* pode ficar elíptico e em todos os casos em que isso ocorre pode ser substituído por uma preposição.

- (185) a. Eso me pasó **cuando niño**. [de niño]  
b. Nos conocimos **cuando la guerra**. [durante la guerra]  
c. Eso son historias de **cuando los moros**. [del tiempo de los moros]

(MOLINER, 2007)

Importante mencionar que, se temos um sintagma do tipo de *niño/joven*, a preposição aparente é *de*. Não obstante, para sintagmas do tipo de *guerra/moros*, a preposição pode variar, conforme observamos em (185)b/c acima.

Seguindo estudos anteriores, Torrego (2011) afirma que os advérbios *donde*, *como* e *cuando* atuam como preposições ao introduzirem substantivos ou adjetivos. O autor denomina os termos de advérbios conjuntivos em uso preposicional:<sup>152</sup>

- (186) a. [**Cuando** la guerra], se vivía mal.  
b. Voy [**donde** tu amigo].  
c. Trabaja [**como** camarero].  
d. Me tienen [**como** tonto] / **por** tonto.

(TORREGO, 2011, p. 221)

O autor também menciona certas construções que, para ele, são uma espécie de predicação secundária – e não orações formalmente – senão grupos ou construções preposicionais que expressam temporalidade:

- (187) a. [**De** mayor], seré arquitecto.  
b. [**Desde** niño], me gustó el cine.

(TORREGO, 2011, p. 351)

Parece-nos que preposições como *de*, assim como *cuando*, introduzem domínio temporal, talvez por isso a relação entre os termos nessas construções.

Milani (2011) destacou que a construção de *cuando* seguido de sintagma nominal tem o verbo elidido e observa que seriam, precisamente, verbos como *ser*, *suced*, *tener lugar*. O conjunto *cuando niña*, em (188)a, é parafraseável por *cuando era niña* e o conjunto *cuando las lluvias fuertes*, em (188)b, é parafraseável por *cuando sucedieron las lluvias fuertes*. No entanto, vale convencionar que para este último caso, com sintagmas do tipo de *lluvias fuertes*, nem sempre é possível supor o verbo elidido, conforme ressaltou Alarcos Llorach (1994) no dado em (182).

---

<sup>152</sup> A tradução de sentenças com *donde* para o português parece menos óbvia. Nesses casos, o significado de lugar é observado na estrutura com o verbo: (i) *Vou onde mora/está seu amigo*. No entanto, em alguns dialetos do PB, essa estrutura é possível: (ii) *Vou onde meu amigo/meus pais* (conforme Heloisa Salles em c. p.). A sentença com *como* também pode ocorrer no português. Analisando sua denotação, concluímos que ela ocorre nos seguintes termos: enquanto (186)c traz uma denotação comparativa, sem manifestar uma estrutura oracional implícita (*trabalha como camareiro* (\**trabalha*)), (186)d não parece introduzir denotação comparativa, ocorrendo como um introdutor do núcleo adjetival predicativo, o que explica provavelmente a possibilidade de alternar a preposição (*Me tomam por louco/?como louco*).

- (188) a. [**Cuando** niña], me encantaba leer las historias de Monteiro Lobato.  
b. [**Cuando** las lluvias fuertes], se echaron a perder las cosechas.

(MILANI, 2011, p. 328)

O autor ressalta que *cuando* pode ser substituído pela preposição *de* em alguns casos, como já previsto:

- (189) a. [**De** niña], me encantaba leer las historias de Monteiro Lobato.  
b. [**De** joven], mi papá era muy guapo.

(MILANI, 2011, p. 328)

Milani se diferencia dos demais por tentar prever quais verbos podem ser elididos, mas parece que não apenas aqueles citados por ele podem sofrer elisão, mas uma variedade de verbos nos casos de sintagmas nominais do tipo de *guerra/lluvia*. Ainda retomaremos essa questão.

Gallego (2011) traz um estudo sobre o elemento *cuando* do espanhol em que questiona seu estatuto sintático. Segundo o autor, a literatura é divergente entre tratá-lo como preposição ou advérbio relativo. Sua análise parte dos pares de sentenças abaixo, que, embora encabeçados pelo item *cuando*, têm, por hipótese, uma natureza sintática distinta: (190) introduz constituinte oracional, enquanto (191) possui um *cuando* seguido de constituinte não oracional.

- (190) a. Avísame [**cuando** te hayas ido].  
b. Habla con Juan [**cuando** estés preparado].

- (191) a. Hubo grandes críticas [**cuando** el estreno de su obra].  
b. Nadie confió en nosotros [**cuando** la transición].

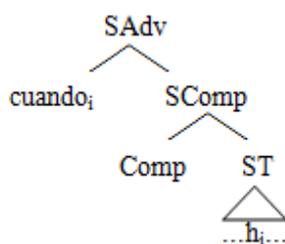
(GALLEGO, 2011, p. 9)

Gallego defende que, para os casos de *cuando el estreno*, *cuando la transición* ou *cuando joven*, o item *cuando* é uma espécie de preposição (enquanto em *cuando vengas* não o é). Ainda que uma análise unificada para (190) e (191) seja preferível conceitualmente, o autor sugere que essa opção não é a mais adequada para a partícula *cuando*. Assim, propõe que o item *cuando* que aparece em *cuando joven* e *cuando la*

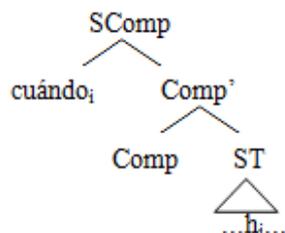
*guerra* é uma espécie de preposição. Por outro lado, em *cuando vengas*, não terá essa classificação. O autor defende que existem dois tipos distintos de *cuando* no léxico espanhol, um *cuando* que introduz sentenças não oracionais e variante da preposição *de*, e um *cuando* advérbio relativo. Na verdade, diz que essa mesma consideração poderia ser feita a *donde* e a *como*, uma vez que tais termos igualmente ocorrem seguidos de um sintagma nominal, além de serem advérbios relativos (Cf. próximas seções).

Segundo o autor ainda, o movimento de *cuando* (relativo) é um caso de movimento de núcleo que dá lugar a um SAdv (ou SP), (192), enquanto o movimento de *cuando* (interrogativo ou exclamativo) é um caso de movimento de sintagma que dá lugar a um SComp, (193). Nesse aspecto, a proposta de Gallego (2011) adota a análise de Donati (2006), embora não discuta amplamente os desdobramentos.<sup>153</sup>

(192) Movimento de núcleo



(193) Movimento de sintagma (interrogativa indireta)



(GALLEGO, 2011, p. 14)

Assim sendo, Gallego (2011) conclui que em sentenças oracionais e não-oracionais, *cuando* é um AdvP e um SP, respectivamente.

Matte Bon (2013) afirma que existe uma série de operadores gramaticais que permitem relacionar dois acontecimentos do ponto de vista temporal. Para apresentar um evento como contemporâneo de outro, diz que a forma mais neutra de que dispõe o enunciador em espanhol é o uso de *cuando*. As sentenças com a estrutura *cuando* + SN

<sup>153</sup> Remetemos o leitor ao Capítulo 2, em que a proposta de Donati (2006) é parcialmente adotada para os contextos de *quando/cuando* em estruturas oracionais.

estão incluídas nessa noção. Segundo o autor, *cuando* pode introduzir tanto um verbo, (194)a/b, como um substantivo, (194)c, ou um adjetivo, (194)d, sendo que nestes últimos o termo nominal se refere a um período no tempo: *niño, pequeño, joven, viejo, la guerra, las vacaciones*, etc.

- (194) a. [**Cuando** vivía] en París, siempre iba en metro, porque era mucho más cómodo. Pero aquí...
- b. Te llamo esta noche, [**cuando** termine].
- c. Yo, [**cuando** la guerra], era muy pequeño.
- d. [**Cuando** niño], los domingos siempre salía con mis padres. Ahora, en cambio...

(MATTE BON, 2013, p. 193)

No espanhol, conforme relata o autor, essas construções também ocorrem em frases feitas, (195), e aparecem largamente em obras literárias, (196).<sup>154</sup>

- (195) a. [**Cuando** joven], de ilusiones; [**cuando** viejo], de recuerdos.
- b. Para casarte, [**cuando** joven] es temprano y [**cuando** viejo], tarde.
- (provérbios)

- (196) a. ¡Oh, no! ¿por quién me has tomado? Esta poetisa con tres pares de senos, aunque tenga sus atractivos, no despierta mis apetitos. Quizá, [**cuando** joven...] No, no, nada de eso.

(*Corazón de arpía*, Francisco Nieva, 1989)

- b. Interesado en el monaquismo egipcio, Epifanio vivió una temporada en Alejandría, [**cuando** joven], hacia 335. Allí conoció a [...]

(*Sombras de arte*, Octavio Paz, 1983)

- c. ¿Por qué recuerdo aquello, Brunettino, como si estuviera allí [**cuando** joven]?

(*La sonrisa etrusca*, José Luis Sampedro, 1985)

---

<sup>154</sup> Esses dados foram coletados por nós.

d. ¿Cuántas veces la canté [**cuando** joven]? Siempre había querido tenerla y no pude.

(*El cartero de Neruda*, Antonio Skármeta, 1986)

Conforme os autores apresentados, *cuando* seguido de sintagma nominal/adjetivo corresponde a uma preposição, e projeta um SP. Essa análise se deve, sobretudo, a essa estrutura ocorrer no mesmo ambiente da preposição *de*. A seguir, discutimos os dados do português brasileiro, comparando-os com os do espanhol.

### 3.2.2 PORTUGUÊS BRASILEIRO

Os dados no português brasileiro mostram contrastes com os dados do espanhol em relação às estruturas em que *quando* introduz categoria não oracional. Descritivamente, as sentenças são boas apenas se temos um sintagma nominal do tipo que aparece nas sentenças em (197) ou um sintagma adjetivo, como (198). Conforme será argumentado a seguir, vamos incluir esses dois tipos de sintagmas em um único grupo, o dos sintagmas adjetivais:

- (197) a. A verdade? Eu passei um tempo aqui [**quando garoto**].<sup>155</sup>  
b. [**Quando garoto**], Neymar quase foi parar no Real Madrid.<sup>156</sup>  
c. É gratificante ele dar um presente que ele não teve [**quando criança**].<sup>157</sup>  
d. Ele só havia entrado no mar [**quando criança**].<sup>158</sup>  
e. [...] muito concentrada, sempre incrivelmente contida, mesmo [**quando criança**].<sup>159</sup>  
f. Você era engraçado [**quando criança**]?! *Were you funny as a child?*<sup>160</sup>  
g. Ele só havia entrado no mar [**quando criança**].<sup>161</sup>  
h. Você vendeu fogos de artifício [**quando criança**]?<sup>162</sup>

<sup>155</sup> Dado de fala.

<sup>156</sup> Disponível em: <http://migre.me/sglLX>. Acesso em 30/11/15. (Texto publicado no site *Uol no Blog do Neto*).

<sup>157</sup> Dado de fala.

<sup>158</sup> Dado de fala.

<sup>159</sup> FLYRNN, G. *Garota Exemplar*. Trad. Alexandre Martins. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013, p. 351.

<sup>160</sup> Dado de fala. Tradução de entrevista. *The Ellen DeGeneres Show*. Exibido em 18/09/14.

<sup>161</sup> Dado de fala.

- i. [**Quando criança**], eu queria ser a Carla Perez.<sup>163</sup>
- j. Brasileira que foi empregada [**quando criança**] em Londres lidera empresa social em Londres.<sup>164</sup>
- k. Você tinha alguma coisa que você sempre esquecia [**quando criança**]?<sup>165</sup>
- l. [**Quando adolescente**], Tavinho (para os íntimos) morou com parentes por quase um ano no Rio de Janeiro, onde ainda hoje tem uma irmã.<sup>166</sup>
- m. É um jogo ritual que fazíamos [**quando adolescentes**].<sup>167</sup>
- n. Como você era [**quando adolescente**]?<sup>168</sup>
- o. Prestes a se juntar ao serviço militar israelense, Joseph descobre que foi trocado [**quando bebê**].<sup>169</sup>
- p. Já sofri por amor, já tive problemas de adulto [**quando menino**], e consegui resolvê-los da melhor forma e, às vezes, da pior.<sup>170</sup>
- q. [**Quando menino**], eu era extremamente magro.<sup>171</sup>
- r. Domingos Montagner diz que já fez muita greve [**quando professor**].<sup>172</sup>
- s. Segundo relatos, Nick Haley ganhou o seu primeiro Macintosh aos três anos. Não é de se estranhar que, [**quando adulto**], tenha virado um fã da marca.<sup>173</sup>
- t. Aquelas pessoas que são mais oprimidas em sua infância provavelmente terão mais dificuldade em falar “não” [**quando adultas**].<sup>174</sup>
- u. Além disso, passou por uma importante reforma em 1978, durante a gestão do Prefeito Aires de Moura que havia sido, [**quando estudante**], diretor daquela moradia estudantil.<sup>175</sup>

---

<sup>162</sup> Dado de fala.

<sup>163</sup> Dado de fala.

<sup>164</sup> Disponível em: <http://migre.me/s46qO>. Acesso em 9/11/2015. (Título de texto publicado no site *BBC Brasil*).

<sup>165</sup> Dado de fala.

<sup>166</sup> Disponível em: <http://migre.me/o3Ahz>. Acesso em 10/01/2015. (Notícia publicada no site da *Veja*).

<sup>167</sup> FLYRNN, G. *Garota Exemplar*. Trad. Alexandre Martins. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013, p. 13.

<sup>168</sup> Dado de fala.

<sup>169</sup> Sinopse do filme *O filho do outro* (2012). Canal TCL 66 – 17/9/14.

<sup>170</sup> Disponível em: <http://migre.me/ILXOp>. Acesso em 17/09/2014. (Texto publicado no site *UOL*).

<sup>171</sup> PEALE, N. V. *O poder do pensamento positivo*. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 14.

<sup>172</sup> Disponível em: <http://migre.me/ILWny>. Acesso em 17/09/2014. (Reportagem do site *Extra*).

<sup>173</sup> MATTOS, T. *Vai lá e faz*. São Paulo: Perestroika, 2015.

<sup>174</sup> Disponível em: <http://bit.ly/1UkZ3gg>. Acesso em 24/1/2016. (Texto publicado em Blog).

- v. Greve! Simples assim... Pouca vergonha é o que eu acho. Passei por uma greve [**quando estudante**], é simplesmente ridículo!<sup>176</sup> [*sic*]
- x. Um médico já formado pode responder a processo judicial por atividades [**quando estudante**]?<sup>177</sup>
- y. É muito curiosa essa intenção, já que, [**quando prefeito**], ele renegociou contratos com as empresas [...].<sup>178</sup>

- (198) a. [**Quando jovem**], nunca embarquei em uma jornada para ganhar dinheiro.<sup>179</sup>
- b. George Bernard Shaw, por exemplo, tece sucesso comercial [**quando jovem**] [...].<sup>180</sup>
- c. Eles namoravam [**quando novos**].<sup>181</sup>
- d. Isso é você [**quando jovem**].<sup>182</sup>
- e. Eu prefiro as loiras, sou morena, ja fui loira e sei bem do sucesso que eu fazia [**quando loira**].<sup>183</sup> [*sic*]
- f. 7 lições que os milionários gostariam de ter aprendido [**quando jovens**].<sup>184</sup>
- g. Parece a Christina Aguilera [**quando morena**].<sup>185</sup>
- h. Ela adorava as aulas de arte que assistia [**quando pequena**].<sup>186</sup>
- i. “Mentira que, [**quando pobre**], eu vivia só de favores! Eu vivia também de sonhos... Todos realizados!”<sup>187</sup>
- j. Ele já tem antecedentes [**quando menor**] por roubo e [**quando maior**] por receptação.<sup>188</sup>

<sup>175</sup> Disponível em: <http://migre.me/s5q4o>. Acesso em 11/11/15. (Texto publicado no site *Wikipedia*).

<sup>176</sup> Disponível em: <http://migre.me/s5q7p>. Acesso em 11/11/15. (Notícia publicada no site *Zero Hora*).

<sup>177</sup> Disponível em: <http://migre.me/s5q9L>. Acesso em 11/11/15. (texto informativo publicado no site *Crepepe*).

<sup>178</sup> Disponível em: <http://bit.ly/1r0htu1>. Acesso em 20/04/16. (Texto publicado no site *Rede Brasil Atual*).

<sup>179</sup> GEROMEL, R. *Bilionários*. São Paulo: Leya, 2014, p. 194.

<sup>180</sup> JAROW, R. *Criando o trabalho que você ama*. Rio de Janeiro: Mauad X/Inverde, 2014, p. 129.

<sup>181</sup> Dado de fala.

<sup>182</sup> Dado de fala.

<sup>183</sup> Disponível em: <http://migre.me/ILWvc>. Acesso em 17/09/2014. (Comentário publicado no site *Adriane Boneck*).

<sup>184</sup> Disponível em: <http://migre.me/ILWMH>. Acesso em 11/09/14. (Texto publicado no site *Pequenas empresas e grandes negócios*).

<sup>185</sup> Dado de fala.

<sup>186</sup> BUFFET, P. *A vida é o que você faz dela*. Rio de Janeiro: Bestseller, 2011, p. 221.

<sup>187</sup> Disponível em: <http://migre.me/s5qf9>. Acesso em 11/11/15. (Citação publicada do site *Pensador do UOL*).

<sup>188</sup> Dado de fala.

No entanto, os sintagmas nominais *estreia* e *guerra* que seguem *quando* em (199) formam sentenças agramaticais, diferentemente do espanhol:

- (199) a. \*Houve muitas críticas **quando a estreia** da sua peça.  
b. \***Quando a guerra** do Iraque, milhões de inocentes morreram.

Dados desse tipo no português brasileiro requerem um sintagma verbal realizado, (200)a/b; um sintagma adverbial/preposicional, (201)a/b; ou *quando* seguido da preposição *de*, (202)a/b:

- (200) a. Houve muitas críticas [**quando** sua peça **estреou**].  
b. [**Quando houve** a guerra no Iraque], milhões de inocentes morreram.
- (201) a. [**Na guerra** do Iraque], milhões de inocentes morreram.  
b. [**Na estreia** da sua peça], houve muitas críticas.
- (202) a. Houve muitas críticas [**quando da** estreia da sua peça].  
b. [**Quando da** guerra no Iraque], milhões de inocentes morreram.

No espanhol, a ocorrência dos três tipos de sintagmas é possível:

- (203) a. **Cuando niño**, jugaba la pelota.  
b. **Cuando joven**, iba mucho al cine.  
c. **Cuando la guerra**, los españoles lucharon mucho.

Os dados do espanhol também podem ocorrer com o sintagma verbal ou adverbial, conforme (204), mas não com *cuando* seguido da preposição *de*, como em (205).

- (204) a. [**Cuando estrenó** su obra], hubo muchas críticas.  
b. [**En el estreno** de su obra], hubo muchas críticas.
- (205) a. \*[**Cuando de** la guerra], los españoles lucharon mucho.  
b. \*Hubo grandes críticas [**cuando del** estreno] de su obra.

A construção [*quando* + *de* + sintagma nominal] é a produtiva no português brasileiro, conforme ilustrado em (206). Em tais casos, essas sentenças, que remetem a um episódio, precisam da inserção da preposição *de* para serem possíveis na língua. Sem a preposição, as sentenças são agramaticais, como já destacado. Curiosamente, ocorre o inverso em espanhol, ou seja, os dados rejeitam a presença da preposição, (205). Isso pode ser um argumento para se postular o caráter preposicional de *cuando* no espanhol, mas, ao contrário, seria evidência para não se atribuir o mesmo estatuto para *quando* no português brasileiro. Voltaremos a essa discussão:

- (206) a. O Ministério Público Federal entrega nesta segunda-feira (20), aos dois candidatos ao Governo do Rio Grande do Norte, documento contendo orientações sobre algumas cautelas a serem observadas por aquele que for eleito, [**quando da transição**] de governo.<sup>189</sup>
- b. Supremo Tribunal Federal ratifica necessidade de processo administrativo [**quando da revisão**] de benefício concedido a servidor.<sup>190</sup>
- c. [...] a circunstância de o paciente estar de folga [**quando dos acontecimentos**] narrados na denúncia.<sup>191</sup>
- d. Aproveitamos esta oportunidade para lembrar, que tem coisas que não podemos prever, por isso [**quando da renovação**] do seu seguro, não deixe de garantir também a proteção para sua residência a partir de R\$ 0,60 por dia.<sup>192</sup>
- e. “[**Quando da renovação**], o corretor precisa saber se algo mudou e, em caso positivo, fazer a alteração.”<sup>193</sup>

Os falantes julgaram marginais/agramaticais sintagmas do tipo de *menino* e *jovem* com a inserção da preposição *de*, (207). Apesar disso, encontramos dois dados de escrita formal (eclesiástica) em português, (208). Em espanhol, também receberam julgamento agramatical, (209). Apesar disso, o CORDE traz alguns registros dessa

<sup>189</sup> Disponível em: <http://migre.me/mYkig>. Acesso em 19/11/2014. (Texto informativo publicado no site *Tribuna do Norte*).

<sup>190</sup> Disponível em: <http://migre.me/mYkAs>. Acesso em 19/11/2014. (Texto informativo publicado no site *Servidor*).

<sup>191</sup> Disponível em: <http://migre.me/mYnyR>. Acesso em 19/11/2014. (Texto publicado no site *JusBrasil*).

<sup>192</sup> Comunicação pessoal.

<sup>193</sup> Disponível em: <http://migre.me/tsdUp>. Acesso em 7/04/2016. (Texto publicado no site *Uol Economia*).

estrutura, (210). Isso nos faz pensar que os dados de (208) e (210) são casos de idiossincrasia.<sup>194</sup>

- (207) a. \*?\*[**Quando de menino**], era muito levado.  
b. \*?\*[**Quando de jovem**], viajava muito.  
c. \*?\*[**Quando de criança**], nunca comeu direito.
- (208) a. [**Quando de menino**], conheci Mons. Inocêncio López Santamaría, que inclusive me ministrou classes antes de eu ir para o Seminário.<sup>195</sup>  
b. Eu que vos falo, estive enganado um tempo, [**quando de jovem**] me aproximei pela primeira vez das Sagradas Escrituras.<sup>196</sup>
- (209) a. \*[**Cuando de niño**], me portaba muy mal.  
b. \*[**Cuando de joven**], iba mucho al cine.
- (210) a. Y acuérdase enseguida [**cuando de niño**] vio a otros niños coger un murciélago, clavarle a la pared por las alas y hacerle fumar y cómo se gozaban con ello.<sup>197</sup>  
b. Aludía otra vez a las cosas que había visto [**cuando de niño**] le cambiaba los pañales.<sup>198</sup>

Em estudo prévio, postulamos distinguir o português brasileiro e o espanhol em relação ao uso de *quando/cuando* como introdutor de sintagma nominal e sintagma

---

<sup>194</sup> Durante a arguição, levantou-se a hipótese de esses dados serem de ordem diacrônica. Agradecemos à Rozana Reigota Naves por esta observação, que merece ser mais bem apurada. Assim, podemos considerar que os casos de *quando de criança/cuando de niño* surgem como resíduos de usos de outras fases do português e do espanhol. Ressaltamos que essa hipótese não invalida a nossa análise, uma vez que sentenças do tipo de *quando da estreia/cuando el estreno* remetem a contexto episódico (em que se requer a marcação de Caso – função exercida por *de* no português e pelo próprio *cuando* no espanhol, como detalharemos) e sentenças do tipo de *quando jovem/cuando joven* remetem a um caso de predicado de estágio, que, por seu turno, refere-se a um período/estágio da vida e não há o requerimento da marcação de Caso. Assim, podemos considerar que os casos de *quando de criança/cuando de niño* surgem como resíduos de usos de outras fases das línguas e que a preposição tem funções distintas nesses pares de sentenças.

<sup>195</sup> Disponível em: <http://migre.me/pkkV0>. Acesso em 4/4/2015. (Comentário).

<sup>196</sup> Disponível em: <http://migre.me/pkI3g>. Acesso em 4/4/2015. (Texto Eclesiástico).

<sup>197</sup> REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: Banco de datos (CORDE) [*Amor y pedagogia*, Unamuno, Miguel de, España, 1902]. *Corpus diacrónico del español*. <<http://www.rae.es>> [10/1/2016].

<sup>198</sup> REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: Banco de datos (CORDE) [*Réquiem por un campesino español*/Sender, Ramón J., España, 1953]. *Corpus diacrónico del español*. <<http://www.rae.es>> [10/1/2016].

adjetival que denota período/fase da vida, como nos dados acima, em termos da oposição advérbio *versus* preposição (SILVA; SALLES, 2014). Nesse sentido, adotamos análise de Lobato (1989, 1995), que distingue advérbios e preposições, com base na transitividade: enquanto preposições são sempre transitivas, advérbios são intransitivos, exigindo, portanto, uma preposição *dummy* (exatamente como nomes e adjetivos) para licenciar as propriedades de Caso de sintagmas nominais realizados em sua projeção sintática. Essa questão será retomada.

Na próxima seção, apresentamos algumas características dessa estrutura de *quando/cuando*.

### 3.3 PROPRIEDADES DE *CUANDO*: APLICAÇÃO DOS TESTES AO ESPANHOL

Esta seção traz o trabalho de Fernández (2000), que discutiu propriedades subjacentes a essa estrutura de *cuando* em destaque. O autor afirma que a construção [*cuando* + sintagma nominal] é muito antiga na língua, estando presente largamente em obras literárias:

- (211) a. Yo me acuerdo [**cuando** muchacho], que rebuznaba cada y cuando se me antojaba.

(*El Quijote*, II, p. 27)

- b. [**Cuando** pobre], franca; [**cuando** rica], avarenta.

(*La Celestina*, p. 12)

(FERNÁNDEZ, 2000, p. 209)

Além de estar presente na literatura, também seria comum na língua falada. Nos exemplos em (212), precisamente, o autor diz que o sintagma nominal que segue *cuando* pode denotar um acontecimento, *la guerra*, *la boda*, uma época, *la II República*, ou um personagem histórico, *Alfonso XIII*. Já nos exemplos em (213), o sintagma que segue *cuando* denota um período/estágio da vida (*edad del hombre*), *niño*, *estudiante*, *joven*, etc.

- (212) a. Se casaron [**cuando** la guerra].  
b. Se peleó con su hermano [**cuando** la boda de Pepe].  
c. Se peleó con su hermano [**cuando** lo de Pepe].  
d. Eso sucedió [**cuando** la II República], no [**cuando** Alfonso XIII].  
(FERNÁNDEZ, 2000, p. 209)

- (213) a. [**Cuando** niño], tenía muy mal carácter.  
b. [**Cuando** estudiante], aceptaba cualquier trabajo.  
c. [**Cuando** joven], me encantaba ir a bailar.  
(FERNÁNDEZ, 2000, p. 209)

Uma restrição desse tipo de construção de *cuando* é que o sintagma nominal só pode se referir a um momento anterior ao momento da fala, isto é, deve estar num tempo passado, (214). Sentenças com projeção de futuro são agramaticais, (215).

- (214) a. “Miren, [**cuando la guerra**], yo **trabajé** con un grupo que **combatía** aquí en La Habana, entonces **fue** esa tarea peligrosa.”<sup>199</sup>  
b. [**Cuando el terremoto**], yo **estaba** a cargo de Managua, **conocía** la casa de Oscar Turcios, **quedaba** allí por el Teatro Luciérnaga.<sup>200</sup>
- (215) a. \*Estoy seguro de que se **peleará** con su hermano [**cuando** la boda de Pepe].  
b. \*María **trabajaré** [**cuando** la próxima huelga].  
(FERNÁNDEZ, 2000, p. 211)

Segundo Fernández, *cuando* não aparece com referência ao futuro ao contrário da preposição *de*, que pode vir tanto em contexto de passado quanto de futuro, o que marca uma distinção entre esses itens:

<sup>199</sup> Disponível em: <http://migre.me/s8iIm>. Acesso em 16/11/15. (Citação de fala publicada no site *Radio 36*).

<sup>200</sup> Disponível em: <http://migre.me/s8j0a>. Acesso em 16/11/15. (Texto publicado *Memorias*).

- (216) a. [**Cuando/ De** pequeño] **era** <sub>PAS.</sub> insoportable y ahora mira.  
 b. [**\*Cuando/ De** mayor] **viviré** <sub>FUT.</sub> en los Alpes.  
 (FERNÁNDEZ, 2000, p. 211)

Embora o autor não mencione, sentenças no tempo presente são agramaticais com *cuando* e *de*, conforme (217), exceto se a referência for o presente histórico, conforme (218).<sup>201</sup> A nosso ver, a preposição *de* antes de *cuando* em (218) é a responsável pelo licenciamento da sentença, uma vez que sem esse elemento a sentença se torna agramatical, (219). A substituição de *cuando* por *de* diretamente não mantém a mesma interpretação da sentença, (220).

- (217) **\*[Cuando/De** niño], *es bueno*. (dado nosso)  
 (218) Eso *son* historias **de cuando los moros**. (*del tiempo de los moros*)  
 (MOLINER, 2007)  
 (219) **\*Eso son** historias [**cuando los moros**].  
 (220) Eso *son* historias **de/sobre** los moros. (dados nossos)

Um ponto em comum entre *cuando* e *de*, ainda conforme o autor, diz respeito a ambos não poderem ser modificados, (221), nem especificados, (222).

- (221) a. [**Cuando/ De** niño] (\*de meses) fue raptado por una secta americana.  
 b. [**Cuando/ De** estudiante] (\*en la Complutense) tuve terribles experiencias.  
 (222) a. Fue raptado por una secta Americana [**cuando/ de** (\*un) niño].  
 b. Fue raptado por una secta Americana [**cuando/ de** (\*el) niño].  
 (FERNÁNDEZ, 2000, p. 211)

Segundo Fernández, *cuando* não é capaz de introduzir orações subordinadas de infinitivo, (223). Esse fato poderia ser uma evidência para se duvidar da natureza

<sup>201</sup> O presente histórico se refere a um dos usos/aplicações do tempo presente cujo ponto de referência sinaliza um acontecimento no passado. Também pode ser chamado de presente narrativo e apresentar um marcador temporal de passado:

(i) *En el siglo pasado* las mujeres no *tienen* apenas derechos civiles. (GUTIÉRREZ ARAUS, 2014)

preposicional de *quando*, pois as preposições comumente admitem orações infinitivas como complemento. Em (223)c, *hasta/até* admite o infinitivo se adquire valor consecutivo. Voltaremos a discutir esse ponto na próxima seção com dados do português.

- (223) a. \*Juan escuchaba *La Traviata* **cuando leer** el periódico.  
b. \*Escuchaba música **cuando pelar** las patatas.  
c. Trabajó duro **hasta poder comprarse** la casa.

(FERNÁNDEZ, 2000, p. 211)

Aplicaremos os testes propostos por Fernández (2000) aos dados do português a seguir.

### 3.4 PROPRIEDADES DE *QUANDO*: APLICAÇÃO DOS TESTES AO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Fernández (2000) sugere testes que identificam propriedades da estrutura *quando* seguido de sintagma nominal/adjetivo para o espanhol. Aplicamos esses testes aos dados do português e apresentamos outras características não observadas pelo autor. A primeira propriedade diz respeito aos termos que *quando* encabeça diretamente: sintagmas nominais e adjetivos que denotam um estágio de vida ou período (*menino, estudante, jovem, velho*, etc.). Ademais, vimos que sintagmas nominais sem uma referência específica, mas que de todo modo denotam um episódio (*terremoto, guerra, estreia*, etc.), não são possíveis sem a intermediação da preposição *de*.

O segundo ponto refere-se ao tempo verbal: em português, somente dados com referência ao passado são gramaticais:<sup>202</sup>

- (224) a. Ele *foi* doente [**quando** criança].<sup>203</sup>  
b. [**Quando** jovem], às vezes *percebia* que minha mãe *ficava* um pouco irritada quando a palavra ‘merecer’ *surgia* na conversa.<sup>204</sup>

<sup>202</sup> Aqui nos referimos tanto ao tempo/aspecto: pretérito perfeito e imperfeito.

<sup>203</sup> DUHIGG, C. *O poder do hábito*: por que fazemos o que fazemos na vida e nos negócios. Rio de Janeiro: objetiva, 2012, p. 284.

<sup>204</sup> BUFFET, P. *A vida é o que você faz dela*. Rio de Janeiro: Bestseller, 2011, p. 39.

- c. [**Quando** criança], não *havia* água encanada e eletricidade.<sup>205</sup>  
d. Ela *adorava* as aulas de arte que *assistia* [**quando** pequena].<sup>206</sup>

O presente torna a sentença agramatical, conforme (225):

(225) \***[Quando** criança], *é* muito levado.

Os dados no futuro são agramaticais em princípio, (226). Alguns falantes, no entanto, consideraram que são aceitáveis se se tem em conta uma evolução temporal entre ser *bebê*, *criança*, *adulto* e *velho*. A passagem temporal licenciaria/tornaria possível a produção das sentenças.

- (226) a. \*?**[Quando** criança], *será* muito levado.  
b. \*?**[Quando** adulto], *será* mais organizado, pois terá mais responsabilidades.  
c. \*?**[Quando** velho], se mudará para a casa dos filhos.

Na seção anterior, vimos que a preposição *de* em espanhol aceita os tempos passado e futuro, mas não o presente. No português, o tempo passado ocorre com a preposição *de*, (227). O tempo presente confere agramaticalidade à sentença, (228). O futuro tampouco é permitido, marcando uma oposição entre espanhol e português, (229).

#### *Passado*

(227) **[De** criança], *era* muito levado.

#### *Presente*

(228) \***[De** criança], *é* muito levado.

#### *Futuro*

- (229) a. \***[De** criança], *será* muito levado.  
b. \***[De** criança], parece que *será* muito levado.

<sup>205</sup> BUFFET, P. *A vida é o que você faz dela*. Rio de Janeiro: Bestseller, 2011, p. 230.

<sup>206</sup> BUFFET, P. *A vida é o que você faz dela*. Rio de Janeiro: Bestseller, 2011, p. 221.

- c. \*[De adulto], *será* mais organizado, pois terá mais responsabilidades.
- d. \*[De velho], *se mudará* para a casa dos filhos.

Sentenças de caráter habitual no pretérito imperfeito, (230), são possíveis no português, assim como em espanhol, (231):

(230) [Quando jovem], Beatriz só *usava* calça jeans, porque saia não *ficava* bem nela.

- (231) a. [Quando joven], *llevaba* largos y renegridos cabellos.<sup>207</sup>
- b. [Quando joven], *iba* casi todos los días a nadar a la Playa Verde.<sup>208</sup>

A generalização descritiva é que *quando/cuando* ocorre primordialmente em sentenças no tempo pretérito (aspecto perfectivo/imperfectivo). A ocorrência nos tempos presente e futuro está condicionada aos contextos em que o nome denota o limite final em um intervalo de tempo. A preposição *de* só ocorre no tempo passado no português, (227)-(229). No espanhol, no passado e no futuro, (216).

Dados do português mostram que *quando* e tampouco *de* podem vir modificados ou especificados, (232), exatamente como ocorre no espanhol (Cf. (221) e (222)):

- (232) a. [\*Quando/ De criança] (\*de meses), foi sequestrado.
- b. Foi sequestrado [quando/ de (\*uma) criança].

Se bem que encontramos, em português, dados com um modificador comparativo (como *mais*), (233). No espanhol, se existe esse modificador, os falantes consultados têm preferência pela estrutura oracional, (234).

- (233) a. Gostaria de ter feito essa pergunta [quando mais jovem].<sup>209</sup>
- b. Meus filhos [quando mais novos] não comiam cebola, tomate [...].<sup>210</sup>

<sup>207</sup> Disponível em: <http://migre.me/s5VGv>. Acesso em 12/11/15. (Texto publicado no site *Municipalidad de Alejandro Roca*).

<sup>208</sup> Disponível em: <http://migre.me/s5VON>. Acesso em 12/11/15. (ALCOCER, R. *El Guardavidas*. In: *Cuentos a alaluz de mi lámpara*, 2012).

<sup>209</sup> THIEL, P.; MASTERS, B. *De zero a um*. Trad. Ivo Korytowski. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

<sup>210</sup> Dado de fala.

- (234) a. \*[**Cuando más joven**], me gustaba salir con mis amigos.  
 b. [**Cuando era más joven**], me gustaba salir con mis amigos.  
 c. \*[**Cuando más adulto**], iba mucho al campo para descansar.  
 d. [**Cuando se hizo mayor/fue más adulto**], iba mucho al campo para descansar.

Para Fernández, *cuando* não introduz orações subordinadas de infinitivo (Cf. (223)a/b acima), o que também se aplica ao português em certos casos: o dado em (235)a é agramatical em razão de o conectivo cabível ser *enquanto* e também devido à ausência de paralelismo verbal entre os tempos e os eventos (a forma do verbo deve ser *cozinhava*). Marchesan (2012), no entanto, considera para o português dados como: *João pôs na agenda (um dia) quando visitar os pais* (Cf. dados (77) e (78)).

O fato de o espanhol não permitir infinitivo poderia ser evidência para se duvidar da natureza preposicional de *cuando*, pois as preposições admitem introduzir orações infinitivas (Cf. (223)c acima e (235)b). Fernández, porém, não menciona que o espanhol emprega *al/ao* e não *cuando* diante de infinitivo, (235)c. O termo *cuando* requer o presente do subjuntivo. No português, igualmente, *ao* introduz oração infinitiva, e *quando* introduz oração finita com o verbo no subjuntivo, (235)d.<sup>211, 212</sup>

- (235) a. \*Ela *escutava* música [**quando cozinhar** as batatas].  
 b. Estudou muito [**até poder apresentar**] o trabalho com segurança.  
 c. [**Al llegar** a la escuela], hablaré con el profesor. (=Cuando *llegue*)  
 d. [**Quando/Ao sair**], feche a porta.

A distinção entre predicado de estágio (*stage-level*) e predicado de indivíduo (*individual-level*) também é relevante. Essas duas noções foram primeiramente introduzidas por Carlson (1977a/b) para explicar plurais nus no inglês. Aplicadas às sentenças essas noções, o *stage-level*, ou predicado de estágio, denota uma propriedade que expressa um estágio temporal transitório – *As crianças estão levadas* – e o

<sup>211</sup> Na verdade, *cuando* interrogativo pode ser seguido de verbo no infinitivo em sentenças em que se faça uma recomendação ou uma orientação, por exemplo: *Cuándo preguntar es peligroso/ Cuándo terminar una relación/ Cuándo comprar acciones/ Cuándo no comprar un inmueble*. Também *quando*, no português, apresenta esse contexto de aplicação: *Quando mudar de emprego vale a pena*.

<sup>212</sup> Essa diferença entre *al/cuando* é reflexo também do contexto de futuro que está presente nas sentenças. Como dissemos no Capítulo 1 de Apresentação, o espanhol emprega diante de *cuando* o presente do subjuntivo e o português, o futuro do subjuntivo.

*individual-level*, ou predicado de indivíduo, denota uma característica permanente – *Crianças são levadas*. Isso significa que o predicado de indivíduo descreve um atributo resistente temporal e espacialmente. Já o predicado de estágio, descreve propriedade transitória dependente de um intervalo de tempo. Segundo Carlson (1979, p. 59), *stages are time-space slices of individuals*.<sup>213</sup>

Conforme indicam as oposições dos dados em (236), somente *predicados de estágio* ocorrem nas sentenças de *quando/cuando* + SAdj, isto é, admite-se apenas sintagmas do tipo de *menino/niño/jovem/joven*. O espanhol se comporta do mesmo modo. Portanto, pode-se afirmar que essa seria mais uma propriedade desse tipo de estrutura de *quando/ cuando*.

- (236) a. [**Quando** \*brasileiro/menino], sempre ia com meu pai ver os jogos.  
b. [**Cuando** \*brasileño/niño], veía todos los partidos en la tele.

Em alguns casos, inclusive dentro do mesmo contexto sentencial, a estrutura [*quando/cuando* + SN/SAdj] alterna com a forma oracional, (237) e (238). Além disso, o SN/SAdj aparece no singular, como nos casos acima, ou no plural, (237) e (238):

- (237) a. Confira como eram os famosos [**quando** crianças]!<sup>214</sup>  
b. Famosos [**quando eram** crianças].<sup>215</sup>

- (238) Los vicios que no habeis sabido corregir en ellos [**quando** niños], van creciendo con ellos mismos, y [**quando son** adultos] hacen más daño en la hacienda agena que [**quando eran** niños] [...] y en fin hacen lo mismo por abatir todo lo de otros, que la que hacian [**quando** niños] [...].<sup>216</sup> [*sic*]

Algo não apresentado pela literatura é o fato de os sintagmas adjetivos que seguem *quando/cuando* poderem vir coordenados:

---

<sup>213</sup> Predicados ambíguos ou ambientes sentenciais coercivos podem dissimular o tipo de predicado ((i) *Ana é alta* (PI)/*Ana está alta* (porque está usando salto alto) (PE); (ii) *Ana deu o remédio para o filho que é doente* (PI)/ *que está doente* (PE); *Peter é americano* (PI); *Pedro voltou dos Estados Unidos um americano* (porque está falando bem inglês ou se comportando como tal) (PE)).

<sup>214</sup> Disponível em: <http://migre.me/s5rOQ>. Acesso em 11/11/15. (Texto publicado no site *MTrends*).

<sup>215</sup> Disponível em: <http://migre.me/s5rOQ>. Acesso em 11/11/15. (Texto publicado no site *MTrends*).

<sup>216</sup> Em alguns casos, encontramos a escrita *quando* em dados do espanhol. Dado retirado de PÉREZ, A. M.; LORENTE, L. M. L. *Escritos pedagógicos de la ilustración*. Vol. 1. Ministério de educación y ciência, Madrid: 1988, p. 338.

- (239) a. Eu costumava ser gordinho [quando criança], fiquei muito mais atlético [**quando adolescente e adulto**], estava em forma e muito otimista de que conseguiria.<sup>217</sup>
- b. La mayoría de las personas han experimentado, [**cuando niño y adulto**], ir al oculista y sentir el soplo de aire en nuestros ojos para comprobar la presión [...].<sup>218</sup>

As estruturas de *quando/cuando* não são subcategorizadas pelo verbo da sentença principal e podem ser retiradas da sentença sem prejuízo à gramaticalidade, constituindo uma informação adicional, (240) e (241). Esse comportamento é o mesmo visto nas adverbiais oracionais *comuns*:

- (240) a. Junior, [**quando** jovem], gostava de estudar.  
b. Junior gostava de estudar.
- (241) a. A Juan, [**cuando** joven], no le gustaba estudiar.  
b. A Juan no le gustaba estudiar.

Essas estruturas também têm a capacidade de ocupar posição inicial, intercalada e final, ou seja, não possuem ordem fixa.<sup>219</sup>

- (242) a. [**Quando** pequeno], achava que meu pai era um super herói. Hoje eu tenho certeza.<sup>220</sup>
- b. O homem, [**quando** jovem], é só, apesar de suas múltiplas experiências.<sup>221</sup>
- c. so DEUS sabe como vamos ficar [**quando** velho]! [*sic*]<sup>222</sup>

<sup>217</sup> LYRA, Eduardo. *Jovens Falcões*. São Paulo: Novo Século, 2012. p. 125. [Citação de fala]

<sup>218</sup> Disponível em: <http://migre.me/s5tiD>. Acesso em 11/11/15. (Texto publicado no site *Epic*).

<sup>219</sup> Uma exceção a não mobilidade das sentenças adverbiais de *quando/cuando* são as sentenças provérbio, que possuem uma ordem cristalizada, (Cf. (i) e (ii)), e as relativas de núcleo nominal discutidas no Capítulo 2, que precisam estar adjacentes ao núcleo nominal (a exceção é a existência de uma preposição entre o nome e o termo relativo – *o dia para quando*).

(i) a. [Quando um não quer], dois não brigam. (Português)

b. ?Dois não brigam [quando um não quer].

(ii) a. [Quando uno no quiere], dos no barajan. (Espanhol)

b. ?Dos no barajan, [cuando uno no quiere].

<sup>220</sup> Frase creditada ao escritor Caio Fernando Abreu.

<sup>221</sup> PELLEGRINO, H. *A paixão indignada*. Coleção "Perfis do Rio". Relume-Dumará / Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1998, p. 11.

- (243) a. Ronald Mayorga: “[**Cuando** pequeño] quería ser cura o médico.”<sup>223</sup>  
b. Mi principal dificultad, [**cuando** niño], era un terrible sentimiento de inseguridad.<sup>224</sup>  
c. Así reaccionaron los hinchas ante la foto de Alexis Sánchez [**cuando** pequeño].<sup>225</sup>

Para constar, sentenças com *de* não admitem verbo manifesto:

- (244) a. \*[De *era* criança], brincava na rua.  
b. \*[De *era* niño], jugaba mucho en la calle.

Em um caso em que isso é possível no espanhol, *de* tem sentido condicional e não pode ser substituído por *cuando*, conforme (245). Esse uso não é compatível com o português, (246).

- (245) a. [De *ser* niño], lo llamarán Alejandro. (*Si fuera un niño*)  
b. [De *tener* menos años], viajaría el mundo. (*Si tuviera menos años*)  
c. [De *vivir/haber vivido* en un pueblo pequeño], tendría más libertad.  
(*Si viviera/hubiera vivido en un pueblo pequeño*)

- (246) \*[De *ter* menos idade], viajaria o mundo. (*Se tivesse menos idade*)

Como se pode notar, *quando* e *cuando* compartilham grande parte das propriedades levantadas pelos autores, e por nós, exceto pelos casos de *quando da estreia* e *cuando el estreno*, em que a preposição se faz necessária no português. Na próxima seção, procedemos à análise dos dados e retomamos as questões em aberto das seções anteriores.

---

<sup>222</sup> Disponível em: <http://migre.me/s7h23>. Acesso em 14/11/15. (Texto publicado no site *Elcio*).

<sup>223</sup> Disponível em: <http://migre.me/s7gF2>. Acesso em 14/11/15. Citação de fala.

<sup>224</sup> Disponível em: <http://migre.me/s7gJz>. Acesso em 14/11/15. (Comentário em rede social).

<sup>225</sup> Disponível em: <http://migre.me/s7gFS>. Acesso em 14/11/15. (Texto publicado no site *T13 Notícias*).

### 3.5 QUANDO/CUANDO: PREPOSIÇÃO OU ADVÉRBIO?

Durante este capítulo e no Capítulo 1 de Apresentação, propusemos a discussão de algumas questões, entre elas:

- (i) *Quando/Cuando* introdutor de oração partilha as mesmas estruturas sintáticas de *quando/cuando* + SN/SAdj?
- (ii) Há dois *quando/cuando* no léxico – advérbio e preposição? (GALLEGO, 2011).
- (iii) Nas estruturas *quando/cuando* + SN/SAdj, os itens *quando* e *cuando* têm comportamento de preposição nas duas línguas?

Em relação ao questionamento (i), já vimos que as línguas não compartilham exatamente as mesmas estruturas, havendo diferenças entre as propriedades de *quando/cuando* oracional e *quando/cuando* + SN/SAdj. Por exemplo, em relação à necessidade de adição de uma preposição *de* em português, da possibilidade de não se poder prever o sintagma verbal elidido, etc. Por outro lado, sendo sentenças adverbiais, elas compartilham as mesmas propriedades se levamos em consideração apenas esse aspecto (mobilidade dentro da sentença, não ser selecionada pelo verbo). Nossas considerações a seguir recaem sobre os questionamentos em (ii) e (iii).

Vimos que os autores, em geral, analisam o *cuando* + SN/SAdj do espanhol como uma preposição. Verificaremos a possibilidade de estender essa análise também para o português. Ou seja, interessa-nos saber se essa seria uma análise válida para ambas as línguas.

Bello (1847) e Cuervo (1893), em obras já antigas, propõem que *cuando* é uma preposição em (247). Para o exemplo em (248), sugerem duas soluções distintas: (i) Bello sustenta que o comportamento de *cuando* nessas sentenças é semelhante ao de *desde*, como em *desde joven, desde niño*;<sup>226</sup> (ii) Cuervo inclui as sentenças no grupo das *frases elípticas*, acrescentando que *cuando* está no *camino* de tornar-se uma preposição. Embora não explícita, essa distinção dos autores parece estar baseada no tipo de sintagma, se nominal ou adjetivo.

---

<sup>226</sup> Parece-nos que *desde joven* e *cuando joven* não têm exatamente as mesmas acepções semânticas. No primeiro, a situação descrita prossegue no tempo (*Joga futebol desde jovem*), mas não no segundo, que está situado do passado (*Cuando joven, jogou futebol*).

(247) [**Cuando** el terremoto], yo salí corriendo a campo abierto y la tierra se abrió.<sup>227</sup>

(248) [**Cuando** joven], me encantaba ir al cine.

Aliaga e Escandell (1988 apud FERNÁNDEZ, 2000, p. 210) argumentam a favor da hipótese de *cuando* ser uma preposição. Segundo esses autores, supor que *cuando* em *cuando joven* é uma conjunção e que existe a elisão do verbo é o mesmo que atribuir aos dados uma análise radicalmente diferente da que se atribuiria a exemplos como os de (249). Pode ser que esse não seja o caso, já que *de joven* é um constituinte essencialmente não oracional, enquanto em *cuando joven* essa possibilidade está em aberto.

- (249) a. [**De** joven], me encantaba ir a bailar.  
b. [**De** niño], tenía muy mal carácter.  
c. [**De** estudiante], aceptaba cualquier trabajo.

(ALIAGA; ESCANDELL, 1988 apud FERNÁNDEZ, 2000, p. 210)

Sobre os dados de *cuando joven*, Fernández (2000) diz que seria mais coerente se se pudesse aplicar uma mesma análise que a usada para os dados com SNs do tipo de (250). Mas diz que esse não é exatamente o caso pelo fato de que não se pode prever qual é o verbo elidido, mas apenas inferir: em (250)a, o verbo elidido seria provavelmente *reinaba*, já que Alfonso XIII era rei; em (250)b, poderia ser *governaba*, porque Felipe Gonzalez era presidente do governo; em (250)c/d, não se pode definir o verbo, pois muitos poderiam se encaixar.

- (250) a. Eso sucedió [**cuando** Alfonso XIII].  
b. Eso sucedió [**cuando** Felipe Gonzalez].  
c. Eso sucedió [**cuando** Goya].  
d. Eso sucedió [**cuando** la II República].

(ALIAGA (c. p.) apud FERNÁNDEZ, 2000, p. 210)

---

<sup>227</sup> Disponível em: <http://migre.me/s6Ekr>. Acesso em 13/11/15. (Citação de fala).

Ressaltamos que, com sintagmas nominais/adjetivos como *niño* e *joven*, a preposição prevista é sempre *de*. Com sintagmas nominais como estes em (250), ao contrário, cabem apenas preposições distintas de *de*, como *durante*, ou sintagmas prepositivos temporais, por exemplo, *en el tiempo de*.

De acordo com García Yebra (1988), *cuando* não é uma preposição, pois ao ser seguido de um substantivo, é necessário supor um verbo elidido. Desse modo, essas construções são sempre orações subordinadas e *cuando* é uma conjunção temporal. Segundo esse mesmo autor, a equivalência de funções de *cuando* e *de* não provam a igualdade das categorias gramaticais.

Brucart (1999) afirma que esse fenômeno pode ser visto de duas formas: (i) os termos relativos dessas construções atuam plenamente com valor preposicional devido ao fato de selecionarem um sintagma nominal (preposição + argumento); (ii) os termos relativos seguem tendo valor relativo só que com a omissão de predicado verbal.

É inegável que as construções com *quando/cuando* e *de* têm relação estreita em virtude da temporalidade que expressam. No capítulo anterior, sobre as sentenças relativas, os autores concordam que esses termos podem ser parafraseados pela expressão *no momento em que/en el momento en el que*. Essa propriedade parece subsistir nas construções de *Quando menino/Cuando niño*, sendo equivalentes a *No tempo/momento em que era menino*. As preposições também são capazes de introduzir um domínio temporal. Preposições como *de*, *durante*, *desde*, por exemplo, expressam tal função. A temporalidade é, portanto, uma propriedade comum entre as estruturas de *De jovem/De joven* e *Quando jovem/Cuando joven* e provavelmente por isso uma comparação entre as duas estruturas seja possível. Entretanto, apesar dessa semelhança, as sentenças com *de/de* e *quando/cuando* seguidos de sintagma adjetivo não manifestariam exatamente as mesmas estruturas.

Como ressaltado, sentenças com *quando*, seguidas de sintagmas como *jovem*, *velho* e *criança*, *menino*, são gramaticais no português. No entanto, sentenças com *quando* seguido diretamente de sintagmas como *transição* e *estreia* são agramaticais. Para o espanhol há os três paradigmas.

Tendo esse contraste como referência, há, para nós, uma divisão entre os dados e isso terá impacto na análise a ser proposta para tais construções em cada língua. Da abordagem dos autores citados acima, concordamos que *quando/cuando* são advérbios relativos, que introduzem estruturas em que ocorre eclipse de verbo para os dados em que são seguidos de sintagma adjetival, o qual analisamos como um predicado

secundário depictivo – casos de *quando menino/quando jovem e cuando niño/cuando joven*.<sup>228</sup> As estruturas *quando da estreia e cuando el estreno* receberão outra análise a ser explicitada seguir.

Palancar e Alarcón (2007) estudaram os predicados secundários depictivos do espanhol. Para eles, um aspecto típico da semântica depictiva é a de estabelecer um papel/rol social ou *estado de vida*: em (251)a, não haveria somente a informação de que Maria irá a um casamento, mas a de que o fará na qualidade de testemunha, ou seja, desempenhará um papel/rol social particular. Da mesma maneira, em (251)b, não se interpreta apenas que os pais de Juan moraram em Paris, mas também o momento da vida deles em que isso aconteceu.<sup>229</sup>

(251) a. María irá a la boda [**como testigo**].

b. Los padres de Juan vivieron en París [**de niños**].

(PALANCAR; ALARCÓN, 2007, p. 341)

Ainda conforme os autores, as construções depictivas em (252)a e (253)a são construções formadas por uma única oração. No entanto, podemos ter construções alternativas com mais de uma oração, como em (252)b e (253)b.

(252) a. [El hombre comió sentado].

b. [El hombre estaba sentado] [mientras comía].

(253) a. [Los padres de Juan vivieron en París de niños].

b. [Los padres de Juan vivieron en París] [cuando eran niños].

(PALANCAR; ALARCÓN, 2007, p. 341)

Os autores apresentam os critérios propostos por Schultze-Berndt e Himmelmann (2004) para identificar predicados secundários em qualquer língua e que se aplicam às estruturas que estamos investigando.

<sup>228</sup> Conforme a definição de Rothstein (1985),  $\alpha$  é um predicado secundário de  $\beta$  se e somente se  $\alpha$  é predicado de  $\beta$ , e  $\alpha$  e  $\beta$  se c-comandam e  $\beta$  é  $\theta$ -marcado por um núcleo não contido em  $\alpha$ . Dito de outra forma, na predicação primária, sujeito e predicado formam um constituinte e o sujeito é tematicamente marcado a partir dessa relação de predicação. Na predicação secundária, o sujeito recebe papel temático de outro núcleo lexical de fora da predicação primária (STOWELL, 1981, 1983; ROTHSTEIN, 1995, 2001; FOLTRAN, 1999).

<sup>229</sup> Não abordaremos os outros casos de predicados secundários depictivos comentados pelos autores em razão de tais casos adicionais fugirem ao nosso escopo.

Critério 1: O termo depictivo expressa semântica depictiva. A construção depictiva contém dois predicados independentes em uma única oração: o predicado principal ou primário e o predicado secundário depictivo. Os exemplos em (251) acima respondem positivamente a esse critério.

Critério 2: O depictivo é um predicado não finito, ou seja, é um elemento não marcado com categorias de Tempo/Modo/Aspecto.

Critério 3: O depictivo não é um argumento do predicado primário, isto é, não é um complemento e, por isso, é opcional, como no caso das estruturas de *quando/cuando* + SAdj, que são adjuntas.

Critério 4: O depictivo é obrigatoriamente controlado. Existe uma relação formal com um dos participantes do predicado primário. O controlador não se expressa morfossintaticamente como argumento depictivo:

- (254) a. *María y Julia*<sub>i</sub> irán a la boda (*como testigos*)<sub>i</sub>.  
b. *El padre*<sub>i</sub> de Juan vivió en París (*de niño*)<sub>i</sub>.

(PALANCAR; ALARCON, 2007, p. 363)

- (255) a. *Cuando pequeño*<sub>i</sub>, *Ronald Mayorga*<sub>i</sub> quería ser cura, médico o actor.<sup>230</sup>  
b. *Bruno Gissoni*<sub>i</sub> diz que brigava bastante com Rodrigo Simas *quando pequeno*<sub>i</sub>.<sup>231</sup>

Critério 5: O depictivo é parte da mesma unidade entonativa que o predicado primário. Tem-se depictivo em *Juan vaciló confuso*, mas não em *Juan vaciló, confuso*.

Critério 6: O depictivo não funciona como modificador do controlador dentro da frase nominal: (i) Predicado depictivo: *Tomé el café*<sub>i</sub> (*caliente*)<sub>i</sub>; (ii) Atributivo: *Tomé (el café caliente)*. Em (i), a semântica depictiva é interpretada como *o café estava no estado quente quando o tomei*. Por outro lado, a interpretação atributiva em (ii) é algo como

<sup>230</sup> Disponível em: <http://migre.me/s7gBo>. Acesso em 14/11/15. (Citação publicada no texto *Publimetro*).

<sup>231</sup> Disponível em: <http://migre.me/s7gx5>. (Texto publicado no site *UOL*). Acesso em 14/11/15. O dado é ambíguo com o índice em *Rodrigo Simas*.

*tomei o café quente que me foi oferecido e não o frio que também estava sobre a mesa* (PALANCAR; ALARCON, 2007, p. 359).

Critério 7: O depictivo predica a respeito de seu controlador de forma independente no que diz respeito a predicação expressa no predicado primário. Marcas de polaridade podem expressar esse critério. Em “Jorge *no* vendrá *borracho*” o que se nega e deseja não é o fato de que Jorge venha, mas de que não o faça *borracho/bêbado*.

Outro critério relevante diz respeito aos predicados secundários possuírem a restrição de ocorrerem apenas com propriedades transitórias, ou seja, correspondem a predicados de estágios, PEs (ROTHSTEIN, 1985). Os predicados secundários por nós analisados designam “estágios de vida”, *ser bebê, ser jovem, ser menino, ser adulto*, e não constituem, portanto, características permanentes, mas propriedades localizadas temporalmente e espacialmente.

Finalmente, ressalta-se a possibilidade de os predicados secundários serem parafraseados por verbo de cópula e conectivo *quando/cuando*, (256)-(259).<sup>232</sup>

(256) a. **Ana** chegou **cansada**.

b. Ana estava cansada **quando** chegou.

(257) a. Ana comprou o **carro quebrado**.

b. O carro estava quebrado **quando** Ana comprou.

c. ?Ana comprou o carro **quando** estava quebrado.

(258) a. **Ana** llegó **cansada**.

b. Ana estaba cansada **cuando** llegó.

(259) a. Ana ha comprado el **coche averiado**.

b. El coche estaba averiado **cuando** Ana lo compró.

c. ?Ana ha comprado el coche **cuando** estaba averiado.

---

<sup>232</sup> O predicado secundário pode ser orientado tanto ao sujeito quanto ao objeto ou ser ambíguo:

(i) Ana [vestiu [a saia suja]].

(ii) Ana [vestiu [a saia] [suja]].

As estruturas de *quando/cuando* que estamos analisando são semelhantes nesse quesito e formam uma espécie de tríade:

- (260) a. Ana foi para a creche [**quando** era bebê].  
b. Ana foi para a creche [**quando** bebê/?de bebê].  
c. Ana foi para a creche [bebê/pequena].
- (261) a. Julinho viajou de avião [**quando** era criança].  
b. Julinho viajou de avião [**quando** criança/?de criança].  
c. Julinho viajou de avião [criança/jovem].

No entanto, existe uma diferença importante entre o português e o espanhol. Os sintagmas nominais (adjetivos) do tipo de *chico*, *bebé*, *niña* não ocorrem sozinhos, como no português (Cf. (260)c e (261)c acima), mas apenas sintagmas adjetivos propriamente, (263) e (264).

- (262) a. Juan empezó a estudiar inglés [**cuando/de** chico].  
b. Ana empezó a nadar [**cuando/de** bebé].  
c. Ana empezó a bailar flamenco [**cuando/de** niña].
- (263) a. Juan empezó a estudiar inglés [\*chico].  
b. Ana empezó a nadar [\*bebé].  
c. Ana empezó a bailar flamenco [\*niña].
- (264) a. Ana ha salido de la casa de los padres [joven].  
b. Ana se sacó el carné de conducir (ya) [vieja].  
c. Ana empezó con clases de inglés [joven].

A conclusão é que, em espanhol, nomes realizados como predicados secundários não podem funcionar como complemento circunstancial de tempo sem que estejam introduzidos pela preposição *de*, *cuando* (ou ainda um gerúndio (*siendo*)) e por isso a agramaticalidade das sentenças em (263).<sup>233</sup> Essa distinção não terá repercussão nas

---

<sup>233</sup> Dados com gerúndio no português, em comparação com o espanhol, parecem agramaticais:  
*Espanhol*

perguntas que nos propomos a responder no início desta seção, mas é interessante registrar como uma questão que merece ser analisada no futuro.

Pensando em uma análise de *quando* como uma preposição, haveria para os casos de *quando da estreia* e *quando dos acontecimentos* duas preposições juntas em uma configuração hierárquica se se tomasse como verdadeira a assunção de que *quando* é preposição nesses casos. É verdade que existem construções em que duas preposições ocorrem juntas em português, como em *respeito para com os amigos, voar por sobre/entre as flores* e (265).<sup>234</sup> No entanto, uma característica relevante dessas estruturas é a dispensabilidade da primeira preposição, que, se sozinha, é responsável pela agramaticalidade das sentenças, (266). Apesar de podermos realizar a contração e as sentenças ficarem boas, como mostram *passou pelo gol* e *pelas pernas do goleiro*, não se obtém o mesmo significado de *sobre o gol* e *entre as pernas do goleiro*.

- (265) a. A bola passou **(por)** **sobre** o gol.  
b. A bola passou **(por)** **entre** as pernas do goleiro.

- (266) a. \*A bola passou **por** o gol.  
b. \*A bola passou **por** as pernas do goleiro.

Por outro lado, nos dados de *quando + de*, do português brasileiro, nenhum dos termos pode ser omitido, (267)b/c.<sup>235</sup> Em espanhol, a sentença só é gramatical se temos *cuando + SN*, (268)a. A ocorrência de *cuando + de + SN* ou apenas *de + SN* torna a sentença agramatical, (268)b/c.<sup>236</sup>

---

(i) Una de cada tres mujeres fue obligada a casarse [**siendo niña**].

‘Uma em cada três mulheres foi obrigada a se casar [\*sendo criança/quando criança/?de criança/ainda criança].’ Disponível em: <http://migre.me/sfMfl>. Acesso em 29/11/2015.

Português

(ii) Mi padre me construyó un columpio [**siendo niña**], básicamente me enseñó a volar.

‘Minha mãe construiu um balanço para mim [\*sendo criança/quando eu era criança/?quando criança], básicamente me ensinou a voar.’ Disponível em: <http://migre.me/sfMhO>. Acesso em 29/11/2015.

<sup>234</sup> Em espanhol, há expressões semelhantes como *por entre, de entre, para conmigo*.

<sup>235</sup> Alguns falantes julgam que o dado é aceitável se o interpretam como [*Da época da estreia da peça/ Por ocasião da estreia da peça*], *os patrocinadores fizeram uma festa*. Caso se tratasse de um dado como *Da estreia da peça, nada se sabe*, a contração *de + a* tem sentido de *sobre*.

<sup>236</sup> Sentenças gramaticais são: [*Antes del estreno/En el estreno de la serie/Cuando se estrenó la serie*], *hubo muchas críticas*.

*Português*

- (267) a. [**Quando da estreia**], os patrocinadores fizeram uma festa.  
b. \***[Quando a estreia da peça]**, os patrocinadores fizeram uma festa.  
c. \***[Da estreia da peça]**, os patrocinadores fizeram uma festa.

*Espanhol*

- (268) a. [**Cuando el estreno de la serie**], hicieron una fiesta.  
b. \***[Cuando del estreno de la serie]**, hicieron una fiesta.  
c. \***[Del estreno de la serie]**, hubo muchas críticas.

O paralelismo de ocorrência que existia entre *quando*, *cuando* e *de* + SAdj (do tipo de *menino/niño* e *jovem/joven*), não existe com *quando*, *cuando* e *de* + SN (do tipo de *estreia/estreno*, etc.), de acordo com (267) e (268) acima.

Ademais, contrariamente aos exemplos de *quando criança/cuando niño*, em que o sintagma adjetivo/depictivo tem uma relação de controle com um argumento do outro predicado na oração, que será seu referente (Cf. (254) e (255)), as sentenças de *quando da estreia/cuando el terremoto* não apresentam essa característica. Assim, pode-se dizer que a relação de controle é um critério que distingue tais sentenças do predicado secundário depictivo realizado por categoria que descreve estágio da vida (*quando/cuando* + SN/SAdj<sub>[estágio]</sub>, em português e espanhol).

Tendo em vista o contraste entre o português e o espanhol nas construções de *quando* + *de* + SN/ *cuando* + (\**de*) + SN, hipotetizamos que a diferença entre as línguas reside no fato de que *quando* é um advérbio e por isso requer a presença da preposição *dummy* para introduzir o SN. Nesse sentido, relacionamos essas estruturas às chamadas locuções prepositivas, como *junto de*, *perto de*, *longe de*, *em cima de*, *adiante de*, *depois de*, *antes de*, conforme a análise de Lobato (1989, 1995). Em particular, assumimos que *quando* projeta um SAdv, que entra em uma relação predicativa com um SN *estreia*, sendo essa configuração/relação selecionada por uma preposição *dummy*. Em algum nível da derivação, o SAdv se desloca para o especificador do SP, obtendo-se a ordem desejada, conforme ilustrado em (269):

- (269) [<sub>SP</sub> [<sub>SAdv</sub> quando]<sub>j</sub>] P' [P *de* [<sub>SN</sub> [<sub>SAdv</sub> t<sub>j</sub>] [<sub>SD</sub> a [<sub>SN</sub> estreia]]]]]

Seguindo Lobato, assumimos que essa configuração capta o caráter intransitivo do advérbio *quando*, por um lado, e a possibilidade de entrar em uma relação em que predica de um SN, por outro lado. Uma consequência dessa análise é que a preposição *dummy de* licencia as propriedades de Caso do SD *a estreia*. Nas estruturas depictivas, em que *de* está ausente tanto em português quanto em espanhol, fica evidente que não existem exigências de Caso envolvidas, já que o termo depictivo (seja SAdj ou SD) é um predicado e, como tal, não exige Caso.

Diferentemente, no espanhol, a possibilidade de introduzir o SN sem a preposição *dummy* aponta para a existência no léxico do espanhol de duas categorias homônimas e homófonas, uma adverbial e outra preposicional. O estatuto de *cuando* como preposição, em espanhol, nesse contexto, se define essencialmente pela capacidade de tomar o SD *el estreno* diretamente como complemento; inversamente, a necessidade de se inserir a preposição no português seria uma evidência de que existe apenas o *quando* adverbial nessa língua.<sup>237</sup> Dessa maneira, temos a seguinte configuração para o espanhol:

(270) [<sub>SP</sub> cuando [<sub>SD</sub> el [<sub>SN</sub> estreno]]]

Em ambas as línguas, o *quando/cuando* adverbial introduz oração ou o SN/SAdj depictivo/predicado secundário, o que corresponde, neste último caso, às estruturas (271), em que Caso não é requerido:<sup>238</sup>

(271) a. [<sub>SAdv</sub> quando;<sub>j</sub> [<sub>SC</sub> [<sub>Sadv</sub> t<sub>j</sub>] [<sub>SAdj</sub> jovem]]]  
 b. [<sub>SAdv</sub> cuando;<sub>j</sub> [<sub>SC</sub> [<sub>Sadv</sub> t<sub>j</sub>] [<sub>SAdj</sub> joven]]]

<sup>237</sup> Outra hipótese seria considerar a existência de uma preposição silenciosa em espanhol (Cf. MESQUITA, 2008). No entanto, consideramos que as evidências que trazemos apontam para a análise aqui considerada.

<sup>238</sup> Existem várias propostas de derivação para predicados secundários/*small clauses* (STOWELL, 1981, 1983; WILLIAMS, 1983; KITAGAWA, 1985; WINKLER, 1997; ROTHSTEIN, 1995, 2001). Não estamos nos comprometendo com nenhuma delas nesse momento, apesar de apontarmos para uma derivação em (287). Interessa-nos entender, primordialmente, que o termo que segue *quando/cuando* diz respeito a um predicado secundário que projeta um sintagma adjetivo (do tipo de *menino/jovem/niño/joven*). Mas algumas questões importantes acerca dos depictivos estão certamente relacionadas a como eles são gerados. É relevante entender, por exemplo, de que modo o termo correferente do depictivo está presente na estrutura. Importante salientar também que não existe um consenso na literatura acerca de se o predicado secundário e o elemento que ele modifica constituem uma *small clause*. Alguns autores utilizam os termos como sinônimos (den DIKKEN, 2006).

A obrigatoriedade no uso da preposição *de* na estrutura de *quando* em português mostra que nessa língua *quando* não está gramaticalizado como uma preposição, sendo um advérbio relativo em todos os casos. Já em espanhol, *cuando* lexicaliza o traço categorial P e Adv, projetando a configuração SP ou SAdv. Isso responde a nossa segunda pergunta de pesquisa quanto ao estatuto categorial de *quando* e *cuando* nas duas línguas.<sup>239</sup>

O comportamento de *cuando* se diferencia do de *quando* em mais um caso. Enquanto termo *cuando* no espanhol admite ser seguido por nomes próprios, (272), o PB não realiza dados desse tipo, (273):

(272) [Cuando **Redondo**], el Real Madrid jugaba mejor.

Leitura: Na época em que Redondo jogava, o Real Madrid jogava melhor.

(GALLEGO, 2011, p. 10)

(273) a. \*[Quando **Neymar**], a seleção joga melhor.

b. \*[Quando do **Neymar**], a seleção joga melhor.

Para (272) acima, Gallego (2011) assume que *cuando* e o SN são realizados em uma estrutura semelhante à de *cuando el estreno/cuando joven*.

Existe ainda outro tipo de estrutura introduzida por nomes próprios cuja interpretação se diferencia da de (272). Segundo Moreno (2009), nos dados em (274), *cuando* tem sentido de *en el mismo momento que*, como se refere a *del mismo modo que* e *donde* remete a *en el mismo lugar que*. Nas palavras do autor, os constituintes *cuando*, *como* e *donde* seguem tendo natureza oracional e a omissão do verbo se dá por questões de redundância, sendo possível recuperá-lo. Esse seria o caso de (274): (a) *Antonio llegó cuando llegó Rosa*; (b) *Juan camina como camina Pedro*; (c) *Podemos ir donde fuimos el domingo pasado*. O português só permite esse tipo de construção com *como*, conforme (275)b, que tem denotação comparativa.

---

<sup>239</sup> No capítulo anterior, designamos o sintagma adverbial a partir da sigla do inglês (AdvP), seguindo os autores que lá adotamos. Nesta seção, adotamos a denominação e as siglas dos rótulos em português e em espanhol (SAdv) uma vez que os autores aqui discutidos o fazem. Em caso de dúvidas, conferir a *Lista de siglas e abreviaturas*.

- (274) a. Antonio llegó [cuando **Rosa**].  
b. Juan camina [como **Pedro**].  
c. Podemos ir [donde **el domingo pasado**].

(MORENO, 2009, pp. 88-89)

- (275) a. \*Bruna entrou [quando **Bete**].  
b. O pai caminha [como **o filho**].  
c. \*Podemos ir [aonde **no domingo pasado**].

Gallego (2011) igualmente apontou esse caso. Em (276), a leitura é a de que Juan deixou o posto na mesma hora em que Maria também deixou: *Juan abandonó el puesto cuando María abandonó*. Deixamos os desdobramentos dessas questões para pesquisas futuras.

- (276) a. Juan abandonó el puesto [cuando **María**].

(GALLEGO, 2011, p. 10)

Retomando os dados iniciais norteadores da discussão, concluímos que nossa proposta se diferencia da de Gallego (2011), na medida em que não consideramos que *cuando* nos dados do tipo *cuando joven/cuando niño* seja também uma preposição: nessa estrutura há uma relação de predicação, com a omissão do verbo (cópula), que pode ser recuperado de forma consistente e uniforme. Em tais casos *quando* e *cuando* funcionam do mesmo modo, isto é, como advérbios relativos (livres). A assimetria só se revela para os casos de *cuando el estreno/quando da estreia*. O item *cuando* é uma preposição e no português *quando* é um advérbio, o que explica a necessidade da preposição (*dummy*) *de* em português, mas não em espanhol.

No que se refere ao comportamento intralinguístico de *cuando/quando*, no espanhol pode ser categorialmente preposição e advérbio e em português apenas advérbio. Em espanhol, *cuando* toma um sintagma nominal na posição de complemento. Em português, *quando* requer a presença da preposição marcadora de Caso *de*. Nesse sentido, *cuando* manifesta traços *phi*, como as preposições, não interpretáveis, sendo, portanto, uma categoria transitiva do tipo P; *quando*, ao contrário, não manifesta traços *phi*, sendo uma categoria intransitiva/adverbial. Ou seja, em construções do tipo *quando + de + SN*, a categoria advérbio não introduz uma categoria nominal na posição de complemento, sendo projetada em um SAdv. Em razão de o

SAdv não ter propriedades de marcação de Caso (não tem traços *phi*), é inserida a preposição para licenciar o traço de Caso do sintagma nominal. Pode-se dizer, então, que a diferença em relação ao espanhol é que *cuando* tem traços *phi* não interpretáveis nessa língua, daí não ser necessária a inserção da preposição.

Concordamos, finalmente, com a hipótese de haver dois *cuando* no léxico do espanhol, um preposicional e outro adverbial, o que não ocorre no português, em que só existe uma categoria *quando* com estatuto de advérbio. Essas diferenças marcam também uma distinção micro/nanoparamétrica entre as duas línguas pesquisadas (nos termos de Roberts (2012)). Esse contraste está sistematizado no quadro a seguir:

Quadro 5 – Estatuto categorial lexical de *quando/cuando*.

		<b>Português</b>	<b>Espanhol</b>
<b>I.</b>	<i>Quando/cuando</i> + oração (finita)	Advérbio relativo	Advérbio relativo
<b>II.</b>	<i>Quando/cuando</i> + SAdj (depictivo)	Advérbio relativo	Advérbio relativo
<b>III.</b>	<i>Quando</i> + de + SN	Advérbio + Pdummy	✗
<b>IV.</b>	<i>Cuando</i> + SN	✗	Preposição

Argumentamos que o contraste entre I e II, por um lado, como estruturas de relativização, e III e IV, por outro, interage com o fato de que as estruturas de SAdj (depictivo), em II, introduzem eventos de predicados de estágio, enquanto as de III e IV, remetem a eventos episódicos/pontuais, essas últimas sem estabelecer relação de correferência com argumento na oração principal.

A seguir, trazemos alguns fenômenos relacionados com o tema deste capítulo para análises futuras.

### 3.6 QUESTÕES REMANESCENTES

A construção sintática de *cuando* + *SN/SA<sub>adj</sub>* também é vista com os advérbios relativos *donde* e *como*, o que gera a questão quanto a se também esses termos têm valor de advérbio e de preposição no espanhol:

- (277) a. Vivió [**donde** su madre].  
b. Y todos iban [**donde** los demás] (=donde iban los demás).  
c. Lo mandaron [**donde** mi] (=a mi casa).  
d. Se sintió definitivamente más cómodo [**donde** Petra Cotes].  
e. Advirtiéndole que iban [**donde** su cuñada] para que no les aguardase.
- (278) a. Doña Violante [...] no era [**como** Calipso], inmortal (=como era).  
b. Si la historia es, [**como** el tiempo], irreversible, no hay manera de restaurar lo pasado (=como es el tiempo).  
c. Se portaba [**como** tonto].

(ALARCOS LLORACH, 1994, pp. 102-103)

Dados do tipo de (277) e (278) são possíveis no português com *como*, (279), mas não ocorrem comumente com *onde*, (280):<sup>240</sup>

- (279) a. [**Como** regra], não viajou nas férias.  
b. [**Como** adolescente], tinha pouco interesse nos negócios.<sup>241</sup>

- (280) a. \*Sentiu-se mais cômodo [**onde** Maria].

Os termos *quando* e *cuando* também podem ser seguidos de participípios, (281). Cabe observar que *de* não introduz participípios, (282):

---

<sup>240</sup> Conforme Heloisa Salles (c. p.), essas formas são possíveis pelo menos no dialeto da região norte:

(i) Vou [onde você].

(ii) Ela foi [onde meu pai].

<sup>241</sup> BUFFET, P. *A vida é o que você faz dela*. Rio de Janeiro: Bestseller, 2011, p. 221.

- (281) a. [**Quando** terminado], o contrato não será renovado.  
b. O plástico [**quando** queimado] produz substâncias tóxicas.  
c. [**Cuando** solicitado], entregad los documentos.

(282) \***[De** terminado], o contrato não será renovado.

Essas construções do tipo de *quando jovem* se assemelham, em certo sentido, a construções com *enquanto*, como em (283), em que se transmite a ideia de estado transitório.<sup>242</sup> Tratamento similar poderia ser dado também às construções em (284), que têm sentido de *na qualidade de funcionários/presidente do PT*. O termo *enquanto* parece não permitir ser seguido de nomes do tipo de *estreia* e *decolagem*, (285).

(283) Na minha opinião é melhor viajar **enquanto jovem** do que esperar [...].<sup>243</sup>

- (284) a. **Enquanto funcionários**, quem somos nós para diminuir este prazer pelo qual o *guest* tanto esperou?.<sup>244</sup>  
b. Eu quero dizer que, **enquanto presidente do PT**, o meu papel na gestão, não posso de forma nenhuma comprometer o jogo que nós estamos realizando em Vitória da Conquista [...].<sup>245</sup>

- (285) a. \***Enquanto a estreia**, eu ficava muito nervosa. (Na estreia OK)  
b. \***Enquanto a decolagem**, os passageiros ficavam quietos. (Na decolagem OK)

Coloquialmente e de forma contrária ao português, *mientras* (significando *enquanto*) pode ser seguido de nome e indica o tempo em que um evento ocorreu, (286). Pode-se pensar que, assim como *cuando*, o termo está em uso prepositivo ou ainda que é uma sentença com verbo elidido (*mientras operaban*, *mientras transcurría el partido*) (CRESPO, s/d). *Mientras* também aceita um adjetivo, (287).

---

<sup>242</sup> Uso coloquial.

<sup>243</sup> Disponível em: <http://bit.ly/1Sexh5Q>. Acesso em 25/1/2016. (Texto publicado no site *LifeTips*).

<sup>244</sup> Disponível em: <http://migre.me/o5oOZ>. Acesso em 12/01/2015. (Texto publicado no site *Administradores*).

<sup>245</sup> Disponível em: <http://migre.me/o5oSK>. Acesso em 12/01/2015. (Citação de fala).

(286) a. [**Mientras** la operación], los médicos apenas hablaban.<sup>246</sup>

b. [**Mientras** el partido], en la calle hubo disturbios.

(CRESPO, s/d, p. 55)

(287) Disfruté mucho de la vida **mientras** **jovem**. (=cuando joven/de joven)

Também há as construções com o termo *ainda* em português, se bem que aparentam ser semanticamente distintas das sentenças de *quando*. Em (288)a, a leitura é a de que o falante começou a atividade quando ainda era pequeno e prossegue exercendo-a. Entretanto, em (288)b, o falante parece dar uma informação acerca de uma atividade realizada em certo período e não prevê outros acarretamentos. Esse matiz interpretativo parece bastante fino e requer mais investigação:

(288) a. Entrei nas artes marciais **ainda** pequeno.<sup>247</sup>

b. Entrei nas artes marciais **quando** pequeno.

Parece que outros termos podem fazer a omissão do sintagma verbal se seguidos de sintagma adjetivo, além desses acima. No português, *embora* expressa tal capacidade: *embora* *novos* em (289) poderia ser parafraseado por *embora sejam* *novos*, com o verbo *ser* explícito:

(289) **Embora** novos, esses jogadores têm muita experiência.

(dado de fala)

*Quando* também pode compor um tipo de estrutura em que é seguido de adjunto de lugar/expressão prepositiva. Os dados são do português.

(290) a. [**Quando** no automóvel], entre uma visita e outra, costumava pensar coisas pessimistas [...].<sup>248</sup>

---

<sup>246</sup> Exemplo extraído do *Oxford Dictionary On-line*. Disponível em: <http://migre.me/ssyeK>. Acesso em 19/12/2015.

<sup>247</sup> LYRA, E. *Jovens Falcões*. São Paulo: Novo Século, 2012. p. 165. Citação de fala.

<sup>248</sup> PEALE, N. V. *O poder do pensamento positivo*. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 18.

b. [**Quando** em casa], se você possui marido/esposa e filho(s), é muito fácil haver inúmeras interrupções [...].<sup>249</sup>

c. [**Quando** em Roma], faça como os romanos. (provérbio)

Por fim, a discussão acerca das estruturas de *quando/cuando* seguidas de nomes/adjetivos parece ter alguns desdobramentos, todavia ainda por serem explorados.

### 3.7 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Este capítulo trouxe os casos em que *quando/cuando* é seguido de sintagma nominal (do tipo de *estreia, guerra*) e adjetivo/nominal (do tipo de *jovem, menino*). Fizemos essa distinção entre dois tipos de sintagmas porque ela se mostrou relevante para a discussão. Além disso, acabamos por incluir os sintagmas adjetivos/nominais na classe dos adjetivos apenas em razão de na derivação ocorrerem na forma de um SAdj. Os dados mostraram uma oposição entre o português e o espanhol e um debate importante quanto ao tratamento de *quando/cuando* como categoria adverbial ou preposicional.

Ambas as línguas permitem o uso de um sintagma adjetivo sendo introduzido por *quando/cuando*, com uma denotação que definimos como predicado secundário/depictivo (*quando jovem/cuando joven; quando criança/cuando niño*). A oposição aparece se temos um sintagma nominal sem denotação depictiva: *cuando* permite a formação da estrutura diretamente, mas não *quando*. Nesse caso, o termo precisa de uma preposição *de* intermediando a relação entre ele e o sintagma nominal (*quando da estreia/ cuando el estreno*).

As sentenças-*quando/cuando* seguidas de sintagmas adjetivos apresentam algumas propriedades: são comumente usadas no tempo passado; possuem um termo correferente; não podem ser modificadas ou especificadas; estão em uma estrutura de predicação, o adjetivo que segue *quando/cuando* é depictivo, além de ser *stage-level*. As sentenças-*quando/cuando* seguidas de sintagmas nominais são episódicas, não precisam ocorrer necessariamente no passado e não apresentam termo correferente.

Os autores do espanhol, pelo menos, analisam o item *cuando* nessas estruturas como uma preposição ou como um advérbio em uso preposicional, devido a se poder

<sup>249</sup> Disponível em: <http://migre.me/sfPuq>. Acesso em 29/11/15. (Texto informativo).

substituir o termo por *de/desde* (ALARCOS LLORACH, 1994; ALCINA; BLECUA, 1998; TORREGO, 2011). Seguindo essa vertente, Gallego (2011) assume essa análise para os contextos não-oracionais de *cuando*. A noção de advérbio relativo seria captada apenas para os contextos oracionais.

Concluimos que essa análise não pode ser estendida ao português (nem ao espanhol). Propusemos que há uma divisão entre os dados. Para os casos de *quando/cuando* introdutor de sintagmas adjetivos e nominais (depictivos), o termo é um advérbio relativizador, exatamente como nas estruturas em que *quando/cuando* introduz oração. Para os casos em que *quando/cuando* introduz o sintagma nominal (não depictivo), *cuando* ocorre como preposição introdutora de argumento SN, mas não *quando*. No português, diferentemente, o termo mantém o estatuto de advérbio, sendo o SN licenciado pela preposição (*dummy*) *de* (*Quando da estreia/\*Quando a estreia*). A preposição *de* marca Caso, função que no espanhol é exercida pelo próprio *cuando*. Essa análise corrobora o tratamento que demos a *quando* introdutor de oração (finita) no capítulo anterior, em que postulamos se tratar de um advérbio relativo, que se move como núcleo, dando origem a uma oração relativa livre. Por fim, trouxemos questões remanescentes para uma abordagem mais ampla em trabalhos futuros. No próximo capítulo, investigamos as orações-*quando/cuando* temporais-condicionais.



## CAPÍTULO 4

# TIPOLOGIA DAS ORAÇÕES-*QUANDO/CUANDO*: SENTENÇAS TEMPORAIS-CONDICIONAIS

### 4.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo, trataremos do que estamos chamando de polissemia do termo *quando/cuando*. Partimos do pressuposto de que a principal propriedade desse conectivo é a expressão da temporalidade. Observa-se, porém, que a oração introduzida por *quando/cuando*, além do caráter temporal, pode expressar causalidade, concessão, condicionalidade, adversatividade e proporcionalidade. Uma das hipóteses de trabalho é, portanto, a de que a sentença de *quando/cuando* pode acumular mais de uma acepção, desde que certas propriedades estejam presentes. Assumindo-se que a semântica é um componente interpretativo para as estruturas geradas pela gramática, uma consequência imediata é que a sentença de *quando/cuando* deve manifestar tais propriedades.

Ao considerarmos os dados de (291) e (292) é possível constatar que a polissemia de *quando/cuando* ocorre tanto em português quanto em espanhol – além do significado temporal, os seguintes matizes de significação podem ser encontrados:<sup>250</sup>

---

<sup>250</sup> Não apenas *quando* e *cuando* são capazes de assumir diferentes leituras. Outros conectivos subordinativos adverbiais também o são. *Se* e *como*, por exemplo, além das suas funções canônicas de expressar condição e comparação, respectivamente, podem expressar outros matizes. No caso de *se*, o tempo verbal influencia o sentido da sentença:

(i) *Se*

Condição – *na hipótese de* (verbo no futuro do subjuntivo – fato hipotético)

a. **Se** todos *comparecerem*, darei o resultado.

Causa – *já que* (verbo no pretérito perfeito do indicativo – fato consumado)

b. **Se** todos *compareceram*, darei o resultado.

Causal – *já que*

c. **Se** ele não tem amigos, também não tem inimigos.

(ii) *Como*

Comparativa – *tal qual*

a. Rosa ficou vermelha **como** um pimentão.

Causal – *já que*

b. **Como** não conseguiu tirar férias, desistiu da viagem.

Conformativa – *conforme*

c. Felipe estudou muito, **como** os pais pediram.

*Português*

(291) Condicionalidade – *se*

a. **Quando** chego cedo da aula, sempre saio para andar de bicicleta.

(dado nosso)

Causa – *porque*

b. [...] **quando** meus pais se separaram, eu fiquei muito chocada [...].

(FERREIRA, 2008, p. 93)

Concessão – *embora*

c. No mês de dezembro, por exemplo, foram registrados apenas 39 milímetros de chuva durante todo o mês **quando** a média para a época é de aproximadamente 200 milímetros.<sup>251</sup>

d. Algumas pessoas acham que estão falando sobre uma ética de trabalho, **quando** de fato estão falando sobre uma ética da riqueza.<sup>252</sup>

e. Como podem realmente apreciar sua boa sorte **quando** sabem que tantos outros foram privados dela?<sup>253</sup>

f. Qual era o propósito de aprender a música de outras pessoas, escritas em uma página em preto e branco, **quando** minhas próprias composições simples surgiam de algum lugar misterioso em cores cheias de vida?<sup>254</sup>

Adversatividade – *contudo*

g. O Paulo foi com a Ana à festa, **quando** era suposto ele ir sozinho.

h. A Ana pensa que o Paulo tem vinte anos, **quando**, na realidade, ele tem só dezassete. [*sic*]

(MÓIA, 2001, p. 349)

Proporcionalidade – *à medida que/ao passo que*

i. Eles têm todas as regalias, **quando** nós temos encargos.<sup>255</sup>

<sup>251</sup> Disponível em: <http://migre.me/myDnP>. Acesso em 14/10/2014. (Notícia publicada no site *GI*).

<sup>252</sup> BUFFET, P. *A vida é o que você faz dela*. Rio de Janeiro: Bestseller, 2011, p. 33.

<sup>253</sup> BUFFET, P. *A vida é o que você faz dela*. Rio de Janeiro: Bestseller, 2011, p. 50.

<sup>254</sup> BUFFET, P. *A vida é o que você faz dela*. Rio de Janeiro: Bestseller, 2011, p. 98.

<sup>255</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004, p. 97.

*Espanhol*

Condicionalidade – *se*

- (292) a. **Cuando** llego temprano de la universidad, salgo a dar un paseo.  
(dado nosso)

b. **Cuando** tú lo dices, será verdad.

(RAE, 2009, p. 419)

Concessão – *embora*

c. Me dieron la mitad de la herencia **cuando** tenía derecho a toda.

d. **Cuando** podía vivir tranquilo, se busca más ocupaciones.

(ÁLVAREZ PRENDES, 2008, pp. 265-266)

Nossa análise centra-se nas orações que denotam temporalidade e condicionalidade ao mesmo tempo, conforme (293) e (294). A sentença introduzida por *quando* em (293)a, por exemplo, parece acumular tanto uma denotação temporal quanto condicional, significando que: (i) no momento/tempo em que chega cedo, Luana busca os filhos na escola; (ii) chegar cedo é condição para Luana buscar os filhos na escola. Essas sentenças podem denotar uma habitualidade. Além disso, o evento que descrevem tem caráter genérico. Estamos chamando essas estruturas temporais-condicionais de causa/efeito, por manifestarem um efeito, associado a uma causa.<sup>256</sup> Pretendemos mostrar que as orações-*quando/cuando* temporais-condicionais são distintas das orações-*quando/cuando* puramente temporais, (295) e (296), não só semanticamente, mas também no nível da estrutura oracional.

*Temporais-condicionais*

*Português*

(293) a. **Quando** chega cedo, Luana busca os filhos na escola.

b. **Quando** está feliz, o cachorro abana o rabo.

c. **Quando** Chomsky publica um livro, os linguistas compram.

---

<sup>256</sup> Hirata-Vale (2005) também usa o termo condicionais preditivas.

*Espanhol*

- (294) a. **Cuando** Messi hace un récord, siempre lo hace con estilo.<sup>257</sup>  
b. Los rumores son miserables, pero **cuando** la Presidenta los comenta incurre en un error.<sup>258</sup>  
c. **Cuando** viajo, siempre uso los servicios de LAN – Peru.<sup>259</sup>

*Temporais*

*Português*

- (295) a. **Quando** eu cheguei, Jorge tinha acabado de entrar.  
b. **Quando** Marina entrou na sala, todos ficaram em silêncio.  
c. **Quando** a Luciana se formar, vai tirar um ano sabático.

*Espanhol*

- (296) a. Scioli estuvo toda la jornada inquieto **cuando** se enteró de que Aníbal había hecho *rancho aparte*.<sup>260</sup>  
b. Eso sucedió avanzado el domingo **cuando** la Presidenta contó con información privilegiada [...].<sup>261</sup>  
c. **Cuando** vaya a México, visitaré las ruinas.

Salientamos que as sentenças temporais-condicionais não mostram distinções importantes se comparamos português e espanhol, exceto pelo sistema temporal que empregam. A análise dessas sentenças em termos de suas propriedades semânticas e sintáticas justifica-se, no entanto, por estarem em consonância com nosso Capítulo 5, que trata das sentenças temporais e de aspectos envolvendo questões modo-temporais das orações-*quando/cuando*. Ademais, esperamos contribuir com os estudos que analisaram as sentenças temporais e condicionais.

O capítulo está estruturado do seguinte modo: esta seção 4.1 introduziu o problema de pesquisa; a seção 4.2 investiga os tipos de sentenças temporais-condicionais. A seção 4.3 aborda trabalhos que discutiram o tema no português e no

<sup>257</sup> Disponível em: <http://migre.me/sk2OK>. Acesso em 6/12/15. (Comentário publicado em rede social).

<sup>258</sup> Disponível em: <http://migre.me/sk2TL>. Acesso em 6/12/15. (Citação de fala).

<sup>259</sup> Disponível em: <http://migre.me/sk32N>. Acesso em 6/12/15. (Comentário publicado em rede social).

<sup>260</sup> Disponível em: <http://migre.me/sk39g>. Acesso em 6/12/15. Em alguns casos, a versão da sentença em português não parece óbvia. Apenas para esses casos, estamos sugerindo uma tradução nossa: (i) *Scioli esteve inquieto toda a viagem quando soube que Aníbal tinha se afastado*.

<sup>261</sup> Disponível em: <http://migre.me/sk39g>. Acesso em 6/12/15. (Texto publicado no site *Clarín*).

espanhol. No item 4.4, discutimos as restrições à formação das temporais-condicionais de causa e efeito. As seções 4.5 e 4.6 exploram os contrastes entre as sentenças temporais e as sentenças condicionais prototípicas e as sentenças temporais-condicionais. A seção 4.7 trata da relação entre sentenças atemporais, genéricas e temporais-condicionais. Por fim, em 4.8, a síntese do capítulo.

## 4.2 TIPOS DE SENTENÇAS TEMPORAIS-CONDICIONAIS?

Conforme mencionado, nosso foco de estudo neste capítulo são as sentenças temporais-condicionais que denotam uma relação de causa e efeito. Em tais casos, *quando/cuando* poderia ser substituído por *se/si*, sem que a sentença sofra mudança substancial. Supomos que essas sentenças sejam genéricas e possam indicar também uma habitualidade.

Parece, entretanto, que podemos falar em tipos ou subclassificações de orações temporais-condicionais. Carlson (1979) notou, por exemplo, que as sentenças que denotam propriedades de nomes interpretados como *espécie* (*bebês, cães, atletas, etc.*) também podem ser parafraseadas por relativas restritivas *salva veritate*, (297)a-c, (298)a-c e (299)a-c.<sup>262</sup> O autor analisou exclusivamente as orações-*quando* restritivas (*restrictive when-clauses*), que, para ele, são parafraseáveis por orações-*se* restritivas (*restrictive if-clause*).<sup>263</sup> Carlson trata essas sentenças como atemporais, afirmando ainda que as orações-*quando* restritivas se comportam semanticamente como orações relativas e sintaticamente como orações adverbiais (LEWIS, 1975; FARKAS; SUGIOKA, 1983). As contrapartes em (297)d/e, (298)d/e e (299)d/e também são possíveis.

### *Português*

- (297) a. Bebês **quando** são recém-nascidos choram muito durante a noite.  
b. Bebês **se** são recém-nascidos choram muito durante a noite.  
c. Bebês **que** são recém-nascidos choram muito durante a noite.

<sup>262</sup> Sentenças *salva veritate* ou de intersubstitutividade denotam uma condição lógica em que duas expressões podem ser intercambiadas sem alterar o valor de verdade das declarações em que essas expressões ocorrem.

<sup>263</sup> Para alguns falantes, as sentenças são boas apenas com uma interpretação explicativa ou se a sentença-*quando* é movida para a posição final: *Bebês choram muito durante a noite quando são recém-nascidos.*

- d. Bebês recém-nascidos choram muito durante a noite.
- e. Quando bebês são recém-nascidos, choram muito durante a noite.

- (298)
- a. Cães **quando** são de raça valem muito dinheiro.
  - b. Cães **se** são de raça valem muito dinheiro.
  - c. Cães **que** são de raça valem muito dinheiro.
  - d. Cães de raça valem muito dinheiro.
  - e. Quando cães são de raça, valem muito dinheiro.

*Espanhol*

- (299)
- a. Los perros **cuando** son de raza valen mucho dinero.
  - b. Los perros **si** son de raza valen mucho dinero.
  - c. Los perros **que** son de raza valen mucho dinero.
  - d. Los perros de raza valen mucho dinero.
  - e. Cuando los perros son de raza, valen mucho dinero.

Sentenças médias, (300)a e (301)a, que fazem uma generalização sobre o argumento interno, relatando uma propriedade inerente, igualmente são parafraseáveis pelas orações-*quando/cuando* e orações-*se/si*, (300)b/c e (301)b/c:

*Português*

- (300)
- a. Vaso de cristal quebra fácil.
  - b. Vaso **quando** é de cristal quebra fácil.
  - c. Vaso **se** é de cristal quebra fácil.<sup>264</sup>

*Espanhol*

- (301)
- a. Los jarrones de cristal se rompen fácilmente.
  - b. Los jarrones **cuando** son de cristal se rompen fácilmente.
  - c. Los jarrones **si** son de cristal se rompen fácilmente.

Fernández (2000) também destaca a diferença entre as sentenças temporais-condicionais em (302) e (303). O autor argumenta que aquilo que se diz em (302) é

---

<sup>264</sup> A versão *Vaso que é de cristal quebra fácil* também é possível.

sempre verdade e o que se diz em (303) é uma generalização. As mesmas interpretações são captadas nas versões em português das sentenças, (304).<sup>265</sup>

(302) Alguien es huérfano **cuando** sus padres han muerto.

(303) La gente no puede ser feliz **cuando** no tiene empleo.

(FERNÁNDEZ, 2000, pp. 207-208)

(304) a. Alguém é órfão **quando** os pais estão mortos.

b. As pessoas não podem ser felizes **quando** não têm emprego.

Existe ainda um tipo que esboça tanto uma leitura condicional quanto temporal, mas também um viés concessivo. Em (305)a, (306)a e (307)a, há a descrição de uma situação genérica e a possibilidade da formação da paráfrase, trocando *quando* por *se*, (305)b, (306)b e (307)b. Uma paráfrase com *embora/aunque*, termos concessivos em português e espanhol, respectivamente, também caberia, com ligeiras mudanças nas sentenças, como nos tempos verbais. Todos esses matizes interpretativos aparentam decorrer da composicionalidade da sentença.<sup>266</sup>

(305) a. Não sei por que a Mariana me chama para sair sábado à noite **quando** ela sabe que eu não posso.

b. Não sei por que a Mariana me chama para sair sábado à noite **se** ela sabe que eu não posso.

(306) a. Por que faz tantas perguntas **quando** não se tem uma resposta sincera?

b. Por que faz tantas perguntas **se** não se tem uma resposta sincera?

(dados nossos)

(307) a. ¿Por qué tengo yo que aguantar sus caprichos **cuando** nunca ha movido un dedo por mí?

(FERNÁNDEZ, 2000, p. 209)

---

<sup>265</sup> Nas sentenças em (302) e (304)a, *cuando/quando* parecem ter interpretação de *se e somente se*, mas não em (303) e (304)b.

<sup>266</sup> Conferir Traugott e König (1991, p. 200), que apontam que além de aspectos temporais, fatores de ordem pragmática podem influir na leitura de concessividade.

b. ¿Por qué tengo yo que aguantar sus caprichos **si** nunca ha movido un dedo por mí?

(dado nosso)

Por último, as sentenças temporais-condicionais, além de admitir paráfrase com *se*, parecem manter também a sua genericidade/relação causa-efeito ao estarem em uma estrutura de gerúndio ou terem a sentença iniciada por *quem* ou *aquele que*, conforme (308):

- (308) a. **Quando** cala, consente.  
b. **Se** cala, consente.  
c. **Calando**, consente.  
d. **Quem** cala, consente.<sup>267</sup>

Conforme explicitado acima, há alguns tipos ou formas de expressar sentenças temporais-condicionais: há as que generalizam sobre nomes que denotam espécies, as que, além de temporalidade e condicionalidade, também possuem um viés concessivo, etc. Este trabalho se debruça, especificamente, sobre as que denotam noção de causa e efeito, que parece ser a forma mais comum do fenômeno. Ressaltamos que as propriedades dos demais tipos de sentenças devem ser mais bem exploradas, uma vez que elas não necessariamente podem ter as mesmas características das sentenças que são nosso objeto de estudo.

---

<sup>267</sup> Orações condicionais universais proverbiais no PB foram estudadas por Jesus (2003). Com efeito, as orações-*quem* são usadas para expressar situações genéricas dentro do universo que descrevem. A leitura, nesse caso, é genérica/universal. Em (i), entre todos aqueles que se casam, todos desejam uma casa; entre todos que semeiam vento, todos colhem tempestade, etc. Esse tipo de construção não é comum apenas em provérbios, como mostram os dados em (ii).

- (i) a. **Quem** casa, quer casa.  
b. **Quem** semeia vento, colhe tempestade.  
c. **Quem** tem boca, vai a Roma.  
d. **Quem** bate cartão, não vota em patrão.  
e. **Quem** desdenha, quer comprar.
- (ii) a. **Quem** publica algo do gênero precisa assumir as consequências de suas escolhas. (F. de SP., LAUB, 2014, p. E12)  
b. **Quem** viveu o pesadelo de deixar tudo para trás por ordem do tráfico, revela que as lideranças criminosas no setor têm menos de 18 anos. (ARAÚJO, S. *Tráfico dominado por adolescentes*, CB, Cidades, publicado em 18 de agosto de 2014, p. 19)

## **4.3 A ORAÇÃO TEMPORAL-CONDICIONAL**

Nesta seção, trazemos dados e trabalhos do português e do espanhol presentes na literatura que trataram das sentenças temporais-condicionais a partir de diversas linhas teóricas. O objetivo é explicitar e explorar as propriedades apontadas pelos autores para essas sentenças. Além disso, mostra-se relevante estabelecer o estado da arte para o tema. Em nossa argumentação, mostramos que a interpretação temporal-condicional é decorrente de duas restrições: uma restrição de leitura (em razão de as sentenças denotarem relação de causação) e uma restrição de tempo/aspecto (devido às sentenças ocorrerem no presente/pretérito (imperfeito)).

### **4.3.1 PORTUGUÊS**

#### **4.3.1.1 NEVES (2000)**

O estudo de Neves (2000, pp. 797-798), de linha funcionalista, relata que sentenças iniciadas por *quando* têm leitura temporal, mas também podem expressar leitura causal, concessiva, adversativa e condicional. Segundo a autora, as orações-*quando* de sentido condicional se dividem em eventuais e factuais.

As sentenças-*quando* de sentido condicional eventual têm como características:

1. Na oração principal e na oração introduzida por *quando*, ocorre o presente ou o pretérito imperfeito;
2. A descrição do estado de coisas da oração-*quando* e da oração principal são simultâneos;
3. O conteúdo não perfectivo da sentença pode indicar iteração (*quando=todas as vezes que*);
4. A leitura de habitualidade ocorre dentro das condições estabelecidas na oração subordinada adverbial (que a autora chama de condição preenchível).

(309) a. Vamos mudar de assunto que o Fontoura se *irrita* [**quando** a gente *fala* nele].

b. Contudo, seu entusiasmo *era* muitas vezes recebido com desconfiança e ceticismo pelos companheiros, especialmente [**quando** o objetivo do entusiasmo *era* algum desconhecido da equipe].

(NEVES, 2000, p. 799)

As sentenças-*quando* de sentido condicional factual têm as características elencadas a seguir. Os exemplos em (310), embora tenham sido tratados como casos de sentenças em que *quando* denota condicionalidade, também trazem sentido concessivo.

1. Na oração principal e na temporal, ocorre o presente ou o pretérito imperfeito;
2. A relação temporal entre os dois estados de coisas (simultaneidade) é tênue;
3. A factualidade contida na oração adverbial (condição preenchida) mostra-se relevante;
4. O fato expresso na sentença temporal é entendido como justificativa para aquilo que se afirma na sentença principal (=já *que*, *uma vez que*).

(310) a. Como é possível dizer tal coisa [**quando** se *sabe*] universalmente que as drogas são depressivas, viciantes e causam distúrbios físicos e mentais?

b. Não lhe *ficava* bem observar tanto os outros [**quando** ele próprio *bebia* limonada].

(NEVES, 2000, p. 799)

Neves (2000), além de destacar a polissemia de *quando*, ressalta as características e indica os tempos verbais que as sentenças devem trazer. Essas questões serão retomadas.

#### **4.3.1.2 GOUVEIA ET AL. (2001)**

O objetivo de Gouveia et al. (2001) é investigar o conteúdo transmitido por sentenças temporais e condicionais, estabelecendo um conjunto de variáveis que

influenciam no significado comum. O foco da pesquisa dos autores foi o raciocínio pragmático que os falantes fazem das sentenças condicionais, cuja caracterização nos termos da lógica formal deve corresponder a: se  $p$  (então)  $q$ , ou seja, se  $p$  for estabelecido,  $q$  pode ser imediatamente concluído (BRAINE, 1978).

Seguindo Reilly (1986), os autores afirmam que sentenças temporais-condicionais compartilham algumas características: (i) desempenham papel de sentença subordinada; (ii) vinculam eventos simultâneos ou sequenciais; (iii) remetem a uma relação causal entre os eventos; (iv) ocorrem antepostas ou pospostas à oração principal; (v) são sentenças que podem intercambiar *quando* e *se*; (vi) possuem proximidade semântica e (vii) aparecem no tempo presente.

De acordo com a pesquisa dos autores, essa relação de semelhança entre *quando* e *se* tem origem no desenvolvimento histórico dos conectivos nas diversas línguas. No inglês, por exemplo, *when* é usado tanto para expressar tempo quanto condição, embora haja um marcador condicional específico, *if*.<sup>268</sup> Em alemão, as duas noções se manifestam por meio de um único termo, *wenn* (KÖNIG, 1986).

Souza (1996 apud GOUVEIA et al. 2001) verifica que as sentenças supostamente temporais de *quando* oportunizam uma leitura condicional. Para a autora, essas sentenças apresentam três propriedades: (i) a simultaneidade dos eventos, (ii) o aspecto verbal simples e (iii) o conteúdo sentencial fazendo referência ao mundo real, factual. A pesquisa de Gouveia et al., especificamente, investiga, além dessas variáveis já discutidas pelos outros autores, a influência do tempo/aspecto verbal da sentença para a distinção entre a leitura temporal e condicional, separadamente, e a temporal-condicional, com o acúmulo de sentidos.

À vista disso, concluem que, no tempo passado e no tempo futuro, os falantes julgam que as sentenças-*quando* expressam mais certeza de ocorrência do que as sentenças de *se*:

---

<sup>268</sup> Sentenças introduzidas por *when* também podem ser usadas com um significado muito próximo ao das condicionais com *if*, conforme salientam Hall; Caponigro (2010, p. 545, tradução nossa).

- (i) a. [**When** it rains], I feel sad.                      b. [**If** it rains], I feel sad.  
    ‘Quando chove, eu fico triste.’                      ‘Se chove, eu fico triste.’
- (ii) a. [**When** a natural number is divisible by 2], then the number is even.  
    ‘Quando um número natural é divisível por 2, então o número é par.’  
    b. [**If** a natural number is divisible by 2], then the number is even.  
    ‘Se um número natural é divisível por 2, então o número é par.’
- (iii) a. [**When** a kid likes a toy], she wants it all the time.  
    ‘Quando uma criança gosta de um brinquedo, ela quer ele o tempo todo.’  
    b. [**If** a kid likes a toy], she wants it all the time.  
    ‘Se uma criança gosta de um brinquedo, ela quer ele o tempo todo.’

- (311) a. **Se** eu *usei* o computador, *liguei* o ar condicionado.  
b. **Quando** eu *usei* o computador, *liguei* o ar condicionado.

- (312) a. **Se** eu *usar* o computador, *vou ligar* o ar condicionado.  
b. **Quando** eu *usar* o computador, *vou ligar* o ar condicionado.

(GOUVEIA et al., 2001, p. 273)

Quanto ao tempo presente, os participantes do estudo entendem que a ideia de certeza de ocorrência dos eventos de ambos os conectivos são similares:

- (313) a. **Se** eu *uso* o computador, *ligo* o ar condicionado.  
b. **Quando** eu *uso* o computador, *ligo* o ar condicionado.

(GOUVEIA et al., 2001, p. 273)

Essa constatação é importante porque marca uma diferença entre os usos dos conectivos a partir do tempo/aspecto verbal. Por fim, os autores investigam outras variáveis e dão outros detalhamentos, mas por não se mostrarem relevantes para a caracterização das sentenças temporais-condicionais não serão abordados. O ponto relevante da pesquisa parece ser a constatação de que os falantes reconhecem as distinções e semelhanças no uso de *quando* e *se*.

#### **4.3.1.3 PANTE E MACEIS (2009)**

Pante e Maceis (2009, p. 85) destacam que a correlação dos tempos verbais nas sentenças temporais favorece certas interpretações. As autoras afirmam que o conectivo *quando* expressa a ideia de temporalidade, embora seja capaz de expressar outras circunstâncias adverbiais, como condição e causa. Observam que, no latim, *quando* desempenhava função de advérbio com valor de *em que tempo* e também de conjunção causal com sentido de *visto que, já que, pois que*.

O estudo de Pante e Maceis com textos do século XV e início do século XVI traz excertos nos contextos em que, segundo as autoras, já mostram o uso de *quando* com uma interpretação condicional. Os exemplos abaixo têm os verbos tanto da oração

principal quanto da oração subordinada no tempo presente do modo indicativo e isso favoreceria, para elas, a leitura de condicionalidade.<sup>269</sup>

(314) a. Como o diabo, **quando** se vee vencido do primeiro combate, se **trabalha** combater as devotas pesoas per injúrias, vilanias, tribulações.  
[Como o diabo, quando se vê vendido no primeiro combate, trabalha em combater as pessoas devotas com injúrias, vilanias e tribulações].

b. **Quando** o envejoso **vee** ou **ouve** os bees de taaes pesoas; elle os **prasma**, quando pode, pollos abater.  
[Quando o invejoso vê ou ouve os bens de tais pessoas, ele os censura, quando pode, para os abater].

c. Esta terra carece d augoa por ser muyto grande, e ter poucas ribeyras; fazem alagoas em que se **recolhe** augoa **quoando chove** (...).  
[Esta terra, por ser muito grande e por ter poucas ribeiras, carece de água; fazem lagoas em que se recolhe a água quando chove].

d. (...) porque este criou a elerey, e o fez, e asyn o tem em logar de pay, e **quoando chama** o dito Rey lhe **chama** senhor Salvatinica.  
[(...) porque criou este para rei e o fez rei, e assim o tem lugar de pai, e, quando chama o dito rei, chama-lhe senhor Salvatinica].

(PANTE; MACEIS, 2009, pp. 89-90)

O pretérito imperfeito também preconiza, conforme as autoras, interpretação condicional:

(315) E ssobre todas estas cousas avya esta pratica, que **quando tornava** a aquella muy malleciosa renembrança, com gastamento de coraçom logo lhe **conssiirava** o fundamento.

---

<sup>269</sup> Os destaques e as glosas são das autoras.

[E havia esta prática sobre todas as coisas, que, **quando voltava** aquela maliciosa lembrança, com ira do coração, logo **refletia** sobre o motivo].

(PANTE; MACEIS, 2009, pp. 89-90)

Por outro lado, dados no pretérito perfeito do indicativo favoreceriam uma leitura causal:

(316) a. Mas **quoando virão** da maneyra que os **acometerão, comveyo** lhe deixar do que lhes compria pera sua salvação (...).

[Mas, quando viram a maneira como os acometeram, conveio lhe deixar o que lhe cumpria para sua salvação (...)].

b. **Quoando** os que asy vinhão fugindo **virão** o Mao acarro que têmho nos seus, **comveyo** lhe tomar a virar contra os enemigos (...).

[Quando os que assim vinham fugindo viram o mal (?) que tinham nos seus, conveio-lhe tornar a virar contra os inimigos (...)].

(PANTE; MACEIS, 2009, pp. 89-90)

As autoras concluem que o conectivo *quando* pode aparecer com sentido de condicionalidade em dados atuais e do português arcaico. Evidenciam que o tempo verbal influencia na interpretação das orações. O presente e o pretérito imperfeito do indicativo favorecem a leitura de condição e o pretérito perfeito, a leitura causal. Por último, constatam que a polissemia de *quando* é encontrada diacronicamente na língua.

#### 4.3.1.4 BEZERRA E MEIRELES (2009)

O estudo de Bezerra e Meireles (2009, p. 154) analisa o uso de construções temporais como construções condicionais. Esses são casos em que a estrutura temporal perde sua função prototípica de marcar tempo apenas. As autoras adotam uma visão sociocognitivista e seguem duas premissas principais:<sup>270</sup>

---

<sup>270</sup> Omitimos tecnicismos da teoria apresentada pelas autoras por não serem relevantes para este trabalho.

➤ **Premissa 1**

*Marcadores temporais introduzem espaços mentais e demarcam domínios discursivos em termos de relações de correspondência.*

➤ **Premissa 2**

*Domínios temporais são interpretados em termos de relações de Causa, de tal modo que o evento antecedente é interpretado como causa do evento subsequente.*

O marcador *quando* tem a função de atuar como introdutor de domínio temporal e faz com que as sentenças subsequentes estejam nesse mesmo domínio temporal. Esse é o caso de (317):

(317) **Quando** FHC era só sociólogo, a política dele era boa.

(BEZERRA; MEIRELES, 2009, p. 154)

Para as autoras, há uma conexão entre Temporalidade e Causação, o que motiva a interpretação da situação antecedente como causa possível da subsequente. Esse fato permite o uso das orações temporais com uma contraparte condicional.

A principal hipótese das autoras é a de que construções temporais são reinterpretadas como construções condicionais se a relação de temporalidade que representam passa a expressar genericamente uma relação entre a causa possível do evento subsequente em relação ao evento antecedente. O dado (318)a não retrata um momento específico em que os alunos reclamam demais, mas uma quantificação universal: quando os alunos costumam reclamar com mais intensidade, generaliza-se uma situação na qual os professores acabam atendendo os alunos. Essa leitura de quantificação também ocorre em (318)b.

(318) a. **Quando** os alunos reclamam demais, o professor acaba cedendo.

b. **Quando** a gente confia, a gente consegue.

(BEZERRA; MEIRELES, 2009, pp. 154-155)

Adiante veremos que a Causação apenas não garante o viés condicional de *quando/cuando*. Na verdade, esse parece ser um dos aspectos da sentença temporal-condicional que, associado a outros, como o tempo/aspecto verbal, garante tal leitura.

Nessa abordagem de Bezerra e Meireles, as construções condicionais são classificadas em três tipos, segundo a relação causal dos eventos que suscitam. As autoras seguem o trabalho de Sweetser (1990).

Em (319), prediz-se a reprovação de Dalmo pela situação hipotética da sua falta de empenho nos estudos, ou seja, faz uma referência a uma situação no mundo e estabelece uma relação de causa entre elas. Além disso, há a partilha de crenças: passar no vestibular demanda muito estudo. Construções desse tipo são classificadas como *condicionais de conteúdo*.

(319) **Se** Dalmo não estudar com empenho, não passará no vestibular.

(BEZERRA; MEIRELES, 2009, p. 156)

O segundo tipo é chamado de *condicional epistêmica*. Nesse caso, o conhecimento sobre a validade da primeira parte da sentença é condição suficiente para a suposição ou conclusão da validade da sua parte final. A ideia é que há uma relação causal entre o evento considerado e alguma suposição que o autorize.

(320) **Se** ela comprou tudo o que João pediu, ela o adora.

(BEZERRA; MEIRELES, 2009, p. 157)

Por fim, o terceiro tipo, denominado *condicional pragmática*, reporta situações em que o que se enuncia na segunda parte da sentença está condicionado à satisfação do que se disse na primeira parte.

(321) **Se** você já acabou de telefonar, eu gostaria que me atendesse.

(BEZERRA; MEIRELES, 2009, p. 157)

O uso das construções temporais canônicas com *quando* está condicionado a uma relação entre tempo e fato. As autoras afirmam que a destemporalização dos marcadores temporais é um fenômeno produtivo no português contemporâneo, embora já tenhamos visto que também está presente na diacronia da língua (PANTES;

MACEIS, 2009). Acrescentam que esse é um processo de transição semântica em que o marcador deixa de datar o evento no tempo e passa a indicar uma temporalização sobre um conjunto de eventos da mesma classe, mais abrangente e genérica:

- (322) a. [...] **quando** a pessoa fala que ela tá obrigada, ela não tem energia, coragem suficiente prá dizer também que ela não quer ficar [...].

(BEZERRA; MEIRELES, 2009, p. 160)

A mesma tipologia aplicada às sentenças condicionais acima é usada para explicar as construções temporais-condicionais.

#### 1. Temporal-condicional de conteúdo

Existe, nesse caso, conforme a leitura das autoras, uma relação de causalidade entre os eventos: [PROFESSOR CONHECER A ESTRUTURA DO TEXTO] **CAUSA** [FACILITAR PARA ELE O PROCESSO DE ENSINAR].

- (323) **Quando** o professor conhece a estrutura do texto com o qual ele tá lidando, facilita prá ele o processo de ensinar.

(BEZERRA; MEIRELES, 2009, p. 164)

#### 2. Temporal-condicional epistêmica

Esse tipo de sentença igualmente expressa uma causalidade, que é baseada no conhecimento de mundo prévio do falante, levando-o a uma determinada conclusão: [EXISTIR PESSOAS] **CAUSA** [PENSAR (VOCÊ TEM QUE CONTAR COM CONFLITOS)].

- (324) **Quando** você sabe que tem pessoas, você tem que contá com conflitos.

(BEZERRA; MEIRELES, 2009, p. 164)

### 3. Temporal-condicional pragmática:

Em (325), o ato de fala da última parte da sentença está condicionado à satisfação das condições da primeira parte: o ato de [CHAMAR UM FUNCIONÁRIO] tem por motivação a percepção da necessidade desse funcionário.

(325) **Quando/Se** você *precisar* de ajuda lá na hora, chama um funcionário.

(BEZERRA; MEIRELES, 2009, p. 164)

Finalmente, as autoras argumentaram a favor da existência de construções temporais-condicionais. Para elas, o termo *quando* expressa comumente uma relação entre tempo e fato na enunciação, ou seja, tem a função de datar um evento:

(326) **Quando** comecei a escrever a tese, pensei que não daria conta.

(BEZERRA; MEIRELES, 2009, p. 173)

Por outro lado, há casos em que a sentença temporal de *quando* passa a expressar relação genérica (frequentativa) entre tempo e fato, gerando uma vinculação não temporal. Esse fato transita para uma causa possível, isto é, todas as vezes que ocorre X, ocorre Y:

(327) **Quando** resolvemos agir com tranquilidade, os problemas tornam-se menores.

(BEZERRA; MEIRELES, 2009, p. 173)

Bezerra e Meireles não exploram a questão do tempo/aspecto verbal das sentenças temporais condicionais, o que julgamos ser relevante para a caracterização delas. Nesse sentido, discordamos que o dado em (325) seja de sentença temporal-condicional, embora expresse uma causação. Isso fica claro ao separarmos as leituras. Com *quando*, a leitura é a de *que no momento em que você precisar de ajuda, deve chamar um funcionário*. Com *se*, a leitura é a de *caso você precise de ajuda, deve chamar um funcionário*. Essa diferença se deve ao tempo/aspecto verbal escolhido ter sido o futuro – e não um que garantisse a destemporalização da sentença, para usar o

termo das autoras, como o presente ou o imperfeito. Como dissemos, a interpretação de causação apenas não garante a leitura temporal-condicional. Há, então, outro tipo de restrição operando sobre as sentenças, que para nós tem relação estrita com o tempo/aspecto verbal da sentença.

#### 4.3.1.5 RAMOS E SILVA (2012)

Ramos e Silva (2012) analisam as relações lógico-semânticas inferidas das orações introduzidas por *quando*. Os autores apresentam o quadro a seguir quanto à distribuição das sentenças-*quando* e o emprego dos tempos verbais. A informação da posição das orações adverbiais é uma propriedade complementar e não foi objeto de análise no estudo deles:

Quadro 6 – Correlação dos tempos verbais nas OQs e a posição da sentença.

Tempo verbal (principal/adverbial)	Número de Ocorrências	Pospostas	Antepostas
1. O.P.: Presente/ O. Adv.: Presente	28	15	13
2. O.P.: Pretérito perfeito / O. Adv.: Pretérito perfeito	7	3	4
3. O.P.: Pretérito perfeito / O. Adv.: Pret. Imperfeito	4	2	2
4. O.P.: Pretérito imperfeito / O. Adv.: Pret. Imperfeito	2	1	1
5. O.P.: Pretérito imperfeito / O. Adv.: Pret. Perfeito.	5	1	4
6. O.P.: Futuro do pretérito / O. Adv.: Pret. Imperfeito do Subjuntivo	1	1	-
<b>TOTAL</b>	47	23	24

(RAMOS; SILVA, 2012, p. 6)

Conforme o quadro, o par presente/presente destaca-se com 28 ocorrências, seguido do pretérito/pretérito com 18 ocorrências. Note-se também o predomínio do modo indicativo. O subjuntivo aparece uma única vez. Isso se deve ao fato de o verbo da oração matriz/principal estar no futuro, o que suscitaria a presença desse modo. Voltaremos a essa discussão no Capítulo 5.

De acordo com os autores, a interpretação condicional de *quando* advém da combinação dos tempos presente/presente. Ademais, dos 28 dados coletados, 10 tinham

estrutura de passiva sintética, por isso julgam que esse pode ser um traço característico dessas sentenças, (328). Contudo, esse uso de *se* pode ser determinado também por outros fatores – por exemplo, estilo, grau de formalidade, e não necessariamente para se garantir uma relação com a leitura temporal-condicional. Este é um tópico que deve ser melhor investigado. De acordo com Ramos e Silva, esses exemplos também dão margem ao valor condicional com a percepção de aspecto iterativo (*sempre que*):

(328) a. Qualquer coisa que chega aos 10 milhões parece grande – e no caso, *quando se pensa* no serviço que o público recebe em troca do que paga para sustentar essa gente toda, **parece** maior ainda.

b. É um dos grandes momentos do pensamento oficial, sem dúvida, afirmar que o funcionalismo brasileiro está ‘enxuto’ *quando se descobre* que o senado mantinha há anos um sistema de ‘atos secretos’ [...]. A coisa fica ainda mais feia *quando se constata* que o desastre começa bem no topo, de onde deveria vir o bom exemplo – justo com o presidente da casa, senador José Sarney.

c. [...] não quer dizer que jornalistas sejam pessoas melhores que quaisquer outras [...] Quer dizer, apenas, que mentem menos, e isso conta *quando se considera* o trabalho que fazem.

d. [...] estamos quase sempre no topo da tabela *quando se medem* desgraças ... e (**estamos**) no fim da fila *quando* a classificação se **refere** a honestidade na política [...]

(RAMOS; SILVA, 2012, pp. 7-8)

Ressaltam, por fim, que os sentidos de causa, condição e concessão que *quando* pode assumir não excluem o temporal, mas somam-se a ele como uma sobreposição de valores.

Salientamos que o número expressivo de sentenças temporais-condicionais de *quando* encontradas no tempo presente é um indicativo importante para se estabelecer a existência de uma restrição temporal e a existência do fenômeno na língua. Parece-nos que existem algumas propriedades relevantes para o estabelecimento de uma leitura

temporal-condicional do tipo que estamos tratando: as sentenças devem denotar relação de causação, com a denotação de habitualidade ou frequência de ocorrência do evento/genericidade. Para tanto, os tempos verbais presente e pretérito (imperfeito), que são capazes de expressar esses matizes, têm de necessariamente ser os tempos adotados. A seguir, discutimos dados do espanhol.

## 4.3.2 ESPANHOL

### 4.3.2.1 ALCALÁ-ALBA (1983)

Para o espanhol, o trabalho de destaque da construção temporal-condicional é o de Alcalá-Alba (1983). Segundo o autor, o conectivo *cuando* apresenta sobreposição de sentidos, conservando o valor temporal e os outros sentidos que adquire. Para ele, a dificuldade de análise desses dados está em separar as interpretações já que não haveria marcas formais que as identificariam. No entanto, algumas vezes, diz ele, para ressaltar o valor condicional, há a presença do advérbio *sólo*. Nesses casos, afirma que a denotação temporal é diminuída e a noção ressaltada é a condicional. Em (329), tem-se a ideia de que só se poderá sair se a tarefa for terminada.

(329) **Sólo cuando** hayas terminado, te podrás ir.

(ALCALÁ ALBA, 1983, p. 202)

Segundo Alcalá Alba, construções de provérbios introduzidas por *cuando* guardam comumente valor temporal-condicional. Veja-se o dado em (330) trazido pelo autor e os dados (331) coletados por nós.

(330) a. **Cuando** el río suena, agua lleva.

‘Onde há fumaça, há fogo.’

(ALCALÁ ALBA, 1983, p. 202)

(331) a. **Cuando** el gato sale de paseo, los ratones hacen fiesta.

‘Quando os gatos saem, os ratos fazem a festa.’

b. **Cuando** el dinero habla, todos callan.

‘Quando o dinheiro fala mais alto, todos se calam.’

É uma propriedade de provérbios terem caráter genérico/permanente e nos casos de provérbios introduzidos por *cuando*, todos carregam o tempo presente, que favorece uma interpretação temporal-condicional. Também os provérbios na versão em português possuem essa especificidade.

Outra construção que permite a leitura temporal-condicional, segundo Alcalá-Alba, é a que traz algum tipo de conselho ou recomendação. Nesse caso, evidencia que haveria uma relação entre o modo deôntico/optativo (*irrealis*) e a leitura temporal-condicional, (332).

(332) a. **Cuando** tengas duda, consulta el manual.

b. **Cuando** veas que alguien te necesita, ayúdalo con gusto.

(ALCALÁ ALBA, 1983, p. 202)

Para Alcalá Alba, o uso condicional de *cuando* seria comum nas línguas românicas. Ele traz exemplos do francês, do provençal e do italiano, porém sem apresentar as respectivas glosas ou traduções – optamos por também não provê-las, assumindo que, neste ponto, tais dados vêm somente corroborar empiricamente as características postuladas para o português e para o espanhol:

*Francês*

(333) a. Car je veux trouver une femme telle que, **quand** elle rit, le soleil brille, **quand** elle pleure, qu'il pleuve, et **quand** elle est en colère, qu'il y ait mauvais temps.

(Meyer-Lübke, Grammaire des langue romanes, III, Syntaxe, Genève, 1974)

b. **Quand** on découvrirait votre démarche, on ne pourrait la blâmer.

*Francês antigo*

(334) Mais, **quant** il desteindreit, Li cierges s'i parreit.

(Ph. Thaon, Comp., p. 2567)

*Provençal*

(335) **Cant** auri cudas, Non auria hom uma trobada Tan bella.

(Appel, C., III, p. 116)

*Italiano*

(336) **Quando** queste opinioni fossero false e vi è il rimedio delle concioni.

(Machieavel, Disc. I, p. 4)

(ALCALÁ ALBA, 1983, p. 202)

De acordo com o autor, o uso temporal-condicional de *quando* está documentado desde sempre no espanhol. Para ilustrar, apresenta dados extraídos de textos literários, obtidos em estudos filológicos e de textos produzidos em períodos remotos:<sup>271</sup>

(337) a. Soy pecador e pleno de grant vicio, **quando** tu non quieres, y yo bevir non cobicio.

(*Libro de Alexandre em Meyer, Lübke, III, § 645*)

b. El dependiente decía en guasa que la chica era su refugio, y si hablaba lo hacía en cuchicheos, y **cuando** sonada un estampido próximo, la muchacha se tapaba el rostro con las manos y el dependiente le pasaba el brazo por los hombros en ademán de protección.

(*La Partida, Delibes, em Polo, 78*)

c. **Cuando** está usted (uno) nervioso no sabe lo que se dice y no dice usted (uno) más que tonterías.

(*Las oraciones, Contreras, p. 71*)

(ALCALÁ ALBA, 1983, p. 203)

Sobre a presença simultânea de dois valores, o de tempo e o de condição, o autor afirma que as línguas, em geral, costumam usar uma única forma para expressar mais de um significado. Essa polissemia se desfaz, segundo ele, pelo contexto. Entretanto, este não seria o caso de *quando*, pois o que estaria ocorrendo seria uma sobreposição de valores: “Isso se deve ao fato de que alguns valores linguísticos podem conviver com outros, sempre e quando não se contradigam entre si: a forma verbal não pode estar no presente e no passado ao mesmo tempo [...]” (Op. cit., p. 204).<sup>272</sup> Desse modo, as

<sup>271</sup> Nesses dados, a grafia varia entre *quando* e *cuando*.

<sup>272</sup> Tradução livre de: *Esto se debe a que unos valores lingüísticos pueden convivir con otros, siempre y cuando no se contradigan entre sí: la forma verbal no puede estar en presente y pasado a la vez.*

relações de condicionalidade e temporalidade não se opõem. Ademais, o autor afirma que o falante é capaz de perceber essas duas nuances. Alcalá Alba também atesta que haveria uma *tendência* para o uso do presente do indicativo e do pretérito imperfeito, com valor habitual.

A proposta de Alcalá-Alba apresenta alguns problemas. O autor concorda que o termo *cuando* normalmente introduz orações subordinadas circunstanciais de tempo, mas acrescenta que, em algumas ocasiões, ao significado temporal podem sobrepor-se outras relações lógicas (condicional, causal ou concessiva). A análise parte justamente das orações condicionais introduzidas por *cuando*. Note-se, segundo ele, a diferença de sentido entre a sentença temporal (338)a e a sentença temporal-condicional (338)b. Porém, pelos critérios (expressar causação/tempo verbal no presente ou no pretérito imperfeito), (338)b não é uma sentença temporal-condicional já que a oração-*cuando* está no modo subjuntivo. Essas restrições que apontamos à formação da temporal-condicional serão retomados adiante. Nesse momento, estamos apenas sinalizando para que direção a nossa análise penderá.

(338) a. Llovía, **cuando** nos conocimos.

‘Chovia, quando nos conhecemos.’

b. **Cuando** hayas hecho lo que te mandé, entonces hablamos.

‘Quando você tiver feito o que te mandei, então falamos.’

(ALCALÁ ALBA, 1983, p. 202)

Conforme o autor, o advérbio *sólo* propiciaria uma leitura condicional (Cf. (329) repetida em (339)a). Mas essa afirmação possui algumas limitações. Palavras e expressões como *apenas*, *somente*, *unicamente*, *exceto*, *salvo se* e *a não ser que*, designam exclusão e uma restrição para a ocorrência do evento da oração principal. Talvez por isso, Alcalá-Alba mencione o valor condicional que *sólo* atribui à sentença. Sem a presença do termo, o matiz condicional/restritivo desaparece da sentença, transformando-a em temporal simplesmente, (339)b:

(339) a. **Sólo cuando** hayas terminado, te podrás ir.

‘Somente/Apenas quando tiver terminado, poderá ir.’

(ALCALÁ ALBA, 1983, p. 202)

b. **Cuando** hayas terminado, te podrás ir.

‘Quando tiver terminado, poderá ir.’

Para corroborar a importância do tempo verbal, vejam-se as sentenças em (340)a/b no passado e no futuro, respectivamente, que não possuem valor condicional e não expressam um hábito ou uma genericidade, apesar da presença de *somente*. A presença do termo na sentença parece marcar apenas uma restrição.

(340) a. **Somente quando** chegamos em casa, soubemos do acontecido.

b. **Somente quando** chegarmos em casa, saberemos o que aconteceu.

Além disso, se temos um contexto de sentença temporal-condicional com todos os critérios respeitados, a restrição dada por *somente* aparenta ser mais determinística do que quando a sentença está sem o termo, conforme o contraste de leitura em (341) e (342). No dado em (342), essa interpretação parece mais tênue já que está indicando um hábito:

(341) **Somente quando** chego cedo, vou para a academia.

(342) **Quando** chego cedo, vou para a academia.

Logo, o teste indicado pelo autor parece não ser válido para determinar se uma sentença é temporal-condicional. Apesar disso, pode indicar uma restrição ou condição para a ocorrência de um evento.<sup>273</sup>

Os dados que indicam conselho ou recomendação e que favoreceriam a leitura temporal-condicional também apresentam ressalvas. Desse modo, os dados em (332) do autor acima são distintos dos de (343), que efetivamente teriam uma interpretação temporal-condicional, uma vez que expressam causação e possuem os tempos verbais no presente, com sentido genérico/habitual (*sempre que*). Os dados de (332) estão no

---

<sup>273</sup> Nesses casos, *somente quando / sólo cuando* e *somente se / sólo si* seriam expressões equivalentes. Teoricamente, poder-se-ia esperar uma análise comum para as duas expressões. Salientamos que para alguns autores *somente se/sólo si* seria uma locução conjuntiva, ou seja, os dois termos formariam um complexo único (ATHANASIADOU; DIRVEN, 1997). Por outro lado, há autores que consideram *somente se/sólo si* como uma combinação de dois termos (von FINTEL, 1997; DECLERCK; REED, 2001). Seguimos este último posicionamento e consideramos que *somente/sólo* tem um papel restritivo apenas. Os autores citados têm propostas para o inglês.

presente do subjuntivo e a interpretação seria apenas temporal. Ou seja, esse tempo não garante a leitura temporal-condicional.

- (343) a. **Quando/Si** *tengo* duda, *consulto* un manual.  
b. **Quando/Si** *veo* que alguien me *necesita*, lo *ayudo* con gusto.

O mesmo ocorre em português. As sentenças em (344) e (345) não esboçam a mesma leitura que as sentenças em (346), que acumulam a leitura temporal e a condicional:<sup>274</sup>

- (344) a. **Quando** tiver dúvida, consulte o manual. =no momento em que  
b. **Se** tiver dúvida, consulte o manual. =no caso de

- (345) a. **Quando** perceber que alguém precisa de você, ajude com prazer.  
=no momento em que  
b. **Se** perceber que alguém precisa de você, ajude com prazer.  
=no caso de

- (346) a. **Quando/Se** tenho dúvida, consulto um manual. =sempre que  
b. **Quando/Se** percebo que alguém precisa de mim, eu ajudo.  
=sempre que

Portanto, as assunções do autor mostram alguns problemas, uma vez que não se sustentam se confrontadas com as restrições que apontamos para a formação das sentenças temporais-condicionais.

#### 4.4 RESTRIÇÕES À FORMAÇÃO DA SENTENÇA TEMPORAL-CONDICIONAL (CAUSA-EFEITO)

---

<sup>274</sup> Na arguição, cogitou-se a hipótese de *quando* manifestar o sentido aspectual de *sempre que* nesse casos. No entanto, consideramos que prevalece a interpretação temporal eventiva. A dúvida se desfaz ao substituirmos *quando* por *ao*: *Ao* perceber que alguém precisa de você, ajude com prazer/ *No momento em que* perceber que alguém precisa de você, ajude com prazer.

#### 4.4.1 RESTRIÇÃO DE LEITURA

Nesta seção e na seção seguinte, sistematizamos as restrições às quais as sentenças temporais-condicionais estão sujeitas.

Na esteira dos autores que trouxemos, propomos que as temporais-condicionais que são o objeto do nosso estudo possuem uma restrição de leitura e uma restrição de tempo/aspecto. Quanto à restrição de leitura, a condicionalidade embutida na interpretação das temporais-condicionais remete a uma leitura de causa e efeito. Um teste que identifica esta interpretação é a aplicação do operador semântico implicacional *se... então*, que parece estar embutido nessas sentenças, sendo capaz de mostrar a existência da leitura de causação, (347).

- (347) a. **Quando** chove, (então) faz frio.  
b. **Se** chove, (então) faz frio  
c. **Quando** chega cedo, (então) busca os filhos na escola.  
d. **Se** chega cedo, (então) busca os filhos na escola.

Dos dados em (347), decorrem as leituras a seguir, sendo *p* a primeira parte da sentença e *q*, a segunda parte, (348) (GOUVEIA et al., 2001):

- (348) a. *Se/Quando* p, então q.  
b. P implica Q.  
c. P é condição suficiente para Q.  
d. Q é condição necessária para P.  
e. P é o antecedente e Q o conseqüente.

Desse modo, podemos estabelecer a seguinte sistematização:<sup>275</sup>

---

<sup>275</sup> A leitura de causa e efeito está presente em diversas estruturas:

1. *Adjunto adverbial*

(i) a. **Com o barulho**, as crianças acordaram.  
b. **Sem as chaves**, não conseguiu entrar.  
c. O gado morreu **com a seca**.

2. *Oração consecutiva*

(ii) O professor falou **tanto que** ficou rouco.

3. *Oração Causal*

(iii) **Já que** falou muito, o professor ficou rouco.

Quadro 7 – Campo das dependências semânticas da sentença temporal-condicional/  
Leitura de Causa e Efeito.

---

**Causa → Efeito/Consequência**

**Chover → Fazer frio**

---

Fernández (2000) destacou que as orações temporais podem estabelecer um vínculo causal com a oração principal ou não. Essa possibilidade depende da composicionalidade na interpretação dos itens que constituem a sentença. Os exemplos a seguir, do autor, foram classificados segundo a natureza do evento denotado pelo conectivo, mas apresentam consistentemente a leitura de causalidade, (349)-(351):

*Conectores de simultaneidade*

- (349) a. Juan se resfrió **cuando** cayó la tormenta.

Leitura: ‘Juan pegou um resfriado com a chuva forte que tomou.’

- b. Viviré con mis padres **mientras** reforman mi piso.

Leitura: ‘Morará com os pais porque/enquanto estão reformando seu apartamento.’

*Conectores de anterioridade e posterioridade*

- (350) a. Estaba triste **antes** de que llegaras.

Leitura: ‘A tristeza terminou com a sua chegada.’

- b. Estaba exultante **después** de que le dijeron que había aprobado.

Leitura: ‘Ficou esfuziante porque disseram que tinha sido aprovado.’

*Conectores delimitativos*

- (351) a. Está muy deprimido **desde** la muerte de su padre.

Leitura: ‘Está deprimido devido à morte de seu pai.’

- b. Dormí **hasta** que los vecinos pusieron la música a todo volumen.

Leitura: ‘Dormi até que os vizinhos colocaram a música a todo volume.’

(FERNÁNDEZ, 2000, p. 195)

A relação de causalidade não parece estar associada ao tipo de conectivo temporal, mas antes com a associação entre os eventos propriamente. Conectivos usados nas orações de (349) a (351) podem também expressar a não-causalidade, como mostra (352). Isso nos leva a crer que, embora imprescindível à caracterização da sentença temporal-condicional, a causação não é o que realmente determina a designação da sentença como tal. Apresentamos os dados de Fernández (2000) para o espanhol, assumindo que o português se comporta da mesma maneira.

- (352) a. *Simultaneidade*: Juan entró **cuando** María salió.  
b. *Narrativo*: Estaba hablando animadamente con tu hermano **cuando** me di cuenta de que había dejado el gás abierto.  
c. *Anterioridade*: Barrí la sala **antes** de fregar los platos.  
d. *Posterioridade*: Colocó los libros **después** de mover las alfombras.  
e. *Delimitativo*: Estuve en la playa **hasta** que amaneció.

(FERNÁNDEZ, 2000, pp. 195-196)

Finalmente, pode-se afirmar que a relação de causalidade pode estar presente tanto nas orações temporais quanto nas orações temporais-condicionais. Cabe ressaltar que, embora necessária, a causação parece não ser suficiente para que a leitura temporal-condicional seja obtida. Tal propriedade precisa estar combinada com a restrição de tempo/aspecto (Cf. próxima seção).

#### 4.4.2 RESTRIÇÃO DE TEMPO/ASPECTO

Esta seção analisa a restrição de tempo/aspecto à qual as sentenças temporais-condicionais de *quando/cuando* estão sujeitas.

Supomos que o fator que potencializa a leitura temporal-condicional é o uso do presente/pretérito (imperfeito). Esse tempo/aspecto é adotado também pelas sentenças genéricas, que expressam regularidades ou leis gerais, denotando uma verdade permanente, não alterada ou afetada a partir do tempo, (353)a, e pelas sentenças habituais, (353)b.<sup>276</sup>

---

<sup>276</sup> Conforme Krifka (1995, p. 32), sentenças habituais expressam generalizações sobre situações (*Quando chega cedo, Siena vai para a academia*) e sentenças universais expressam verdades vistas como absolutas

- (353) a. O ângulo reto tem noventa graus. (dado nosso)  
b. Se alguém usa esse argumento nem dá pra discutir.

(BARBOSA; CRUZ, 2013, p. 69)

Essa nuance do tempo presente é intitulada como omnitemporal ou gnômica. As designações presente atemporal, genérico e permanente também são encontradas. Fiorin (1999, p. 151) afirma que esse tempo “é utilizado para enunciar verdades eternas ou que se pretendem como tais. Por isso é a forma verbal mais utilizada pela ciência, pela religião, pela sabedoria popular (máximas e provérbios).”

A adição de advérbio de tempo altera a gramaticalidade das sentenças temporais-condicionais, (354), mas não a gramaticalidade das temporais, (355), discussão apresentada em Farkas e Sugioka (1983, p. 228):

- (354) a. **Quando** engordo, faço dieta (\*hoje).  
b. **Quando** o Henrique tem fome, fica ranzinza (\*às cinco da tarde).  
c. **Cuando** Messi hace un gol, la hincha se vuelve loca (\*hoy).
- (355) a. **Quando** a palestra acabou (ontem), a professora Heloisa foi tomar um café com os alunos.  
b. **Quando** as aulas acabaram (ontem) fui no Café das Letras.  
c. **Cuando** vaya a Salamanca (el año que viene), visitaré la Catedral.

Sentenças temporais-condicionais podem incluir uma expressão de tempo apenas se o caráter habitual/genérico persistir, (356).

- (356) **Quando** chove (no fim da tarde), fica difícil voltar pra casa (porque o trânsito fica ruim).

O pretérito (imperfeito) do indicativo, por ser capaz de ter aplicações semelhantes às do presente do indicativo, também ocorre nas sentenças temporais-condicionais. Configura-se como um tempo/aspecto que pode indicar ações simultâneas

---

(Quando um objeto geométrico tem três lados iguais, é um triângulo equilátero) e ambas estariam sob o escopo do operador genérico GEN. Voltaremos a esse assunto adiante.

ou habituais com sentido de *sempre que/todas as vezes que*, proporcionando um caráter genérico à sentença:

- (357) a. **Quando** chovia, fazia frio.  
b. **Se** chovia, fazia frio.

- (358) a. **Cuando** llovía, hacía frío.  
b. **Si** llovía, hacía frío.

Sentenças nos tempos passado e futuro, apesar de poderem expressar uma relação de causa e efeito (Cf. (349)-(351)), não permitem o intercâmbio dos conectivos *quando/cuando* por *se/si*, em razão de esses conectivos remeterem às suas leituras canônicas de temporalidade e condicionalidade: a leitura das sentenças-*quando/cuando* carrega a noção de certeza de ocorrência do evento (descrevem um fato), (359)a, (360)a, (361)a, (362)a. Já nas sentenças de *se/si*, que descrevem uma hipótese, essa certeza é diminuída, e a leitura de possibilidade se sobressai, (359)b, (360)b, (361)b, (362)b.

#### *Passado*

- (359) a. **Quando** o Paulo machucou o braço, os pais ficaram muitos preocupados.  
b. **Se** o Paulo machucou o braço, os pais ficaram muitos preocupados.
- (360) a. **Cuando** Macri ganó las elecciones en Argentina, nadie pudo creerlo.  
b. **Si** Macri ganó las elecciones en Argentina, nadie pudo creerlo.

#### *Futuro*

- (361) a. Mariana comprará um carro **quando** tirar a carteira de motorista.  
b. Mariana comprará um carro **se** tirar a carteira de motorista.
- (362) a. El profesor Nacho hará una tortilla de patatas **cuando** tenga tiempo.  
b. El profesor Nacho hará una tortilla de patatas **si** tiene tiempo.

Por último, observamos que o contraste nos tempos verbais entre português e espanhol evidenciado no Capítulo 1 de Apresentação para as orações-*quando/cuando*,

no contexto de futuro, repete-se com *se/si*, com a diferença de que é o presente do indicativo que está sendo usado com referência a um evento futuro na oração-*si* (e não o presente do subjuntivo como na oração-*cuando*) (Cf. (20) e (21) e sentenças abaixo). Ou seja, o português segue o mesmo paradigma no emprego do tempo/modo verbal para *quando* e *se*, mas o espanhol não, (363)a-d. As orações de *cuando* e *si*, portanto, apresentam distinções quanto ao sistema modo-temporal utilizado.

#### *Futuro*

##### *Espanhol*

- (363) a. [**Si viajo** a Argentina], te **enviaré** una postal.

**Presente do Indicativo** + Futuro do Indicativo

(PACHECO et al., 2005, p. 205)

- b. [**Cuando esté** en Argentina], te **enviaré** una postal.

**Presente do Subjuntivo** + Futuro do Indicativo

##### *Português*

- c. [**Se eu viajar** para a Argentina], **enviarei** um cartão postal para você.

**Futuro do Subjuntivo** + Futuro do Indicativo

- d. [**Quando eu estiver** na Argentina], **enviarei** um cartão postal para você.

**Futuro do Subjuntivo** + Futuro do Indicativo

Sentenças no tempo passado não apresentam diferenças, uma vez que as duas línguas empregam o mesmo paradigma de tempo/modo verbal tanto nas orações de *quando/cuando* quanto nas de *se/si*:

#### *Passado*

##### *Português*

- (364) a. [**Quando esteve** PRET. PERF. IND. na Espanha], **foi** PRET. PERF. IND. ao Museu do Prado.

- b. [**Se esteve** PRET. PERF. IND. na Espanha], **foi** PRET. PERF. IND. ao Museu do Prado.

### *Espanhol*

c. [**Cuando estuvo** PRET. PERF. IND. en Españã], **fue** PRET. PERF. IND. al Museo del Prado.

d. [**Si estuvo** PRET. PERF. IND. en Españã], **fue** PRET. PERF. IND. al Museo del Prado.

O quadro a seguir resume o uso dos tempos e modos verbais na oração de *quando/se*, em função do tempo da oração matriz (futuro e passado):

Quadro 8 – Tempos/modos verbais das sentenças de *quando/cuando* e *se/si* em contexto de tempo futuro e de tempo passado na oração matriz.

	<b>Futuro</b>	<b>Passado</b>
<b>1. Quando</b>	Futuro do Subjuntivo	Pret. Perf. do Ind.
<b>2. Cuando</b>	Presente do Subjuntivo	Pret. Perf. do Ind.
<b>3. Se</b>	Futuro do Subjuntivo	Pret. Perf. do Ind.
<b>4. Si</b>	Presente do Indicativo	Pret. Perf. do Ind.

Como será demonstrado no Capítulo 5, o contraste na codificação do tempo/modo entre o português e o espanhol está crucialmente associado a codificação do tempo futuro e pode ser tratado em termos microparamétricos.

Finalmente, essa seção mostrou que para as sentenças temporais-condicionais serem consideradas como tais, necessitam estar no tempo presente ou no pretérito (imperfeito). A seção anterior mostrou que a causação também é critério relevante e deve estar combinado com o tempo verbal.

## **4.5 SENTENÇAS TEMPORAIS E SENTENÇAS TEMPORAIS-CONDICIONAIS: CONTRASTES**

Canonicamente, a oração introduzida por *quando/cuando* tem denotação temporal e a oração introduzida por *se* tem denotação condicional. Em outros termos, a

oração-*quando/cuando* denota um fato e a oração-*se/si* introduz uma hipótese, como já mencionado.<sup>277</sup>

Dessa maneira, sentenças exclusivamente adverbiais temporais não admitem paráfrase com *se/si*, uma vez que há mudança de sentido da sentença.

Outra diferença entre sentenças temporais e sentenças temporais-condicionais está explicitada em Farkas e Sugioka (1983) e consiste em substituir *quando/cuando/se/si* pela conjunção *e/y*. De acordo com os autores, se a sentença é temporal-condicional, há, nas palavras deles, uma mudança drástica de sentido, o que não ocorreria nas sentenças temporais. Julgamos que isso se deve ao fato de a temporal-condicional não remeter a eventos específicos, mas genéricos, (365) e (366), diferentemente das temporais, (367) e (368), que tratam de eventos episódicos.

*Temporal-condicional* (mudança de sentido)

*Português*

- (365) a. **Quando** a gasolina sobe, todo mundo reclama.  
b. A gasolina subiu **e** todo mundo reclamou.

*Espanhol*

- (366) a. Los perros se ponen muy felices **cuando** juegan al aire libre.  
b. Los perros están felices **y** juegan al aire libre.

*Temporal* (sem mudança de sentido)

*Português*

- (367) a. **Quando** eu entrei no quarto, Arthur estava jogando video-game.  
b. Eu entrei no quarto **e** Arthur estava jogando video-game.

---

<sup>277</sup> Os conectivos temporais, de modo geral, podem introduzir uma condicionalidade ou uma restrição. Isto é, não apenas *quando/cuando* mostram essa capacidade. Declerck e Reed (2001, pp. 29-31) discutiram esse assunto para o inglês. Alguns exemplos são: (i) orações temporais introduzidas por *after/depois*, caso estejam em contraste com *before/antes*; (ii) *until-clauses* (orações-*até*); (iii) expressão *as/so long as/contanto que*.

(i) You will be paid **after** the job is finished, not **before**.

‘Você será pago depois que o trabalho estiver terminado, não antes.’

(ii) Nothing will change **until** there is a change of government.

‘Nada mudará até haver uma mudança de governo.’

(iii) You can use my camera **as long as** you pay for the films yourself.

‘Você pode usar minha câmera contanto que você pague pelos filmes você mesmo.’

*Espanhol*

- (368) a. **Cuando** entré en la habitación, Arthur estaba jugando el videojuego Fifa 15.  
b. Entré en la habitación **y** Arthur estaba jugando el videojuego Fifa 15.

Advérbios que denotam repetição/frequência, como *sempre*, parecem mais aceitáveis em sentenças temporais-condicionais, (369), do que em sentenças temporais, (370):

- (369) a. **Quando** viaja, Paulo **sempre** esquece de levar a carteira.  
b. **Cuando** viaja, a Paulo **siempre** se le olvida llevar la cartera.
- (370) a. \*?**Quando** o Paulo viajou, **sempre** esqueceu de levar a carteira.  
b. \*?**Cuando** viajó, a Paulo **siempre** se le olvidó llevar la cartera.

A sentença temporal-condicional não permite quantificação com expressão de frequência do tipo de *cinco vezes*, (371). As sentenças temporais, por outro lado, manifestam essa possibilidade, (372).

- (371) \***Quando** o segurança me vê, abre o portão **as cinco vezes**.  
(372) **Quando** o segurança me viu, abriu o portão **as cinco vezes**.

Fernández (2000) já tinha notado essa impossibilidade para o espanhol justamente com as sentenças temporais-condicionais de *cuando*, (373)b:

- (373) a. Los osos siempre han resultado ser inteligentes **cuando** tienen los ojos azules.  
b. \*Los osos han resultado ser inteligentes **catorce veces cuando** tienen los ojos azules.

(FERNÁNDEZ, 2000, p. 209)

O autor observa que entre a oração introduzida por *cuando* e a oração principal deve existir uma relação lógica. Isso explicaria a sentença anômala em (374)a frente à sentença (374)b:

- (374) a. #Los gatos son inteligentes **cuando** los perros tienen los ojos azules.  
b. Los niños son sociables **cuando** viven en un entorno feliz.

(FERNÁNDEZ, 2000, p. 209)

Para Fernández (2000), seguindo Heinämäki (1974), as orações temporais também expressam uma pressuposição a partir de duas outras sentenças argumento. As evidências para isso são (i) a negação, (ii) a subordinação a um operador modal e (iii) a construção condicional. A pressuposição vista desta maneira não está presente nas sentenças temporais-condicionais.

Assim, se a sentença que contém uma oração subordinada temporal é negada, a proposição expressa pela subordinada continua sendo verdadeira: tanto de (375)a quanto de sua negação em (375)b, se pode inferir (375)c.

- (375) a. Fuimos al Louvre **cuando** estuvimos en París.  
b. **No** fuimos al Louvre **cuando** estuvimos en París.  
c. Estuvimos en París.

(FERNÁNDEZ, 2000, p. 194)

Isso não é válido, no entanto, para as sentenças temporais-condicionais, (376)a: *estar em Paris implica visitar o Louvre. Mas se não fomos ao Museu, então não estivemos em Paris.* A propriedade atemporal e genérica das temporais-condicionais impede a leitura em (376)c.

- (376) a. **Cuando** estamos en París, visitamos el Museo del Louvre.  
b. **No** fuimos al Museo del Louvre.  
c. #Estamos en París.

A segunda evidência trata da inserção do operador modal de dúvida *quizás*. Tanto de (377)a quanto de (377)b, com o operador modal, pode-se inferir (377)c.

- (377) a. Pepe abandonó el salón **cuando** saludó al presidente.  
b. **Quizás** Pepe abandonó el salón **cuando** haya saludado al presidente.  
c. Pepe saludó al presidente.

(FERNÁNDEZ, 2000, p. 198)

Porém, de (378)a não se pode inferir (378)c a partir de (378)b com o operador modal. Ou seja, a sentença temporal permite o teste, mas não a temporal-condicional:

- (378) a. **Cuando** llueve, hace frío.  
b. **Quizás** haga frío **cuando** llueva.  
c. ?\*Llueve.

A terceira evidência refere-se à construção de sentenças condicionais. Como nos casos anteriores para as temporais, a sentença em (379)c é uma inferência válida de (379)a e (379)b. O mesmo não pode ser dito para a temporal-condicional (380)a, ou seja, não é garantido que o inverno tenha chegado.

- (379) a. Juan llegó a la fiesta **cuando** María ya había pronunciado el discurso.  
b. **Si** Juan llegó a la fiesta **cuando** María ya había pronunciado el discurso, no pudo oírlo.  
c. María pronunció el discurso.

(FERNÁNDEZ, 2000, p. 195)

- (380) a. Las carreteras se llenan de nieve **cuando** llega el invierno.  
b. **Si** las carreteras se llenan de nieve **cuando** llega el invierno uno no pode ir al trabalho.  
c. \*Llegó el invierno.

Esses testes, para Fernández (2000) e Heinämäki (1974), comprovam que as orações subordinadas adverbiais temporais são uma pressuposição que não se cancela diante de testes como o da negação, inserção de operador modal e termo condicional. Esse fato não é verdadeiro para as orações temporais-condicionais, como ficou demonstrado. Supomos que essa característica da pressuposição vale igualmente para os dados do português.

#### 4.6 SENTENÇAS CONDICIONAIS E SENTENÇAS TEMPORAIS-CONDICIONAIS: CONTRASTES

Uma característica notada por Fernández (2000) menciona que, diferentemente das sentenças-*si*, as sentenças-*cuando*, para serem condicionais, não podem ser contrafactuais, (381). O mesmo ocorre em português, (382).<sup>278</sup>

##### *Espanhol*

(381) La gente habría sido generosa [\*cuando]/[si] hubiera sido capaz de compartir.

(FERNÁNDEZ, 2000, pp. 207-208)

##### *Português*

(382) [\*Quando]/[Se] o jogador não tivesse forjado o pênalti, meu time teria sido campeão.

As sentenças-*quando/cuando* temporais-condicionais precisam trazer uma condição provável de ocorrência do evento e não uma hipótese de ocorrência do evento, por isso a distinção entre (383) e (384):

(383) a. Quando estuda, tira boas notas.  
b. Se estuda, tira boas notas.

(384) a. Quando estudar, tirará boas notas.  
b. Se estudar, tirará boas notas.

Fernández faz uma última ressalva a respeito das temporais-condicionais para o espanhol. O sintagma nominal da sentença-*cuando* condicional deve ser não específico, como em expresso em (385)a/(386)a, contrariamente a (385)b/(386)b:

(385) a. Cuando **el heredero** al trono no es inteligente, es probable que tenga problemas con el ejército.

---

<sup>278</sup> A sentença contrafactual remete a uma suposição contrárias aos fatos.

b. \*Quando **el actual heredero** al trono no es inteligente, es probable que tenga problemas con el ejército.

- (386) a. Cuando **el paciente** no presenta los síntomas característicos, no podemos hablar de un caso de viruela.  
b. \*Quando **este paciente** no presenta los síntomas característicos, no podemos hablar de un caso de viruela.

(FERNÁNDEZ, 2000, p. 208)

O português parece apresentar o mesmo comportamento, conforme mostram os dados em (387).

- (387) a. Quando **o/um paciente** relata desconforto depois da cirurgia, é preciso investigar a causa.  
b. \*?Quando **estes/os atuais alunos** relatam maus-tratos por parte da polícia, o delegado deve investigar.

Nota-se que as versões com *se/si* são gramaticais em ambas as línguas:

- (388) a. Se **estes alunos** não vieram para a aula, é por que não interesse.  
b. Si **estos alumnos** no han venido a clase, es que no tienen interés.

Parece que a distinção entre sentenças condicionais e temporais-condicionais está relacionada a que estas mostrem a genericidade do evento, o que as condicionais *per si* nem sempre garantem.

#### 4.7 SENTENÇAS ATEMPORAIS, GENÉRICAS E TEMPORAIS-CONDICIONAIS

Parece-nos que existe uma relação intrínseca, no que diz respeito à temporalidade, entre as sentenças temporais-condicionais e as sentenças *when-clauses* atemporais mencionadas por Declerck (1997) e ilustradas em (389), abaixo, uma vez que aquelas sentenças também são atemporais.

De acordo com Declerck, existem alguns contextos que favorecem a leitura atemporal da *when-clause*, WC: (i) a WC relativa restritiva modificando o substantivo *case/caso*, (389)a; (ii) o conectivo *when* com sentido de *in case when/em um caso quando* ou *in that/those cases when/na(s) aquele(s) casos quando*, (389)b/c; (iii) nas sentenças adversativas, (389)d e, por fim, (iv) em determinadas sentenças com caráter especificacional, (389)e.

(389) a. This is what usually happens in **cases when** the divorced woman has no income of her own.

‘Isto é o que geralmente acontece em *casos quando* a mulher divorciada não tem renda própria.’

b. You can’t ask one carrier to underwrite on social grounds **when/ in cases when** that might destroy it in the marketplace.

‘Você não pode pedir a uma operadora para assegurar com base em razões sociais *quando/nos casos quando* isso poderia destruí-la no mercado.’

c. There are many stone circles – we call them standing stones even **when/ in those cases when** they are recumbent.

‘Há muitos círculos de pedra – nós as chamamos pedras de pé/menir mesmo *quando/naqueles casos quando* elas estão reclinadas.’

d. Sometimes he has a very unfortunate manner. People think he’s being hostile **when** he’s not really.

‘Às vezes ele tem modos muito inapropriados. As pessoas pensam que ele está sendo hostil *quando* ele realmente não está.’

e. **The only case** in which a widow gets so high a pension **is when** she has more than three children.

‘O único caso em que uma viúva consegue uma pensão alta *é quando* ela tem mais do que três crianças.’

(DECLERCK, 1997, pp. 43-50)

Apesar de o autor não discutir amplamente o tema, afirma que para sentenças do tipo de (389)e, *when/quando* pode ser substituído por *if/se*. Para esse autor, o uso alternativo desses termos não produz diferença de significado:

(390) a. **If/When** the market surges, holders can make that much more profit [...]. But **if/when** the market moves against the fund, investors lose more than other junk holders [...].

‘**Se/Quando** o mercado oscila, os acionistas podem torná-lo muito mais lucrativo [...]. Mas **se/quando** o mercado direciona-se contra o capital, os investidores perdem mais do que quaisquer outros acionistas.’

b. Children are orphans **if/when** their parents are dead.

‘Crianças são órfãs **se/quando** os pais delas estão mortas.’

(DECLERCK, 1997, p. 44)

O nosso ponto é que as sentenças temporais-condicionais poderiam ser um subtipo da sentença atemporal, mas não o contrário, já que nem toda sentença atemporal pode ser temporal-condicional. Outra forma de enxergar as sentenças temporais-condicionais é enquadrando-as dentro do grupo das sentenças genéricas.

De acordo com Müller (2003, p. 153), sentenças genéricas são uma forma de expressar regularidades ou leis gerais. A autora, entre outros, afirma que há dois modos de se expressar genericidade. A primeira é por meio de expressões de referência a espécies, que nas suas palavras são expressões nominais com comportamento de nomes próprios de espécies (conforme Carlson (1977a/b)); a segunda é por meio de sentenças genericamente quantificadas, em que a expressão da genericidade ocorre em razão de um quantificador genérico prender variáveis sob seu escopo (a esse respeito, a autora cita o estudo de Krifka et al. (1995)).

As *expressões de referência a espécies* fazem referência a todos os indivíduos da classe e não a cada indivíduo da classe particularmente. Em (391)a/b, *telefone* e *mico leão dourado* remetem a toda a classe. Parece-nos que as sentenças-*quando/cuando* em (297), (298) e (299) são desse tipo, bem como a sentença em (392) do mesmo estilo, ou pode ser que a relação entre elas seja de algum modo bastante estreita:

- (391) a. Graham Bell inventou **o telefone**.  
b. **O mico leão dourado** é raro.

(MÜLLER, 2003, p. 153)

- (392) **Rinocerontes** quando provocados são muito agressivos.

As *sentenças genericamente quantificadas* generalizam sobre entidades, estados e eventos particulares. Conforme Müller (2003, p. 153), essa é uma propriedade da sentença e não do sintagma nominal. Tais sentenças são parafraseáveis com o acréscimo de advérbios como *geralmente*, que indicam a regularidade do evento, conforme (393)a. Ponderamos que as sentenças-*quando/cuando* também poderiam se enquadrar nesse tipo, (394).

- (393) a. Italiano (geralmente) gosta de vinho.  
b. GENx (x é italiano, x gosta de vinho).  
c. “Geralmente, se é italiano, então gosta de vinho.”

(MÜLLER, 2003, p. 153)

- (394) a. Quando em Brasília chove, (geralmente) faz frio.  
b. Quando chove muito, (geralmente) essa rua alaga.

Segundo Farkas e Sugioka (1983), o próprio *quando/cuando* parece funcionar como um quantificador genérico ou advérbio de quantificação como *sempre que*. Pensando que a interpretação da sentença é dada composicionalmente, mediante a codificação do tempo/aspecto e da relação de uma causa associada a um efeito, supomos que os contrastes translinguísticos descritos neste capítulo entre sentenças temporais e temporais-condicionais têm uma expressão na estrutura oracional. Para explicar essa ocorrência, seria admissível supor que, como postulado para as sentenças genéricas, deve haver uma espécie de operador genérico, GEN, com escopo sobre a sentença temporal-condicional de *quando/se* e *quando/si* (CARLSON, 1979; KRIFKA, 1988, KRIFKA et al., 1995; FARKAS; SUGIOKA, 1983; MÜLLER, 2003). Essa abordagem encontra respaldo também em Heim (1982), que levantou a hipótese de que indefinidos genéricos (*Criança precisa de atenção*) e sentenças condicionais podem ser investigados de maneira semelhante (*Uma festa de casamento custa*

*caro/Necessariamente, se x é uma festa de casamento, x custa caro*). Tendo tais colocações em vista, é plausível esperar que uma análise comum que englobe as ocorrências de *quando/cuando* e *se/si* é possível.

As sentenças temporais-condicionais do tipo que discutimos expressam leitura de causa e efeito, têm sentido genérico e estão restritas a ocorrerem no tempo/aspecto presente/pretérito (imperfectivo). Essa caracterização deve ser obedecida simultaneamente na formação na sentença, ou seja, devem ser dadas de forma composicional. Parece existir, portanto, uma correlação entre a propriedade da genericidade, a expressão modo-temporal da sentença e a formação de sentenças temporais-condicionais.

## 4.8 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Este capítulo abordou a polissemia de *quando/cuando*. Dedicamo-nos a discutir os casos em que o termo denota tanto temporalidade quanto condicionalidade. Vimos que na sentença temporal-condicional a substituição de *quando/cuando* por *se/si* faz com que a sentença não sofra drástica mudança de sentido e que há a possibilidade de ocorrência de ambos os termos nas orações que denotam propriedades de espécies, sentenças médias, sentenças iterativas/habituais, etc. Nesse sentido, orações temporais-condicionais teriam subclassificações. Nosso foco de análise são as orações que denotam uma relação de causação.

Abordamos o fenômeno a partir da descrição de suas propriedades, apresentando os trabalhos que discutiram esse tema em diferentes linhas teóricas. Neves (2000) enfatiza que os tempos presente e pretérito (imperfectivo) favorecem a leitura genérica da sentença temporal-condicional. Gouveia et al. (2001) afirma que essa nuance condicional de *quando* é percebida pelos falantes. Pante e Maceis (2009) mostraram que a polissemia de *quando* é vista na diacronia da língua. Bezerra e Meireles (2009) destacam a propriedade da leitura de causação que as sentenças temporais-condicionais refletem. Ramos e Silva (2012) evidenciaram a grande ocorrência de sentenças-*quando* com denotação condicional sob a forma temporal presente/presente. Para o espanhol, trouxemos o trabalho de Alcalá-Alba (1983), que aponta contextos para a ocorrência da sentença temporal-condicional, como o dos provérbios.

Com base na literatura e nas propriedades das orações temporais-condicionais de causa e efeito, supomos que a formação dessas sentenças possui duas restrições: uma restrição de leitura por conta do evento que descreve, uma relação entre uma causa associada a um efeito; e uma restrição de tempo/aspecto, posto que a sentença temporal-condicional tem caráter genérico e requer um tempo/aspecto que vincule essa noção, como o presente e o pretérito (imperfeito). Hipotetizamos a plausibilidade de se pensar em um operador genérico com escopo sobre a oração temporal-condicional, que daria conta da interpretação da sentença de forma composicional. Relatamos ainda os contrastes entre as sentenças temporais e as condicionais prototípicas e as temporais-condicionais.

Por fim, a sentença temporal-condicional abre o espaço para uma discussão suscitada por Declerck (1997), que vinculou a tipologia das sentenças-*quando/cuando* a um determinado sistema temporal, conforme foi apresentado no Capítulo 1. No próximo capítulo, traremos esse debate a partir da formação das sentenças temporais propriamente.



## CAPÍTULO 5

---

# TIPOLOGIA DAS ORAÇÕES-*QUANDO/CUANDO*: SENTENÇAS ADVERBIAIS TEMPORAIS

### 5.1 INTRODUÇÃO

Este capítulo tratará da oração adverbial temporal, tendo como referência a relação temporal com a oração matriz/principal e o contraste entre o português e o espanhol na codificação morfofonológica dessa relação. O objetivo da seção 5.2 é investigar propriedades sintáticas e semânticas que essas sentenças aportam. Na seção 5.3, mostramos que as orações-*quando/cuando* (OQs/OCs) canônicas são distintas em vários aspectos das OQs/OCs narrativas. Na seção 5.4, trazemos questões concernentes ao sistema modo-temporal, com atenção particular às sentenças adverbiais temporais prototípicas e distinções que português e espanhol esboçam, com implicações para a realização sintática das categorias envolvidas.

### 5.2 PROPRIEDADES DAS SENTENÇAS ADVERBIAIS TEMPORAIS

Lobo (2003) discute as particularidades de sentenças subordinadas adverbiais do português europeu cujo comportamento, a nosso ver, estende-se (parcialmente) aos dados do português brasileiro e do espanhol. Seleccionamos os aspectos que se enquadram nas orações-*quando/cuando*.

Sentenças subordinadas adverbiais (adjuntas) não são seleccionadas categorialmente e/ou semanticamente pelo verbo, ou seja, não ocupam posição argumental. Não obstante, mantêm dependência sintática com a oração principal. De acordo com Lobo, as sentenças adverbiais (temporais) possuem características derivadas da posição em que ocorrem dentro da sentença, conforme indicado a seguir.<sup>279</sup>

---

<sup>279</sup> A sentença subordinada adverbial (em que se incluem as temporais) pode ocupar posição inicial, intercalada ou final. Já havíamos nos referido a isso no Capítulo 3, ao tratarmos do caráter preposicional

A: Orações adverbiais temporais podem estar posição ambígua em relação ao predicado:<sup>280</sup>

- (395) a. O que ele fez foi [fechar a janela **quando** começou a chover].  
b. O que ele fez [**quando** começou a chover] foi [fechar a janela].  
(LOBO, 2003, p. 5)

- (396) a. Lo que hizo fue [cerrar la ventana **cuando** empezó a llover].  
b. Lo que hizo [**cuando** empezó a llover] fue [cerrar la ventana].

B: Diante da impossibilidade de estabelecer dependências de longa distância, as sentenças temporais também esboçam caráter ambíguo. Em (397)a e (398)a, há duas leituras: (i) uma em que Dalí desmaia quando chega em casa e outra (ii) em que Gala, quando chega em casa, menciona o desmaio de Dalí. A anteposição da OQ desfaz a ambiguidade e a única leitura é a de que, ao chegar em casa, Gala informa o desmaio de Dalí, (397)b e (398)b:

*Ambígua*

- (397) a. A Gala disse que o Dalí desmaiou **quando** chegou em casa.

*Não ambígua*

- b. **Quando** chegou em casa, a Gala disse que o Dalí desmaiou.

(LOBO, 2003, p. 8, adaptado)

*Ambígua*

- (398) a. Gala dijo que Dalí se desmayó **cuando** llegó a casa.

*Não ambígua*

- b. **Cuando** llegó a casa, Gala dijo que Dalí se había desmayado.

---

de *quando/cuando*. Aqui, apresentamos mais alguns desdobramentos que essa possibilidade do movimento da sentença acarreta.

<sup>280</sup> Acrescentaremos contrastivamente dados do espanhol (traduzidos do português e testados com falantes nativos).

C: OQs e OCs também expressam ausência de reconstrução com negação. Nas sentenças em (399)a e (400)a, a interpretação é a de que Ricardo e Nacho não tiraram os sapatos no instante em que chegaram, tiraram mais tarde ou não tiraram. Por outro lado, se a oração-*quando/cuando* está em posição inicial, a interpretação é a de que não tiraram os sapatos, (399)b e (400)b.

- (399) a. O Ricardo **não** tirou os sapatos [**quando** chegou em casa].  
b. [**Quando** chegou em casa], o Ricardo **não** tirou os sapatos.  
(LOBO, 2003, p. 7, adaptado)

- (400) a. Nacho **no** se quitó los zapatos [**cuando** llegó em casa].  
b. [**Cuando** llegó a casa], Nacho **no** se quitó los zapatos.

D: A anteposição da sentença pode ser barrada, conforme o verbo. Se epistêmico, a mudança de posição da oração-*quando/cuando* pode ocorrer, (401) e (402).

- (401) a. **Quando** o Pedro<sub>i</sub> chegar em casa, o André **acha** que ele<sub>i</sub> vai almoçar.  
(LOBO, 2003, p. 8, adaptado)  
b. O André **acha** que o Pedro<sub>i</sub> vai almoçar **quando** ele<sub>i</sub> chegar em casa.

- (402) a. **Cuando** Diego<sub>i</sub> llegue a casa, Pablo **cree** que él<sub>i</sub> va a almorzar.  
b. Pablo **cree** que Diego<sub>i</sub> va a almorzar **cuando** él<sub>i</sub> llegue a casa.  
(dados nossos)

Se declarativo, a mudança de posição da oração torna a sentença agramatical, conforme mostram as sentenças (403) e (404). Notamos, no entanto, que parece haver uma questão relacionada aos tempos verbais no caso de (403)a e (404)b, posto que as sentenças ficam *boas* se o verbo *dizer/decir* está no mesmo tempo dos outros verbos, nesse caso, o futuro/perífrase de futuro. Mas isso não é relevante em (403)b e (404)b.

- (403) a. \***Quando** chegar em casa, o André **disse** que o Pedro vai almoçar.  
(LOBO, 2003, p. 8, adaptado)  
b. O André **disse** que o Pedro<sub>i</sub> vai almoçar **quando** ele<sub>i</sub> chegar em casa.

- (404) a. \***Cuando** llegue a casa], Pablo **dijo** que Diego va a almorzar.  
b. Pablo **dijo** que Diego<sub>i</sub> va a almorzar **cuando** él<sub>i</sub> llegue a casa.

(dados nossos)

E: Nas perguntas *qu-*, a anteposição ou a posposição pode prejudicar a aceitabilidade da resposta:

*Resposta à pergunta qu-*

- (405) Quando é que o Pedro desmaiou?  
a. (O Pedro desmaiou) quando chegou em casa.  
b. ??Quando chegou em casa, o Pedro desmaiou.

(LOBO, 2003, p. 9, adaptado)

*Resposta à pergunta qu-*

- (406) ¿Cuándo Martín se desmayó?  
a. (Martín se desmayó) cuando llegó a casa.  
b. ??Cuando llegó a casa, Martín se desmayó.

F: As OQs adverbiais também aparecem em construções clivadas. Pseudo-clivadas são menos aceitáveis para alguns falantes em ambas as línguas:

- (407) a. **Foi** em 2014 **quando** o Brasil perdeu a Copa. *Clivada*  
b. ?**Quando** o Brasil perdeu a Copa **foi** em 2014. *Pseudo-clivada*

- (408) a. **Fue** en 2014 **cuando** Brasil perdió el Mundial. *Clivada*  
b. ?**Cuando** Brasil perdió el Mundial **fue** en 2014. *Pseudo-clivada*

G: OQs e OCs podem ter escopo semântico sobre adjuntos à esquerda:

- (409) a. O Diego abriu a janela [**quando** chegou em casa] para que a sala arejasse.  
b. O Diego abriu a janela para que a sala arejasse [**quando** chegou em casa].

(LOBO, 2003, p. 5)

- (410) a. Rocío abrió la ventana [**cuando** llegó a casa] para que se ventilara la habitación.
- b. Rocío abrió la ventana para que se ventilara la habitación [**cuando** llegó a casa].

Por fim, vimos que as diferentes posições em que ocorrem as orações subordinadas adverbiais temporais dentro da sentença, o que decorre da relação de adjunção com a oração matriz/principal, podem ter efeitos sintáticos/semânticos, como ambiguidade, ausência de reconstrução com negação, etc.

### **5.3 ORAÇÕES-QUANDO/ CUANDO NARRATIVAS E ORAÇÕES QUANDO/ CUANDO ADVERBIAIS TEMPORAIS**

A designação *narrative-clause/oração-narrativa* é devida a Labov e Waletzky (1967). As sentenças temporais narrativas possuem características que são opostas às sentenças temporais adverbiais canônicas. Creditamos esse fato, em grande parte, à própria estrutura da narração/sentença narrativa.<sup>281</sup> Declerck (1997, p. 42) descreve as orações-narrativas de *quando/cuando*, especificamente, da seguinte forma:<sup>282</sup>

As chamadas ‘orações-*quando* narrativas’ não têm a função semântica de especificar o tempo da situação da OP [oração principal] ou o tempo ao qual a situação da OP se refere: elas não respondem a questão ‘Quando?’. Em vez disso, funcionam semanticamente como OPs: elas ‘impulsionam a ação’ (i.e. ‘quando’ é equivalente a ‘e então’). Por essa razão, não deveriam ser tratadas como OQs adverbiais [...].

De acordo com o autor, essas são sentenças que não possuem a função usual de especificação de tempo e ocorrem primordialmente em contextos narrativos. Exemplos do inglês são:

---

<sup>281</sup> Os autores tratam das narrativas orais. Segundo eles, uma estrutura narrativa se compõe de: 1. Mote: Qual o assunto da história?; 2. Orientação: Quem, quando, onde e como?; 3. Ação complicadora: O que aconteceu?; 4. Evolução: Como e por que o evento é relevante?; 5. Resultado/Resolução: O que finalmente aconteceu?; 6. Coda: Conclusão.

<sup>282</sup> Tradução livre de: *So-called ‘narrative when-clauses’ do not have the semantic function of specifying the time of the HC-situation or a time to which the time of the HC-situation is related: they do not answer the question ‘When?’. Instead, they are semantically like HCs: they ‘push forward the action’ (i.e. ‘when’ is equivalent to ‘and then’). For this reason, they should not be treated as adverbial WCs [...].*

- (411) a. Hardly had we arrived at our hotel **when** Betty said she wanted to go home.  
 ‘Mal tínhamos chegado ao nosso hotel quando Betty disse que queria ir para casa.’
- b. We had just come to the swimming pool **when** it started raining.  
 ‘Tínhamos acabado de chegar a piscina quando começou a chover.’
- c. I was just going to lock the door **when** the doorbell rang.  
 ‘Estava a ponto de ir fechar a porta quando a campainha tocou.’
- (DECLERCK, 1997, p. 233)

Apresentamos a seguir os aspectos que diferenciam os dois tipos de sentenças, levando em consideração o trabalho de Declerck (1997) e de Fernández (2000).<sup>283</sup> Este último autor, embora examine as orações-*cuando* narrativas no espanhol quase sob os mesmos aspectos que Declerck, divide as sentenças-*cuando* em dois grupos em função da sua relação com a oração principal. Assim, há (i) as sentenças adverbiais temporais *de predicado*, que situam na linha temporal o evento denotado pelo predicado da oração principal (e correspondem às adverbiais temporais canônicas); e (ii) as sentenças adverbiais temporais *de oração*, que se inserem no marco temporal da oração principal e servem para fazer avançar o discurso, tendo um valor narrativo (e correspondem às adverbiais temporais narrativas).<sup>284</sup>

A: As sentenças narrativas de *quando/cuando* ocorrem usualmente com expressões como *de repente*, *do nada*, *repentinamente*, *de sopetão*, *de súbito*, diferentemente das OQs/OCs adverbiais canônicas em que a presença desses termos não é esperada. Em espanhol, destacam-se as expressões *de pronto*, *inesperadamente*, *de sopetón*. Conforme Declerck (1997), as narrativas descrevem uma situação proeminente ou importante, por isso é comum trazerem um desenvolvimento inesperado ao evento. Isso explicaria o uso concomitante de *quando/cuando* com aqueles termos, (412) e (413). As adverbiais não deveriam aparecer com esses termos como mostra (414).

<sup>283</sup> A discussão de Declerck (1997) é voltada para o inglês e a de Fernández (2000) para o espanhol. Caberá a nós discutir e apresentar dados do português.

<sup>284</sup> Labov e Waletzky (1967) diferenciam *free clauses*/orações livres de *narrative clauses*/orações narrativas. O primeiro tipo reporta o contexto dos eventos ou a perspectiva dos participantes e não tem ordem fixa, como as adverbiais temporais canônicas. O segundo tipo reporta uma sequência (temporalmente) ordenada de eventos e tem ordem fixa. Expandiremos esses contrastes a partir dos testes apresentados a seguir.

- (412) a. Estávamos todos conversando, **quando de repente...** fomos surpreendidos pela presença de dois rapazes estranhos.<sup>285</sup>
- b. Você dirigia tranquilamente **quando, do nada**, o motor do carro parou de funcionar. O desespero bate [...].<sup>286</sup>
- c. Vovó buscava algo na geladeira e ele já rumava para a pia do banheiro com a chaleira em mãos, **quando de sopetão** ele voltou, dando uma fungada no ar [...].<sup>287</sup>
- d. Na década de 50, o empreendedor Sr. Normando Tedesco estava sobrevoando Camboriú **quando repentinamente** o seu avião teve uma pane e o piloto foi obrigado a fazer um pouso de emergência [...].<sup>288</sup>
- e. Cantávamos o Hino americano, **quando de súbito**, sem que nada o previsse, ouviu-se o apito do vigia, paramos de cantar e fomos para o lado bombordo do convés.<sup>289</sup>
- f. Em 1895, W. Roentgen estava trabalhando com uma ampola de raios catódicos, **quando, inesperadamente**, uma placa fluorescente, que se encontrava fora da ampola, emitiu luz.<sup>290</sup>
- (413) a. Estaba solo en mi habitación, en la cama, leyendo *Mujercitas*, **cuando de pronto** se abrió la puerta que daba a la galería y apareció tío Ramón.  
(CREA, Eduardo mendicutti, *El palomo cojo*, España, 1991)
- b. Estábamos mirando una paloma que aleteaba inmóvil sobre la fuente de la plaza, como suspendida de un hilo invisible, **cuando, inesperadamente**, Nandu Forcat apareció en el portal de su casa.  
(Juan Marsé, *El embrujo de Shangai*, España, 1993)  
(FERNÁNDEZ, 2000, p. 194)

---

<sup>285</sup> Disponível em: <http://migre.me/sJuPV>. Acesso em 18/6/2016. (Texto publicado no site *UOL, Blog Ortografia*).

<sup>286</sup> Disponível em: <http://migre.me/sJvQ5>. Acesso em 18/1/2016. (Texto publicado no site *Papo de Homem*).

<sup>287</sup> Disponível em: <http://migre.me/sJw0c>. Acesso em 18/1/2016. (Texto publicado em Blog).

<sup>288</sup> Disponível em: <http://migre.me/sJvVB>. Acesso em 18/1/2016. (Texto informativo publicado no site *Unipraias*).

<sup>289</sup> Disponível em: <http://migre.me/sJvYa>. Acesso em 18/1/2016. (Texto publicado no site *Wikipedia*).

<sup>290</sup> Disponível em: <http://migre.me/sJwUY>. Acesso em 19/1/2016. (Texto informativo publicado no site *Infoescola*).

c. Vas caminando por la calle o estás tomando algo en una cafetería **cuando de sopetón** aparece un chico o una chica que simplemente te desconcierta.<sup>291</sup>

- (414) a. Fechei todas as portas e janelas, **quando (\*?de repente)** eu saí de casa hoje cedo.  
b. Cerré las ventanas y las puertas, **cuando (\*?de pronto)** salí hoy por la mañana.

B: As sentenças-*quando* narrativas podem ser parafraseadas com *e então*, uma vez que conduzem a narração do evento descrito adiante, o mesmo não se pode dizer das sentenças adverbiais canônicas. O par de sentenças narrativas em (415) se constitui como paráfrase ao contrário do par de sentenças temporais canônicas em (416). Nos casos em que *cuando* introduz sentença adverbial temporal narrativa, pode haver a substituição por *y entonces*, o que não ocorre se introduz uma oração subordinada adverbial temporal canônica, (417) e (418), respectivamente.

- (415) a. Eles estavam admirando esse iceberg... **quando** de repente algo inesperado aconteceu.<sup>292</sup>  
b. Eles estavam admirando esse iceberg... **e então** de repente algo inesperado aconteceu.
- (416) a. Fiquei felicíssima **quando** o livro chegou pelo correio.  
b. \*Fiquei felicíssima **e então** o livro chegou pelo correio.
- (417) a. Estaba leyendo una novela de Jane Austen **cuando** la siniestra sombra apareció de pronto en la ventana.  
b. Estaba leyendo una novela de Jane Austen **y entonces** la siniestra sombra apareció de pronto en la ventana.

<sup>291</sup> Disponível em: <http://bit.ly/1OGiTyI>. Acesso em 20/1/2016. (Texto publicado no site *El Comercio*).

<sup>292</sup> Disponível em: <http://migre.me/sJuIP>. Acesso em 18/1/2016. (Texto publicado no site *Vídeos Virais*).

- (418) a. Lo conocí **cuando** estalló la guerra.  
b. #Lo conocí **y entonces** estalló la guerra.

(FERNÁNDEZ, 2000, p. 193)

C: As OQs/OCs narrativas têm como característica a sequencialidade, ou seja, a descrição dos fatos em uma ordem. Nesse caso, é comum o uso da expressão *então/entonces* precedendo *quando/cuando*, (419) e (420). Essa característica não é esperada nas OQs/OCs adverbiais, (421).

- (419) a. Fui até lá para ver quem era ele, **então quando** eu estava chegando perto, ouvi a voz de Amanda.<sup>293</sup>  
b. Voltei naquele bar, precisava ver ela de novo, precisava descobrir o que tinha acontecido, **então quando** eu estava chegando no trabalho eu recebi um sinal [...].<sup>294</sup>

- (420) Un marinero que estaba ahí, se dispuso para echarse en el agua, pero no se decidía e iba esperando, hasta que el pobre naufrago perdió casi todas las fuerzas; **entonces, cuando** estaba a punto de perecer, el marinero se echó al agua y lo salvó.<sup>295</sup>

- (421) a. ??**Então quando** saí, fechei a porta.  
b. ??**Entonces cuando** salí, cerré la ventana.

D: A sentença *quando/cuando* narrativa não responde à pergunta *Quando?/¿Cuándo?*. A oração adverbial temporal canônica pode ser a resposta a uma pergunta desse tipo, mas não a narrativa. Por isso, as perguntas em (422)b/c não parecem ser cabíveis, se temos em mente a sentença (422)a. Segundo Declerck, isso é devido a não haver relação estreita entre o tempo da oração de *quando* e o da oração principal, antes uma espécie de âncora para a OQ/OC narrativa. As perguntas possíveis são essas em (422)d. Uma questão do tipo de *Quando [...]?* é própria das sentenças adverbiais temporais, como descrito em (423).

<sup>293</sup> Disponível em: <http://bit.ly/1lr7NoT>. Acesso em 19/1/2016. (Texto publicado no site *Fanfiction*).

<sup>294</sup> Disponível em: <http://bit.ly/1JWitaP>. Acesso em 19/1/2016. (Texto publicado em Blog).

<sup>295</sup> Disponível em: <http://bit.ly/1RRdwDi>. Acesso em 19/1/2016. (Texto publicado no site *CVCLaVoz*).

- (422) a. Eu estava lendo um livro tranquilamente sentadinha no café da livraria **quando** o vendedor chegou dizendo que já estavam fechando a loja.  
 b. \***Quando** você estava lendo o livro no Café da livraria?  
 c. \***Quando** o vendedor chegou dizendo que já estavam fechando a loja?  
 d. O que aconteceu na livraria? O que aconteceu na livraria enquanto você estava lendo o livro?
- (423) a. **Quando** pegou o livro para ler ?  
 b. **Quando** cheguei na livraria.  
 c. ?**Quando** cheguei na livraria, peguei um livro para ler.

O mesmo vale para a OC no espanhol, em que uma pergunta como a de (424)b aparenta ser preterida, se a referência é sentença narrativa em (424)a. A pergunta apropriada é algo como *O que aconteceu quando Marie estava caminhando (e depois)?*, (424)c. A pergunta com *¿Cuándo [...]?* cabe à sentença temporal adverbial canônica, (425).

- (424) a. Marie estaba caminando **cuando** una limusina se aproxima *donde ella*, Thomas corriendo ve que Marie entra a la limusina sin embargo se queda congelado [...].<sup>296</sup> [*sic*]  
 b. ¿\***Cuándo** Marie estaba caminando?  
 c. ¿Qué pasó cuando Marie estaba caminando y después?
- (425) a. Me di cuenta de que me engañaba **cuando** leí su diário.  
 b. ¿**Cuándo** te diste cuenta de que te engañaba?  
 c. **Cuando** leí su diário privado.

(FERNÁNDEZ, 2000, p. 192, adaptado)

E: A OQ/OC canônica pode alternar com outros advérbios de tempo e *quando/cuando*, como já dito, pode ser substituído por *no momento em que/en el momento en el que*, (426) e (427). Declerck afirma que sentença-*quando/cuando* narrativa não é um

<sup>296</sup> Disponível em: <http://bit.ly/1lsr1KY>. Acesso em 19/1/2016. (Texto publicado em Blog).

advérbio de tempo por assim dizer, daí não permitir a substituição por termo de valor adverbial e manter o mesmo sentido, (428) e (429).

- (426) a. Vamos pedir uma pizza [**quando** a Paula chegar].  
b. Vamos pedir uma pizza [**às oito horas/hoje/no sábado/no momento em que** a Paula chegar].
- (427) a. Empezó a llover [**cuando** salimos].  
b. Empezó a llover [**a las ocho/hoy/en el sábado/en el momento en el que salimos**].
- (428) a. Ele estava praticando mergulho, **quando** de repente... foi atacado! Pelo mais fofo dos animais marinhos.<sup>297</sup>  
b. \*?Ele estava praticando mergulho, **às oito horas/hoje/no sábado/no momento em que** de repente... foi atacado! Pelo mais fofo dos animais marinhos.
- (429) a. Estábamos pasando un otoño invierno que más bien parecía una primavera verano fresca, **cuando** de sopetón han comenzado la lluvia, las nieves y el frío.<sup>298</sup>  
b. \*?Estábamos pasando un otoño invierno que más bien parecía una primavera verano fresca, **a las ocho/hoy/en el sábado/en el momento en el que** de sopetón han comenzado la lluvia, las nieves y el frío.

F: OQs/OCs canônicas podem preceder ou suceder a oração principal quase que livremente, (431).<sup>299</sup> As OQs/OCs narrativas não costumam preceder, uma vez que a interpretação semântica muda, (430), ou a sentença passa a ser considerada agramatical, (431) e (432). Essa restrição das orações narrativas reflete o fato de que a ordem das sentenças deve refletir a sucessão dos eventos descritos:

<sup>297</sup> Disponível em: <http://bit.ly/1V8SBsU>. Acesso em 20/1/2016. (Notícia publicada no site *Planeta Viral*).

<sup>298</sup> Disponível em: <http://bit.ly/1ZZMpXm>. Acesso em 20/1/2016. (Texto publicado no site *Decoración*).

<sup>299</sup> Exceções foram descritas na seção anterior.

- (430) a. Eu estava lendo um livro tranquilamente sentadinha no Café da livraria **quando o vendedor chegou dizendo que já estavam fechando a loja.**

[quando=e então]

- b. **Quando o vendedor chegou dizendo que já estavam fechando a loja,** eu estava lendo um livro tranquilamente sentadinha no Café da livraria. [quando=no momento em que]

- (431) a. Você está escalando um penhasco **quando de repente se vê envolto pela névoa.**<sup>300</sup>

- b. **\*Quando de repente se vê envolto pela névoa,** você está escalando um penhasco.

- (432) a. Un día estaba tranquilamente dormido, **cuando de pronto oí unas voces.**<sup>301</sup>

- b. **\*Cuando de pronto oí unas voces,** un día estaba tranquilamente dormido.

G: As orações adverbiais podem ser modificadas por focalizadores/advérbios de valor restritivo como *somente, especialmente, sólo, incluso*, (433)a/c e (434)a/c. As de OQs/OCs narrativas em contrapartida não, (433)b/d e (434)b/d.

- (433) a. O chefe deu a ordem para invadir, **somente quando** os policiais chegaram.

- b. Sem conseguir dormir, Julieta fica em seu balcão pensando em Romeu, [**\*somente**] **quando** ele de repente aparece no jardim.<sup>302</sup>

- c. O chefe deu a ordem para invadir **não quando** os policiais chegaram, mas antes.

- d. Sem conseguir dormir, Julieta fica em seu balcão pensando em Romeu, [**\*não**] **quando** ele de repente aparece no jardim.

<sup>300</sup> Disponível em: <http://migre.me/u5NfF>. Acesso em 24/1/2016. (Texto publicado no site *Yahoo Answers*).

<sup>301</sup> Disponível em: <http://bit.ly/1S4jffM>. Acesso em 24/1/2016. (Texto publicado no site *Prezi*).

<sup>302</sup> Disponível em: <http://bit.ly/1JvW0kV>. Acesso em 24/1/2016. (Texto publicado no site *Para pensar e ler*).

- (434) a. Le dije lo que había pasado **sólo cuando** se calló.  
 b. Estaba hablando animadamente con tu hermano [**\*sólo**] **cuando** me di cuenta de que había dejado el gas abierto.  
 (FERNÁNDEZ, 2000, p. 192, adaptada)
- c. Seré feliz ahora y **no cuando** tenga mucho dinero.  
 d. Estaba hablando animadamente con tu hermano [**\*no**] **cuando** me di cuenta de que había dejado el gas abierto.

H: As orações adverbiais temporais canônicas podem ocorrer na forma interrogativa, (435)a e (436)a. O mesmo não ocorre, no entanto, com as adverbiais temporais narrativas, (435)b e (436)b.

- (435) a. **Quando** robaram seu celular?  
 b. \*Estava fazendo uma caminhada no parque **quando** um garoto chegou numa bicicleta por traz e me deu um susto?
- (436) a. ¿**Cuándo** robaron tu teléfono? (dado nosso)  
 b. \*Estaba sentado tranquilamente leyendo una novela de Jane Austen **cuando** suena el teléfono y mi hermano me cuenta la terrible noticia?  
 (FERNÁNDEZ, 2000, p. 192, adaptado)

I: Orações temporais de *quando/cuando* canônicas podem estar coordenadas, (437)a e (438)a, diferentemente das orações temporais de *quando/cuando* narrativas, (437)b e (438)b:

- (437) a. Fiz compras quando fui ao supermercado **e quando** fui à feira.  
 b. \*Estava fazendo uma caminhada no parque **quando** um garoto chegou numa bicicleta por traz **e quando** me deu um susto.
- (438) a. Hice la pregunta **cuando** lo vi **y** cuando hablé por teléfono.  
 (dado nosso)

b. \*Me di cuenta de que había perdido el billete cuando el tren ya estaba en marcha **y cuando**, inesperadamente, apareció el revisor.

(FERNÁNDEZ, 2000, p. 193, adaptado)

J: Uma oração subordinada adverbial temporal canônica não permite o uso do tempo presente se o verbo da principal está no perfectivo, (439)a e (440)a. Já a temporal adverbial narrativa admite tal uso, (439)b e (440)b. A questão aqui tem relação com o fato de que, na temporal canônica, o tempo da subordinada depende do tempo da matriz e na narrativa, não.

(439) a. \*Saí PAS. com o Miguel pela primeira vez **quando** ele entra PRES. na universidade.

b. Estava PAS. fazendo uma caminhada no parque **quando** chega PRES. um garoto numa bicicleta por traz e me dá um susto.

(440) a. \*Lo conocí PAS. **cuando** estalla PRES. la guerra.

b. Estaba PAS. sentado tranquilamente leyendo una novela de Jane Austen **cuando** suena PRES. el teléfono y mi hermano me cuenta PRES. la terrible noticia.

(FERNÁNDEZ, 2000, p. 193)

K: OQs/OCs narrativas aparecerem tipicamente com um verbo na forma do progressivo ou do perfectivo:

(441) a. [E]u *estava usando* o pc, **quando** ele de repente *desligou* [...].<sup>303</sup>

b. Eu *estava* na beira da sacada **quando** *ouvi* o estrondo.

(442) a. *Estaba hablando* animadamente con tu hermano **cuando**, de pronto, me *acordé* de que me *había dejado* el gas abierto.

(FERNÁNDEZ, 2000, p. 191)

b. *Estaban* tranquilos mirando a los aviones **cuando** de repente uno los *pasó rozando*.<sup>304</sup>

---

<sup>303</sup> Disponível em: [http:// bit.ly/1OIrfII](http://bit.ly/1OIrfII). Acesso em 24/1/2016. (Comentário de Fórum publicado no site *Hardware*).

Para Fernández (2000), a sentença adverbial temporal e a sentença narrativa têm comportamento bastante distinto devido a esta última manter uma relação menos estreita com a oração principal e, por consequência, uma dependência sintática menor, ocupando uma posição sintática distinta daquela. O autor afirma que, do ponto de vista sintático, as sentenças-*cuando* narrativas ocupam posição mais alta na sentença em relação às sentenças adverbiais temporais canônicas. Declerck (1997) ressalta que, embora sintaticamente a oração narrativa-*quando/cuando* seja subordinada, deve ser considerada como principal do ponto de vista da interpretação. Sendo a oração narrativa semanticamente proeminente, justificar-se-ia o fato de se comportar como uma oração principal. Espera-se que essa distinção não seja apenas semântica ou discursiva, mas que seja motivada também sintaticamente. Os autores desenvolvem pouco essa questão.

Tendo em vista as propriedades citadas, particularmente a que se refere à possibilidade de a oração-*quando/cuando* narrativa ser equivalente a uma oração introduzida pela conjunção coordenativa aditiva *e* (*então*), a conclusão imediata é a de que tal oração não ocorre em posição de adjunção. O fato de não haver adjunção pode ser um caminho para explicar por que a regra de correlação temporal não se aplica, entre outros fenômenos. Diante da proeminência discursiva, o resultado é que o elemento *quando/cuando* ocorre como um marcador discursivo (que supomos ser de coordenação).

Na próxima seção, abordaremos as correlações temporais das sentenças adverbiais temporais canônicas.

### **5.3 USOS TEMPORAIS DE QUANDO/ CUANDO**

Por ter caráter eminentemente temporal, a análise das propriedades sintáticas e semânticas produzidas pelas sentenças-*quando/cuando* na relação com a oração matriz/principal, aponta para contrastes morfossintáticos no nível translinguístico. Esta seção se dedica a investigar essa vinculação.

*Grosso modo* há um paralelismo temporal entre a sentença-*quando/cuando* e a sentença principal, como a aplicação do mesmo tempo verbal nas duas partes da sentença, ou a aplicação de tempos distintos, porém do mesmo modo verbal:

---

<sup>304</sup> Disponível em: <http://bit.ly/1PMF7Py>. Acesso em 24/1/2016. (Texto publicado no site *Upsocl*).

*Presente/Presente*

- (443) a. **Quando** viajo ao exterior, compro perfume no *duty free*.  
b. **Cuando** viajo al extranjero, compro perfume en el *duty free*.

*Pretérito Perfeito/Pretérito Perfeito*

- (444) a. **Quando** terminei a faculdade, viajei.  
b. **Cuando** terminé la carrera, viajé.

*Pretérito Imperfeito/Pretérito Imperfeito*

- (445) a. **Quando** o pagamento saía, eu pagava todas as contas.  
b. **Cuando** llovía mucho, nadie iba a la escuela.

*Pretérito Perfeito/Pretérito Imperfeito*

- (446) a. Recebi a tese **quando** estava na univervdade.  
b. Recibí la tesis **cuando** estaba en la universidad.

As sentenças em (446) logo acima poderiam seguir um paralelismo na aplicação dos tempos verbais (aplicando apenas o pretérito perfeito). Porém, em razão dos eventos descritos, há casos em que os tempos verbais não podem ter equivalência a fim de que sejam gramaticais/aceitáveis. Os dados em (447)a e (448)a precisam de um contexto bastante específico para funcionarem, inversamente a (447)b e (448)b:<sup>305</sup>

*Pretérito Imperfeito/Pretérito Imperfeito*

- (447) a. \*??Conhecia o Alexandre **quando** morava em Buenos Aires.

*Pretérito Perfeito/Pretérito Perfeito*

- b. Conheci o Alexadre **quando** morei em Buenos Aires.

*Pretérito Imperfeito/Pretérito Imperfeito*

- (448) a. \*??Conocía a mi mejor amigo, Alexandre, **cuando** vivía en Buenos Aires.

---

<sup>305</sup> O tipo de verbo parece ser relevante nesses casos, uma vez que a sentença fica gramatical com um verbo do tipo de *sair*: (i) *Saía com o Alexandre quando morava em Bueno Aires*.

*Pretérito Perfeito/Pretérito Perfeito*

b. Conocí a mi mejor amigo, Alexandre, **cuando** viví en Buenos Aires.

A oração-*quando/cuando* em relação à oração principal pode exprimir simultaneidade, posterioridade e anterioridade, conforme ilustrado, respectivamente, nos dados a seguir:

- (449) a. Vamos levantar **quando** o sol estiver nascendo.  
b. Tinha desligado a televisão **quando** o telefone tocou.  
c. **Quando** deito na cama, durmo.
- (450) a. Vamos a despertarnos **cuando** salga el sol.  
b. Estaba mirando la tele **cuando** sonó el teléfono.  
c. **Cuando** me acuesto, duermo.

Mas outras leituras também podem ser depreendidas das sentenças-*quando/cuando*.<sup>306</sup> Os eventos podem ser sequenciais, (451), ou o evento da principal pode estar contido dentro da sentença subordinada e vice-versa, (452) e (453):

- (451) a. **Quando** saí, Paulo chegou.  
b. **Cuando** salí, llegó Pablo.
- (452) a. **Quando** Lucas estava doente, Luciana foi visitá-lo no hospital.  
b. **Cuando** Paco estaba enfermo, Lucía fue a visitarlo en el hospital.  
Leitura: no período em que Lucas/Paco estava doente Luciana/Lucía foi visitá-lo.
- (453) a. **Quando** perdi o celular, estava caminhando no parque.  
b. **Cuando** perdí el teléfono, estaba caminando en el parque.  
Leitura: no período em que caminhava no parque perdi o celular.

---

<sup>306</sup> Essas leituras não são necessariamente exclusivas de *quando/cuando*.

A oração principal pode ser localizada temporalmente como um processo contínuo desenvolvido dentro do evento da sentença de *quando/cuando*:

- (454) a. **Quando** construíram a escola, utilizaram material de péssima qualidade.  
b. **Cuando** construyeron la escuela, utilizaron material de mala calidad.  
Leitura: durante todo o período em que a escola estava sendo construída utilizaram material de qualidade ruim.

Também a oração principal pode ser o resultado do evento descrito na sentença subordinada:

- (455) a. **Quando** Brasil jogou com a Alemanha, perdeu de 7 a 1.  
b. **Cuando** Argentina jugó con Alemania, empató.

Trouxemos aqui apenas uma amostra das possibilidades de combinações dos tempos e modos verbais. Na próxima seção, verificamos que a correlação temporal apresenta um contraste entre o português e o espanhol em relação à codificação morfossinática dos tempos/modos verbais.

### 5.3.1 CORRELAÇÃO TEMPORAL NAS ORAÇÕES- *QUANDO/ CUANDO* NO CONTEXTO DE FUTURO

No Capítulo 1 de Apresentação, apontamos um contraste translinguístico entre o português e o espanhol no que diz respeito ao sistema modo-temporal utilizado nas OQs/OCs no contexto de futuro. No presente e no passado, essa relação é idêntica, ou seja, as línguas recorrem aos mesmos tempos e modos verbais. Nosso foco são as construções do português e do espanhol, mas notamos que a distinção se estende ao francês e ao italiano, por isso trazemos dados dessas línguas:

#### *Futuro*

- (456) a. Julio acordará FUT. IND. [**quando** o despertador tocar FUT SUBJ.].  
b. Juan despertará FUT. IND. [**cuando** suene PRES. SUBJ. el despertador].

- c. Jean se réveillera FUT. IND. [**quand** l'alarme déclencherà FUT. IND.].  
 d. Giovanni si sveglierà FUT. IND. [**quando** l'allarme toccherà FUT. IND.].

*Presente*

- (457) a. Julio acorda PRES. IND. [**quando** o despertador toca PRES. IND.].  
 b. Juan despierta PRES. IND. [**cuando** suena PRES. IND. el despertador].  
 c. Jean se réveille PRES. IND. [**quand** l'alarme déclenche PRES. IND.].  
 d. Giovanni si sveglia PRES. IND. [**quando** l'allarme tocca PRES. IND.].

*Passado*

- (458) a. Julio acordou PRET. PERF. [**quando** o despertador tocou PRET. PERF.].  
 b. Juan despertó PRET. PERF. [**cuando** sonó PRET. PERF. el despertador].  
 c. Jean s'est réveillé PRET. PERF. [**quand** l'alarme a déclenché PRET. PERF.].  
 d. Giovanni si svegliò PRET. PERF. [**quando** l'allarme toccò PRET. PERF.].

Sentenças relativas também mostram um contraste. Enquanto o português e o espanhol admitem, respectivamente, futuro e presente do subjuntivo, o francês e o italiano recorrem ao futuro do indicativo:

- (459) a. O último que **sair** FUT. SUBJ. **fechará** FUT. IND. a porta.  
 b. **Dormirás** FUT. IND. onde **puderes** FUT. SUBJ..
- (460) a. Él último que **salga** PRES. SUBJ. **cerrará** FUT. IND. la puerta.  
 b. **Dormirás** FUT. IND. donde **puedas** PRES. SUBJ..
- (461) a. Le dernier qui **sortira** FUT. IND. **fermera** FUT. IND. la porte.  
 b. Tu **dormiras** FUT. IND. où tu **pourrais** FUT. IND..
- (462) a. L'ultimo che **uscirà** FUT. IND. **chiuderà** FUT. IND. la porta.  
 b. **Dormirai** FUT. IND. dove **potrai** FUT. IND..

(BRITO et al., 2010, p. 209)

As condicionais igualmente expressam distinções, como já ressaltado para o português e o espanhol e agora também para o francês e o italiano. O português segue o

mesmo paradigma de aplicação do sistema modo-temporal da oração-*quando*, (463)a. Já espanhol, que emprega o presente do subjuntivo na oração-*cuando*, utiliza, na oração-*si*, o presente do indicativo, (463)b. O francês, que recorre ao futuro do indicativo na oração-*quand*, emprega o presente do indicativo, como o espanhol, na oração-*si*, (463)c. O italiano recorre tanto ao presente do indicativo quanto ao futuro do indicativo, sendo que o futuro do indicativo é o tempo de uso mais preponderante/comum, (463)d. Todas essas distinções ocorrem no contexto de futuro.

- (463) a. Se **puder** FUT. SUBJ., **sairei** FUT. IND.  
 b. Si **puedo** PRES. IND., **saldré** FUT. IND.  
 c. Si je **peux** PRES. IND., je **sortirai** FUT. IND.  
 d. Se **potrò** FUT. IND. /**posso** PRES. IND., **uscirò** FUT. IND.

(BRITO et al., 2010, p. 210)

Não apenas esses fenômenos mostram uma dessemelhança entre as línguas. As diferenças se estendem igualmente aos tipos de sentenças: as orações-*quando/cuando* completivas empregam o futuro do indicativo tanto na oração principal quanto na subordinada, (464)a e (465)a. Por oposição, se se aplicasse o paradigma dos tempos verbais das adverbiais às completivas, as sentenças seriam agramaticais, (464)b e (465)b.

#### *Português*

- (464) a. **Perguntarei** FUT. IND. ao professor [quando **será** FUT. IND. a prova].  
 b. \***Perguntarei** FUT. IND. ao professor [quando **for** FUT. SUBJ. a prova].

#### *Espanhol*

- (465) a. **Preguntaré** FUT. IND. al profesor [cuándo **será** FUT. IND. el examen].  
 b. \***Preguntaré** FUT. IND. al profesor [cuándo **sea** PRES. SUBJ. el examen].

Levando em conta a expressão do futuro, não apenas a forma simples é empregada, mas também as perifrásticas (Cf. (i) e (ii)). O presente também se configura como um tempo legítimo da manifestação de futuro, (466)d e (467)d.

- (i) Português: *ir* + infinitivo: *vou* PRES. IND. *sair* / *irei* FUT. IND. *sair*  
 (ii) Espanhol: *ir a* + infinitivo: *voy* PRES. IND. *a salir* / *iré* FUT. IND. *a salir*

- (466) a. **Farei** o jantar [quando chegar em casa].  
b. **Vou fazer** o jantar [quando chegar em casa].  
c. **Irei fazer** o jantar [quando chegar em casa].  
d. **Faço** o jantar [quando chegar em casa].

- (467) a. **Haré** la cena [cuando llegue a casa].  
b. **Voy a hacer** la cena [cuando llegue a casa].  
c. **Iré a hacer** la cena [cuando llegue a casa].  
d. **Hago** la cena [cuando llegue a casa].

Para registro, também a forma imperativa do verbo pode ser usada na oração principal:

- (468) a. **Telefona** [quando chegar em casa].  
b. **Llamáme** [cuando llegues a casa].

Retomando a discussão, o fato é que, no espanhol antigo, existia o uso do futuro do subjuntivo, que caiu em desuso na língua, tendo sido substituído pelo presente do subjuntivo (BRITO et al. 2010, p. 209). Reis (2002, p. 3) ressalta que o uso desse tempo modernamente é raro na língua:

Na língua espanhola atual, o futuro do subjuntivo é considerado um arcaísmo gramatical que hoje em dia aparece apenas residualmente na linguagem jurídica, em alguma construção fixa do tipo “sea lo que fuere”, ou em estilos deliberadamente solenes ou arcaizantes. Por se tratar de um tempo verbal exclusivo de uma linguagem restrita, o futuro do subjuntivo do espanhol não é espontaneamente veiculado e a falta de contato, oral ou escrito, na linguagem cotidiana compromete o uso correto.

Segundo Graña-Fernández (2009), o futuro do subjuntivo existiu no espanhol, mas desapareceu completamente na língua moderna padrão com a exceção de alguns casos. Seu uso é limitado a certas expressões em textos jurídicos, (469), frases de efeito, (470), e escritos literários e eclesiásticos, (471):

- (469) a. [...] derechos que tenga o **pudiere** tener.  
b. El que **hiciera** tal cosa [...].

(470) a. Sea lo que **fuere**.

b. Adonde **fueres**, haz lo que **vieres**.

(GRAÑA-FERNÁNDEZ, 2009, p. 116)

(471) a. Cayé observó un rato riéndose, como se ríen los peones cuando están juntos, sea cual **fuere** el motivo, y se aproximó al baúl colocando a una carta cinco cigarros.

(QUIROGA, H. *Cuentos de amor, de locura y de muerte*, ed. Booket, Buenos Aires, 2012, p. 205)

b. Yo tengo ganado lo que prometí, y **cuando** no **fuere** verdade y se **viere** palpablemente, castíguenme como **quisieren**.

(ALFARACHE, G. em *Cuervo*, Dicc. apud ALCALÁ ALBA, 1983, p. 203)

Para Reis (2008), o futuro do subjuntivo no espanhol foi sendo substituído pelo presente do subjuntivo. As duas variantes concorriam nos mesmos ambientes sintáticos:

*Futuro do Subjuntivo*

(472) a. Mientras que **visquíeredes**.

*Presente do Subjuntivo*

b. Mientras que **vivades**.

‘As long as you live.’

(REIS, 2008, p. 2)

O futuro do subjuntivo também podia ser substituído pelo futuro do indicativo, (473). Ou seja, o espanhol, na sua diacronia, empregava três formas distintas de futuro nas sentenças-*cuando*. Sincronicamente, a língua cristalizou o uso do presente do subjuntivo.

(473) **Quando** los gallos *cantarán* FUT. IND.

‘When the cocks will crow.’

(FLEISHMANN, 1982, p. 138)

Comparando o português e o espanhol, constatamos que o futuro do subjuntivo subsiste apenas no português.<sup>307</sup> A aplicação do futuro do subjuntivo ou do futuro do indicativo no espanhol moderno causaria estranhamento ao falante, sendo as sentenças nesse tempo marcadas como agramaticais, (474)a/b.

- (474) a. \*Quando **pudiera** FUT. SUBJ., **saldré** FUT. IND.  
b. \*Quando **podré** FUT. IND., **saldré** FUT. IND.  
c. Quando **pueda** PRES. SUBJ., **saldré** FUT. IND.

Uma restrição semelhante ocorre com os dados do português se utilizamos o presente do subjuntivo e o futuro do indicativo nas sentenças-*quando*, (475)a/b:

- (475) a. \***Quando** possa PRES. SUBJ., **sairei** FUT. IND.  
b. \***Quando** poderei FUT. IND., **sairei** FUT. IND.  
c. **Quando** puder FUT. SUBJ., **sairei** FUT. IND.

Conforme Brito et al. (2010), o futuro e o presente do subjuntivo podem ocorrer nos mesmos ambientes em alguns casos, (476), (477), (478)a/b, porém não em outros, como visto com o conectivo *quando/cuando* acima e *enquanto*, (479).

#### *Relativa*

- (476) As pessoas **que** *quiserem (queiram)* informação poderão pôr-se em contato comigo.

#### *Comparativa*

- (477) Será **como** *quiseres (queiras)*.

---

<sup>307</sup> As formas de infinitivo pessoal no português dos verbos regulares (*cantar*) e dos verbos irregulares fracos (*pedir*) se confundem com as do futuro do subjuntivo, como se vê pelo paradigma de conjugação exemplificado a seguir. **Infinitivo Flexionado:** Cantar/ Cantares/ Cantar/ Cantarmos/ Cantardes/ Cantarem; Pedir/ Pedires/ Pedir/ Pedirmos/ Pedirdes/ Pedirem. **Futuro do Subjuntivo:** Cantar/ Cantares/ Cantar/ Cantarmos/ Cantardes/ Cantarem; Pedir/ Pedires/ Pedir/ Pedirmos/ Pedirdes/ Pedirem. No caso dos verbos irregulares fortes, os paradigmas de conjugação serão distintos: **Infinitivo Pessoal:** Ser/ Seres/ Ser/ Sermos/ Serdes/ Serem. **Futuro do Subjuntivo:** For/ Fores/ For/ For/ Fordes/ Forem (BRITO et al., 2010). O uso do infinitivo flexionado é característico do português, mas está também presente no mirandês (dialeto de Portugal), no napolitano antigo, no galego, na língua leonesa antiga e na língua sardenha antiga (CASAGRANDE, 2006).

*Temporais*

- (478) a. **Logo que** *puder (possa)*, apareço.  
b. Pode chamar-me **sempre que** *quiser (queira)*.

- (479) **Enquanto** *estiver (\*esteja)* aqui, fico à sua disposição.

(BRITO et al., 2010, p. 211)

Existem ainda conectivos temporais que não aceitam futuro do subjuntivo, mas apenas presente do subjuntivo:<sup>308</sup>

- (480) a. **Antes que** *amanheça (\*amanhecer)*, vou-me embora.  
b. Não descansarei **até que** *acabe (\*acabar)* este trabalho.

(BRITO et al., 2010, p. 211)

O futuro do subjuntivo é empregado em orações subordinadas para expressar uma ação ou um estado hipotético, provável, que ordinariamente se situa no futuro. O presente do subjuntivo indica dúvida, incerteza, desejo, probabilidade, sentimento, etc. Pode ser utilizado para exprimir acontecimentos cuja referência seja o tempo presente, (481), ou o tempo futuro, (482), daí a possibilidade de dupla ocorrência com o futuro do subjuntivo no português em certos casos (Cf. (476)-(478)).<sup>309</sup> Ressalta-se que uso do subjuntivo pode depender da natureza morfossintática do termo conjuntivo.

- (481) Pena que as férias **estejam** acabando.

- (482) a. Duvido que ele se **case** com ela.  
b. É importante que os alunos **apresentem** seus trabalhos no *Tardes Gerativas*.

No espanhol, os conectivos temporais *cuando, hasta que, mientras, tan pronto como, apenas, en cuanto, así que, no bien, cada vez que, siempre que, después de que, a medida que, según, una vez que* e *conforme* selecionam o indicativo se a sentença se

<sup>308</sup> Segundo Rizzi (1997), a escolha do complementizador reflete a estrutura da sentença. No inglês, *that* ocorre com verbos flexionados e *for* com verbos no infinitivo. Isso parece ser o que pede as sentenças em:  
(i) **Antes de** amanhecer, vou-me embora.

<sup>309</sup> Essa discussão está amplamente detalhada nas gramáticas das línguas.

refere ao presente ou ao passado e selecionam subjuntivo se a referência é de futuro, (483)a/b. Os que permitem apenas indicativo são *ahora que, desde que, al mismo tiempo que*, (483)c. Admite apenas o subjuntivo *antes de que*, (483)d.

- (483) a. Está prohibido hablar por el móvil **mientras** se **conduce** PRES. IND.  
b. **En cuanto termine** PRES. SUBJ. la corrección, te la enviaré.  
c. **Ahora que hemos terminado** PRET. PERF. IND. el trabajo, vamos a la fiesta.  
d. Voy a salir **antes de que vengan** PRES. SUBJ. los policías.

Segundo Brito et al. (2010, p. 189), não existe futuro do subjuntivo em francês e em italiano. O uso do futuro do indicativo nessas línguas é explicado a partir da tradição gramatical em razão de a função do futuro do subjuntivo ter sido exercida por aquele tempo no latim. Ou seja, o francês e o italiano, usando o futuro do indicativo, estariam seguindo o padrão do latim, mas não o português e o espanhol.

No tocante aos dados que iniciaram esta seção, a variação entre as línguas se dá tanto pelo tempo quanto pelo modo verbal. Para responder às nossas perguntas de pesquisa no item (iii) do Capítulo 1 de Apresentação, repetidas logo abaixo, seguimos a hipótese de que as línguas românicas em questão e a construção de sentenças temporais de *quando/cuando* (e eventualmente outros tipos de sentenças) é marcada pela presença de um traço de Modo *versus* um traço de Tempo, gerando uma distinção na escolha dos tempos/modos verbais em função dos traços dos núcleos sintáticos em que tais categorias são projetadas.

(iii) Pergunta-se: como as línguas românicas, especialmente o português e o espanhol, diferenciam-se na formação de sentenças temporais iniciadas por *quando/cuando* e quais as implicações dos contrastes na escolha do modo/tempo verbal nessas línguas? É possível relacionar tais contrastes às categorias e aos traços envolvidos no licenciamento dessas sentenças?

Adotando-se a abordagem da gramática gerativa, propomos que as diferenças entre as línguas sejam explicadas em termos do ativamento ou não de certo traço das categorias funcionais. Os traços não interpretáveis [*u*F] respondem pela variação enquanto os traços interpretáveis [*i*F] são universais. Aventamos a hipótese de que os

dados das línguas que discutimos envolvem os traços [Mood] e [Tense]. [Mood] possui traços que estão em articulação com a categoria C (complementizador), que projeta o CP. O CP é responsável pela força ilocucionária da sentença; [Tense] tem seus traços realizados pelo núcleo T[ense], que, projetado, codifica o traço [+/-finito].

Sobre o complementizador C, Nóbrega e Leitão (2008) observam que em (484)a o complemento de *dizer* é uma oração subordinada com força ilocucionária declarativa associada ao complementador *que*. Em (484)b, o complemento de *perguntar*, também uma oração subordinada, tem força ilocucionária interrogativa associada ao complementador *se*. Caso troquemos os complementizadores, as sentenças ficam agramaticais, (485).

- (484) a. Mario *disse* **que** Paula jogou a bola no mato.  
b. Mario *perguntou* **se** Paula jogou a bola no mato.

- (485) a. \*Mario *disse* **se** Paula jogou a bola no mato.  
b. \*Mario *perguntou* **que** Paula jogou a bola no mato.

(NÓBREGA; LEITÃO, 2008, p. 37)

O tipo do complementizador, além de estar em conjunção com a flexão do verbo, mostra relação com os tempos verbais:

- (486) a. Eu **odeio** quando ele **sai**/\*saia.  
b. Eu **odeio** que ele **saia**/\*sai.
- (487) a. Eu **odiarei** quando ele **sair**/\*saia.  
b. Eu **odiarei** que ele **saia**/\*sair.

Nossa hipótese é a de que, no que se refere às sentenças temporais iniciadas por *quando/cuando/quand/quando* e à distinção na aplicação do sistema modo-temporal, há dois grupos de línguas se temos em conta o traço de Modo: o português e o espanhol, por um lado, têm o traço de Modo e projetam a categoria funcional MoodP, já que possuem essas formas disponíveis na língua; o francês e o italiano, por outro, não possuem traço de Modo e não projetam essa categoria, contando apenas com a projeção da categoria/traço de Tempo. Essa distinção capta ainda a escolha, em relação ao

Tempo, que resulta também em dois grupos de línguas: o espanhol, que utiliza o presente (do subjuntivo), e o português, o francês e o italiano, que adotam o futuro (do subjuntivo e do indicativo).

Nesse sentido, a proposta é a de que a distinção gramatical entre as línguas, no que se refere à escolha do modo subjuntivo (em oposição ao indicativo) é dada pelo traço morfossintático [Mood] na projeção de CP. Os traços [Mood] e [Tense] de V precisam entrar numa operação *Agree* para que os traços não interpretáveis de Mood e Tense sejam valorados em CP e TP.

A presença de MoodP permite explicar não só a escolha do subjuntivo nas orações-*quando/cuando*, como também outras construções. Em (488), o indicativo responde pela leitura específica/episódica do predicado, e projeta [Tense]; já o subjuntivo responde pela leitura não específica/não episódica do predicado, e projeta [Mood] (VELASCO-ZÁRATE, 2006).

(488) a. Procuo um aluno que **estuda** PRES. IND. latim.

Leitura específica: existe um aluno que eu procuro e que estuda latim.

b. Procuo um aluno que **estude** PRES. SUBJ. latim.

Leitura não específica: procuro um aluno qualquer que estude latim.

O francês e o espanhol apresentam as mesmas possibilidades de leitura do português.<sup>310</sup>

#### *Francês*

(489) a. Je cherche une secrétaire qui **sait/sache** taper.

‘Eu procuro uma secretária que sabe/saiba datilografar.’

(POPLACK; TURPIN, 1999, p. 24)

<sup>310</sup> O modo subjuntivo e as possibilidades de variação com o modo indicativo é ponto comum entre as línguas românicas diacronicamente e sincronicamente (ALMEIDA, 2010). Em (i), o falante empregou o verbo no presente do indicativo, *escolhe*, em um contexto em que se esperava o uso do verbo no presente do subjuntivo, *escolha*.

(i) **Espero que ele escolhe** um nome bonito, né? (PIMPÃO, 1999, p. 15, dado de fala)  
Em (ii), esperava-se o uso do modo subjuntivo do verbo devido ao ambiente em que se encontram (verbos que requerem subjuntivo como *esperar*, *querer*). No entanto, os falantes aplicaram o modo indicativo:

(ii) a. Eu **espero** que ele não **zanga**, né? c. Como a gente não **quer** que ela **sobe**.

b. **Espero** que **vai**, tá?

d. Eu **quero** que **fica** bem feito.

(Dados de fala)

*Espanhol*

b. Busco a un chico que **sabe/sepa** bailar.

‘Procuró um rapaz que sabe/saiba dançar.’

Velasco-Zárate (2006) trabalha com DPs acompanhados de artigos que trazem leitura de especificação e não especificação. Nas sentenças relativas restritivas, o modo verbal da relativa, ao denotar um evento específico, interage com a especificidade do nome que ocorre na estrutura introduzida pelo artigo *a* – que é capaz de expressar as duas leituras, (490). A ambiguidade se desfaz mediante o verbo no indicativo, caso em que o núcleo N terá uma leitura específica, (491)a. Com o verbo no subjuntivo, o núcleo N terá leitura não específica, (491)b.

(490) (Yo) busco **a la secretaria**. (leitura específica/não específica)

(491) a. La empresa contratará **a la secretaria que sabe** IND inglés.

Leitura específica: existe uma secretária que eu procuro e que fala inglês.

b. La empresa contratará **a la secretaria que sepa** SUBJ inglés.

Leitura não específica: procuro uma secretária qualquer que fale inglês.

(VELASCO-ZÁRATE, 2006, p. 141)

Dados do português mostram essa mesma relação entre presença de artigo/determinante e traços de modo/tempo da sentença. Se a sentença está no presente do subjuntivo, o artigo definido não é licenciado, (492)a. Ou seja, os traços de modo/tempo devem estar presentes e ser compatíveis com o tipo de determinantes (SCHMITT, 2000).

(492) a. \*Heloisa procura o ART. DEF. aluno que PRES. SUBJ. fale árabe.

b. Heloisa procura um ART. IND. aluno que fale PRES. SUBJ. árabe.

c. Heloisa procura o ART. DEF. aluno que fala PRES. IND. árabe.

Esses são apenas alguns casos em que indicativo e subjuntivo se mostram como formas opostas. Línguas que não apresentam subjuntivo, como o inglês, projetariam apenas [Tense] e no caso de dados como (493) precisariam recorrer ao contexto para resolver a diferença de leitura, segundo o que afirma Velasco-Zárate (2006). A ideia é

que o indicativo é capaz de expressar não só a leitura *realis*, mas também a *irrealis*. Nesse caso, o próprio verbo e as categorias associadas a ele é que dariam essa interpretação.

(493) I am looking for a student who **studies** Latin.

Leitura específica: Existe um aluno *desaparecido* que eu conheço. Ele estuda Linguística e estava na aula de Latim.

Leitura não específica: Estou começando um projeto de pesquisa e estou selecionando alunos que saibam Latim.

A expressão de futuro no inglês, de forma geral, se dá a partir de formas específicas (*will/would/going to*) ou pelo tempo presente com ideia de futuro, (494). Para a expressão do subjuntivo, a língua utiliza também o presente, (495).

(494) a. I **will** buy a new car.

‘Eu comprarei um carro novo.’

b. I **would** buy a new car [...].

‘Eu compraria um carro novo.’

c. I am **going to** buy a new car.

‘Eu vou comprar um carro novo.’

d. The Red Sox **play** the Yankees tomorrow.<sup>311</sup>

‘O Red Sox enfrenta os Yankees amanhã’.

---

<sup>311</sup> Disponível em: <http://migre.me/eTdnX>. Acesso em 12/2/2014. (Exemplo de Guillaume Thomas no texto *On the ambivalence of the present tense*).

(495) **When/If I see** him, I'll tell everything.

‘Quando eu o vir, contarei tudo.’

‘Se eu o vir, contarei tudo.’

‘Caso eu o veja, contarei tudo.’

O inglês não possui uma marca específica de subjuntivo no verbo ou um auxiliar. Porém, verbos que expressam pedido ou sugestão, como *ask/perguntar*, *recommend/recomendar*, *insist/insistir*, *request/solicitar*, *propose/propor*, *suggest/sugerir*, entre outros, seguidos de *that/que* mais verbo, terão valor de uma oração no subjuntivo. Esse segundo verbo não é conjugado, ficando na sua forma infinitiva, (496). No português e no espanhol, verbos dessa categoria pedem marcas de subjuntivo.

(496) a. I recommend that you **be** prepared.

‘Recomendo que você **esteja** preparado.’

b. I insist that you **come**.

‘Insisto que você **venha**.’

Restringimos nosso estudo à expressão do indicativo e do subjuntivo nas línguas românicas, sendo o subjuntivo a forma marcada. Há línguas, no entanto, que não apresentam formas de subjuntivo. Já citamos o inglês e agora trazemos o holandês, que igualmente não possui formas de subjuntivo com realização morfológica – exceto por algumas formas arcaicas cristalizadas. Para expressar os valores semânticos do subjuntivo, a língua recorre ao presente do indicativo (BENTO, 2013, p. 35). Termos como *talvez* também dariam a conotação *irrealis*.

(497) Misschein is het waar.

Talvez é-IND ART DEF verdade

‘Talvez seja verdade.’

(HAESERYN et al., 1997, p. 103 apud BENTO, 2013, p. 35)

Um desafio é entender como funcionam essas línguas que não possuem contrastes de modo verbal e não projetam [MoodP], embora a leitura de subjuntivo

subsista em um componente interpretativo. Outra linha de argumentação seria dizer que as línguas, em geral, projetam [Mood], mas esse núcleo pode estar ativo ou não:

1. As línguas não possuem e não projetam MoodP, sendo a interpretação correspondente obtida composicionalmente em LF, como inglês e holandês.
2. As línguas possuem MoodP, mas podem ativá-lo (como o português e o espanhol no caso das OQs/OCs) ou não (como o francês e o italiano).

Nesse sentido, em relação às orações-*quando/cuando*, a diferença entre as línguas românicas que abordamos se explica pela projeção ou não de Mood no domínio de CP: o português e o espanhol projetam MoodP, mas não o francês e o italiano. Por outro lado, na ausência do traço Mood no domínio de CP, o francês e o italiano devem realizar obrigatoriamente o traço de Tempo [+futuro] no núcleo T, (498).

- (498) a. [<sub>AdvP</sub> quando<sub>i</sub> [<sub>CP</sub> t<sub>i</sub> [<sub>MoodP</sub> [Mood' tocar<sub>j</sub> [<sub>TP</sub> [<sub>T'</sub> t<sub>j</sub> [<sub>VP</sub> [<sub>V'</sub> t<sub>j</sub>]]]]]]]]]]  
 b. [<sub>AdvP</sub> cuando<sub>i</sub> [<sub>CP</sub> t<sub>i</sub> [<sub>MoodP</sub> [Mood' suene<sub>j</sub> [<sub>TP</sub> [<sub>T'</sub> t<sub>j</sub> [<sub>VP</sub> [<sub>V'</sub> t<sub>j</sub>]]]]]]]]]]  
 c. [<sub>AdvP</sub> quand<sub>i</sub> [<sub>CP</sub> t<sub>i</sub> [<sub>TP</sub> [<sub>T'</sub> déclencherà<sub>j</sub> [<sub>VP</sub> [<sub>V'</sub> t<sub>j</sub>]]]]]]]]  
 d. [<sub>AdvP</sub> quando<sub>i</sub> [<sub>CP</sub> t<sub>i</sub> [<sub>TP</sub> [<sub>T'</sub> toccherà<sub>j</sub> [<sub>VP</sub> [<sub>V'</sub> t<sub>j</sub>]]]]]]]]

Essa hipótese, no entanto, não alcança especificamente a diferença entre português e espanhol, que se refere não ao modo, mas ao tempo. O fato é que o presente do subjuntivo e o futuro do subjuntivo podem ser usados nos mesmos contextos em alguns casos em razão de o presente do subjuntivo ter caráter prospectivo. Isso nos leva a concluir que na sintaxe as orações-*quando/cuando* manifestam formas variáveis na expressão do tempo futuro/modo *irrealis*, ocorrendo sincretismo ou formas dedicadas, dependendo da manifestação dos traços formais em C e T: traço formal *Mood* ativo em C; traço formal *Futuro* ativo em T. No italiano e no francês, ocorre sincretismo (= uso do indicativo em oração simples/principal e em contexto de subordinação); já no português e no espanhol, ocorre uso de formas dedicadas (= o subjuntivo como forma exclusiva do contexto subordinado nas OQs/OCs).

Sobre a categoria T e a manifestação de futuro, as línguas românicas aqui discutidas, podem recorrer na oração encaixada aos tempos: presente do indicativo, presente do subjuntivo, futuro do indicativo e futuro do subjuntivo. Haveria, então,

quatro paradigmas de concordância temporal vigentes em português, espanhol, francês e italiano.

## 5.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Este capítulo tratou das sentenças-*quando/cuando* adverbiais temporais (canônicas), considerando-se alguns aspectos de sua estrutura formal. Abordamos, primeiramente, as propriedades dessas sentenças associadas à posição que ocupam dentro da sentença que, por sua vez, geram questões de ambiguidade, ausência de reconstrução com a negação, (a)gramaticalidade dependendo do tipo de verbo, se epistêmico ou declarativo, etc.

Em um segundo momento, confrontamos características das orações-*quando/cuando* adverbiais e das orações-*quando/cuando* narrativas: estas últimas, mas não aquelas, pressupõem a presença de termos como *de repente*, *de súbito*, *de pronto*, *de sopetón*; uso de *e então*; ordem fixa para indicar a sequencialidade dos eventos, entre outras propriedades. Concluimos que o item *quando/cuando* da oração narrativa se mostra como um elemento discursivo, sendo, portanto, distinto do *quando/cuando* que ocorre nas sentenças temporais.

Em seguida, examinamos as concordâncias temporais das sentenças-*quando/cuando* (canônicas), cujos eventos indicam relações de posterioridade, simultaneidade, anterioridade, sequencialidade, continuidade, etc. A partir desse quadro, retomamos a nossa última pergunta de pesquisa relacionada ao fato de que no contexto de futuro as orações-*quando/cuando* adverbiais empregam tempos distintos (português, o futuro do subjuntivo, e espanhol, o presente do subjuntivo). Estendemos a discussão ao francês e ao italiano que utilizam o futuro do indicativo, mostrando diferenças no tempo/modo verbal. Tais distinções ocorrem em outras estruturas, como as relativas, as condicionais, as de leitura específica e não específica.

Concluimos que as dessemelhanças entre as quatro línguas, no que diz respeito ao modo, estão associadas às projeções de MoodP e TenseP – o português e o espanhol, por um lado, projetam MoodP, uma vez que possuem essas marcas na morfologia flexional do verbo, o francês e o italiano, por outro lado, não. Em suma, a denotação do tempo futuro/modo *irrealis* manifesta formas dedicadas ou sincretismo, conforme os traços formais estejam distribuídos/ativos em C e T. Com o traço Mood ativo em C, ocorrem formas dedicadas, ou seja, o subjuntivo se apresenta como a configuração a ser

utilizada no contexto subordinativo. Com o traço formal de *futuro* ativo em T, ocorre sincretismo, isto é, o uso do indicativo nas orações simples/principais e também nos contexto de subordinação.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Esta tese investigou o estatuto lexical/categorial e o comportamento sintático e semântico dos termos *quando* e *cuando* em português e espanhol, respectivamente. O objetivo principal, apresentado no Capítulo 1, era explorar a tipologia das orações-*quando/cuando*, considerando contrastes e semelhanças entre essas línguas, no que se refere às estruturas em que introduzem orações *versus* sintagmas nominais, bem como a codificação da dependência modo-temporal entre a oração principal e a oração subordinada.

Nessa esteira, abordamos, no Capítulo 2, a hipótese de que as orações de *quanto/cuando* constituem orações relativas. Para tanto, retomamos estudos prévios sobre a formação de sentenças relativas livres e sentenças relativas de núcleo nominal. Observamos que estudos preliminares questionavam o estatuto relativizador de *quando* e a gramaticalidade de orações de *quando* na presença de um termo antecedente na oração anterior, de modo que se configurasse uma estrutura de relativa de núcleo nominal. Os dados coletados mostraram que o português manifesta os dois tipos de sentenças relativas. Apesar disso, constatamos a existência de restrições à formação das relativas de núcleo nominal não só em português, mas também em espanhol. Há certos ambientes sintáticos que favorecem a ocorrência desse tipo de sentença. Além disso, argumentamos que durante a derivação ambos os termos projetam um sintagma adverbial. A proposta é que *quando/cuando*, como uma categoria AdvP, tem um traço D que verifica o traço *Qu-/ +rel* de C. Para as relativas livres, adotamos a proposta de *Raising*, em que *quando/cuando* se desloca como núcleo, para o CP do qual se origina, e partir dessa borda, projetando seu próprio núcleo, dando origem a um AdvP. Para as relativas de núcleo nominal, adotamos a proposta de *Raising*.

O Capítulo 3 abordou o estatuto de *quando/cuando* em contextos em que (supostamente) seleciona um complemento não-oracional, o que leva à hipótese de que poderia assumir um caráter preposicional (ou não). Essa é uma análise levantada para o espanhol nos casos em que *cuando* é seguido de sintagma adjetivo/nominal. O propósito era verificar a extensão dessa análise ao português, mas isso não se confirmou. Mostramos que há uma divisão entre os dados. Para os casos de *Quando jovem/Cuando joven*, o sintagma adjetivo compõe um predicado secundário e *quando* e *cuando*

encabeçam sintagmas adverbiais. Para os casos de *Quando da estreia/Cuando el estreno*, as línguas mostram contrastes. Seguimos a proposta de Lobato (1989, 1995) para os casos das locuções

s propositivas (temporais/locativas), como *junto de, perto de, depois de e antes de*. Assim, no português, há uma preposição marcadora de Caso intermediando a relação entre *quando* e *estreia*; já no espanhol, o sintagma nominal é introduzido por *cuando* diretamente, assinalando que, nessas ocorrências, esse item tem propriedades de um núcleo preposicional, licenciando o Caso do SD na posição de complemento. Em virtude disso, seguimos com a hipótese de que *quando*, em português, possui apenas uma entrada lexical (advérbio) e *cuando*, no espanhol, possui duas entradas lexicais (advérbio e preposição), o que constitui um contraste (micro)paramétrico entre as línguas. Em particular, propusemos que, em espanhol, *cuando* sofre reanálise categorial e passa a manifestar traços *phi* não-interpretáveis, ocorrendo como uma sonda/*probe* para um alvo, que são os traços *phi* interpretáveis do SD (temporal/locativo), na posição de complemento, configurando-se a operação *Agree*, e conseqüentemente o licenciamento do traço de Caso desse SD. Essa opção não está disponível para *quando* no português, que mantém o estatuto categorial de advérbio em todos os contextos, projetando um SAdv e tem a relação entre esse item e o sintagma nominal marcada pela preposição *de*.

No Capítulo 4, examinamos a sentença-*quando/cuando* com interpretação temporal-condicional. Vimos que essa interpretação possui subtipos e optamos pelo estudo das que denotam causa e efeito, em que há uma relação entre a condição e a sucessão no tempo. Demonstramos que a formação da sentença está sujeita a duas restrições: uma restrição de leitura, uma vez que devem expressar uma associação entre uma causa que conduz a um efeito, e uma restrição de tempo/aspecto, tendo em vista que devem estar no tempo presente ou pretérito (imperfeito). O respeito a esses critérios garante a leitura de genericidade. Julgamos que a interpretação da sentença se dá composicionalmente a partir de um operador genérico com escopo sobre a sentença. Verificamos ainda que, do ponto de vista translingüístico, existe consistência na escolha da flexão modo-temporal do verbo da oração-*quando/cuando* e *se/si* nos contextos em que o verbo da matriz denota tempo passado, havendo, porém, variação se denota o futuro: enquanto o português seleciona o futuro do subjuntivo com *quando/si*, o espanhol seleciona o presente do subjuntivo com *cuando* (estando o futuro do

subjuntivo ausente na língua), e o presente do indicativo com *si*, um contraste que relacionamos à seleção modo-temporal discutida no capítulo seguinte.

O Capítulo 5 discutiu as sentenças adverbiais prototípicas. Mostramos a distinção entre essas sentenças e as sentenças-*quando/cuando* narrativas. Também vimos que há um contraste entre os tempos/modos verbais aplicados às sentenças adverbiais canônicas precisamente no contexto de futuro: o português recorre ao futuro do subjuntivo e o espanhol, ao presente do subjuntivo. Essa dessemelhança tem origem na diacronia do espanhol, visto que o futuro do subjuntivo é um tempo obsoleto na língua. Expandimos a análise ao francês e ao italiano, que, na oração-*quand/quando*, adotam o futuro do indicativo. Nossa hipótese é a de que essas noções são codificadas a partir de propriedades formais dos núcleos de TP e MoodP, cujos traços podem estar ou não ativos, o que determina a manifestação das formas verbais no indicativo ou no subjuntivo, respectivamente.

Por hipótese, as observações e análises feitas em relação a *quando/cuando* devem servir aos termos *onde/donde* e *como/como*. Embora a classe que compõe esses itens não deva ser completamente uniforme, a quantidade de propriedades que possuem em comum corroboraria a sua unidade. Deixamos a investigação dessas questões e das que permanecem em aberto neste trabalho para estudos futuros.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

ALARCOS LLORACH, E. *Gramática de La Lengua Española*. Madrid: Espasa Calpe, (Real Academia Española), 1994.

ALCALÁ-ALBA, A. Oraciones condicionales introducidos por *cuando* en el español culto de la ciudad de México. Anuario de Letras, 21, *Revista del Centro de Lingüística Hispánica Juan M. Lope Blanch*. pp. 201-210, Universidad Nacional Autónoma de México, 1983.

ALEXANDRE, N. M. P. *A estratégia resumptiva em relativas restritivas do Português Europeu*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2000.

ALCINA, F. J.; BLECUA P. J. M., *Gramática española*. Primera edición: Barcelona, Ariel, 1975. Décima edición: Barcelona, Ariel, 1998.

ALIAGA, F.; ESCANDELL, M. V. *Cuando + SN: algunos problemas sintácticos*, en C. Martín Vide (ed.), *Lenguajes naturales y lenguajes formales*, III.2, pp. 389-401, 1988.

ALMEIDA, E. S. de *Variação de uso do subjuntivo em estruturas subordinadas: do século XIII ao XX*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ/FL/Departamento de Letras Vernáculas – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa), 2010.

ALVARENGA, D. *Sobre interrogativa indireta no português*. Dissertação de Mestrado, Belo Horizonte, Minas Gerais, 1981.

ÁLVAREZ PRENDES, E. *La estrategia concesiva: del prototipo a los casos marginales*. Tesis Doctoral. Universidad de Oviedo, 2008.

AOUN, J.; LI, A. *Essays on the representational and derivational nature of grammar: the diversity of wh-constructions*, 2001. Disponível na Internet via [http://www.usc.edu/dept/LAS/ealc/chinling/aoun\\_li.htm](http://www.usc.edu/dept/LAS/ealc/chinling/aoun_li.htm).

KENEDY, E. *Aspectos estruturais da relativização em português: uma análise baseada no modelo raising*. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

KENEDY, E. As orações relativas preposicionadas e a hipótese da antinaturalidade de  *pied-piping*. *Veredas on-line – psicolinguística*, p. 92-111 – PPGL lingüística/UFJF – Juiz de fora, 2/2008.

ATHANASIADOU, A.; DIRVEN, R. *On conditionals again*. John Benjamins Publishing, Jan 1, Amsterdam/Philadelphia, 1997.

BARBOSA, J. B.; CRUZ, R. C. Os valores semânticos do presente do indicativo no português brasileiro: um estudo em blogs. *Entretextos*. Vol. 13, n. 1, 2013.

BARRETO, T. M. M. *Gramaticalização das conjunções na história do português*. Salvador, Universidade Federal da Bahia, Tese de Doutorado, 1999.

BASSETO, B. F. *Elementos de Filologia Românica: história externa das línguas*. Vol. 1. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

\_\_\_\_\_. *Elementos de Filologia Românica: história externa das línguas*. Vol. 2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

BELLO, A. *Análisis ideológica de los tiempos de la conjugación castellana*. Se cita por la reproducción Obras Completas: Estudios gramaticales, Caracas, Ministério de la Educación, pp. 1-67, 1847.

BENTO, C. I. da S. *Aquisição de português língua não materna – o conjuntivo na interlíngua de falantes nativos de neerlandês*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Nova Lisboa, 2003.

BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística geral*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1976.

BEZERRA, W. S.; MEIRELES, F. A. R. *Um estudo sobre construções condicionais no português do Brasil*. In: MIRANDA, N. S.; SALOMÃO, M. M. M. (org.). *Construções do Português do Brasil: Da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

BIANCHI, V. *Consequences of antisymmetry: Headed Relative Clauses*. Mouton de Gruyter, Berlin, 1999.

BIBERAUER, T.; ROBERTS, I. Towards a parameter for hierarchy for auxiliaries: diachronic considerations. In: *Cambridge Occasional Papers in Linguistics*. 209-36, 2012.

BOSQUE, I. *Las categorías gramaticales*. Madrid. Síntesis, 1989.

\_\_\_\_\_. *Cuando 'que' es igual que 'cuando'*. Publicado en I. Delgado y A. Puigvert (eds.), *Ex admiratione et amicitia: Homenaje a Ramón Santigo*, Madrid, Ediciones del Orto, 2007, vol. 1, pp. 139-158, 2007.

BRAINE, M. D. S. On the relation between the natural logic of reasoning and the standard logic. *Psychological Review*, 85, 1-21, 1978.

BRITO, A. M. *Subordinação adverbial*. In: MIRA MATEUS, Maria H. M. et alii.. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra, Almedina, 2003.

BRITO, A. M. et al. *Gramática Comparativa Houaiss: quatro línguas românicas*. São Paulo: Publifolha, 2010.

BRESNAN, J.; GRIMSHAW, J. *The syntax of free relatives in English*. Linguistic Inquiry, Massachusetts, v. 3, n. 9, p. 331-391, 1978.

BRUCART, J. M. *La Estructura del Sintagma Nominal: Las Oraciones de Relativo*, in Ignacio Bosque e Violeta Demonte (dir.), Gramática Descriptiva de la Lengua Española, Espasa, p. 395-522, 1999.

CANO AGUILAR, R. *El español a través de los tiempos*. Madrid. Arco/libros, 1988.

CAPONIGRO, I. Free relatives as DPs with a silent D and a CP complement. In: SAMIAN, Vida (ed.). *Proceedings of the Western Conference on Linguistics 2000 (WECOL 2000)*. Fresno, CA: California State University, 2002.

CARLSON, G. An Unified Analyses of the English Bare Plural. *Linguistics and Philosophy* 1:413-456, 1977a.

\_\_\_\_\_. *Reference to Kinds in English*. Ph.D. dissertation, University of Massachusetts, Amherst. Published 1980 by Garland Press, New York, 1977b.

\_\_\_\_\_. Generics and atemporal *when*. *Linguistic and Philosophy* 3, pp. 49-98, 1979.

CARVALHO, Luiz de. Mulher é achada morta no lugar em que o marido foi assassinado. Jornal O diário, Maringá, 28 jul. 2012. Caderno Polícia, [online]. Disponível em: <<http://maringa.odiario.com/parana/noticia/588900/mulher-e-achada-morta-no-lugar-em-que-o-marido-foi-assassinado/>>. Acesso em: 21 ago. 2012.

CASAGRANDE, F. F. de P. *O infinitivo pessoal no português brasileiro: uma abordagem diacrônica*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Londrina, 2006.

CHOMSKY, N. *On Wh-Movement*. In: CULICOVER, P. WASOW, T.; AKMAJIAN, A. (Eds.). *Formal syntax*. NY: Academic Press, 1977.

\_\_\_\_\_. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht, Netherlands: Foris Publications, 1981.

\_\_\_\_\_. *Knowledge of Language: It's Nature, Origin and Use*. New York: Praeger, 1986.

\_\_\_\_\_. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995.

\_\_\_\_\_. *Linguagem e Mente: Pensamentos Atuais sobre Antigos Problemas*. Editora da Universidade de Brasília, 1998.

\_\_\_\_\_. *Derivation by Phase*. In: KENSTOWICZ, Michael (ed.) *Ken Hale: a Life in Language*. Cambridge, MA: MIT Press, p. 1-52, 2001.

\_\_\_\_\_. *Biolinguistics and the Human Capacity*. MTA, Budapest. May 17, 2004. Disponível em: <http://migre.me/jOj31>.

- \_\_\_\_\_. On Phases. *MIT Occasional Papers in Linguistics*, MIT Press, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Sobre natureza e linguagem*. Organizado por Adriana Belletti e Luigi Rizzi; tradução Marylene Pinto Michael; revisão da tradução Evandro Ferreira e Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Arquitetura da linguagem*. AGNIHOTRI, N. P. et al. (orgs.). São Paulo: EDUSC, 2008.
- CLAVERÍA NADAL, G. *Los caracteres de la lengua em el siglo XII: el léxico*, In: R. Cano (Ed.). *História de la lengua española*. Barcelona, Ariel, 2004.
- COHEN, M. A. de M. *Orações relativas restritivas em português – registro formal e informal*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1981.
- CONTRERAS, H. *Relaciones entre las construcciones interrogativas, exclamativas y relativas*, en I. Bosque y V. Demonte, *Gramática Descriptiva de la lengua española*, Madrid, Espasa, 1999.
- CRESPO, H. *Gramática de la oración compuesta*. S/D. Disponível em: <http://migre.me/ssyzzr>. Acesso em: 19/12/2015.
- CUERVO, R. J. *Diccionario de construcción y régimen de la lengua castellana*, París, A. Roger y F. Chernoviz. Se cita por la reproducción del Instituto Caro y Cuervo de los dos primeros volúmenes (letras A-D) y por la continuación de la obra Bogotá (1954), 1893.
- DECLERCK, R. Restrictive *when*-clauses, *Linguistics and Philosophy* 11, pp. 131-168, 1988.
- \_\_\_\_\_. A Functional Typology of English *When*-clauses. *Functions of Language* 3.185-234, 1996a.
- \_\_\_\_\_. *Tense Choice in Adverbial When-Clauses*. *Linguistics* 34.225-61, 1996b.
- \_\_\_\_\_. *When-clauses and temporal structure*. New York: Routledge, 1997.
- DECLERCK, R.; REED, S. *Conditionals: a comprehensive empirical analysis*. Mouton de Gruyter: Berlin/New York, 2001.
- DERMIDACHE, H.; URIBE-ETXEBARRIA, M. The syntax of time adverbs. *Lingua* 117, p. 330-366, 2007.
- den DIKKEN, M. *Relators and linkers: The syntax of predication, predicate inversion, and copulas*. Cambridge, MA.: The MIT Press, 2006.
- DONATI, C. *On the wh movement*. In: CHENG, L.; CORVER, N. (eds.) *Wh-movement – Moving on*. MA., MIT Press, 2006.

FANJUL, A. P. *Conhecendo assimetrias: a ocorrência de pronomes pessoais*. In: GONZÁLEZ, N. M.; FANJUL, A. P. (orgs.). *Espanhol e português brasileiro: estudos comparados*. São Paulo: Parábola, 2014.

FARKAS, D. F.; SIGIOKA, Y. *Restrictive if/when clause*. *Linguistic and Philosophy* 6. D. Reidel Publishing Co., Dordrecht, Holland, and Boston, U.S.A., pp. 225-258, 1983.

FERNÁNDEZ, L. G. *La gramática de los complementos temporales*. Visor: Madrid, 2000.

FERREIRA, S. A. *Sobre a função e a forma de alguns subtipos especiais de orações relativas sem antecedente expreso do português*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Departamento de Linguística Geral e Românica, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2007.

FERREIRA, V. P. *A conjunção subordinativa 'quando' na perspectiva funcional discursiva*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, 2008.

von FINTEL, K. Bare plurals, bare conditionals, and *only*. *Journal of Semantics* 14: 1-56, 1997.

FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação - As categorias de pessoa, espaço e tempo*. SP: Ática, 1999.

FLEISHMANN, S. *The future in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press Fleishman, 1982.

FOLTRAN, M. J. G. D. *As construções de predicação secundária no português do Brasil: aspectos sintáticos e semânticos*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

GALLEGO, A. *'Cuando', preposición o adverbio relativo?* In: VIDAL, M. V. E., et al. (eds.) *60 problemas de gramática*. Akal, Madrid, 2011.

GARCÍA YEBRA, V. *Claudicación en el uso de las preposiciones*. Madrid. Gredos, 1988.

GONZÁLEZ, N. M. *Pero Qué gramática es esta? Los sujetos pronominales y los clíticos en la interlengua de brasileños adultos aprendices de español/LE*. *Revista RILCE de Filología Hispánica*. Español como lengua extranjera: investigación y docencia, n.14.2, pp. 243-263, 1998.

GONZÁLEZ, N. M.; CASTALDO, I. C. *As construções relativas: parte das inversas assimetrias?*. In: GONZÁLEZ, N. M.; FANJUL, A. P. (orgs.). *Espanhol e português brasileiro: estudos comparados*. São Paulo: Parábola, 2014.

GÖDEL, K. *Über formal unentscheidbare sätze der Principia Mathematica und verwandter systeme*, in Kurt Gödel: *Collected Works*, Vol. I, Publications 1929–1936,

eds S. Feferman, J. W. Dawson, S. C. Kleene, G. H. Moore, R. M. Solovay, and J. Van Heijenoort (Oxford: Oxford University Press), 144–195, 1931/1986).

GOUVEIA, E. L. et al. Se e quando: Sinônimos?. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Set-Dez, vol. 17, n. 13, pp. 265-273, 2001.

GRAÑA-FERNÁNDEZ, C. E. *O subjuntivo em espanhol/LE: contribuição ao seu ensino a alunos de Cursos Livres em nível avançado*. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, 2009.

GROOS, A.; VAN RIEMSDIJK, H. Matching effects in free relatives: a parameter of core grammar en BELLETTI, A.; BRANDI, C.; RIZZI, L. (eds.): *Theory of markedness in generative grammar*. Pisa: Scuola Normale Superiore, pp. 171-197, 1981.

GUTIÉRREZ ARAUS, M. L. *Problemas fundamentales de la gramática del español como segunda lengua*. Madrid: Arco Libros, 2014.

HAESERYN, W. *Algemene Nederlandse Spraakkunst*. Groningen: Martinus Nijhoff, 1997.

HALL, D.; CAPONIGRO, I. On the semantics of temporal *when*-clauses. In Nan Li, David Lutz (eds), *Proceedings of Semantics and Linguistic Theory (SALT) 20*, pp. 544-563. Ithaca, NY: Cornell University. 2010.

HAUSER, M. D., CHOMSKY, N., FITCH, W. T. The Faculty of Language: What Is It, Who Has It, and How Did It Evolve?. *Science* 298, 2002.

HEIM, I. *The semantics of definite and indefinite noun phrases*. Tese de Doutorado. University of Massachusetts, Amherst, 1982.

HEINÄMÄKI, O. *Semantics of English Temporal Connectives*, Bloomington: Indiana University Linguistic Club, ed. 1974, ed. 1978.

HIRATA-VALE. *A expressão da condicionalidade no português escrito do Brasil: contínuo semântico-pragmático*. Dissertação de Mestrado, Araraquara, UNESP, 2005.

HORNSTEIN, N. *On recursion*. *Front. Psychol.* 4:1017. doi: 10.3389/fpsyg.2013.01017. Department of Linguistics, University of Maryland, College Park, MD, USA. 2014.

ILARI, R. *Lingüística românica*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1997.

JESUS, I. T. *As construções condicionais universais proverbiais: uma abordagem sociocognitiva*. Dissertação de mestrado, UFJF, 2003.

KATO, M. A.; NUNES, J. *A uniform raising analysis for standard and nonstandard relative clauses in Brazilian Portuguese*. UNICAMP/USP, 2006.

\_\_\_\_\_. Uma análise unificada dos três tipos de relativas restritivas do português brasileiro. *Revista SocioDialeto*. Vol. 14, N. 12, maio 2014. Edição Especial. Homenageado Fernando Tarallo.

KAYNE, R. S. The antisymmetry of syntax (*Linguistic Inquiry Monographs*, 25). Cambridge, MAA: MIT Press, 1994.

KÖNIG, E. *Conditionals, concessive conditionals and concessives: Areas of contrast, overlap and neutralization*. In: Traugott, E. C. et al. (Eds.) *On Conditionals*. Cambridge: Cambridge University Press, 229-246, 1986.

KOOPMAN, H. *The Spec-Head Configuration*. In: KOOPMAN, H. *The syntax of Specifier and heads: Controlled essay of Hilda J. Koopman*. London-New York: Routledge, 2000.

KRIFKA, M. *The relational theory of genericity*. In: M. Krifka, ed. *Genericity in natural language*. p. 285- 312. SNS-Bericht 88-42, University of Tübingen, 1988.

KRIFKA, M. et al. *Genericity: an Introduction*. In: CARLSON, G.; PELLETIER, F. J., eds., 1-124, 1995.

LABOV, W.; WALETZKY, J. *Narrative analysis: oral versions of personal experience*. In: J Helm (ed.) *Essays on the verbal and visual arts (Proceedings of 1966 Annual Spring Meeting of the American Ethnological Society)*, Seattle: University of Washington Press.

KITAGAWA, Y. Small but clausal. *Papers from the Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*, 21, 210–220, 1985.

LARSON, R.K. Bare-NP Adverbs. In: *Linguistic Inquiry*, Vol. 16, Number 4. Cambridge: MIT, 1985.

LE MEN, J. *Algunos problemas sintácticos en las oraciones relativas*, Contextos X/19-20, pp. 371-383, 1992.

LEWIS, D. Adverbs of quantification, in E. Keenan (ed.), *Formal Semantics of Natural Language*, Cambridge University Press, pp. 3-15, 1975.

LOBATO, L. *Advérbios e preposições, sintagmas adverbiais e sintagmas preposicionais*. *D.E.L.T.A.*, v. 5, nº1, p.101-120, 1989.

\_\_\_\_\_. *De novo sobre advérbios e preposições, sintagmas adverbiais e sintagmas preposicionais*. In: HEYE, Jürgen (org). *Flores verbais: uma homenagem linguística e literária para Eneida do Rego Monteiro Bomfim no seu 70º aniversário*. Rio de Janeiro: Ed. 34, pp. 23-39, 1995.

LOBO, M. *Aspectos da Sintaxe das Orações Subordinadas Adverbiais do Português*. Diss. Doutorado. Univ. Nova de Lisboa, 2003.

LOPE BLANCH, J. *Estudios de lingüística española*. México: UNAM, pp. 119-143, 1986.

MARCHESAN, A. C. *As relativas livres em português brasileiro e os requerimentos de compatibilidade*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2008.

\_\_\_\_\_. *As relativas livres em português brasileiro*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2012.

MARCHESAN, A. C.; MIOTO, C. *As relativas livres infinitivas no português brasileiro*. Veredas: Sintaxe das Línguas Brasileiras, Vol. 18/1, 2014.

MARTÍNEZ GARCÍA, J. A. El pronombre. II. Numerales, indefinidos y relativos, Madrid: Arco Libros, 1989.

MARTINS, L. S. de O. *O traço de Pessoa na aquisição normal e deficitária do português brasileiro*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*, 2.<sup>a</sup> edição revista e aumentada, Editorial Caminho, Lisboa, 1989.

MATTE BON, F. *Gramática comunicativa del español*. Vol. I e II. Edelsa: Madrid, 2013.

MEDEIROS JÚNIOR, P. *Sobre sintagmas-Qu e relativas livres no português*. Dissertação de Mestrado. UnB, Brasília/DF, 2005a.

\_\_\_\_\_. *Uma análise de relativas livres no português: considerações sobre caso e concordância*. IV Congresso Internacional da ABRALIN, Universidade de Brasília, UnB, 2005b.

\_\_\_\_\_. *Relativas livres: uma proposta para o português*. *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 429-455, jun./dez., 2006.

\_\_\_\_\_. *Sobre orações relativas livres em posição de adjunto: considerações sintático-semânticas acerca das construções com quando e onde*. *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, p. 51-71, jan./jun. 2009.

\_\_\_\_\_. *Orações Relativas Livres do PB: Sintaxe, Semântica e Diacronia*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2014.

\_\_\_\_\_. *Uma análise de relativas livres em posição de sujeito e efeitos de compatibilidade no português brasileiro*. v. 20, n. 20, pp. 7-33, *Caligrama: revista de estudos românicos*, 2015.

MESQUITA, A. C. R. *A categoria preposicional na interlíngua do surdo aprendiz de português (L2)*. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília, UnB, Brasília, 2008.

MIOTO, C.; NEGRÃO, E. V. *As sentenças clivadas não contêm uma relativa*. In: CASTILHO, A. T. de TORRES DE MORAIS, M. A., LOPES R. E. V.; CYRINO, S. M. L. Descrição, história e aquisição do português brasileiro. São Paulo, FAPESP, Campinas, Pontes, p. 159-183, 2007.

MÓIA, T. *A sintaxe das orações relativas sem antecedente expreso do português*. 163f. Dissertação (Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1992.

\_\_\_\_\_. *Aspectos sintático-semânticos das orações relativas com ‘como’ e ‘quando’*. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA, XVI. Lisboa. Anais. Lisboa: APL, pp. 349-361, 2001.

MOLINER, M. *Diccionario de uso del español*. Editorial Gredos: Madrid, 2007.

MONTAGUE, R. *English as a formal language*. In. THOMASON, R. (ed). *Formal Philosophy: Selected Papers of Richard Montague*. New Haven, CT: Yale University Press, 1974.

MORENO, J. S. *De morfologia y sintaxis españolas*. Dos estudios interpretativos. Edizioni Universitarie di Lettere Economia Diritto, Milano, 2009.

MÜLLER, A. L. *Semântica formal*. In: MÜLLER, A. L., NEGRÃO, E. V.; FOLTRAN, M. J. (Org.). São Paulo: Contexto, 2003.

NAVES, R. R. *Alternâncias sintáticas: questões e perspectivas de análise*. Tese de Doutorado. Brasília: Universidade de Brasília, 2005.

NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

NÓBREGA, M.; LEITÃO, M. M. Teorias Lingüísticas-II. In: Ana Cristina de S. Aldrigue; Evangelina Maria B. de Faria. (Org.). *Linguagens Usos e Reflexões*. 1 ed. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB. v. 2, p. 67-118, 2008.

PACHECO, A. C. G.; MARTINS, M. D. *Tema de gramática contemporânea de la lengua español*. Companhia editora nacional. São Paulo, 2005.

PALANCAR, E. L.; ALARCÓN, L. J. N. Predicación secundaria depictiva en español. *Revista Española de Lingüística (RSEL)* 37, pp. 337-370, 2007.

PANTE, M. R.; MACEIS, V. A. O conectivo *quando* na fase arcaica do português. *SOLETRAS*, Ano IX, nº 17. São Gonçalo: UERJ, jan./jun. 2009.

PERINI, M. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PIMPÃO, T. *Variação no presente do modo subjuntivo: uma abordagem discursivo pragmática*. Florianópolis: UFSC, 1999.

PILATI, E. N. S.; NAVES, R. R. *A hipótese de transferência de traços e o licenciamento da posição de sujeito no português do Brasil*. In: Ciclo de Palestras - Temas em Teoria Gerativa, 7, Brasília: Universidade de Brasília, 2010.

\_\_\_\_\_. *A hipótese do sistema de transferência de traços de C para T e o licenciamento da posição de sujeito no português brasileiro*. Handout de apresentação. In: Congresso Internacional da Abralin, VII, Curitiba. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 10-13 fev. 2011.

POPLACK, S.; TURPIN, D. *O futur tem futuro no francês (canadense)? Caderno de estudos linguísticos*, Campinas, (36): 17-46, Jan./Jun., 1999.

RAMOS, M. A. B.; SILVA, C. R. *A hipotaxe adverbial: uma análise das relações lógico-semânticas inferidas nas orações introduzidas pelo quando*. In: XXIV Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, 2012. CD - ROM. Disponível em: <http://migre.me/hLQEQ>. Acessado em: 8/2/2014.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, *Diccionario De La Lengua Española*, ed. 2010.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, *Nueva gramática de la lengua española*. Asociación de academias de la lengua española, Espasa Libros, S. L. U: España, 2009.

REICHENBACH, H. *Elements of symbolic logic*. The MacMillan Company, New York, 1948.

REILLY, J. S. *The acquisition of temporals and conditionals*. In: TRAUGOTT, E. C.; MEULEN, A., REILLY, J. S.; FERGUSON, C. A. (Orgs). *On Conditionals* (309-331). New York: Cambridge University Press, 1986.

REIS, D. L. *Variação no futuro do subjuntivo: um estudo sociofuncionalista*. Anais do CELSUL – Círculo de Estudos Linguísticos do Sul. Porto Alegre, 2008.

REIS, M. A. O. B. *O futuro do subjuntivo do português e do espanhol: descrição, confronto, interferência e fossilização*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Londrina, 2002.

van RIEMSDIJK, H. V. *Free relatives*. SynCom Case 44, 2000.

RIZZI, L. *Relativized Minimality*, Mass.: MIT Press, 1991.

ROBERTS, I. Excorporation and Minimality. *Linguistic Inquiry*, 22, 209-218, 1991.

\_\_\_\_\_. *On the nature of syntactic parameters: a programme for research*. In: GALVES, C.; CYRINO, S.; LOPES, R.; SANDALO, F.; AVELAR, J. (eds). *Parameter Theory and Linguistic Change*. Oxford: OUP, 319-334, 2012.

\_\_\_\_\_. *Syntactic change*. In: CARNIE, A.; SATO, Y.; SIDDIQI, D. *The Routledge Handbook of Syntax*. London: Routledge, s. 391-408, 2014.

- ROCHA, M. L. D. F. *Sintagmas QU em Interrogativas Indiretas e Relativas Livres do Português*. Dissertação de Mestrado. UnB, Brasília, 1990.
- ROTHSTEIN, S. *The Syntactic Forms of Predication*. Tese (Ph.D. Dissertation). MIT, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Small clauses and copular constructions*. In: CARDINALETTI, A.; GUAISTI, M. T. (Ed.). *Syntax and Semantics*. London & New York: Academic Press, 1995. p. 27-48.
- \_\_\_\_\_. *Predicates and their subjects*. Dordrecht: Kluwer, 2001.
- SILVA NETO, S. da. *História da língua portuguesa*. 4 ed. Rio de Janeiro: Presença/INL, 1986.
- SILVA, C. F.; SALLES, H. *Orações temporais iniciadas por quando: uma comparação entre o português e o espanhol*. XVII Congreso internacional asociación de lingüística y filología de américa latina, ALFAL, pp. 3923-3933, 2014.
- SCHULTZE-BERNDT, E.; HIMMELMANN, N. P. Depictive secondary predicates in crosslinguistic perspective, *Linguistic Typology* 8, pp. 59-130, 2004.
- SOLÍS GARCÍA, I. *Los sintagmas nominales con referencia genérica*. X Congreso Internacional de la ASELE Nuevas Perspectivas en la Enseñanza del Español como Lengua Extranjera. Cádiz, 1999.
- SCHMITT, C. *Some consequences of the complement analysis for relative clauses, demonstratives and the wrong adjectives*. In: ALEXIADOU A. et al. *The syntax of relative clause*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins. pp. 309-348, 2000.
- SOUZA, M. S. C. *A hipotaxe adverbial temporal: uma abordagem funcionalista*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 1996.
- STOWELL, T. *Origins of phrase structure*. Tese. MIT, 1981.
- \_\_\_\_\_. Subject across categories. *The Linguistic Review*, v. 2, p. 285-312, 1983.
- STROIK, T. S.; PUTNAM, M. T. *The biolinguistic turn*. In: *The structural design of language*. Cambridge University Press, 2013.
- SUÑER, M. *Free relatives and the matching parameter*. *The Linguistic Review*. v. 3, n. 4, p. 363-387, 1984.
- SWEETSER, E. *From etymology to Pragmatics: Metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- TARALLO, P. *Relativization strategies in Brazilian Portuguese*. Tese de Doutorado. University of Pennsylvania, Pennsylvania, 1983.

\_\_\_\_\_. *Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX*. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da UNICAMP. pp. 69-106, 1993.

\_\_\_\_\_. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2005.

TEIXEIRA, Z. D. *Propriedades sintáticas e semânticas dos advérbios no português brasileiro*. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília, 2015.

TENNY, C. *Grammaticalizing Aspect and Affectedness*. PhD. Dissertation, Massachusetts: The MIT Press, 1987.

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. Trad. Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

TORREGO, L. G. *Gramática didáctica del español*. Ediciones SM, Madrid, 2011.

TRAUGOTT, E. C.; KÖNIG, E. *The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited*. In: Elizabeth Closs Traugott & Bernd Heine (Eds). *Approaches to grammaticalization vol 1*, Amsterdam: John Benjamins, 1991.

Di TULLIO, A. *Manual de gramática del español*. Colección Edicial Universidad. Buenos Aires, 1997.

VELASCO-ZÁRATE, K. *Mood-determined specificity in L2 spanish: evidence from L1 japanese and English speakers*. Proceedings of the 8<sup>th</sup> generative approaches to second language acquisition conference (GASLA 2006), ed. Mary Grantham O'Brien, Christine Shea, and John Archibald, 140-147. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2006.

VALER, S. *As sentenças relativas com núcleo nominal nos dados de fala (projeto varsul) de Florianópolis*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

VERGNAUD, J. R. *French Relative Clauses*. Doctoral Dissertation, MIT, 1974.

de VRIES, M. *The Syntax of Relativization*. Utrecht: Lot, 2002.

WILLIAMS, E. *Against small clauses*. *Linguistic Inquiry*, 14 (2), 287–308, 1983.

\_\_\_\_\_. *Lexical and syntactic complex predicates*. In: ALSINA, A. BRESNAN, J. & SELLS, P. (eds) *Complex predicates*. Stanford: CLSI Publications, 1997.

WINKLER, S. *Focus and secondary predication*. Berlin/New York, Mouton de Gruyter, 1997.

